

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

CAMILA CARBORNAR DE SOUZA

**#GOVEGAN: VEGANISMO, VEGETARIANISMO E DEVER MORAL NOS  
ENQUADRAMENTOS DA MOBILIZAÇÃO PELOS DIREITOS ANIMAIS NO  
BRASIL**

CURITIBA

2016

CAMILA CARBORNAR DE SOUZA

**#GOVEGAN: VEGANISMO, VEGETARIANISMO E DEVER MORAL NOS  
ENQUADRAMENTOS DA MOBILIZAÇÃO PELOS DIREITOS ANIMAIS NO  
BRASIL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Área de Concentração em Comunicação e Sociedade, Linha de Pesquisa Comunicação, Política e Atores Coletivos, Departamento de Comunicação Social, Setor de Artes, Comunicação e Design da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Orientação: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Kelly Prudencio.

CURITIBA

2016

**Catálogo na publicação  
Sistema de Bibliotecas UFPR  
Biblioteca do Campus Cabral**

Souza, Camila Carbomar de  
#govegan: veganismo, vegetarianismo e dever moral nos  
enquadramentos da mobilização pelos direitos animais no Brasil / Camila  
Carbomar de Souza – Curitiba, 2016.  
186 f.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Kelly Cristina de Souza Prudencio  
Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Setor de Artes, Comunicação  
e Design da Universidade Federal do Paraná.

1. Enquadramento - Direito dos animais - Aspectos éticos e morais 2.  
Movimento pelos direitos animais - Estudos de caso 4. Veganismo - Brasil  
I. Título.

CDD 302



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SETOR DE ARTES, COMUNICAÇÃO E DESIGN  
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO  
Rua Bom Jesus, 650 – Juvevê - Fone: 3313-2025

CAMILA CARBONAR DE SOUZA

## PARECER

A banca examinadora, instituída pelo colegiado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, do Setor de Artes, Comunicação e Design da Universidade Federal do Paraná, após arguir o(a) candidato(a) **CAMILA CARBORNAR DE SOUZA**, em relação ao seu trabalho de dissertação intitulado “**#GOVEGAN: VEGANISMO, VEGETARIANISMO E DEVER MORAL NOS ENQUADRAMENTOS DA MOBILIZAÇÃO PELOS DIREITOS ANIMAIS NO BRASIL**”, é de parecer favorável à ..... *aprovação* ..... da acadêmica, habilitando-a ao título de *Mestre* em Comunicação, linha de pesquisa “Comunicação, Política e Atores Coletivos” da área de concentração em Comunicação e Sociedade. Curitiba, 30 de março de 2016.

Profa. Dra. Regiane Lucas Garcêz - PPGCS/UFMG

Profa. Dra. Edna Miola - UTFPR

Profa. Dra. Carla Candida Rizzotto

Profa. Dra. Kelly Cristina Souza Prudêncio  
Orientadora e presidente da banca examinadora

*Aos animais.*  
*Aos que lutam pelo fim da opressão animal.*

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, agradeço a Deus por suas artimanhas.

Agradeço aos meus pais, Rita Machado e João Antunes, pelos incentivos constantes, por compartilharem comigo o entusiasmo e as angústias dessa jornada e pelo apoio e estrutura que fornecem para que eu possa seguir meu caminho.

Aos colegas, que tornaram mais leves os momentos difíceis, com os desabafos, as cervejas e as trocas. Aos amigos, que tentam romper com as opressões. As conversas frequentes me fizeram amadurecer e não perder a sensibilidade. Ao Renan, pelos carinhos.

Aos que de alguma forma colaboraram para que eu chegasse até aqui. Aos que têm ousadia de destruir jaulas opressoras, na luta direta pelo cessar da injustiça e por mudança social. Aos que têm ousadia de abrir mentes opressoras, num árduo trabalho de transformação da humanidade.

Aos defensores dos animais, especialmente aos abolicionistas, que fazem um trabalho fundamental para a promoção de um modo de vida que valoriza outros seres. Aos grupos brasileiros do movimento dos direitos animais que foram receptivos com a pesquisa. A participação desses foi de grande importância para observar como se caracteriza a comunicação política do movimento na internet.

À orientadora, Kelly Prudencio, cuja dedicação é um dos pilares desse trabalho. Essa pesquisa é resultado da sua atenção e contribuição constantes, da empatia em relação à causa animal e do seu interesse e críticas em relação à comunicação política dos movimentos sociais. Agradeço pela honrosa oportunidade de ser sua orientanda novamente, podendo conhecer um pouco mais da excelência do seu trabalho e a grandeza da sua pessoa.

*“Mas nenhum ser humano vai perder nada ao ser gentil com um animal.”*  
**Terráqueos**

*“As long as there are slaughterhouses... there will be battlefields.”*  
**Leo Tolstoy**

*“Ainda como carne, embora com menos frequência. Tenho quase certeza que vou pescar trutas com mosca, novamente. Então tenho um conflito. Não vou explicar, nem posso. Mas é apropriado registrar que acredito que se tivesse vivido em 1850, em condições semelhantes a estas em que vivo agora – no sul dos Estados Unidos, com minha fazenda familiar e muitos acres cobertos de algodão –, eu não teria me oposto à escravidão, embora possivelmente tivesse, espero, dúvidas.”*  
**Alan Watson**

*“Toda mudança social vem da paixão das pessoas.”*  
**Paul Watson**

## RESUMO

Os grupos dos direitos animais no Brasil têm se deparado com um problema de comunicação: como estabelecer um debate sobre a abolição animal pelo fim do status de propriedade a que os animais são submetidos. A abolição culmina no veganismo que passa a ser defendido a partir de um eixo moral – a condição dos animais como seres que sentem dor conscientemente (senciência). São 25 os grupos mapeados com esse viés no Brasil, sendo que a concentração está no eixo sudeste-sul. O objeto da pesquisa é a comunicação pelos enquadramentos desses grupos, na apresentação pública para a mobilização e o reconhecimento. A pesquisa parte da teoria da mobilização política para se chegar ao problema: como o movimento dos direitos animais mobiliza seus quadros – atividade estratégica de comunicação – para direcionar o debate público sobre a abolição animal? O objetivo principal da pesquisa é verificar como os grupos do MDA direcionam interpretativamente o debate através do enquadramento. A metodologia empregada é a análise de alinhamento de quadros. 5 grupos foram selecionados a partir do critério de atuação em mais de uma cidade. O *corpus* de análise é composto pelos sites e pelos perfis no Facebook dos 5 grupos, o que permite evidenciar como se dá a mobilização nesses espaços. Como resultados da pesquisa, pode ser observado que o debate tem teor especializado, que há controvérsia interna sobre como alcançar a abolição, que adjacente à mobilização pela causa e à busca do reconhecimento dos direitos animais, há a luta por reconhecimento dos veganos e, por fim, que os grupos fazem basicamente o processo de *frame amplification*, difundindo o dissenso interno em relação à causa animal, sem grandes alterações dos quadros de diagnóstico e prognóstico.

**Palavras-chave:** Movimento dos direitos animais; Comunicação política; Enquadramento; Reconhecimento.



## ABSTRACT

Animal rights groups in Brazil have faced a communication problem: how to establish a debate on animal abolition for the end of the ownership status to which animals are subjected. The abolition culminates in veganism, which happens to be defended from a moral axis - the condition of the animals as beings that feel pain consciously (sentience). 25 are mapped groups with this bias in Brazil, and the concentration is in the south-southeast axis. The object of the research is communication by frameworks of these groups, in public presentation to the mobilization and recognition. The research starts of the theory of political mobilization to get to the problem: how animal rights movement mobilizes its frameworks - strategic activity of communication - to drive the public debate on animal abolition? The main objective of the research is to see how the MDA groups direct interpretively the debate through the frame. The methodology is the *frame-alignment* analysis. 5 groups were selected according to the criterion of being present in more than one town. The analysis corpus is composed of the sites and the Facebook profiles of the 5 groups, which makes it plain how is the mobilization in these spaces. As search results, could be observed that the debate about the cause has specialized content, that there is internal controversy on how to achieve the abolition, that adjacent to the mobilization for the cause and the pursuit of recognition of animal rights, there is the struggle for recognition of vegans and, finally, the groups do essentially the frame amplification process, spreading the internal dissensus on the animals concerned, with no major changes in the diagnostic frames and prognostic frame.

**Palavras-chave:** Animal rights movement; Political communication; Framework; Recognition.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Mapa dos grupos do Movimento dos Direitos Animais no Brasil.....	39
Figura 02 – Website do Camaleão: Quem Somos.....	71
Figura 03 – Publicação do Camaleão no Facebook.....	75
Figura 04 – Website Seja Vegan.....	77
Figura 05 – Website do Onca: Onca.....	80
Figura 06 – Publicação do Onca no Facebook.....	83
Figura 07 – Website da Revolução da Colher: Vegetarianismo e Espiritualidade...	86
Figura 08 – Website Revolução da Colher.....	87
Figura 09 – Publicação da Revolução da Colher no Facebook.....	88
Figura 10 – Publicação da Revolução da Colher no Facebook.....	89
Figura 11 – Website da SVB.....	91
Figura 12 – Website da SVB: Vegetarianismo.....	92
Figura 13 – Publicação da SVB no Facebook.....	94
Figura 14 – <i>Backbus</i> da campanha Se você ama um, por que come o outro?....	100
Figura 15 – Website do Desafio 21 dias Sem Carne.....	103
Figura 16 – Website do VEDDAS: Sobre o VEDDAS.....	106
Figura 17 – Publicação do VEDDAS no Facebook.....	107
Figura 18 – Publicação do VEDDAS no Facebook.....	109
Figura 19 – Site da campanha Altera PLC 70/14.....	110
Figura 20 – Folheto com esclarecimentos sobre as questões e mitos sobre o projeto de lei 6602/13.....	111
Figura 21 – Trecho do depoimento da Bianca Dantas, ex-colaboradora da SVB....	128
Figura 22 – Trecho do artigo Campanha de Segunda, assinado por Luis Martini...	128

## LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Relação dos grupos mapeados por estado e cidade.....	37
Quadro 02 – Repertório de confronto do MDA.....	64
Quadro 03 – Ações dos grupos selecionados para análise.....	66
Quadro 04 – Alinhamentos de quadro no Facebook do Camaleão.....	115
Quadro 05 – Alinhamentos de quadro no Facebook do Onca.....	117
Quadro 06 – Alinhamentos de quadro no Facebook da Revolução da Colher.....	118
Quadro 07 – Alinhamentos de quadro no Facebook da SVB.....	119
Quadro 08 – Alinhamentos de quadro no Facebook do VEDDAS.....	121
Quadro 09 – Quadros da ação coletiva do MDA.....	124
Quadro 10 – Quadros de advocator e de abolição animal.....	136

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>1 O MOVIMENTO DOS DIREITOS ANIMAIS .....</b>	<b>20</b>
1.1 Dos cães roubados à ampla exploração animal: breve histórico e aspectos gerais do MDA .....	21
1.2 Os animais sentem dor: argumentos .....	27
1.3 Socorristas, bem-estaristas e abolicionistas: cenário brasileiro da defesa animal.....	33
1.4 Sudeste e sul ativistas: cenário da abolição .....	36
<b>2 COMUNICAÇÃO PARA A MOBILIZAÇÃO .....</b>	<b>43</b>
2.1 Comunicação nos movimentos sociais e no MDA .....	43
2.2 Advocacy .....	46
2.3 A mobilização pela comunicação: o processo de enquadramento da ação coletiva .....	50
2.3.1 Enquadramento.....	51
2.3.2 Alinhamento de quadros .....	60
2.3.3 Repertório.....	62
<b>3 QUADROS DA MOBILIZAÇÃO .....</b>	<b>66</b>
3.1 Alinhamento de quadros .....	69
3.1.1 Camaleão .....	70
3.1.1.1 Seja vegan.....	74
3.1.2 Onca .....	79
3.1.3 Revolução da Colher .....	84
3.1.4 Sociedade Vegetariana Brasileira - SVB.....	90
3.1.4.1 Campanha Segunda sem Carne .....	100
3.1.4.2 Desafio 21 Dias sem Carne .....	102
3.1.5 Vegetarianismo Ético, Defesa dos Direitos Animais e Sociedade - VEDDAS .....	105
3.1.5.1 Altera PLC 70/14.....	108

<b>4 VEGANISMO, VEGETARIANISMO E DEVER MORAL: HORIZONETES DA</b>	
<b>COMUNICAÇÃO DO MDA .....</b>	<b>120</b>
<b>4.1 Abolição imediata <i>versus</i> abolição gradativa: momento pré-consenso.....</b>	<b>126</b>
<b>4.2 Comunicação para o reconhecimento dos animais e dos seus</b>	
<b>defensores .....</b>	<b>129</b>
 <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	 <b>138</b>
 <b>REFERÊNCIAS.....</b>	 <b>145</b>
 <b>GLOSSÁRIO .....</b>	 <b>161</b>
 <b>APÊNDICE I .....</b>	 <b>164</b>
<b>APÊNDICE II .....</b>	<b>169</b>
 <b>ANEXO I.....</b>	 <b>183</b>

## INTRODUÇÃO

Comumente o que é chamado de “objeto de pesquisa” nasce de uma relação de inquietação pessoal do pesquisador com o objeto escolhido. Essa pesquisa não faz parte das exceções. O objeto de pesquisa é a comunicação do movimento dos direitos animais no Brasil, no que diz respeito aos enquadramentos da abolição animal. O movimento reivindica a abolição do uso animal e do status de propriedade que os animais possuem, com base na capacidade de sentir (senciência), que coloca a obrigação moral para os seres humanos de levar o sofrimento e os interesses dos animais em consideração. Esse movimento tem um tema complexo, atrelado à filosofia e ao direito, com demanda moral de difícil tradução para a sociedade, o que dificulta o acesso ao debate público, que fica restrito a especialistas – configurando um problema de comunicação. A comunicação do movimento é o tema da pesquisa, uma agenda do campo da comunicação e movimentos sociais, mobilização política e enquadramento interpretativo.

A pesquisa contempla os elementos da linha de pesquisa Comunicação, Política e Atores Coletivos: o ator social da pesquisa é constituído pelos grupos do movimento dos direitos animais, que se comunicam por meio das suas interações sociais (fazendo uso da mídia). A comunicação política existe na medida em que se o movimento se preocupa com os entraves sociais de organização de vida, questões de moralidade e negociações, e que têm essa preocupação direcionada para a instância formal da política.

A proposta é verificar como o movimento dos direitos animais comunica a sua causa publicamente no Brasil. O movimento infere que os animais estão em uma situação de injustiça ao terem os seus corpos violados e as suas vidas roubadas no uso que fazemos delas e que deve haver reconhecimento de que os animais têm o direito básico a sua vida. As teorias que auxiliam na compreensão do objeto de pesquisa são a teoria da mobilização política (TARROW, 2009; BENFORD; SNOW, 2000; SNOW; BENFORD, 1992; SNOW *et al*, 1986; PRUDENCIO, 2014), quanto aos aspectos de enquadramento, e a teoria do reconhecimento, que parte da experiência da injustiça e tem forte teor moral em Axel Honneth (2003; HONNETH; FRASER, 2003). Um dos aspectos considerados pela mobilização política defende que para haver mobilização deve haver dedicação estratégica aos enquadramentos com

os quais o assunto a ser mobilizado é tratado. Isto é, há várias formas de falar sobre um assunto, mas há mais chances de que determinada visão sobre ele se estenda se ela for com os valores das pessoas a serem mobilizadas. Um fator que exerce influência nesse ponto compatível é a mídia de massa – o seu alto alcance proporciona a visibilidade necessária para que assuntos e modos de ver o mundo tenham maior publicidade.

Porém, como observado na pesquisa de graduação (CARBORNAR, 2013), o assunto não tem visibilidade nos meios convencionais e então os grupos utilizam a internet para apresentar a causa e colocar o seu posicionamento. No espaço que cabe àquela, o objetivo da pesquisa era observar como se dava o debate acerca da proteção animal na cidade de Curitiba, com a proposta de aproximar as relações públicas da comunicação política feita pelos atores da causa animal, a partir da teoria da mobilização política. Verificou-se que a perspectiva (ou quadro) predominante acerca da causa animal na cidade é em relação ao cuidado e à adoção, ou seja, a causa animal é predominantemente vista em relação aos animais domésticos. Contudo, algumas organizações adotam o posicionamento libertário e tentam ampliar o quadro de proteção aos animais por meio do veganismo – o que indica a emergência do movimento dos direitos animais no Brasil e na cidade. Verificou-se ainda que há agrupamentos de quadros da causa animal (visto que muitas perspectivas se complementam), que há atuação conjunta de alguns grupos e que o embate maior estar relacionado à ação governamental (enquanto um posicionamento do governo municipal é cobrado por parte da Sociedade Protetora dos Animais de Curitiba (SPAC) e dos protetores independentes, a Frente Parlamentar em Defesa dos Animais, da Câmara Municipal de Curitiba, atribui responsabilidade de ação às pessoas individualmente). Daí surgiu o interesse em aprofundar o conhecimento sobre o segmento em emergência identificado.

Partindo da premissa de dominar o melhor possível o reservatório de conhecimento sobre o tema de investigação e fazer o seu estágio avançar, a pesquisa se insere no campo tendo como justificativa a emergência do movimento dos direitos animais no Brasil e o pouco estudo sobre ele no território nacional enquanto já há estudos realizados em outros países com o aporte teórico-metodológico da teoria da mobilização política, utilizado nessa pesquisa. Os estudos de enquadramento usados no campo da comunicação geralmente dão enfoque à

produção midiática, não aos atores sociais no confronto político e é por adotar a perspectiva do último, que a pesquisa vem a contribuir com o aprimoramento conjunto de uma metodologia e com o arcabouço de estudos que já estão sendo construídos pela academia, pela linha de pesquisa na qual o estudo se insere e especificamente pelo grupo de pesquisa Comunicação e Mobilização Política (CNPq), com a pesquisa Mapeamento e Repertório do Ativismo Digital Brasileiro, do qual a autora participa. A pesquisa avança ainda em termos de estado de conhecimento existentes ao se valer também da teoria do reconhecimento para colocar algumas questões no movimento dos direitos animais.

São encontrados trabalhos sobre a questão da abolição animal sob as perspectivas antropológica, filosófica, sociológica e do campo do direito. Portanto, a visada comunicacional é uma contribuição à questão. Os trabalhos mais próximos da pesquisa são norte-americanos (DECOUX, 2009; FREMANN, 2010; JASPER; POULSEN, 1995; RUBISTEIN, 2010; WRENN, 2012, 2013, 2014), que coincidem no objeto de pesquisa e na teoria empregada (teoria da mobilização política), mas é válido destacar o trabalho de mestrado do brasileiro Matheus Mazzilli Pereira (UFRGS), das ciências sociais, que articulou perspectivas teóricas sobre a ação coletiva, com perspectivas da comunicação política para observar o diálogo entre o movimento e a mídia.

Devido ao movimento ter se consolidado no país da década passada (anos 2000) e não haver estudos voltados para o movimento como um todo, vê-se a relevância de observá-lo em âmbito nacional. A pesquisa chama de grupos do movimento dos direitos animais aqueles que têm adesão à vertente abolicionista da causa animal. Desses grupos, foi feito um recorte para se observar apenas os grupos que não falam em causas específicas dentro da causa animal. Assim, se um grupo fala em abolicionismo ou direitos animais, mas trabalha especificamente com uma questão (como o uso de cavalos para a tração de carroças ou adoção de animais domesticados), ele não é incluído no recorte.

Para se chegar aos grupos que atuam pela abolição animal no Brasil, foi feita uma busca na internet, principalmente nas redes sociais, partindo dos grupos já conhecidos pela pesquisadora. Olhando os contatos desses grupos, percebiam-se grupos que ainda não eram conhecidos e eles foram sendo inseridos na pesquisa. Foi encontrado o total de 25 grupos gerais. Alguns deles estão presentes em mais



de uma cidade, o que faz número total de grupos mapeados chegar a 48, com a ressalva de que esses números são dinâmicos e estão em constante mudança. O número total de grupos, que inclui os grupos locais, mostra que as maiores concentrações estão na região sudeste (com 25 grupos, sendo 17 apenas na cidade de São Paulo) e na região Sul (com 15 grupos, sendo 7 no Paraná, 6 no Rio Grande do Sul e 2 em Santa Catarina). A pesquisa trabalha com os grupos gerais (o universo de 25) por partir do pressuposto de que os diversos grupos locais de um grupo geral trabalham seguindo o mesmo pensamento desse grupo “matriz”, ou seja, de que há elementos unificadores que fazem com que os grupos locais de um grupo geral levem o nome do último. Então foi enviado um questionário para todos os grupos gerais mapeados para delinear as características do movimento no Brasil e para apreender os repertórios por ele empregados. Foram 17 grupos que responderam.

A pesquisa tenciona as teorias para se chegar ao problema de pesquisa: como o movimento dos direitos animais mobiliza seus quadros – atividade estratégica de comunicação – para direcionar o debate público sobre a abolição animal em busca de reconhecimento para sua causa e seus membros? Interessa o encaminhamento do debate sobre o tema pelos grupos, considerando a sua forma de apresentação nos sites e perfis no Facebook. Foca-se nas ações de mobilização na internet dos grupos por ser nesse ambiente em que ocorre o alinhamento de quadros – uma vez que se o movimento não tem visibilidade na mídia de massa, é na internet que eles encontram espaço para se expressar. Dessa forma, na internet eles exercem seu trabalho de *advocacy* pelos animais, apresentando a abolição como uma demanda dos animais e, assim, pedindo reconhecimento desses direitos.

Uma análise preliminar do alinhamento de quadros de grupos dos direitos animais (PRUDENCIO; CARBORNAR, 2015) identificou a existência de dois quadros principais em disputa sobre estratégias de ação para alcançar a abolição, que polarizam o debate: o quadro de abolição imediata e o quadro de abolição gradativa. Entendendo que o movimento dos direitos animais tem uma postura mais radical da causa animal do que os grupos que reivindicam cuidado e adoção, coloca-se a hipótese de que os grupos que são mais coerentes com o objetivo da abolição animal podem radicalizar mais os seus argumentos, se fechando ao diálogo e a negociações e dificultando a comunicação com a sociedade (o que dificultaria também a mobilização), enquanto os grupos que mantêm os seus quadros mais

abertos, não tão radicais podem abrir mais concessões têm mais sucesso na sua comunicação política.

Isso leva a uma segunda questão: na medida em que a reivindicação primeira dos *advocators*, a defesa dos interesses dos animais que os insere na comunidade moral, leva a uma luta por reconhecimento dos direitos animais, e uma vez que os direitos animais são discutidos primordialmente pela chave do veganismo, o reconhecimento é reivindicado também para os membros do movimento e esse estilo de vida vegano, não apenas para os animais. Essa discussão não chega a ser desenvolvida na dissertação, mas alguns aspectos são levantados para posterior verificação.

O objetivo principal da pesquisa é verificar como as organizações brasileiras do movimento dos direitos animais direcionam interpretativamente o debate através do enquadramento. Objetivos específicos são: analisar a disputa de enquadramento pelo alinhamento de quadros nos sites e perfis no Facebook; e identificar os direcionamentos e disputas interpretativas que constroem a causa.

A metodologia empregada pela pesquisa é a análise de enquadramento (*frame analysis*), que analisa os enquadramentos da questão animal e encaminhamentos da ação política. O *corpus* de análise é composto pelos sites das organizações e seus perfis no Facebook. Dessa forma é possível identificar de qual forma o tema é tratado pelos diferentes grupos. Ou seja, como os grupos direcionam o debate e tentam mobilizar; e quais são as direções interpretativas dadas por eles. Para fazer a análise de alinhamento de quadros, partiu-se dos 17 grupos que retornaram o questionário e foram selecionados os grupos com atuação em mais de uma cidade, resultando em cinco grupos: Camaleão, Onca, Revolução da Colher, SVB (Sociedade Vegetariana Brasileira) e VEDDAS (Vegetarianismo Ético em Defesa dos Direitos Animais e Sociedade).

A dissertação é dividida em 4 capítulos. No **capítulo 1**, o movimento dos direitos animais é apresentado. Seu histórico é brevemente percorrido, é discorrido sobre os argumentos utilizados pelo movimento, observa-se o cenário brasileiro da defesa animal, e, por fim, o capítulo se ata ao cenário da abolição animal no Brasil, que é o universo da pesquisa. O **capítulo 2** fundamenta teoricamente o trabalho. Trata da relação dos movimentos sociais com a mídia (de massa e digital), e da teoria da mobilização política. A teoria da mobilização política instiga a pensar como

o movimento dos direitos animais e os grupos que o constituem colocam em pauta a sua causa, como eles apresentam a causa do debate público, como eles direcionam interpretativamente a questão dos direitos animais. O **capítulo 3** se dedica à análise de alinhamento de quadros, para verificar como a causa é apresentada e como o movimento dialoga com a sociedade (ele abre espaço para o diálogo ou ele radicaliza as suas questões a ponto de não abrir concessões em uma negociação?). O **capítulo 4** faz uma leitura da análise de alinhamento de quadros, ressaltando os resultados da análise, como a característica dessa mobilização de ser feita primordialmente pelo *frame amplification* e, ainda que o veganismo seja uma chave central, há forte presença da questão alimentar (vegetarianismo estrito). Ainda retoma a disputa entre abolição imediata e abolição gradativa e inicia uma reflexão sobre as contribuições da teoria do reconhecimento para o movimento. Enfim, nas **considerações finais**, pondera-se a hipótese de pesquisa e infere-se, a partir da análise, que os quadros alinhados por *amplification* e timidamente por *bridging* desenham o debate da abolição animal no Brasil, talvez por uma característica dos grupos, somada à característica das redes sociais digitais e da internet, que mais fortalece o vínculo entre os membros dos movimentos sociais, do que mobiliza pessoas novas, ou seja, não é muito favorável aos diálogos entre os diferentes. Discorre-se ainda que subjacente a essa mobilização, que busca o reconhecimento dos direitos animais, está uma luta por reconhecimento dos *advocators* na condição de veganos – a análise de mobilização de quadros levou à identificação da existência de uma luta por reconhecimento dos sujeitos. Assim, a teoria do reconhecimento fornece elementos para futuramente se pensar a relação processual entre os animais, os que advogam em seu favor e a sociedade. Por fim, percebeu-se que o argumento em que o MDA se baseia, a senciência (capacidade de sentir dor conscientemente), é uma ideia difícil de ser apreendida pelos indivíduos imersos numa cultura que tem uma ampla rede de exploração animal, ou seja, a ideia de que “os animais sentem dor” está distante do cotidiano das pessoas. O próprio termo senciência não é popular e soa truncado. O resultado é a escassez da troca de argumentos e o difícil acesso ao debate público sobre o tema, que fica restrito a especialistas: a quantidade de termos e de pensamentos que são atrelados à abolição animal, a forte presença da filosofia e do direito no tema, dão uma

complexidade para movimento dos direitos animais; e se já é difícil para iniciantes entenderem a questão, muito mais se torna debatê-la publicamente.

## 1 O MOVIMENTO DOS DIREITOS ANIMAIS

Consideram-se os grupos pelos direitos animais como um movimento social de acordo com a perspectiva de Tarrow (2009), na qual movimento social é caracterizado por “sequencias de confronto político baseadas em redes sociais de apoio e em vigorosos esquemas de ação coletiva e que, além disso, desenvolvem a capacidade de manter provocações sustentadas contra opositores poderosos” (TARROW, 2009, p. 18), indo além da simples incidência de um número maior de protestos. De tal forma, coletivos sociais só são caracterizados como movimentos sociais quando têm ações baseadas em amplas redes sociais e estruturas conectivas e recorrem a quadros consensuais que apontam para a ação, de tal forma que as suas ações possam ser sustentadas em conflitos com fortes opositores.

O movimento dos direitos animais (MDA) é um movimento que advoga pelos animais (todos os animais “não humanos”), considerando o interesse de cada animal a permanecer vivo, em boas condições de vida e o valor intrínseco que o faz ter fim em si mesmo. Dessa forma, critica toda forma de utilização animal e prega a abolição do uso animal e do status de propriedade dos animais. Observando o cenário em que o MDA está inserido, ele trava um confronto político com as estruturas políticas, institucionais e culturais do Brasil (e em todos os países em que está presente), ao ter essas instâncias como alguns dos opositores na abolição do uso animal, uma vez que elas privilegiam o uso animal para aproveitamento humano, considerando os animais objetos ou recursos. Assim, o movimento conta com uma rede social de apoio, como foi verificado na fase exploratória da pesquisa, evidenciando os grupos do MDA no Brasil mantêm diálogos com outros grupos, e com esquemas de ação coletiva, sempre agindo coletivamente para comunicar a reivindicação publicamente, e desenvolvendo provocações contra opositores poderosos (como eventos locais, grandes corporações e a aliança que há entre a indústria da carne e a política).

Antes de observar as características do MDA de forma mais aprofundada e pensar a sua relação com a comunicação, é necessário apresentar o movimento. Para isso, esse capítulo passará: a) por um breve histórico; b) pelos argumentos

defendidos pelo movimento; c) pelo cenário brasileiro; e d) pelo cenário da abolição no Brasil<sup>1</sup>.

### **1.1 Dos cães roubados à ampla exploração animal: breve histórico e aspectos gerais do MDA**

O histórico do movimento dos direitos animais, aqui brevemente descrito, é feito com base em relatos e em publicações. Essa construção não está dada em algum lugar, pois o histórico sobre o MDA ainda não foi sistematizado, sendo um exercício de pesquisa exploratória que cabe aos pesquisadores que trabalham com o tema. Isso vale também para o movimento no Brasil. Para apresentar um breve histórico e descrever os aspectos gerais do MDA nessa pesquisa, recorreu-se principalmente aos autores sobre direitos animais Gary Francione (2011), Peter Singer (2004) e Tom Regan (2006), e na socióloga e cientista política que investiga o tema, Corey Lee Wrenn (2014; 2012; 2013).

Escolhas individuais que indicavam uma ação em relação à preocupação com os animais datam de milênios. Relatos mostram que, na Antiguidade, Pitágoras defendia que o ser humano não conheceria a paz enquanto destruísse a natureza e se alimentasse de animais<sup>2</sup> e que, no século XIX, Leonardo Da Vinci tornou-se vegetariano por amor à natureza e aos animais (REGAN, 2006). Contudo, é só da primeira metade do século XIX que se têm registros da existência de organizações coletivas com fins de proteção animal – a *Royal Society for the Prevention of Cruelty to Animals*<sup>3</sup>, organização inglesa que objetivava a implantação de leis que protegessem animais da crueldade. O tratamento destinado aos cavalos utilizados para trabalho e os cães de rua chamavam atenção na Inglaterra, enquanto o roubo de cães para a prática de vivissecção era uma questão preocupante nos Estados Unidos (FRANCIONE, 2013). Devido à ampliação da medicina e dos experimentos em animais, em 1890, o movimento antivivissecção (que questionava a prática da

---

<sup>1</sup> O movimento dos direitos animais tem alguns conceitos centrais e que são correntes também nesse trabalho. Para esclarecimento deles, ver o glossário.

<sup>2</sup> É por isso que antes do termo “vegetarianismo” ser cunhado, passando a designar as pessoas que não consomem carne de “vegetarianas”, essa alimentação era chamada de “dieta pitagórica”, chamando de “pitagóricos” os adeptos desse tipo de alimentação (REGAN, 2006)

<sup>3</sup> Site da organização disponível em: <<http://www.rspca.org.uk/home>>. Acesso em: jun. 2013.

vivisseção, não mais o roubo de animais para ela) era forte na Inglaterra e nos Estados Unidos (SINGER, 2004).

Com o tempo, pequenos grupos se atentavam à situação dos animais em geral – não só dos cães ou cavalos, mas também dos animais utilizados para alimentação, entretenimento, experimentação e vestuário; e não falavam mais em regulamentação do uso animal, mas em uma completa abolição da exploração animal, da exploração de *todos* os animais. Dessa forma, o MDA é originário de uma separação crucial de posturas a partir da defesa animal: há mais de um século fala-se em reformas quanto ao tratamento destinado aos animais, pensando-se no bem-estar dos mesmos, enquanto a perspectiva abolicionista, que tem como foco a não utilização de animais, é posterior e recente (YATES<sup>4</sup> apud WRENN, 2012). Há uma grande divisão na defesa animal entre abolição e bem-estar e o MDA prega o primeiro, enquanto critica o segundo.

Portanto, dessa ruptura de postura nasce o MDA, entre o final da década de 1970 e o começo da década de 1980. Foi nesse período que o movimento passou a se consolidar com o caráter abolicionista, lapidando a sua base filosófica para essa vertente. Foi na mesma época que muitas organizações influentes surgiram. Algumas delas são: a *Animal Liberation Front* (ALF)<sup>5</sup>, de 1976; a *People for the Ethical Treatment of Animals* (PETA)<sup>6</sup>, de 1980; e a *Farm Sanctuary*<sup>7</sup>, de 1986, todas nos Estados Unidos. Também foi nesse período que algumas obras expoentes sobre o assunto foram publicadas, como os livros *Animal Liberation* (1975), do filósofo australiano Peter Singer, e *The Case for Animals Rights* (1983), do filósofo estadunidense Tom Regan. Em 1994 foi fundada a *Vegan Society*<sup>8</sup>, na Inglaterra, que tem como intuito incentivar as pessoas a se tornarem veganas e os fabricantes a produzir mais bens de consumo com essa filosofia, para a qual se dará mais atenção de apresentação nos subcapítulos seguintes.

Algumas das organizações e obras mencionadas são hoje tidas como contraditórias para algumas pessoas dentro do MDA e são alvo de críticas. Por

<sup>4</sup> YATES, R. **Poverty of Ambition in the Context of Social Change**. On Human-Nonhuman Relations. 2009. <http://human-nonhuman.blogspot.com/2009/10/poverty-of-ambition-in-context-of.html>

<sup>5</sup> Disponível em: <<http://www.animalliberationfront.com/>>. Acesso em: 06 de jun. 2013.

<sup>6</sup> Disponível em: <<http://www.PeTA.org/>>. Acesso em: 06 de jun. 2013.

<sup>7</sup> A Farm Sanctuary se dedica ao cuidado de animais “de fazenda” (como vacas, porcos e galinhas) resgatados, para utilizar um termo que o movimento utiliza. Disponível em: <<http://www.farmsanctuary.org/>>. Acesso em: 06 de jun. 2013.

<sup>8</sup> Disponível em: <<http://www.vegansociety.com/>>. Acesso em: 06 de jun. 2013.



exemplo, a PETA é criticada por não ter um posicionamento abolicionista, já que trava diálogo com organizações que exploram animais, a fim de melhorar o tratamento destinado a eles, além de objetificar as mulheres em suas propagandas<sup>9</sup>. Contudo, a PETA foi uma das primeiras organizações a investigar lugares de exploração animal para revelar a situação dos animais, dando uma importante contribuição nesse sentido. Inclusive, imagens e gravações adquiridas pela PETA são utilizadas por diversos grupos até hoje. Já o livro *Libertação Animal* (SINGER, 2004), é acusado por alguns abolicionistas de ter um posicionamento utilitarista (inclusive por Francione), mas foi o primeiro a levantar discussão sobre as condições dos animais em criadouros, abatedouros e laboratórios e sobre o vegetarianismo<sup>10</sup>, conseguindo levar o tema a alguns que ainda não conheciam. Portanto, ainda que sejam controversos e ainda que haja disputas interpretativas na construção da causa, tanto a PETA quanto o trabalho de Peter Singer deram suas contribuições ao movimento.

Outra curiosidade do MDA é a atuação da ALF, cujas atividades se caracterizam por ação direta de resgate de animais, boicotes econômicos e danos financeiros a organizações envolvidas com a exploração animal<sup>11</sup>. Como as atividades podem implicar na infração da lei, a ALF não tem organização ou coordenação centralizada, sendo tomada a frente por ativistas que trabalham individualmente ou em pequenos grupos, sempre de forma autônoma e anônima, que agem de acordo com as diretrizes da ALF. Não há indícios de muita atuação do grupo no Brasil<sup>12</sup>, mas essas atividades causaram grande repercussão nas décadas de 1990 e 2000, nos Estados Unidos. Segundo uma declaração de 2002 do chefe da sessão de terrorismo doméstico do FBI, entre 1996 e a data em questão a ALF e a ELF (*Earth Liberation Front*) cometeram 600 “atos criminais”, resultando em danos

<sup>9</sup> Disponível em: <<http://veganagente.consciencia.blog.br/as-contradicoes-etico-morais-da-peta/#.VrH4arIrlIU>>. Acesso em: 31 de jun. 2014. Disponível em: <<http://www.abolitionistapproach.com/a-response-to-petas-position-on-happy-or-humane-exploitation/#.VrH4gbIrlIU>>. Acesso em: 31 de jun. 2014.

<sup>10</sup> Disponível em: <<http://www.anda.jor.br/26/12/2011/abolicionistas-bem-estaristas-socorristas>>. Acesso em: 26 de nov. 2014.

<sup>11</sup> Disponível em: <[http://www.animalliberationfront.com/ALFront/alf\\_credito.htm](http://www.animalliberationfront.com/ALFront/alf_credito.htm)>. Acesso em: 20 de mai. 2015.

<sup>12</sup> O site oficial da ALF tem uma sessão para o Brasil, mas são poucas as ações mencionadas. Disponível em: <<http://www.animalliberationfront.com/ALFront/Actions-Brazil/Brazil-Index.htm>>. Acesso em: 20 de mai. 2015.



superiores a 43 milhões de dólares<sup>13</sup>. O FBI não só se posicionou contrário ao grupo, como o colocou na lista de terroristas domésticos, como “eco-terrorista”<sup>14</sup>.

No Brasil, e na América Latina em geral, infere-se que o movimento chegou posteriormente pelas organizações pelos animais e produção científica sobre o tema datarem de anos mais recentes. Enquanto obras e organizações da Inglaterra e dos Estados Unidos se formaram principalmente na década de 1960 e de 1970 (como já visto), no Brasil os santuários animais<sup>15</sup> datam da década de 1990 e os grupos ativistas começam a exercer atividade no início da década seguinte. Já as publicações sobre o tema no Brasil iniciam no final da década de 1990, com o promotor de justiça Laerte Levai (1998; 2004), o professor de direito Gordilho Santana (2009), a filósofa Sônia Felipe (2003; 2007), e os biólogos Thales Tréz (2006; 2015) e Sérgio Greif (2003; TRÉZ, GREIF, 2000). Há, inclusive, a Revista Brasileira de Direito Animal<sup>16</sup>, indexada no Portal de Periódicos Eletrônicos da UFBA, criada em 2006 – primeira revista da América Latina destinada ao tema dos direitos animais.

O movimento pelos direitos animais<sup>17</sup> teve relação estreita com movimentos em prol de direitos humanitários e sociais. Walls (2008) aponta o seu crescimento ao lado das lutas antiescravidão e pelo sufrágio feminino. Corey Wrenn (2013) aborda o MDA como sendo uma extensão do movimento antiescravidão dos séculos XX e XIX e do movimento dos direitos civis, ainda atuante. Aponta ainda como uma similaridade entre o movimento dos direitos humanos e o MDA a necessidade de enfrentar simultaneamente a condição de propriedade e a ideologia opressiva; ou seja, há similaridade entre os dois sistemas de opressão e o fato de que ambos os sistemas se desenvolveram juntos, operam de forma similar e reiteram um ao outro (WRENN, 2014). Como exemplo tem-se os campos de concentração que fizeram parte do Holocausto: o sistema empregado foi baseado no sistema de frigoríficos de produção animal (FOER, 2011); e as colonizações na América Latina: os nativos

---

<sup>13</sup> Idem.

<sup>14</sup> Disponível em: <<https://www.fbi.gov/news/testimony/the-threat-of-eco-terrorism>>. Acesso em: 20 de mai. 2015.

<sup>15</sup> Santuários animais são locais que abrigam e cuidam de animais resgatados, oriundos de apreensões e resgates em situação de maus-tratos, violência e exploração.

<sup>16</sup> Disponível em: <<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/RBDA/index>>. Acesso em: mai. 2015.

<sup>17</sup> O movimento dos direitos animais é chamado também de *movimento dos direitos animais não humanos*, o que contextualiza a existência humana dentro de uma esfera maior do que a social e a aproxima de outras formas de vida, lembrando que os seres humanos também são animais.

eram expropriados das suas terras, exterminados e escravizados para a obtenção de recursos para os animais (como terra para pasto), por parte dos países colonizadores, para onde ia a produção animal (NILBERT, 2013).

O termo “direitos animais” faz um paralelo linguístico com o termo “direitos humanos” e explicita o pensamento do movimento de que os animais possuem o direito básico de não serem tratados como propriedade, assim como os seres humanos. Isso com base na característica comum aos animais e aos humanos, que têm um interesse moralmente significativo em não sofrer de jeito nenhum (FRANCIONE, 2013). Ou seja, o que o movimento tenta colocar na discussão pública é a possibilidade *dos animais terem direitos*. O movimento chega até tal ideia pelo argumento da senciência, que é a capacidade de sentir dor conscientemente. Será discorrido mais sobre a senciência no tópico seguinte.

O reconhecimento dos direitos animais implica na única pauta do MDA, que é a abolição do uso de animais (sendo que essa abarca a abolição da exploração institucionalizada e na rejeição do especismo). Como a questão é complexa e são muitos os usos de animais que se fazem na vida cotidiana, o que tange muitas atividades e setores, os desdobramentos legais só são possíveis através de pautas menores e específicas, a exemplo da proibição do uso de animais em circo em Curitiba (lei nº 12.467/07). Se transformar leis municipais desse tipo em leis estaduais e federais já é um grande desafio que exige grandes esforços de comunicação política, mudar a cultura alimentar brasileira para uma alimentação que não inclua insumos animais, é uma grande pretensão do movimento.

A prática de comer carne, que faz parte da cultura vigente (assim como outras práticas que exploram animais), é tida como um direito, do qual muitos não abrem mão. Pode ser então considerado ofensivo, por defensores da alimentação onívora, um grupo de pessoas se posicionarem criticando essa prática alimentar que inclui animais. Então o movimento coloca o problema em termos de justiça (mesma esfera em que se pensa em direitos) e questiona: *a custa do que o direito é exercido? Será que é realmente justo fazer uma matança animal para se vivenciar prazeres que não são necessários? A justiça não estaria só pendendo para o lado dos seres humanos e sendo injusta pra os animais, desconsiderando os interesses dos últimos?* Nesse ponto está o paralelo entre o MDA e o movimento antiescravidão, colocado por Francione (2011): para os senhores de fazenda, na época era um direito possuir

escravos e explorar pessoas que tinham interesse em bem viver as suas vidas. Mas depois de muita luta, o *direito de explorar pessoas* foi revisto e superado, devido à ascensão dos *direitos que cada indivíduo possui em ter a sua vida protegida*. Assim, com o progresso moral da sociedade, os negros passaram a ser incluídos na esfera de consideração moral, quando se passou a considerar o interesse desse grupo em ter proteção à vida e liberdade.

Finalmente, o MDA e os abolicionistas criticam o bem-estarismo devido a ele atribuir maior valor legal sobre a propriedade (os animais) do que sobre o tratamento destinado aos animais, devido à variação da noção de “sofrimento desnecessário” (que varia segundo o juízo dos proprietários e os usos e costumes culturais embutidos nessas leis, devido a não consideração dos interesses dos envolvidos) e porque o foco utilitarista no tratamento e na eliminação do sofrimento desnecessário não impede que os animais sejam explorados e tratados como objetos:

Embora as leis anti-crueldade supostamente proibam a infligência de dor e sofrimento desnecessários, os tribunais em geral sustentam que qualquer tratamento que facilite o nosso uso de animais para um propósito aceito é considerado necessário segundo as leis (FRANCIONE, 2013, p. 126).

Os abolicionistas reiteram que o tratamento bem-estarista beneficia o próprio ser humano e aspectos mercadológicos:

Precisamos deixar claro que ele [o bem-estarismo] se destina a nomear o sistema de exploração e morte dos animais para beneficiar humanos, um sistema que aumenta as gaiolas e as correntes, fingindo que se preocupa com o bem próprio dos animais, e confundindo o bem que é específico e particular a cada indivíduo, com dar algum suprimento para que a “qualidade” do produto final não seja prejudicada. Bem-estarismo não visa o bem dos animais, visa o lucro dos produtores e a segurança dos consumidores, por isso desperta tanta indignação nos abolicionistas (FELIPE, 2011)<sup>18</sup>.

Ainda quanto ao aspecto mercadológico, os abolicionistas acreditam que, de certa forma, o foco bem-estarista corrobora a utilização de animais, uma vez que diz respeito à obrigação moral de tratar bem os animais, tentando fazer empresas agirem desse modo e terem produtos com maior aceitação de mercado. Ao

---

<sup>18</sup> Disponível em: <<http://www.anda.jor.br/26/12/2011/abolicionistas-bem-estaristas-socorristas>>. Acesso em: 26 de nov. 2014.

movimento, além dos desafios impostos para a mobilização social, impõem-se desafios para com a defesa animal em geral:

O movimento do bem-estar animal não humano domina o discurso dos direitos dos animais não-humanos e é, portanto, capaz de influenciar a ideologia dos direitos dos animais não-humanos. O controle sobre a ideologia é mantida através do enquadramento e a construção ativa do significado (Snow e Benford, 1988)<sup>19</sup>. Dentro de um paradigma dominado pelo bem-estarismo, o abolicionismo tem de lutar para o reconhecimento (Decoux, 2009)<sup>20</sup>. (Wrenn, 2012, 449, tradução nossa).<sup>21</sup>

## 1.2 Os animais sentem dor: argumentos

O MDA reivindica o reconhecimento público de que os animais são seres de direitos. Para isso, os grupos do MDA representam um grupo que não pode falar por si (os animais), tentando fazer com que a condição de vida desse grupo seja melhorada, por meio da não utilização dessas vidas. Essa reivindicação é sustentada principalmente pela filosofia, pelo direito, por especificidades da grande área das ciências biológicas, como a neurociência, a zoologia e a etologia (comportamento animal). São dessas especificidades que advieram esforços e resultados em mostrar, cientificamente, que os animais possuem sensiência<sup>22</sup>, que é a capacidade de sentir dor conscientemente: “ser senciente significa ser do tipo de ser que é consciente da dor e do prazer; existe um “eu” que tem experiências subjetivas” (FRANCIONE, 2013, p. 55), e capacidade da consciência perceptiva implica em algum nível de autoconsciência (GRIFFIN<sup>23</sup> apud FRANCIONE, 2013). A sensiência é o que, em última instância, dá direito a todos os seres humanos (FRANCIONE, 2013; REGAN, 2006) e ela está relacionada ao sistema nervoso central, por isso ocorre nos animais e não nas plantas ou outros seres.

<sup>19</sup> Snow, D. A. and R. D. Benford. 1988. Ideology, Frame Resonance, and Participant Mobilization. *International Social Movement Research*. 1: 197-217

<sup>20</sup> DeCoux, E. L. 2009. Speaking for the Modern Prometheus: The Significance of Animal Suffering to the Abolition Movement. *Animal Law Review* 16 (1): 9-64.

<sup>21</sup> “The nonhuman animal welfare movement dominates nonhuman animal rights discourse and is consequently able to influence nonhuman animal rights ideology. Control over ideology is maintained through framing and the active construction of meaning (Snow and Benford, 1988). Within a paradigm dominated by welfarism, abolitionism must struggle for recognition (DeCoux, 2009)”. (WRENN, 2012, 449).

<sup>22</sup> Como o manifesto assinado por neurocientistas em 2012, afirmando que mamíferos, aves e outros animais têm consciência. Disponível em: <<http://goo.gl/VHhiXQ>>. Acesso em: 10 de jun. 2015. Disponível em: <<http://goo.gl/tXglo>>. Acesso em: 10 de jun 2015.

<sup>23</sup> GRIFFIN, D. R. *Animal Minds*. Chicago: University of Chicago Press. 1992.

A senciência é o argumento norteador do movimento, através do princípio da igualdade, que trata seres semelhantes semelhantemente; “o princípio da igualdade não requer *tratamento* igual ou idêntico, mas sim, igual *consideração*” (SINGER, 2003, p. 04), e a igual consideração por seres distintos leva a tratamentos e a direitos distintos. Assim, a semelhança entre os seres humanos e os animais, que é a senciência, deve levar a igual consideração no que tange à senciência (proteção da vida); enquanto as distinções devem levar a tratamentos diferentes. Dessa forma, com o reconhecimento do direito à proteção da vida dos animais, eles seriam, da mesma maneira como no que tange à senciência nos seres humanos, protegidos do sofrimento; por outro lado, não passariam a votar, já que as diferenças entre os humanos e os animais apontam que os animais não são seres políticos e não se organizam dessa forma.

Do âmbito do direito, Lacerda (2012, p.39) mostra que a ideia de que os animais podem ser considerados *sujeitos de direitos* não é nova:

Na virada do século XIX para o XX, o professor inglês Henry S. Salt já afirmava que os animais possuem “qualidades de uma verdadeira personalidade” (SALT, 1900, p. 208)<sup>24</sup> e que os humanos deveriam protegê-los não por piedade, mas por *justiça*, em reconhecimento dos direitos que eles efetivamente possuem (SALT, 1900, p. 222). Alguns anos mais tarde, em um instigante ensaio, o professor italiano Cesare Goretti dizia que os homens não deviam recusar aos animais a condição de sujeitos de direito, pois mesmo que eles não tenham uma concepção jurídica do seu *status*, “nós não podemos negar-lhes o direito mais fundamental e mais humilde de todo ser vivo: o de fugir da dor” (GORETTI, 1928, p. 09)<sup>25</sup>.

Em Singer<sup>26</sup> (apud LACERDA, 2012, p.39) o argumento pelos direitos animais tange a capacidade deles terem interesses:

Se eles são capazes de sentir *prazer e dor* [senciência], como os seres humanos, também possuem *interesses*, os quais só podem ser devidamente protegidos quando reconhecidos socialmente como *direitos*, deixando de serem somente apelos éticos.

Logo, devido aos animais possuírem interesse em suas vidas, algo que está relacionado à senciência, atribuir direitos aos animais seria uma questão de *justiça*.

<sup>24</sup> SALT, Henry S. **The rights of animals**. In: International Journal of Ethics, v. 10, 1900, p. 206-222.

<sup>25</sup> GORETTI, Cesare. **L'animale quale soggetto di diritto**. Texto policopiado, Università di Padova, 1928.

<sup>26</sup> SINGER, Peter. **Libertação animal**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

Do mesmo modo que é a senciência que torna justo todos os indivíduos humanos possuírem direitos: o que torna os indivíduos aptos a serem considerados *sujeitos de direitos* não são elementos como a linguagem ou a capacidade de produzir cultura, visto que isso excluiria grupos de pessoas que reconhecidamente possuem direitos; o único fator que as inclui na comunidade moral é a senciência (alguns grupos de pessoas não conseguem exercer outras habilidades que poderiam ser decisivas, como a linguagem, racionalidade ou compreensão da própria existência), é a capacidade de compreender a sua existência, que são indicados por racionalização e capacidade de sentir dor ou medo<sup>27</sup>. De outro modo, é a senciência que faz dos indivíduos pessoas (indivíduos que portam direitos), e os animais também possuem tal atributo. Singer (2004) formula o conceito *sujeito-de-uma-vida*, que abarca tanto animais humanos quanto animais não-humanos, portadores de certas capacidades cognitivas, que possuiriam relevância na consideração moral<sup>28</sup>.

É a partir da senciência que os abolicionistas entendem que os animais possuem valor intrínseco, valor em si mesmo, e que ambos os animais não humanos e humanos têm interesse em continuar a viver com um potencial igual para satisfação<sup>29</sup> (FRANCIONE, 2011). Por isso, reconhecem que os animais têm direito de não serem tratados como propriedade e de não ter tal *status*, aplicando o princípio da igualdade (os humanos, seres sencientes, por serem sencientes, legalmente são protegidos de serem tratados como propriedade; então os animais, na mesma condição de seres sencientes, também devem ter essa proteção).

Os abolicionistas entendem que só a sua reivindicação, a abolição do uso animal e do status de propriedade dos animais, é a solução para a exploração

<sup>27</sup> Não se deve mensurar esses sentimentos baseados no nível humano, já que são espécies distintas e isso seria arbitrário, não se deve pensar em “graus” de sentimento, mas em “tipos” (FRANCIONE, 2013).

<sup>28</sup> Isso coloca uma questão acerca de quais animais estariam no grupo de ter relevância na consideração moral e quais não, por serem menos desenvolvidos. Contudo, essa questão não se mostra relevante para o momento, já que ainda falta muito para se discutir em instâncias da política formal sobre os direitos animais.

<sup>29</sup> Esse entendimento da senciência vem também da observação de animais em diversos momentos. Em laboratórios, fazendas industriais, matadouros, fazendas de pele, lugares de entretenimento, onde há o uso dos animais, a reação deles é associada à tristeza e sofrimento e há esforços por parte deles em evitar o sofrimento. Em paralelo, em situações em que os animais com a sua família, sem risco de perigo iminente às suas vidas e em ambientes que não ofereçam riscos para as suas vidas, os animais demonstram vínculo com a família (que varia entre as espécies), tranquilidade e sentimentos associados à felicidade. Observações inferem também que os animais têm em comum com os seres humanos alguns desejos e compreensões semelhantes – desejo de comida, água, abrigo, companhia, liberdade de movimento e prevenção de dor; já a compreensão diz respeito ao mundo no qual se vive e se move, que possibilita a sobrevivência (TERRÁQUEOS, 2005).



animal, que os coloca em situação de sofrimento, sendo a única resposta capaz de dar aos animais liberdade e consideração moral; e negam que melhoras no *tratamento* destinado aos animais cessem a exploração e o sofrimento (FRANCIONE, 2011). Isso porque o foco utilitarista do bem-estar animal no tratamento e na eliminação do sofrimento desnecessário não impede que os animais sejam explorados e tratados como objetos. A visão de que os animais possuem valor intrínseco não é alcançada no bem-estarismo, já que os animais ainda são tidos como um *meio*. “A instituição da escravidão humana era estruturalmente idêntica à instituição de propriedade de animais” (FRANCIONE, 2011, p.165) e, nos Estados Unidos, houve a tentativa de inserir o tratamento humanitário de bem-estar aos escravos, para diminuir o sofrimento deles e protegê-los das penas, numa ideia esperançosa de que ocasionalmente o bem-estarismo da escravidão levaria ao abolicionismo. No entanto, os escravos: a) não deixaram de sofrer e nem passaram a sofrer menos, porque o direito à propriedade privada (do senhor proprietário do escravo) e a fazer o que bem entendesse com ela era mais forte do que qualquer outro direito ou conselho; b) não deixaram de ser escravos, propriedades. Foi a conjuntura social e política do contexto que levou à abolição da escravidão, não o bem-estarismo (FRANCIONE, 2013). Além disso, a posição abolicionista entende que as reformas quanto ao tratamento dos animais são superficiais e que as certificações não certificam de fato que o animal foi bem tratado.

Recorrendo a duas das principais obras que estão de acordo com o abolicionismo animal, o filme *Earthlings* (2005), traduzido como Terráqueos, e o livro *Jaulas Vazias* (REGAN, 2006), pode-se notar que dentro do movimento de libertação, há quatro instâncias de discussão predominantes, correspondentes às quatro linhas de exploração mais disseminadas, às quais são dadas atenção simultaneamente. São elas: alimentação, entretenimento, experimentação e vestuário. Tais instâncias se destacam em detrimento de discussões locais devido à intensidade em que as explorações correspondentes ocorrem e à característica da universalidade – a quantidade de animais mortos para alimentação aumentou consideravelmente após a II Guerra Mundial (FOER, 2011), e em vários países, inclusive na Índia, país cujos habitantes tinham uma relação estreita com o vegetarianismo.

Além do argumento principal pelo qual o MDA faz a sua reivindicação, a sciência, há ainda argumentos ambientais, sociais, quanto à saúde, econômicos e religiosos. Eles foram identificados na pesquisa realizada em 2013 (CARBORNAR, 2013)<sup>30</sup> e são relevantes por serem argumentos que, de modo geral, fazem parte dos discursos dos grupos e têm potencial de auxiliar o debate público, já que o argumento principal é um argumento difícil de ser popularizado devido à sua complexidade, o que restringe o debate aos especialistas. Além disso, alguns desses argumentos estão sendo publicados por instituições renomadas, como a ONU, que em 2013 publicou um relatório indicando que 70% das doenças que afetam os seres humanos são de origem animal<sup>31</sup> e, devido a essa razão, em 2014 recomendou uma dieta sem carne e sem laticínios<sup>32</sup>.

O MDA fala em motivações **ambientais** ressaltando os danos ambientais causados pela exploração animal. São dados como: a pecuária é responsável por mais da metade da emissão de gases do efeito estufa do mundo<sup>33</sup>, por mais de 80% do desmatamento da Amazônia<sup>34</sup>, pelo consumo de mais da metade da água potável do planeta<sup>35</sup>; a produção animal consome até 10 vezes mais água do que a agricultura<sup>36</sup>; e mais pessoas podem ser alimentadas com uma dieta vegetariana (20 bilhões) do que com uma dieta onívora (2,5 bilhões)<sup>37</sup> – motivação essa também de caráter social.

Dentre outras motivações contra a exploração animal vinculadas ao aspecto **social** destacadas pelo MDA, relacionadas à pecuária estão: o alto índice (80%) de trabalho escravo no Brasil<sup>38</sup>; o alto número de ocorrências de adoecimentos e

---

<sup>30</sup> Os dados foram compilados para a pesquisa de graduação que resultou na monografia “Entre a defesa e a libertação: o debate sobre direitos animais em Curitiba”. Os dados foram revistos para a dissertação de mestrado.

<sup>31</sup> Disponível em: <<http://goo.gl/ThRQpU>>. Acesso em: 09 de mai. 2013.

<sup>32</sup> Disponível em: <<http://goo.gl/sov4qA>>. Acesso em: 09 de mai. 2013.

<sup>33</sup> World Watch Institute. Disponível em: <<http://goo.gl/dUvD>>. Acesso em: 09 de mai. 2013.

<sup>34</sup> IMAZON – Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia. Disponível em: <<http://www.imazon.org.br>>. Acesso em: 09 de mai. 2013. INPE – Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais / EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. Disponível em: <<http://www.inpe.br>>. Acesso em: 09 de mai. 2013.

<sup>35</sup> Planeta Sustentável. Disponível em: <<http://goo.gl/LCl87>>. Acesso em: 09 de mai. 2013.

<sup>36</sup> Revista Exame. Disponível em: <<http://goo.gl/di7kw>>. Acesso em: 09 de mai. 2013.

<sup>37</sup> Revista Época. Disponível em: <<http://goo.gl/E4xTJ>>. Acesso em: 09 de mai. 2013.

<sup>38</sup> OIT – Organização Internacional do Trabalho. Disponível em: <<http://goo.gl/eU9COh>>. Acesso em: 02 de jun. 2013. Estadão. Disponível em: <<http://goo.gl/cxt2M9>>. Acesso em: 02 de jun. 2013.



acidentes de trabalho no Brasil<sup>39</sup>; o crescimento do trabalho infantil<sup>40</sup>; e a apropriação indevida de terras e conflitos agrários com expulsão de nativos<sup>41</sup>.

Nas motivações de ordem de **saúde** colocadas pelo MDA, estão dados como: a relação direta do consumo de produtos animais com as doenças que mais matam no mundo (como as cardiovasculares e os principais tipos de cânceres)<sup>42</sup>; e os males que a criação intensiva tem potencial de causar aos que mantém contato constante (SINGER, 2004) e às comunidades próximas (FOER, 2011). Incluem-se aqui estudos relacionados à saúde mental, que indicam que há dessensibilização em práticas de vivissecção (GREIF, TRÉZ, 2000) e de abate: “pessoas comuns podem virar sádicos com o trabalho desumanizante do abate constante” (FOER, 2011, p. 234). Há uma relação criminalística entre matadouros e a violência local<sup>43</sup>; e mesma relação de violência pode ser feita com circos que apresentam animais como parte do espetáculo e até com rodeios.

As motivações **econômicas** têm relação com a alimentação baseada em vegetais ser mais barata do que a que inclui o consumo de carne; às empresas do setor de carne estarem entre as que menos pagam impostos no Brasil (em 2013 se poderia falar em 6%)<sup>44</sup>; o gasto do Instituto Nacional de Seguro Social (INSS) com doenças e acidentes de trabalho causados pelo setor por vezes ser maior do que a quantia arrecada no mesmo setor para tal fim<sup>45</sup>; e irregularidades fiscais que o setor de frigorífico apresenta<sup>46</sup>.

Por fim, há motivos **religiosos** – algumas religiões, como o budismo, o hinduísmo, o espiritismo e a dos Adventistas do Sétimo Dia valorizam o não consumo de carne, na prática da compaixão. Presente no jainismo, no hinduísmo e

<sup>39</sup> Repórter Brasil. Disponível em: <<http://moendogente.org.br/>>. Acesso em: 02 de jun. 2013.

<sup>40</sup> Valor. Disponível em: <<http://goo.gl/MQcDGm>>. Acesso em: 02 de jun. 2013.

<sup>41</sup> Globo Amazônia. Disponível em: <<http://goo.gl/n1Fg7E>>. Acesso em: 02 de jun. 2013.

<sup>42</sup> INCA – Instituto Nacional do Câncer. Hábitos Alimentares. Disponível em: <[http://www.inca.gov.br/conteudo\\_view.asp?id=18](http://www.inca.gov.br/conteudo_view.asp?id=18)>. Acesso em: 02 de jun. 2013. Folha Veg – Informativo da Sociedade Vegetariana Brasileira. Disponível em: <<http://www.svb.org.br/folhaveg/vegetarianismo-avancos.htm>>. Acesso em: 02 de jun. 2013.

<sup>43</sup> The Star. Disponível em: <<http://goo.gl/W9qESR>> Acesso em: 02 de jun. 2013.

<sup>44</sup> Onde pastar? O Gado bovino no Brasil. Disponível em: < Disponível em: <<http://goo.gl/rKyG6m>>. Acesso em: 09 de mai. 2015.

<sup>45</sup> Sindicato dos Trabalhadores da Alimentação de Ponta Grossa. Disponível em: <<http://goo.gl/xXiPJm>>. Acesso em: 02 de jun. 2013.

<sup>46</sup> Folha de São Paulo. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/dinheiro/fi0405200726.htm>>. Acesso em: 02 de jun. 2013. UOL Economia. Disponível em: <<http://goo.gl/SCJyMD>>. Acesso em: 02 de jun. 2013.

no budismo, o termo *ahimsa*, que é a expressão da não violência e do respeito às formas de vida, ilustra essa prática.

Diante da reivindicação do movimento e das motivações aqui descritas, o MDA entende ser logicamente inconsistente lutar pelo fim do uso de animais enquanto se continua a consumi-los. Daí a ligação do MDA com o veganismo – o abolicionismo adota o veganismo como base necessária. A prática do veganismo ocorre na não utilização de animais, em nenhuma instância – seja em alimentação, vestuário, trabalho, entretenimento, em pesquisas científicas e de diversos segmentos, em jogos e competições, em confinamentos com finalidades reprodutivas ou de exibição, dentre diversas outras práticas exploratórias que veem o animal como um meio de se chegar a determinado fim, onde ele não tem fim e valor em si mesmo. Tanto se espera dos seus membros que o veganismo seja a prática exercida, quando que promovam o crescimento dessa prática, através da educação (WRENN, 2012). Como se nota, a abolição animal se fundamenta em argumentos de forte base moral, ainda que recorra a evidências econômicas, de saúde, ambientais para sustentar e dialogar com outros.

### **1.3 Socorristas, bem-estaristas e abolicionistas: cenário brasileiro da defesa animal**

Para esboçar o cenário da defesa animal no Brasil, o trabalho se valeu de uma breve pesquisa exploratória, considerando os atores que interferem positivamente na vida dos animais, isso é, atuam para melhorar de alguma forma a vida dos animais. A defesa animal no Brasil se dá de forma ampla e diversa, com organizações em nível de Estado, de sociedade civil e de iniciativas privadas. A predominância da defesa animal é em relação aos animais domesticados tidos como de estimação – os *pets*. Provavelmente a razão é cognitiva: as pessoas têm maior contato com cachorros, gatos e coelhos do que com elefantes, primatas e roedores. O contato diário com esses animais, conhecendo eles e construindo vínculo, facilita a ação em prol deles. São numerosas as organizações da sociedade civil e pessoas (individualmente) que se dedicam ao resgate, cuidado veterinário e encaminhamento para adoção de cachorros e gatos. Bem como os grupos em redes sociais que trocam informações sobre animais perdidos, na tentativa de encontrar a pessoa

responsável pelo animal. Essas pessoas, que fazem o trabalho de emergência aos animais feridos e em necessidade, a filósofa abolicionista Sônia Felipe chama de “socorristas”<sup>47</sup>.

O governo também é um ator na defesa animal. Em nível federal, os ministérios que formulam, implantam e acompanham políticas públicas relacionadas também à defesa animal são: o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (que fomenta o bem-estar animal<sup>48</sup>), o Ministério do Meio Ambiente (principalmente através do IBAMA e do ICMBio) e o Ministério da Pesca e Aquicultura (através do controle dos recursos para aproveitamento sustentável). Há ainda a Frente Parlamentar do Congresso Nacional em Defesa dos Direitos Animais, que atua pela criação de projetos de lei pela fauna e é por presidida pelo Deputado Federal Ricardo Izar Jr. Nos níveis estadual e municipal, as ações variam. Para citar exemplos, no Paraná, a Secretaria do Meio Ambiente e Recursos Hídricos atua na defesa dos animais pelo Instituto Ambiental do Paraná (IAP) e pelo Comitê Estadual da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica. E em Curitiba, há o Conselho Municipal de Proteção aos Animais – COMUPA e a Rede de Proteção Animal.

Organizações que promovem o bem-estar animal constituem outro ator da defesa. Algumas ações estão nas instâncias governamentais, como a mencionada acima do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, que é a Comissão de Bem-estar Animal, e o órgão de Bem-Estar Animal, da Prefeitura de Florianópolis. A ARCA BRASIL - Associação Humanitária de Proteção e Bem-Estar Animal também se destaca. As preocupações se voltam aos animais utilizados para alimentação, quanto ao manejo, ao confinamento e à saúde animal; e aos cães e gatos, com políticas de castração de guarda responsável. A ARCA BRASIL é a organização que se posiciona sobre mais temas e também se opõe à utilização de animais para entretenimento, para testes cosméticos e é contrária ao comércio de animais silvestres e à caça desses animais “sob qualquer justificativa” e conta com o apoio de celebridades para dar maior visibilidade às campanhas relacionadas a “animais de companhia”.

---

<sup>47</sup> Disponível em: <<http://www.anda.jor.br/26/12/2011/abolicionistas-bem-estaristas-socorristas>>. Acesso em: 15 de jun. 2014.

<sup>48</sup> Disponível em: <<http://www.agricultura.gov.br/animal/bem-estar-animal>>. Acesso em: 15 de jun. 2014.

Algumas organizações concentram os seus esforços na atuação de um segmento dentro da causa animal ou de uma única espécie. É o caso do *Sea Shepherd Conservation Society*<sup>49</sup>, com matriz nos Estados Unidos e escritórios em diversos países (inclusive no Brasil). Criado a partir do *Greenpeace*, o *Sea Shepherd* atua na proteção do mar e da sua biodiversidade tanto com campanhas quanto com ações diretas, isto é, neste caso confrontando navios de pesca predatória, que agem em desacordo com as leis de cada território marítimo. Também é o caso do *Divers for Sharks* – Mergulhadores para Tubarões, de iniciativa internacional, que luta para evitar a extinção dos tubarões no Brasil e no mundo e para conscientizar a sociedade da necessidade “urgente” de proteger estes animais e os ambientes em que estão inseridos

Preocupados com a defesa dos animais, há também santuários conservacionistas. Os santuários não são idealizados pelos governos, mas por pessoas da sociedade civil e se dedicam a cuidar de animais que geralmente são encontrados em situações degradantes. Nos santuários, os animais têm uma condição melhor de vida, já que existe a tentativa de aproximar o ambiente do santuário ao ambiente natural do animal e há a valorização da vida do animal. Os santuários se voltam ao cuidado dos animais priorizando as suas vidas, e às vezes isso implica na não exposição pública dos animais – o contrário da prática dos zoológicos. São exemplos: a Associação Santuário Ecológico Rancho dos Gnomos (ASERG)<sup>50</sup>, que atua desde 1991, em Cotia-SP; o Proteção aos Grandes Primatas (GAP, do inglês *Great Ape Project*)<sup>51</sup>, iniciado oficialmente no Brasil em 2006 (internacionalmente criado em 1944); e o Santuário das Fadas<sup>52</sup>, atuante na região serrana do Rio de Janeiro desde 2008.

Essas organizações influenciam diretamente o cenário brasileiro da defesa animal, cada um com suas contribuições. Contudo, o que interessa para a pesquisa é outro ator, que conversa com a sociedade e com o governo na tentativa de colocar em debate a questão do *status* dos animais, *de todos os animais*: os grupos abolicionistas.

---

<sup>49</sup> Disponível em: <<http://www.seashepherd.org>>. Acesso em: 16 de jun. 2014.

<sup>50</sup> Disponível em: <<http://www.ranchodosgnomos.org.br/>>. Acesso em: 16 de jun. 2014.

<sup>51</sup> Disponível em: <<http://www.greatapeproject.org/pt-BR/primatas/List/grandes-primatas>>. Acesso em: 16 de jun. 2014.

<sup>52</sup> Disponível em: <<http://www.projeto-gap.org.br/en/http://www.santuariodasfadas.org/fadas/>>. Acesso em: 16 de jun. 2014.

#### 1.4 Sudeste e sul ativistas: cenário da abolição

Adentrando no universo da pesquisa, é sob os grupos brasileiros que seguem a vertente abolicionista (se configurando como abolicionista na autodeclaração do termo ou propagando o abolicionismo, mesmo que sem utilizar o termo) que o trabalho debruça o seu olhar. O recorte aqui é feito de modo que contempla apenas os grupos que trabalham na promoção dos direitos animais e do abolicionismo, portanto os grupos que trabalham com causas específicas dentro da causa animal (como adoção), mesmo que declarem a postura abolicionista, não são incluídos.

O primeiro passo da pesquisa foi mapear esse universo. Para se chegar aos grupos de direitos animais, foi feita uma busca na internet, principalmente nas redes sociais, partindo dos grupos já conhecidos pela pesquisadora. Olhando os contatos desses grupos, encontram-se grupos que ainda não eram conhecidos e eles foram sendo inseridos na pesquisa. Foi encontrado o total de 25 grupos gerais. Sendo que alguns deles estão presentes em mais de uma cidade, o número de grupos locais chega a 46. A última verificação foi feita em dezembro de 2015 e os grupos que não tiveram a página ou perfil em rede social atualizados em 2013 e que não deram retorno à pesquisa, não foram considerados na quantificação dos grupos. São eles: Vegan Staff (última publicação outubro de 2012); GAADAA – Grupo Ativista Abolicionista pelos Direitos dos Animais e Ambientais (setembro de 2012); e a Sociedade Vegana Brasileira, formada por pessoas influentes do veganismo nacional (como Sônia Felipe), mas que não deu retorno de contato e o site já não foi mais encontrado no ar em março de 2015.

Os grupos têm maior concentração no estado de São Paulo, seguido do Paraná e do Rio Grande do Sul: dos 48 grupos, 18 são de São Paulo, 7 do Paraná, 6 do Rio Grande do Sul, 4 de Minas Gerais, 3 de Pernambuco, 3 do Rio de Janeiro, 2 do Distrito Federal, 2 de Santa Catarina, 1 do Espírito Santo, 1 do Pará e 1 do Sergipe. Dessa forma, os grupos estão concentrados no eixo sudeste-sul. Tendo em conta que, embora uma organização tenha mais de um grupo, toda organização possua os seus elementos unificadores (como posicionamento, normas de conduta, táticas e operacionalidades), o número que será considerado para a pesquisa, além desse mapeamento, é o de organizações gerais, não de grupos locais. Logo, foi enviado um questionário a fim de delinear as características gerais e de conhecer os

repertórios do MDA no Brasil para os 25 grupos. Foram 17 grupos que responderam: AVEG; Camaleão; ComPaTa; FALA; Instituto Nina Rosa; Maringá Vegano; Movimento NÃO MATE; OALA; Onca; Princípio Animal; Revolução da Colher; Sementes; SVB; ULA; Vanguarda Abolicionista; VEDDAS; e VIDA.

O intuito da pesquisa não é mensurar a atuação dos grupos em uma escala temporal, mas algumas observações devem ser mencionadas. Uma delas é a efemeridade de alguns grupos: no início da pesquisa, o site da SVB mencionava a presença de grupos locais que não estavam mais mencionados na última verificação, feita em dezembro de 2015, e vice-versa. O mesmo ocorreu com o grupo VEDDAS, que reduziu o número de grupos locais mencionados de sete para quatro. Isso pode indicar que há pessoas ainda na tentativa de se organizar como grupo em locais em que ainda não há alguma ação do tipo, ou o oposto, que o grupo pode simplesmente ter acabado, ou ainda que as pessoas de um local vivenciaram a experiência de ativismo em um grupo para então formar o próprio. Há ainda indícios (adquiridos de observação não empírica), de que alguns grupos são, em certa medida, voláteis – a atuação deles varia de acordo com a época e uns que antes eram mais atuantes agora não são tanto, uns que não eram muito agora atuam mais. Como a maioria dos grupos trabalha com voluntariado, essa pode ser uma justificativa, reforçada pelo número pequeno de voluntários – inclusive, essa é uma das dificuldades mais apontadas pelos grupos na resposta ao questionário.

O quadro abaixo ilustra a composição do movimento no Brasil. Ele mostra quais foram os grupos mapeados que compõem o movimento, em quantos grupos locais eles são no total, e em quais estados e cidades eles atuam. As informações sobre os grupos locais foram todas retiradas dos sites dos perfis no Facebook dos grupos e a última atualização para a apresentação da tabela abaixo foi feita em dezembro de 2015.

QUADRO 01 – RELAÇÃO DOS GRUPOS MAPEADOS POR ESTADO E CIDADE

GRUPO	Número total de núcleos	Estados em que atua	Cidades em que atua
Abolicionistas Veganos – AVEG	1	PR	Ponta Grossa
Ativismo Vegetariano e Vegano – Ativeg	2	PE SP	Recife Itapira
Camaleão	2	SP RJ	Taubaté Vale do Paraíba

<b>GRUPO</b>	<b>Número total de núcleos</b>	<b>Estados em que atua</b>	<b>Cidades em que atua</b>
Coletivo Liberte	1	PE	Recife
Comitê Passofundonense de Tutela Animal – ComPaTa	1	RS	Passo Fundo
Frente de Ações pela Libertação Animal – FALA	1	DF	Brasília
Gato Negro	1	MG	Belo Horizonte
Instituto Nina Rosa	1	SP	São Paulo
Maringá Vegano	1	PR	Maringá
Movimento Gaúcho de Defesa Animal – MGDA	1	RS	Porto Alegre
Move Institute	1	SP	São Paulo
Movimento NÃO MATE	1	SP	São Paulo
Organização Abolicionista pela Libertação Animal – OALA	1	SP	Campinas
Onca	3	PR	Curitiba
		RS	Paranaguá Pelotas
Princípio Animal	1	RS	Porto Alegre
Projeto Esperança Animal – PEA	1	SP	São Paulo
Revolução da Colher	6	ES MG	Vitória Arcos
		PR SP	Belo Horizonte Curitiba Guarujá São Paulo
Sementes	1	SC	Chapécó
Sociedade Vegetariana Brasileira – SVB	12	DF MG PE PR	Brasília Belo Horizonte Recife Curitiba Paranaguá
		SC RJ RS SE SP	Florianópolis Rio de Janeiro Porto Alegre Aracaju Campos do Jordão São Paulo Jundiaí
União Libertária Animal – ULA	1	RJ	Rio de Janeiro
Vanguarda Abolicionista	1	RS	Porto Alegre
Vegetarianismo Ético em Defesa dos Animais e Sociedade – VEDDAS	4	SP	Araraquara
			Ribeirão Preto São Paulo Sorocaba
Veículo de Intervenção pelo Direito Animal – VIDA	1	SP	Piracicaba
Veganos em Movimento – VEM	1	PA	Belém
Veganos pela abolição da escravidão animal	1	SP	São Paulo

FONTE: Organizado pela autora (2015).



Para ter uma melhor visualização de como os grupos são divididos geograficamente no Brasil, os grupos foram marcados em um mapa, através da ferramenta *My Maps*, do Google. Segue a imagem do mapa, com todos os grupos:

FIGURA 01: MAPA DOS GRUPOS DO MOVIMENTO DOS DIREITOS ANIMAIS NO BRASIL



FONTE: Organizado pela autora (2015).

Todos os grupos dos quais se teve conhecimento foram contatados, com vista à aplicação de um questionário por meio do qual fosse possível apreender as características gerais dos grupos que compõem o movimento no Brasil. Dos 25 grupos, 17 responderam o questionário (mais de 70% do universo da pesquisa). Com essa amostragem, foi possível identificar algumas características gerais das organizações. Mais de 70% da amostra não possui registro de ONG, se mantendo como um grupo informal e também não tendo sede. Os vínculos dos membros são voluntários em quase a sua totalidade. Apenas duas organizações trabalham com a remuneração de pessoas (Instituto Nina Rosa e SVB) e a remuneração é feita para a realização de alguns trabalhos, não para a dedicação integral ao grupo. De tal forma, o voluntariado é feito no tempo disponível dos membros, o que se converte em uma dificuldade expressa nos questionários. Enquanto nos Estados Unidos e em alguns países da Europa tem sido uma tendência a profissionalização do ativismo no MDA



(WRENN, 2013), no Brasil a situação é diferente e o ativismo predomina no caráter voluntário.

A formação de redes é uma das características do movimento social. Como tal, a amostragem do MDA no Brasil indica uma forte rede interna. Todos os grupos mantêm relações com outros grupos do movimento. Ações conjuntas e diálogos são favorecidos pela proximidade geográfica. Percebem-se, pelas respostas dos questionários, muitas ações conjuntas e diálogos mais constantes nos estados de São Paulo e Rio Grande do Sul, nos quais a diversidade de organizações é maior e a distância menor.

Sem perder o foco da abolição animal, é notável o diálogo com outras causas dentre as organizações dos grupos do movimento – tanto dentro das ações do grupo, quanto com grupos de outros movimentos, o que indica uma intersecção do debate sobre os direitos animais. A causa mais citada é a do movimento feminista, seguida do conceito geral de direitos humanos. Os pontos específicos dos direitos humanos que foram mencionados dizem respeito à educação, à saúde, à liberdade sexual e à alimentação de moradores em situação de rua. Há coerência do movimento em seguir uma linha não opressora e apoiar causas de resistência que apoiam os mais fracos e são contrárias ao preconceito e à opressão. O meio ambiente, o consumo consciente e a mobilidade urbana são outros conceitos que apareceram nos discursos.

Quanto aos opositores dos grupos (Apêndice I), esses se configuram de modo abstrato (cultura, especismo, práticas que exploram animais) e se materializam nas organizações e indivíduos que exploram animais. Nas respostas do questionário foram mencionados opositores gerais, como a própria cultura da utilização de animais, empresas de criação e produção animal e de laticínios; e eventos locais, como rodeios crioulos. A própria corrente bem-estarista de defesa animal é mencionada como adversária, uma vez que, com a sua defesa de “tratamento humanitário” aos animais, e não cessação de uso, vê-se nela um elemento que impede o desenvolvimento do abolicionismo.

O questionário foi aplicado no início da pesquisa apenas para delinear algumas características gerais e saber como cada grupo atua, de acordo com a teoria da mobilização política, que entende que os movimentos sociais têm adversários políticos. O Apêndice I mostra uma parte das respostas do questionário,

privilegiando as respostas discursivas. As respostas exibidas no Apêndice I se prendem especificamente sobre os adversários dos grupos, as dificuldades dos grupos e as considerações que os membros acharam conveniente expressar.

Como um dos objetivos dos movimentos sociais é promover o debate e a mobilização, e os veículos de comunicação exercem um importante papel nesse processo e, quando os movimentos não têm visibilidade na mídia de grande alcance, eles se apropriam de outras mídias. Nesse sentido, a internet é apropriada por grupos do movimento para o trabalho de mobilização e também por integrantes do movimento que querem cumprir com o papel de disseminadores de informação de assuntos relacionados aos animais e ao veganismo. Dessa forma, além dos sites dos grupos ativistas, que acabam atuando tanto nas ruas quanto trazendo essa discussão e mostrando suas ações na internet, há os portais de notícias que se dedicam ao assunto. Os principais são: ANDA – Agência de Notícias dos Direitos Animais<sup>53</sup>, Cameleão<sup>54</sup>, Olhar Animal<sup>55</sup>, Veganagente<sup>56</sup> e Vista-se<sup>57</sup>. Desses, o Camaleão é o único que atua como portal de notícias e grupo ativista fora do mundo digital.

Das várias teorias que fornecem prismas de interpretações sobre o comportamento coletivo, a pesquisa se debruça a teoria da mobilização política, no capítulo seguinte, onde ela é apresentada e os conceitos centrais são trabalhados. Dessa forma, pode-se tencionar a teoria com o objeto de pesquisa e posteriormente fazer a análise de alinhamento de quadros, aporte metodológico dessa teoria. Dessa forma, é possível verificar quais são os direcionamentos interpretativos que os grupos adotam para a questão, quais são os enquadramentos que os grupos utilizam para apresentar publicamente a causa na tentativa de mobilizar pela abolição animal e pelo veganismo, e como os grupos conversam com a sociedade.

A causa dos direitos animais envolve uma questão moral e a mobilização é para o reconhecimento dos animais como seres de direitos, com uma ligação direta com o veganismo. Visto que os animais são amplamente tidos como objetos de consumo, pontua-se que a questão cultural é um fator que dificulta a repercussão da

---

<sup>53</sup> Disponível em: <<http://www.anda.jor.br/>>. Acesso em: 03 de fev. 2015.

<sup>54</sup> Disponível em: <<http://camaleao.org/>>. Acesso em: 03 de fev. 2015.

<sup>55</sup> Disponível em: <<http://www.olharanimal.org/>>. Acesso em: 03 de fev. 2015.

<sup>56</sup> Disponível em: <<http://veganagente.consciencia.blog.br/>>. Acesso em: 03 de fev. 2015.

<sup>57</sup> Disponível em: <<http://vista-se.com.br/>>. Acesso em: 03 de fev. 2015.

reivindicação do movimento. A cultura é um elemento com o qual o enquadramento se relaciona diz respeito, suas oportunidades e restrições – o contexto cultural ao qual a atividade de enquadramento está inserida restringe e facilita a discussão (BENFORD, SNOW, 2000). Como a intenção do MDA dos seus enquadramentos é, *a priori*, de provocar mudanças culturais (a relação tida entre o ser humano e outros animais), uma restrição cultural se apresenta, o que dificulta a entrada na discussão pública (mediatizada). Portanto, como o MDA se comunica com a sociedade e com o governo, na tentativa de emplacar a sua questão e gerar reconhecimento dela, sem a ajuda da grande mídia? Como se dá a atuação dele no meio digital? Quais são os enquadramentos que o movimento usa pra isso? Essa é a discussão dos capítulos seguintes.

## **2 COMUNICAÇÃO PARA A MOBILIZAÇÃO**

### **2.1 Comunicação nos movimentos sociais e no MDA**

Quem há de ser contra os animais? Quem há de ser contra a defesa dos animais? O movimento dos direitos animais, que começou a formular sua base abolicionista na década de 1980 na Inglaterra e que chegou ao Brasil na década de 2000 teve alguns avanços. Há algumas leis municipais que proíbem animais em circo e proíbem entretenimentos que utilizam animais (como rinhas e vaquejadas), há discussões sobre proibição de testes de animais, em âmbitos municipais e estaduais, mas o MDA ainda está longe de conquistar o seu objetivo, a abolição do uso animal (se é que será capaz de conquistá-lo algum dia), isso considerando que as pessoas têm alguma empatia pelos animais. A causa mais justa pode ser desastrosa se não for bem apresentada, de modo que condiga com o que as pessoas consideram justo. Há então uma questão de comunicação.

Tem-se o MDA como movimento político e associação cívica, que age vistas à mobilização social para que a sua visão de mundo acerca dos animais seja compartilhada, com objetivo de intervir politicamente pelos animais, e para isso luta pela edição de leis que garantam a proteção dos animais. A proposta da pesquisa é se debruçar sobre os aspectos da comunicação política que constituem as relações do MDA, levando em conta a produção de sentidos e a situação sócio-cultural, considerando que “a política surge no espaço entre os homens e se estabelece como relação. Ela se refere a um certo tipo de relação e convivência, tendo em vista a intervenção no mundo” (FRANÇA, 1999, p. 12). A política não se encontra nos indivíduos separadamente, mas com o seu agrupamento – é na relação deles que está a política. Ela não se reduz a instâncias políticas formais e a processos eleitorais, mas diz respeito também a grupos não institucionalizados que pretendem alguma intervenção no mundo, a ser feita apenas no acordo com a instância formal da política, cujos participantes são escolhidos também pelos cidadãos, em processos eleitorais.

Para além das arenas políticas formais, as lutas sociais se encontram no espaço da sociedade civil e não apenas no sistema político:

Predomina a percepção de uma sociedade civil que se opõe ao Estado e ao Mercado, buscando impulsionar uma política calcada nas práticas comunicativas. Nas análises situadas na interface entre comunicação e sociedade civil, esta é geralmente entendida como uma esfera capaz de revitalizar a vida política, *contrapondo-se a formas de dominação diversas*. Nesse sentido, movimentos sociais jogariam luz sobre questões de interesse público, *elucidando formas opressivas negligenciadas (ou geradas) pelo Estado e pelas economias de mercado*. Criativos e táticos, tais atores coletivos *descortinariam contradições sociais* e promoveriam o desenvolvimento de *gramáticas morais* e instituições mais inclusivas. Por meio da comunicação, mobilizações coletivas de diversas naturezas contestariam a opressão estrutural a que estão submetidos diversos sujeitos, para usar os termos de Young. Tal mobilização sedimentaria práticas solidárias, articulando indivíduos em torno de causas que ultrapassam interesses privados. (MENDONÇA, 2011, p. 30, grifos nossos).

Assim, o MDA quer colocar publicamente como opressivo o status que os animais têm na sociedade contemporânea (status de propriedade) e a situação como negligenciada pelo Estado (que tem um pilar de sua economia na opressão animal) pelo mercado (que converte a opressão em lucro, e mesmo por indivíduos). O movimento descortina a *contradição social* da sociedade, ao passo que se diz ter valores de paz, amor, compaixão e bondade, mas compactua e causa sofrimento animal. Uma vez que a questão animal carrega o peso moral do comportamento dos seres humanos para com outros seres que possuem sentiência, a gramática moral defendida pelo movimento é de uma cultura inclusiva, na qual os animais possam ser respeitados no seu interesse de viver sua vida.

Assim como para os indivíduos, que têm a comunicação como uma necessidade intrínseca, a comunicação é imprescindível para os movimentos sociais. É por meio dela que os membros do movimento organizam as suas ideias, informam e se formam, apresentam publicamente a sua causa e, se forem bem sucedidos em uma série de fatores, mobilizam. Toda essa articulação do movimento é um processo comunicativo.

Os movimentos sociais têm um papel. Segundo Habermas<sup>58</sup> (apud MAIA, 2009), eles são empreendedores morais, que chamam atenção pública para questões supostamente negligenciadas<sup>59</sup>. Para conseguir tal atenção, tentam ganhar a agenda política, a agenda pública e a agenda midiática, o que é feito na

<sup>58</sup> HABERMAS, J. "Political communication in media society: does democracy still enjoy an epistemic dimension? The impact of normative theory on empirical research". **Communication Theory**, 2006, vol. 16, pp. 411-426.

<sup>59</sup> Com a ressalva de que nem todos os movimentos sociais atuam por "boas causas"; alguns perpetuam a opressão.

apropriação do código de cada campo para a adequação da forma de expressar suas reivindicações, tentam lutar contra injustiças e negociar com outros agentes da sociedade. Os líderes de movimentos sociais, empreendedores morais, grupos de *advocacy* “são essenciais para traduzir problemas, para construir processos de união entre os cidadãos, para sustentar o debate na esfera pública e exercer influência nos corpos políticos institucionalizados” (MAIA, 2012, p.101), eles politizam questões, captam situações problemas, se debruçam sobre elas na tentativa de chamar atenção pública, traduzem-nas para a sociedade, para a reivindicação ganhar adesão social, midiática e, então, adesão da esfera política formal:

Disseminadas pelo tecido social, essas redes cívicas [...] devem ser vistas como 'arenas discursivas temáticas', locais de contestação, de argumentação e de deliberação. Apesar de, do ponto de vista institucional, serem consideradas pré-políticas, elas podem proporcionar um revigoramento de demandas e projetos específicos a serem enviados para as arenas políticas institucionais. Essas redes podem captar a dimensão da experiência dos excluídos do debate, catalisar fluxos comunicativos dos setores mais periféricos da sociedade e agir como ativos interlocutores para “construir problemas de forma convincente nesta ou naquela esfera, e de transmitir essa realidade ao conjunto da sociedade” (ALEXANDER, 1997, p. 25)<sup>60</sup>. (MAIA, 2001, p. 8-9).

Daí a importância de se discutir a relação do movimento com a mídia e com as tecnologias digitais. Como, atualmente, a vida social é em grande parte midiaticizada e fala-se até de um espaço público midiaticizado, os movimentos sociais também se apropriam das mídias para mandar a sua mensagem. É sabido que ONGs, associações e mesmo movimento sociais agem com mais força em contextos locais, se utilizando de mídias para um público segmentado e instrumentos de comunicação para uma atuação face a face, fazem uma comunicação aproximativa (PERUZZO, 2011). O argumento da pesquisa, porém, é que as organizações sociais que inserem problemáticas de maiores contextos, problemáticas globais, como é o caso do MDA, não podem ignorar a grande mídia e devem fazer uma apropriação estratégica da internet. Além disso, se mostra importante estudar o MDA no âmbito nacional, o que é possível na observação do comportamento dos grupos da internet.

---

<sup>60</sup> ALEXANDER, J. Ação coletiva, cultura e sociedade civil: Secularização, revisão e deslocamento do modelo clássico dos movimentos sociais. **RBCS** - vol. 13, no. 37, Junho de 98.

Como Maia (2009) argumenta, o alcance da grande mídia e sua influência na agenda pública faz com que passar por ela dê a chance de assuntos e causas ganharem maior visibilidade do que teriam se permanecessem sendo ações diretas ou com mídias locais e segmentadas. Já que a grande mídia contribui para agendar a esfera pública, com a inserção de temas, seria ingênuo da parte dos movimentos sociais ignorar tal influência e não fazer esforços para obter tal atenção pública – esforços que muitas vezes se traduzem na espetacularização da ação. Contudo, a observação prévia à pesquisa mostrou que a vertente abolicionista da causa animal não tem visibilidade midiática<sup>61</sup>, o que leva a investigar o MDA na internet.

## 2.2 Advocacy

O movimento dos direitos animais faz reivindicações não para os seus membros, mas pensando nos interesses de terceiros, os animais. Se o MDA reivindica, intercede e faz uma defesa em favor dos animais, ele advoga para os animais. Tem-se um caso de *advocacy*.

Interceder a favor de, defender com razões e argumentos, defender ou atacar uma causa em juízo são origens semânticas do *advocacy* que vão ao encontro a como ele é entendido na comunicação política. Uma noção simples do conceito é o exercício de “advogar” em favor de inúmeros sujeitos, sem voz e vez nas arenas políticas formais, em condições de violação de direitos, de sofrimento moral e/ou de invisibilidade na cena pública” (MAFRA, 2014, p. 182). Então, o que os grupos do movimento fazem é advogar em nome dos animais, que não tem voz e vez nas arenas políticas formais já que, embora alguns esforços alcancem resultados satisfatórios na forma de leis, eles ainda são muito pequenos frente à situação de opressão animal; em condição de violação da vida, de violação do corpo e do ser, mas não de direitos, uma vez que os animais não têm o reconhecimento do seu direito à vida; em condições de sofrimento moral, já que a questão da relação entre os humanos e os animais ainda negligencia que a condição de senciência dos animais coloca uma necessidade de respeito, a ser consumido na consideração dos

---

<sup>61</sup> Uma exceção recente é a ocupação do Instituto Royal, laboratório de testes em animais, em São Roque (SP). Em outubro de 2013, numa ação disruptiva, ativistas do MDA, protetores e simpatizantes invadiram o local para resgatar os animais da tortura, mutilação e maus-tratos ocasionados pelos testes. Esse episódio teve cobertura midiática.



animais no espectro moral; e que são invisíveis na cena pública, já que são raros os debates públicos sobre o assunto.

O conceito não designa explicitamente uma relação cívica voltada à promoção do interesse comum, podendo também ser voltado a defender interesses particulares de cada sujeito. Mafra (2014, p.183) classifica o *advocacy* em três designações, distintas por finalidades didáticas, mas que podem se entrecruzar:

- a) um conjunto de habilidades particulares, elencadas numa situação comunicativa; b) um conjunto de competências técnicas para acesso ao campo político e/ou ao campo midiático, bem como para mobilização de grupos e sujeitos; e c) um tipo particular de representação, cunhado por atores políticos em contextos nos quais se advoga por causas, em nome de outros.

Segundo o autor, pensar o *advocacy* como um conjunto de habilidades dentro de uma ação comunicativa é reconhecer o caráter persuasivo e o caráter comunicativo da atividade – por meio da comunicação os grupos advogam em prol de uma causa formando uma narrativa de convencimento para ela. Além da retórica, o convencimento da gravidade de um problema é fundamental, e quando a solução advogada entra em consonância com a visão dos outros as chances de sucesso do *advocacy* são maiores. Portanto, as habilidades se desdobram nos esforços de convencimento da gravidade de um problema, na convocação dos outros a reconhecer a existência desse problema e no convencimento de que a solução advogada é viável e deveria ser adotada.

Já pensar o *advocacy* como um conjunto de competências técnicas para acesso ao campo político e midiático, bem como para mobilização de grupos e sujeitos, é pensar em estratégias de apresentação daquilo que se deseja mostrar para a aquisição de visibilidade. Os grupos de *advocacy* aqui tentam conseguir acesso ao espaço político, ao midiático e ao social, a partir da aprendizagem da gramática desses campos e apropriação qualificada dela, feita com grande investimento em ações estratégicas.

Por último, o *advocacy* como tipo particular de representação, cunhado por atores políticos em contextos nos quais se advoga por causas em nome de outros, é se aproximar da problemática da representação política, relacionados aos estudos de democracia. Se, por um lado, pensar a democracia não cabe imediatamente na



proposta da pesquisa, pensar um dos problemas de representação se mostra pertinente: a legitimidade da representação.

Além de Mafra (2014), Maia (2012) discorre sobre essa problemática. A representação que o *advocacy* promove não para na simples representação, mas carrega consigo a necessidade do diálogo entre os representantes e os representados para que as ideias advogadas tenham legitimidade, ou seja, para que os representantes apresentem reivindicações que sejam verdadeiras demandas dos representados, de modo que o discurso em nome de outros não se torne apenas formal, vazio, ou constitua novas fontes de alienação e opressão. Portanto, para uma representação legítima, é necessário compreender os sujeitos representados como moral e politicamente autônomos e potencialmente capazes de codeterminar suas prioridades, como querem viver suas vidas, mantendo o diálogo, o questionamento, o *feedback*, para manter ou alterar a direção da representação, de acordo com as demandas dos representados.

Maia (2012, p.98) defende que “uma identificação bem-sucedida de maus tratos e violência, privação de direitos e exclusão ou, ainda, degradação e ofensa não pode prescindir da experiência, sofrida necessariamente na primeira pessoa” e que uma experiência subjetiva não é uma fonte confiável de justificação na esfera pública, estando a confiabilidade nos discursos de justificação (que possam até serem representados em âmbitos da política formal, âmbitos legislativo e executivo). “Assim sendo, não basta somente *expressar* reivindicações ou torná-las *inteligíveis*, mas é preciso construir *justificação* para que as reivindicações possam ser potencialmente aceitas” (p. 103), daí a importância do enquadramento. Uma vez que as demandas de um grupo tocam demandas de outros grupos, numa cadeia complexa, o escrutínio público para a justificação também torna a reivindicação legítima e aceitável moralmente.

O diálogo é algo que não pode ser travado entre o MDA (movimento de *advocacy*, representantes) e os animais (representados). A própria capacidade de ser politicamente autônomo é ausente nos animais. Como visto no capítulo anterior, mesmo na impossibilidade de uma comunicação humana, a observação do comportamento animal forneceu substância para que a ideia de direitos animais fosse criada e desenvolvida, para se acreditar que os animais têm interesse na privação de dor e interesse na vida; e a forma que eles estão hoje colocados na

sociedade, o status de propriedade, gera justamente o oposto ao interesse da vida animal, oprimindo os animais. E é essa observação que fornece ao movimento o que ele acredita ser o aval de legitimidade para continuar a atuar de tal maneira e é a justificação que os representantes dão para legitimar tal representação. Essa é a construção que o MDA faz do problema, segundo a sua moral que interpreta como justo os direitos animais.

De outro modo, se, por um lado, o diálogo como forma ideal de legitimar a representação não é possível no caso do movimento, por outro, o movimento constrói argumentos pelos animais. No MDA, a senciência é a justificativa que legitima a representação que o movimento carrega dos animais, na defesa deles. A capacidade de sentir dor conscientemente, que os animais possuem (em semelhança aos humanos), é a justificação para a reivindicação de que eles deveriam ter suas vidas protegidas. A reivindicação pelos animais ainda se dá em níveis que não correspondem diretamente aos animais, com justificativas públicas que talvez caibam melhor nos valores compartilhados coletivamente, como cuidados com a saúde, preservação do meio ambiente, melhora de algumas condições socialmente degradantes e a prática da espiritualidade<sup>62</sup>. Já quanto ao escrutínio público, ele se torna mais evidente quando há oportunidade para a entrada do debate na mídia de massa, onde vários atores são colocados em confronto para argumentação. Na internet e no *corpus* da pesquisa, a contestação pode ocorrer nos comentários das publicações no Facebook.

A politização de questões também é um elemento dos grupos de *advocacy*, que captam sentimentos de injustiça e interpretação de necessidades vivenciadas por sujeitos que sofrem opressão e articulam esse sentimento de injustiça numa linguagem pública, de modo que todos compreendam (MAIA, 2012). Uma ressalva a ser feita sobre os grupos *advocacy* é que “todas as formas de representação são parciais e incompletas. Todos os tipos de representação informal possuem falhas” (MAIA, 2012, p.106). Mesmo as representações mais fidedignas possuem falhas, são parciais; mesmo os representantes mais bem esclarecidos e bem-intencionados

---

<sup>62</sup> Entender quais argumentos emplacam melhor para as pessoas considerarem a opinião a favor dos animais não é uma tarefa da dissertação, visto que isso demandaria uma longa pesquisa, em vários aspectos muito distinta da realizada.

podem reivindicar um reconhecimento restrito ou distorcido, que pode provocar resistência e contestação.

### **2.3 A mobilização pela comunicação: o processo de enquadramento da ação coletiva**

A teoria pertinente para observar algumas características comunicativas do movimento dos direitos animais no Brasil é a teoria da mobilização política (MP). Desenvolvida nos anos 1970 e 1980 para pesquisar movimentos sociais e ação coletiva, e sendo revista nos últimos anos, ela fornece elementos importantes para observar o ativismo também na internet. A teoria da mobilização política nasce de um debate da teoria da mobilização de recursos, que analisa os movimentos com uma ótica econômica. Já a teoria da mobilização política destaca o processo político dos movimentos; agrega a cultura na sua análise e a faz mais interessada nos símbolos e ideias presentes nos discursos, enquanto veículos de significados sociais que configuram as ações coletivas (GOHN, 2012).

Na teoria da mobilização política, o confronto político ganha destaque, uma vez que, para Tarrow (2009), toda ação coletiva é marcada pelo confronto político, que ocorre quando “pessoas comuns, sempre aliadas a cidadãos mais influentes, juntam forças para fazer frente às elites, autoridades e opositores” (p. 18). Ele tem início quando, coletivamente, as pessoas fazem reivindicações a outras, cujos interesses seriam afetados se essas reivindicações fossem atendidas (McADAM *et al*, 2009), quando oportunidades e restrições políticas em mudança criam incentivos para atores sociais com menos recursos (TARROW, 2009). O confronto político é o momento em que se evidenciam os conflitos sociais e cuja discussão passa necessariamente pela mídia, cuja atuação tem influência no enquadramento das percepções em disputa na esfera pública. Para os pesquisadores da teoria da mobilização política, uma das condições para a interação coletiva ser incluída no confronto político é que pelo menos um grupo da interação seja um governo, uma vez que é essa organização que controla os meios de coerção no território.

Os confrontos políticos acompanham a história desde o seu início, mas “prepará-los, coordená-los e mantê-los contra opositores poderosos é a contribuição singular dos movimentos sociais – uma invenção da Idade Moderna que

acompanhou o surgimento do Estado Moderno.” (TARROW, 2009, p. 18). Tarrow (2009, p. 18) designa movimentos sociais como “sequências de confronto político baseadas em redes sociais de apoio e em vigorosos esquemas de ação coletiva e que, além disso, desenvolvem a capacidade de manter provocações sustentadas contra opositores poderosos”. As interações sustentadas com opositores, ou movimentos sociais, resultam de lutas que giram em torno de grandes divisões da sociedade, da reunião de pessoas em volta de símbolos culturais e da ampliação ou construção de redes sociais e estruturas conectivas.

De acordo com essa definição, ao observar o contexto em que o movimento dos direitos animais está inserido no Brasil, o confronto político que o movimento trava é com as estruturas políticas, institucionais e culturais, ao ter essas instâncias como alguns dos opositores acerca da questão do uso animal, uma vez que elas privilegiam o uso animal para aproveitamento humano, considerando os animais objetos ou recursos. Assim, o movimento fortalece a identidade do veganismo ao reunir seus membros e conta com uma rede social de apoio, como pôde ser verificado pelas respostas ao questionário, e com esquemas de ação coletiva, sempre agindo coletivamente para tornar a reivindicação pública por meio da comunicação, e desenvolvendo provocações contra opositores poderosos, como grandes organizações e a aliança que há entre as indústrias de utilização animal e a política. Os esquemas de ação coletiva do MDA, que formam o seu repertório de confronto, serão discutidos ainda nesse capítulo.

Para o Tarrow (2009), os movimentos sociais têm três processos principais, que são: preparar os desafios coletivos; instigar redes sociais, objetivos comuns e quadros culturais; e construir a solidariedade através das estruturas de ligação e das identidades coletivas para manter a ação coletiva. Como propriedades empíricas eles possuem protesto coletivo, objetivo comum, solidariedade social e interação sustentada. Outra característica é a de preparar desafios por meio de ações disruptivas diretas, que são quase sempre públicas (MELLUCCI<sup>63</sup> apud TARROW, 2009).

A teoria da mobilização política discorre sobre três fatores: oportunidades políticas, estruturas de mobilização, e processos de enquadramento. O primeiro fator

---

<sup>63</sup> MELUCCI, A. **Challenging codes**: collective action in the information age. Cambridge. 1996.

da teoria da MP, a oportunidade política, trata dos momentos de confronto político, quando se tornam visíveis as restrições e oportunidades políticas. O conceito foi desenvolvido por Gamson e Meyer (1996) e “refere-se às dimensões do ambiente político que estimulam a ação coletiva na medida em que afetam as expectativas das pessoas quanto ao sucesso ou fracasso da ação” (PRUDENCIO e LEITE, 2013, p. 454). De acordo com isso, o alvo da maioria dos protestos e movimentos sociais é o Estado e protestos e mobilizações tornaram-se uma forma institucionalizada (com repertórios conhecidos) de acompanhamento das políticas públicas.

As estruturas de mobilização, por sua vez, dizem respeito a como os atores se organizam para dar conta das oportunidades. São meios coletivos, formais e informais, através dos quais as pessoas se mobilizam e se engajam em ações coletivas. Tendo o ambiente político como central no processo de mobilização, a estrutura de mobilização enuncia a interação entre atores políticos de organizações políticas institucionalizadas (como o Estado, o governo e partidos políticos) e atores políticos de demais grupos sociais (não institucionalizados).

Já o terceiro fator, o processo de enquadramento, trata dos processos cognitivos de definição de agendas para o debate público. O enquadramento é um processo coletivo de interpretação, atribuição e construção social que faz mediação entre oportunidades e ação (McADAM *et al*, 1996). A concepção original está em Snow (1986), que define o enquadramento como esforços estratégicos de grupos para produzir um entendimento comum sobre o mundo, que venha a legitimar e motivar a ação coletiva; é um esforço de mobilização de consenso e de identidade. Aqui se insere o objeto da pesquisa, a comunicação do MDA no Brasil, especificamente os direcionamentos interpretativos dos grupos que o compõem. A dimensão estratégica do enquadramento “fica mais perceptível quando os atores se deparam com adversários (*frame contest*). Na disputa de enquadramentos (para legitimar o argumento público) entre atores, o Estado e alguns contramovimentos, o mediador principal é a mídia” (PRUDENCIO e LEITE, 2013, p.454). No caso do MDA, essa mediação existe em raros momentos. Daí reforça-se a importância de se observar os processos de enquadramento dos grupos.

### 2.3.1 Enquadramento

Segundo a teoria da mobilização política, o enquadramento é uma atividade estratégica, acionada quando se abrem oportunidades políticas para a mobilização social e que encontra na mídia um papel importante. Dessa forma, a análise de enquadramento observa como são construídos os enquadramentos acerca do mundo e quais os recursos e medidas utilizados para lidar com isso.

A noção de enquadramento foi apresentada originalmente por Gregory Bateson, em estudo sobre a psicologia. Logo essa noção foi apropriada por sociólogos (ganhando ainda noção política e comunicativa) e o sociólogo Erving Goffman elaborou a análise de enquadramento (*frame analysis*). Na apropriação da noção de enquadramento por Goffman, o termo enquadramento (*frame*) designa as estruturas de sentido delineadas pelos sujeitos nas situações que enfrentam (MENDONÇA; SIMÕES, 2012). No campo de conhecimento da sociologia, o enquadramento é herdeiro do interacionismo simbólico, desenvolvido na Escola de Chicago. O conceito dialoga com o pragmatismo, a fenomenologia e a etnometodologia e, nas palavras de Benford e Snow (2000, p. 614, tradução nossa): “para Goffman *frames* denotam ‘esquemas de interpretação’ que habilitam aos indivíduos ‘localizar, perceber, identificar e trabalhar’ ocorrências no espaço de suas vidas e no mundo em geral”<sup>64</sup>. Dito de outra forma, os *frames* organizam a experiência e guiam a ação.

Em Goffman, as interpretações são dirigidas a partir dos quadros primários (*primary frameworks*), que são quadros simples, que já têm sentido em si mesmo, sem a necessidade de se recorrer a outro enquadramento prévio. Dos quadros primários se dá a interação com agentes que tentam direcionar o assunto em questão com interpretações de acordo com os seus próprios valores e objetivos, enquadrando o assunto ao seu modo. Portanto, *framing* é mais que interpretar; é criar e atribuir significado pela hierarquia de importância a fatos da realidade em disputa. Nesse alinhamento, os atores:

---

<sup>64</sup> No original: “For Goffman, frames denoted “schemata of interpretation” that enable individuals “to locate, perceive, identify, and label” occurrences within their life space and the world at large” (BENFORD; SNOW, 2000, p. 614).

conectam quadros culturais existentes a uma questão ou problema particular, esclarecem e revigoram um quadro interpretativo que se relaciona a uma questão específica e expandem os limites do quadro primário de um movimento para incluir interesses ou pontos de vista mais amplos. (GOFFMAN<sup>65</sup> apud TARROW, 2009, p.144).

Para pontuar a importância da mídia de massa no processo de enquadramento, Gamson (2011) discorre sobre a centralidade que ela tem nesse processo. Enquanto as redes sociais recrutam pessoas para a ação, a mídia de massa tem importância na medida em que seu grande alcance leva o assunto em discussão a pessoas que não o conheceriam de outra forma. Já que a mídia faz a questão reivindicada por um grupo chegar a mais pessoas, ela se constitui como um espaço estratégico para articular demandas autênticas dos membros dos grupos e fortalece a organização. A interação entre ativistas e autoridades não é direta, mas acontece pela mídia, sendo a mensagem direcionada a vários outros atores e à sociedade. Para o autor, entender a relação entre mídia e movimentos sociais passa pela questão de como os temas são enquadrados pela mídia e como os movimentos sociais os re-enquadram, uma questão desenvolvida por Prudencio (2009), mas que não cabe à dissertação, visto que o MDA tem pouca presença na mídia de massa. Partindo do pressuposto de que os grupos do MDA se comunicam mesmo sem a visibilidade da mídia de massa, e mesmo forçam a sua entrada nela, entende-se que eles se apropriam do espaço livre que é a internet. Então, a pesquisa observará como são construídos os enquadramentos nesse universo.

Visto que o enquadramento é um processo de construção de sentido, o que denota um fenômeno ativo, processual, que implica na agência e na contenção ao nível da realidade, a partir da noção de enquadramento, os movimentos são vistos como agentes de significação ativamente envolvidos na produção e manutenção de significado para constituintes. Eles estão profundamente envolvidos, juntamente com a mídia, governos locais e do Estado, no que tem sido referido como "a política de significação" (HALL<sup>66</sup> apud SNOW e BENFORD, 2000).

---

<sup>65</sup> GOFFMAN, E. **Frame Analysis: an essay on the organization of experience**. Cambridge, Mass: Harvard University Press.

<sup>66</sup> HALL, S. The rediscovery of ideology: return to the repressed in media studies. In: **Culture, Society and the Media**, ed. M Gurevitch, T Bennett, J Curon, J Woolacott. New York: Methuen. 1982. pp. 56-90.



Daí que surge outra apropriação do conceito, para tratar justamente de movimentos sociais, feita por Snow e Benford (2000). O argumento para a apropriação é que há uma categoria especial de entendimento cognitivo dentro do enquadramento quando se trata de enquadramentos feitos por movimentos sociais, uma vez que eles possuem características próprias. Esses enquadramentos foram então chamados de *quadros interpretativos de ações coletivas*, e dizem respeito a como os movimentos sociais constroem significados para a ação, são o resultado da atividade de enquadramento de atores coletivos. Um quadro interpretativo é um “esquema interpretativo que simplifica e condensa o “mundo lá fora”, salientando e codificando seletivamente objetos, situações, eventos, experiências e sequências de ações num ambiente presente ou passado” (SNOW e BENFORD<sup>67</sup> apud TARROW, 2009, p. 143). Isto é, além de simplificar e condensar o “mundo lá fora”, os quadros da ação coletiva fazem isso com fins de mobilização, para ganhar apoio e desmobilizar antagonistas. Enquadrar reivindicações de um jeito que convença uma larga e diversa audiência da necessidade e utilidade da tentativa coletiva de corrigi-las é uma das tarefas dos movimentos sociais (McCARTHY *et al*, 1996). E isso não é feito sem um conjunto de crenças e significados orientados para ação. Então os quadros da ação coletiva são resultados da negociação de atitudes e percepções individuais, e do significado compartilhado (GAMSON, 2011).

Os quadros interpretativos de ação coletiva enfatizam e ressaltam a gravidade e a injustiça em uma situação social, ou redefinem como injusto ou imoral o que era visto como desastroso, mas talvez tolerável. O enquadramento interpretativo define a situação de descontentamento e também o “nós” e o “eles” na estrutura do conflito de um movimento social. Por meio do conteúdo da mensagem, para definir o “nós”, o movimento constroi também sua identidade, e para definir o “eles”, projetam imagens e atributos dos seus adversários. Além disso, eles articulam alternativas e arranjos, exortam outros e agem em conjunto para efetuar a mudança desejada.

Quanto à injustiça, é uma boa definição do injusto que leva à revolta e à ação. As reivindicações precisam do seu aporte para se legitimarem e ganharem adeptos. A injustiça se refere à indignação moral, expressa em forma de consciência política e

---

<sup>67</sup> SNOW, D. BENFORD, R. Master frames and cycles of protest. In: MORRIS, A. & MUELLER C. McClurg (orgs.). **Frontiers in Social Movement Theory**. New Haven: Yale University Press. 1992. P. 133-155.



tem relação com expressões ligadas às emoções (GAMSON, 2011). É a partir da ideia de uma situação injusta que os atores elaboram suas reivindicações e colocam publicamente a sua demanda, chamando pessoas para se juntar à causa. Daí que pesquisadores da teoria da mobilização política e de ação coletiva dão ênfase ao componente de injustiça, como um componente que *fornece sustentação para a ação* (McADAM<sup>68</sup> apud GAMSON, 2011, p. 55): “antes que a ação coletiva possa ser posta em marcha, as pessoas precisam definir coletivamente suas situações como injustas”. De acordo com Moore<sup>69</sup> (apud GAMSON, 2011, p. 55), os movimentos devem definir uma situação como injusta e moralmente inconcebível, definindo os responsáveis e provendo soluções:

Qualquer movimento político contra a opressão tem que desenvolver um novo diagnóstico e solução para formas existentes de sofrimento, um diagnóstico e solução por meio dos quais esse sofrimento seja apresentado como moralmente condenável.

Com uma boa definição de injustiça moralmente condenável, os atores não acionam a parte de julgamentos abstratos sobre o que é igualitário nas pessoas, eles focalizam nelas a emoção da raiva justa “que gera revolta no íntimo dos indivíduos e trespassa a alma” (GAMSON, 2011, p. 56). Para que a injustiça esteja presente no enquadramento, o alvo precisa ser concreto, caso contrário, se a fonte de injustiça e sofrimento forem forças impessoais e abstratas, a percepção que fica é que nada pode ser feito para mudar a situação. De outra forma, os atores precisam se esforçar para dar uma boa definição dos responsáveis pela situação injusta, não citar fontes vagas e difusas de injustiça.

Snow e Benford (2000) dividiram os quadros de ação coletiva em dois conjuntos: o primeiro, chamado de atividades no núcleo de enquadramento (*core framing tasks*), diz respeito às tarefas centrais orientadas para a ação, enquanto o segundo, atores do movimento (*movement actors*), refere-se à ação do movimento, aos processos discursivos, interativos que atendem às tarefas do enquadramento do núcleo e, então, geram os quadros de ação coletiva. O alinhamento de quadros, em que a pesquisa se debruça, diz respeito aos dois conjuntos.

<sup>68</sup> McADAM, D. **Political Process and the Development of Black Insurgency**. Chicago: University of Chicago Press, 1982.

<sup>69</sup> MOORE, B. Jr. **Injustice: The Social Bases of Obedience and Revolt**. White Plains, NY: M. E. Sharpe, 1978.

São três as atividades de enquadramento do núcleo: enquadramento de diagnóstico (*diagnostic frame*), enquadramento de prognóstico (*prognostic frame*) e enquadramento motivacional (*motivational frame*). É com o enquadramento de diagnóstico que os movimentos sociais identificam a fonte do problema, a culpa, os responsáveis pela injustiça (uma atividade que não ocorre sem controvérsias dentro do movimento). Já o enquadramento de prognóstico envolve a articulação de uma proposta de solução para o problema, sendo que tende a haver uma correspondência entre o enquadramento diagnóstico e o de prognóstico (SNOW; BENFORD, 2000). Por fim, o enquadramento motivacional fornece uma justificativa para se engajar em uma ação coletiva, incluindo a construção de vocabulários adequados de motivação, que evoluem gravidade, urgência, eficácia e adequação (GAMSON<sup>70</sup> apud SNOW e BENFORD, 2000). O enquadramento motivacional enfatiza a gravidade da questão, usa palavras de urgência para mudança de atitude e convida para a ação.

Já as atividades do segundo conjunto, *movement actors*, que geram os quadros de ação coletiva, diz respeito a três processos sobrepostos: discursivo, de contestação e estratégico. O discursivo é a conversação, o discurso dos atores. O de contestação, *counter framing*, se refere às tentativas de refutar, minar, ou neutralizar versões da realidade dadas por outros atores, que, por sua vez, vão fazer o mesmo e assim se dá a disputa de enquadramento (*frame contests*). Os autores pontuam que o *frame contest* também pode ocorrer internamente, com desacordos intra-movimento sobre diagnósticos e prognósticos; e que há ainda um terceiro tipo de disputa, referido como disputas de quadro de ressonância (*frame resonance dispute*), que implicam em divergências sobre como a realidade deve ser apresentada de modo a maximizar a mobilização (SNOW e BENFORD, 2000). Por fim, há o processo estratégico, que são processos de enquadramento deliberativos, utilitários e com objetivo direcionado. Esforços estratégicos para vincular os interesses do movimento e quadros interpretativos com os de potenciais mobilizados foram conceituados como "processos de alinhamento de quadro", que serão discutidos no tópico seguinte.

---

<sup>70</sup> GAMSON, W. Constructing social protest. In: Johnston, H. Klandermans, B. (eds). **Social Movements and Culture**. Minneapolis, MN: University of Minnesota Press. 1995, p. 95-106.

Outro conceito importante dentro do enquadramento é o quadro mestre (*master frame*). Assim são nomeados os quadros de ação coletiva que são mais amplos em termos de escopo, em contraste com os quadros de ação coletiva específicos, que são derivados a partir dos quadros mestres. Porém, os *master frames* não são quadros gerais, centrais ou principais de um movimento social, que são melhores definidos como quadros organizacionais (EVANS<sup>71</sup> apud SNOW e BENFORD, 2000).

Dentre diversos fatores que os pesquisadores indicam que influenciam os quadros da ação coletiva, destacam-se aqui dois que têm maior pertinência aparente para o movimento dos direitos animais. O primeiro deles é a “*comensurabilidade experiencial*”, que se preocupa se os quadros são congruentes ou ressonantes na experiência cotidiana das pessoas a serem mobilizadas, ou se os quadros são abstratos demais e muito distantes da vida dessas pessoas. Os autores colocam que quanto mais próximo da vida das pessoas são os enquadramentos, mais é a saliência deles e maior é a probabilidade de mobilização (SNOW e BENFORD, 2000). O segundo fator de influência é a *fidelidade narrativa*, que se refere à ressonância cultural dos enquadramentos, que, provavelmente, têm maior perspectiva de mobilização quando suas metas ressoam com narrações culturais.

Por fim, os autores mencionam alguns fatores contextuais. Eles constituem uma parte importante do processo devido ao enquadramento ser uma dinâmica, um processo que não ocorre em um vácuo estrutural ou cultural – ao contrário, o processo é afetado por vários fatores sócio-culturais. Três fatores são mencionados: a) oportunidades políticas, b) oportunidades e restrições culturais e c) público-alvo. Sobre o contexto cultural, Snow e Benford (2000, p. 629) discorrem:

Os materiais culturais mais relevantes para os processos de enquadramento incluem o estoque existente de significados, crenças, ideologias, práticas, valores, mitos, narrativas, e semelhantes, todos os que podem ser entendidos como parte de metafórico “kit de ferramentas” de Swidler (1986), e, assim, os quais constituem a base dos recursos culturais a partir do qual novos elementos culturais são formados, tais como inovadores quadros de ação coletivos, bem como a lente através da qual enquadramentos são interpretados e avaliados. A partir desta perspectiva, os movimentos são

<sup>71</sup> EVANS, J. H. 1997. Multi-organizational fields and social movement organization frame content: the religious pro-choice movement. **Sociol. Inq.** 67:451-69

"tanto os consumidores de significados culturais existentes e produtores de novos significados" (Tarrow, 1992, p. 189, tradução nossa).<sup>72</sup>

As oportunidades políticas remetem aos aspectos voláteis da realidade, eventos inconsistentes, políticas e atores políticos. Esses elementos voláteis são o coração das explicações de mobilização e desmobilização que enfatiza a interação entre as estratégias do movimento (o enquadramento) e a abertura e o fechamento de oportunidades (GAMSON e MEYER, 1996). Os autores argumentam que há uma conexão entre as políticas institucionalizadas e os movimentos sociais, que os movimentos sociais são influenciados pelo conjunto de oportunidades e constrangimentos políticos – únicos em cada contexto nacional.

As disputas de enquadramento não ocorrem somente entre movimentos ou entre movimentos e outros atores, como a mídia e o governo. Gamson e Meyer (1996) argumentam que há uma disputa interna e externa para definir a situação e definir o que deve ser feito. Costuma-se pensar em movimento social como uma unificada entidade, com diferenças irrelevantes, mas, a diversidade de pensamentos e enquadramentos dentro de um movimento é grande – raros são os enquadramentos consensuais dentro de um momento. Dessa forma, “é mais útil pensar em enquadramento como um processo de disputa interna dentro dos movimentos com diferentes atores tomando posições diferentes”<sup>73</sup> (GAMSON e MEYER, 1996, p.283, tradução nossa).

De modo geral, o MDA nasce de uma divisão com o bem-estar animal, a partir do *master frame* da defesa animal, o quadro abrangente que coloca os animais como sujeitos que merecem cuidados e proteção contra maus-tratos. O MDA coloca como injusto o status dos animais na sociedade, Para ressaltar os tons de gravidade e urgência dessa injustiça, falam do sofrimento e da crueldade a que os animais são submetidos nos diversos usos feitos deles, com um conflito acerca do uso de imagens fortes (chamados *choques morais*). Culpam por essa injustiça a

<sup>72</sup> No original: “The cultural material most relevant to movement framing processes include the extant stock of meanings, beliefs, ideologies, practices, values, myths, narratives, and the like, all of which can be construed as part of Swidler’s metaphorical “tool kit” (1986), and thus which constitute the cultural resource base from which new cultural elements are fashioned, such as innovative collective action frames, as well as the lens through which framings are interpreted and evaluated. From this perspective, movements are “both consumers of existing cultural meanings and producers of new meanings” (Tarrow 1992: 189).”

<sup>73</sup> No original: “it is more useful to think of framing as an internal process of contention within movements with different actors taking different positions”.

cultura especista, a falta de informação das pessoas, o bem-estarismo (que divulga o uso humanitário) e os exploradores de animais (empresas e indivíduos que usam animais). A solução apresentada pelo MDA é o veganismo, ou seja, o não-uso dos animais, e a sua ação é feita através do diálogo com a sociedade (nas chamadas “campanhas de conscientização” pelos ativistas) e, por alguns grupos, com o poder político, com propostas de leis.

Mas mesmo dentro do MDA há disputas de enquadramento. Os grupos direcionam interpretativamente o debate de distintas maneiras, ou seja, eles enquadram o debate de formas diferentes, de acordo com a convicção de efetividade de ação de cada grupo (PRUDENCIO; CARBORNAR, 2015). Foi identificada uma ruptura na construção consenso do grupo, a disputa entre abolição imediata e abolição gradativa, que indica diferenças em relação ao *prognostic frame*. O primeiro coloca o veganismo de forma clara e contundente, como algo que pode e deve acontecer *agora*, enquanto o segundo coloca o veganismo de forma sutil, como algo que pode acontecer através da experimentação dele e adoção gradual.

### 2.3.2 Alinhamento de quadros

Os movimentos sociais precisam enquadrar as suas reivindicações de modo a atrair seguidores e construir redes sociais conectivas (TARROW, 2009). É através do alinhamento de quadros que o agir estratégico oferece à mobilização a oportunidade de alcançar o objetivo. O alinhamento pode ser feito por quatro tipos de processos: *frame bridging*, *frame amplification*, *frame extension*; *frame transformation* (SNOW *et al*, 1986).

O *frame bridging* liga dois quadros congruentes, mas ideologicamente desconectados. Ocorre através da ligação de uma demanda do movimento com sentimentos não mobilizados da sociedade. Snow e Benford (2000) suspeitam que esse processo de enquadramento seja o mais prevalente nos enquadramentos estratégicos. O *frame amplification* envolve a “idealização, embelezamento, esclarecimentos ou fortalecimento de valores ou crenças existentes” (SNOW, BENFORD, 2000). O *frame amplification* é particularmente relevante para os movimentos que dependem da consciência diferente dos beneficiários do movimento e aos movimentos que têm sido estigmatizados pelos seus valores, quando eles

contradizem os da cultura dominante. Em trabalho anterior com análise de alinhamentos de quadros de quatro grupos do MDA, Prudencio e Carbornar (2015) identificaram que os grupos usam mais *amplification* como estratégia comunicativa. Talvez o motivo seja que os grupos buscam reafirmar os seus valores, já que querem ampliar o valor de bondade, compaixão e não-agressão, já existente, aos animais. Além disso, necessitam de retórica para “conscientizar”.

O *frame extension* implica descrever os interesses do movimento social para além dos seus interesses primários, incluindo questões e preocupações que se presume ser de importância para os potenciais mobilizados. Snow e Benford (2000) apontam conclusões de estudos de que essa estratégia comunicativa gerou aumentos de conflitos e disputas dentro do movimento em questões de “pureza” ideológica e eficiência, e levou à instabilidade do movimento quando essa estratégia foi desagradável aos líderes do movimento.

Por fim, o *frame transformation* refere-se a mudar velhos entendimentos e significados ou gerar novos. Um exemplo da transformação de quadro é a Marcha do Parto em Casa, ação coletiva organizada por meio das redes sociais virtuais, realizada nos dias 16 e 17 de junho de 2012, em 30 cidades brasileiras. A reivindicação inicial da marcha era adquirir o reconhecimento público da legitimidade do parto em casa, uma prática que havia se tornada escassa. Na interação comunicativa com a sociedade e com instituições médicas, a Marcha pelo Parto em Casa fez concessões, negociou, e se transformou em Marcha pelo Parto Humanizado, reivindicando a humanização do parto em hospitais e mesmo em cesáreas (GONÇALVES, 2014). De forma resumida:

*Frame bridging* é a ligação de dois ou mais quadros congruentes, mas ideologicamente desconectados a respeito de um determinado assunto ou problema. Refere-se ao trabalho de relações públicas das mobilizações: conectar as demandas particulares de um grupo com o restante da sociedade. *Frame amplification* refere-se ao esclarecimento e fortalecimento de um quadro interpretativo sobre um determinado assunto, problema ou conjunto de eventos. É o trabalho de apresentar o argumento para além dos já mobilizados. O *frame extension* pode ser explicado pela expansão das fronteiras do quadro principal (*primary framework*) protagonizada por um grupo de forma a englobar interesses ou pontos de vistas que nem sempre correspondem aos seus objetivos primários, mas que possuem considerável relevância para potenciais adeptos. É o quadro resultante da troca argumentativa. Por fim, o *frame transformation* refere-se ao surgimento de um novo quadro que interpreta os acontecimentos e experiências em uma nova chave. (PRUDENCIO, 2014, p. 7-8).

A comunicação é um elemento central nos processos de mobilização já que é no uso estratégico dela que os grupos políticos têm maiores chances de obter bons resultados. A própria existência dos movimentos sociais, como são caracterizados atualmente, se deve à ascensão da comunicação impressa, que facilitou o contato entre grupos e criou redes sociais (TARROW, 2009). A mobilização é uma atividade comunicativa e os processos de enquadramento, como processos de interação, ocorrem com a comunicação.

Uma vez que as organizações a serem estudadas na pesquisa necessitam falar para muitos e possuem baixa visibilidade midiática, presume-se que elas utilizem outros meios. Na internet, os grupos têm fortes redes de apoio, que dão ressonância aos significados produzidos pelos *frames* dos valores emergentes. Além da construção de redes, com as estruturas digitais, as possibilidades de estruturas de mobilização são ampliadas (PRUDENCIO, 2014; MALINI, ANTOUN, 2013). De acordo com Bennet (2004), a internet tende a conferir maior empoderamento a grupos pouco formalizados e a facilitar práticas preexistentes nos mais institucionalizados. No entanto, embora as estruturas digitais fortaleçam redes, não são bons disseminadores de um tema, já que para chegar a uma questão na internet é necessário ter interesse prévio (MAIA, 2011), mantendo as questões dentre os interessados. Como a pesquisa não pretende medir a eficácia dos movimentos, o corpus da análise de alinhamento de quadros são os sites e os perfis no Facebook dos grupos do MDA: dos 17 grupos que retornaram o questionário da pesquisa, a análise de alinhamento de quadros será feita nos sites e perfis do Facebook de 5 grupos – os que estão presente em mais de uma cidade.

### 2.3.3 Repertório

Os movimentos sociais não fazem suas reivindicações em momentos separados, um de cada vez. Ao invés disso, eles se encontram no que McAdam, Tarrow e Tilly (2009) chamam de ciclo de reivindicações, ou ciclo de confronto, onde um primeiro movimento inicia o ciclo e outros demandantes vão surgindo, até ter intensidade máxima, seguida por um declínio de reivindicações e de demandantes. Os mesmos autores dizem que como resultado do ciclo de confronto,



os ativistas se empenham muito para criar coalizões e tentar formar identidades coletivas mais amplas em torno delas, disputando o controle de organizações, eliminando agendas rivais, criando expressões de apoio unificado para seus próprios programas e negociando com as autoridades. (McADAM *et al*, 2009, p. 24).

Para isso, os grupos se utilizam de repertórios de confronto. O repertório de confronto é um “conjunto limitado de rotinas que são aprendidas, compartilhadas e executadas através de um processo relativamente deliberado de escolha” (Tilly<sup>74</sup> apud Tarrow, 2009, p. 51), por meio das quais as pessoas agem em busca de interesses compartilhados. São formas estratégicas de agir que os movimentos usam visando à mobilização pública, visando convencer as pessoas sobre a importância da causa. Esse conjunto funciona então como um “menu de opções” para ação coletiva. Como algumas ações do repertório se tornam componentes da política convencional da ação coletiva, são institucionalizados pelos atores, como é o caso da greve e da demonstração, e então os repertórios vão sendo apropriados por outros atores. As ações que podem ser reapropriadas por diversos atores em favor de diversas reivindicações são chamadas de “modulares” (TARROW, 2009). Movimentos que obtêm sucesso têm as suas táticas e enquadramentos apropriados por outros movimentos. Tornam-se exemplos, provendo treinamentos.

Os repertórios têm uma relação direta com as oportunidades políticas – a ação deve ser pensada de acordo com a situação política do momento. Por um lado, empregar repertórios de confronto conhecidos evita uma repressão por parte do Estado. Por outro, empregar um novo repertório deixa os oponentes e as autoridades desprevenidos e aumenta o custo dos últimos em manter seus interesses (McADAM *et al*, 2009).

Além disso, os movimentos sociais contribuem para o estoque cultural, mas nem todos os movimentos têm igual acesso a esse estoque, já que estão situados em posições diferentes na estrutura social. Então, eles usam os repertórios e os enquadramentos que são compatíveis com o grupo. Além disso, argumenta Zald (1996), os repertórios de confronto devem caber dentro da injustiça e é por isso que

---

<sup>74</sup> TILLY, C. **How to detect, describe and explain repertoires of contention.** Texto não publicado, 1992



táticas extremistas e violentas tendem a convocar mais quem é a favor da causa do que quem não compartilha a reivindicação feita pelo movimento.

A partir do questionário enviado aos grupos do movimento dos direitos animais brasileiros, identificamos uma amostra do repertório de confronto do MDA no Brasil, com as respostas obtidas:

QUADRO 02 – REPERTÓRIO DE CONFRONTO DO MDA

GRUPO	REPERTÓRIO
AVEG	Atos públicos, protesto pacífico, petição, palestras, ciberativismo, vegnics
Camaleão	Atos públicos, protestos, panfletagem, colagem de cartazes, palestras, denúncias, campanhas online, exibição de filmes, eventos de culinária vegana, e vegnics
COMPATA	Palestras, exibição de filmes, debates, manifestações, seminários, elaboração de leis, resgate de animais
FALA	Intervenção educativa, debate filosófico, desenvolvimento legal, ação direta não-violenta, biblioteca itinerante, exibição de filmes, palestras, eventos gastronômicos, vegnics
Instituto Nina Rosa	Produção de material educativo (livros e documentários), palestras, cursos educadores humanitários
NÃO MATE	Intervenções urbanas, oficinas de arte gratuitas e produção de material (gráfico e audiovisual) de livre reprodução, projeções em espaços públicos e campanhas pelos direitos animais via rede social e meios impressos, palestras
Onca	Atos públicos, palestras, manifestações, protestos, panfletagem, eventos gastronômicos, pesquisa e desenvolvimento de material informativo, diálogo com o poder político, exibições de vídeos, intervenção artística, vegnics, capacitação de ativistas
Princípio Animal	Palestras, manifestações, exibição de vídeos, protestos, atos públicos, fiscalização e proposição de projetos de lei
Revolução da Colher	Panfletagem, discussões teóricas, produção de material, organização de eventos, atos públicos, exibição de filmes
Sementes	Exibição de filmes, panfletagem, discussão teórica, elaboração de campanhas online
SVB	Organização e participação em eventos, palestras, campanhas educativas de promoção ao vegetarianismo e ao movimento de abolição animal, mostras de filmes, oficinas culinárias, discussões literárias
ULA	Intervenção educativa para crianças, elaboração de material, distribuição gratuita de material, divulgação de material educativo, palestras, manifestações
Vanguarda Abolicionista	“Terrorismo midiático” (várias ações comunicativas para expor conceitos do movimento), palestras, manifestações, panfletagem, divulgação da gastronomia vegana, auxílio a protetores, participação na produção de material audiovisual, produção de artigos, atos informativos, exibição de filmes, eventos gastronômicos
VEDDAS	Atos públicos, vegnics, mostra de filmes, palestras, capacitação de ativistas, manifestações, protestos, intervenções, discussões teóricas
VIDA	Atos públicos, manifestações, intervenções diretas, discussões teóricas, vegnics

FONTE: Organizado pela autora (2014).

Tendo em mente as táticas empregadas pelos movimentos para se ter acesso as agendas pública, mediática, eleitoral e governamental (McCARTHY, 1996), percebe-se que a maioria das táticas empregadas pelos grupos do MDA é direcionada à agenda pública – os grupos conversam principalmente com a sociedade. As táticas são também direcionadas à agenda governamental e à midiática. Nas respostas do questionário não foi mencionado contato com líderes de partidos ou apoio partidários, o que significa que os repertórios são pouco ou nada voltados para a agenda eleitoral. Há pouca relação com oportunidades políticas, no sentido da teoria, pois as ações são realizadas independentes de contextos específicos – dificilmente são abertas oportunidades políticas como o caso dos Beagles<sup>75</sup>, em 2013.

Em síntese, o MDA reivindica a entrada dos animais na esfera de consideração moral, enquadrando a situação dos animais como injusta e reificante, culpando os exploradores de animais, que fazem uso deles, e a cultura especista, que subjuga os animais não humanos por serem de outra espécie, e coloca como solução a prática do veganismo, da não utilização animal (FRANCIONE, 2011, REGAN, 2006; SINGER, 2004). Uma vez que a exploração animal é uma prática difundida em muitos âmbitos, nota-se que os adversários apontados (também pelas respostas do questionário) são difusos e abstratos, o que segundo a teoria (GAMSON, 2011), dificulta a mobilização.

O capítulo discorreu sobre a teoria do enquadramento para se pensar o MDA e habilitar a pesquisa para a análise de alinhamento de quadros dos grupos do movimento, a ser feita a seguir. A análise permitirá perceber como os grupos apresentam publicamente a causa e será feita com uma amostra menor de grupos: dos 17 grupos que responderam o questionário aplicou-se o critério de grupos atuantes em mais de uma cidade, que resultou em cinco grupos. São eles: Camaleão, Onca, Revolução da Colher, SVB e VEDDAS.

---

<sup>75</sup> Em que ativistas do MDA e pessoas contrárias à vivissecção entraram no Instituto Royal, em São Roque (lugar de testes em animais) e resgataram os animais. O Instituto foi desativado.

### 3 QUADROS DA MOBILIZAÇÃO

Parte-se da teoria da mobilização política para empregar a análise de alinhamento de quadros dos grupos dos direitos animais no Brasil. Tal aporte teórico-metodológico permite observar como coletivos sociais se colocam no mundo, como tentam construir a realidade sobre a causa que advogam. Grande parte dos estudos em comunicação social que se utiliza do conceito de *frame* observa a construção que a mídia faz da realidade. Para observar a construção da realidade feita por movimentos sociais, há um desafio metodológico maior.

Para realizar a análise, partiu-se da amostra dos 17 grupos que responderam o questionário e então se utilizou o critério de grupos com atuação em mais de uma cidade, o que resultou no total de cinco grupos para a análise: Camaleão (com 2 núcleos), Onca (3 núcleos), Revolução da Colher (6 núcleos), SVB (12 núcleos) e VEDDAS (4 núcleos). Para fazer a análise de alinhamento de quadros desses grupos, resgatam-se aqui os repertórios de ação deles, seguidas das ações mais consolidadas de cada um, que recebe um nome específico (em negrito no Quadro 03), e acrescentam-se as campanhas que foram realizadas no período da análise, que, pela qualificação da pesquisa ter ocorrido em agosto, é de 15 de junho de 2015 a 15 de dezembro de 2015.

QUADRO 03 – AÇÕES DOS GRUPOS SELECIONADOS PARA ANÁLISE

ORGANIZAÇÃO	REPERTÓRIO	CAMPANHAS, PROJETOS E MOBILIZAÇÕES
<b>Camaleão</b>	Atos públicos, protestos, panfletagem, colagem de cartazes, palestras, denúncias, campanhas <i>online</i> , exibição de filmes, eventos de culinária vegana, vegnics e intervenções artísticas	Seja Vegan Santuário Rancho dos Gnomos #PL6602 #AlteraPL
<b>Onca</b>	Atos públicos, palestras, manifestações, protestos, panfletagem, eventos gastronômicos, pesquisa e desenvolvimento de material informativo, exibições de vídeos, intervenção artística, vegnics, programa de rádio, capacitação de ativistas. <b>Passeio da vaquinha.</b>	Contra a produção e o consumo de foie gras
<b>Revolução da Colher</b>	Panfletagem, discussões teóricas, organização de eventos, atos públicos, exibição de filmes	Doação de sangue verde

ORGANIZAÇÃO	REPERTÓRIO	CAMPANHAS, PROJETOS E MOBILIZAÇÕES
<b>SVB</b>	Organização e participação em eventos, palestras, campanhas educativas de promoção ao vegetarianismo e ao movimento de abolição animal, mostras de filmes, oficinas culinárias, discussões literárias, diálogo com instituições de ensino. <b>Mostra Internacional de Cinema Animal; FegVest; Selo vegano.</b>	Segunda sem Carne Desafio 21 dias sem carne #FoieGrasNão
<b>VEDDAS</b>	Atos públicos, vegnics, mostra de filmes, palestras, manifestações, protestos, intervenções artísticas e teatrais, ações judiciais, discussões teóricas. <b>Teatro VEDDAS, Cine VEDDAS, VEDDAS carte.</b>	#PL6602 #AlterarPL

FONTE: Organizado pela autora (2015).

Das campanhas e mobilizações, foram duas as que tiveram envolvimento com instância formal da política: a discussão sobre o *foie gras* e sobre testes em animais para fins cosméticos. A primeira teve início com a aprovação do Projeto de Lei 537/2013, do vereador da cidade de São Paulo Laércio Benko (PHS), por unanimidade, no dia 21 de maio de 2015. O PL proíbe a produção e a comercialização de foie gras (que literalmente significa fígado gordo) e artigos de vestuário feitos com pele animal no âmbito da cidade. No dia 25 de junho de 2015 o prefeito, Fernando Haddad, sancionou a proposta, transformando-a na Lei nº 16.222/2015. No dia 13 de julho a Associação Nacional dos Restaurantes (ANR) entrou na justiça com pedido de suspensão da lei e no dia posterior, o Tribunal de Justiça de São Paulo (TJ-SP) concedeu a suspensão da lei. O TJ-SP ainda negou recurso da Prefeitura e a lei segue suspensa por tempo indeterminado<sup>76</sup>.

Como desdobramento da discussão, em Sorocaba a produção e a comercialização do prato foram proibidas, com a Lei nº 11.153, promulgada (no dia 6 de agosto) pela Câmara Municipal, já que o prefeito Antonio Carlos Pannunzio (PSDB) não se pronunciou a respeito da proposta (vetando ou sancionando) dentro do prazo regido pelas regras locais. A nova regra foi redigida pelo vereador Fernando Dini (PMDB)<sup>77</sup>. E em Blumenau-SC, foi proibida da alimentação forçada e

<sup>76</sup> Disponível em: <<https://vista-se.com.br/foiegras/>>. Acesso em: 03 de jan. 2016.

<sup>77</sup> Disponível em: <<https://vista-se.com.br/nova-lei-proibe-a-producao-e-a-comercializacao-do-foie-gras-em-sorocaba-interior-de-sao-paulo/>>. Acesso em: 03 de jan. 2016.

técnicas similares para a produção do foie gras, em novembro de 2015. Embora os municípios vizinhos não sejam atingidos, tendo o exemplo de Indaial, onde fica a maior produtora de foie gras do Brasil<sup>78</sup>.

Já a discussão sobre testes em animais para fins cosméticos foi desencadeada pela aprovação do PL 6602/2013, de autoria do deputado federal Ricardo Izar Jr., na Câmara dos Deputados, em junho de 2014, (tornando-se o PLC 70/14 no âmbito do Senado). Esse tema foi polêmico mesmo entre os ativistas pelos direitos animais<sup>79</sup>. O texto inicial propunha a proibição total dos testes em animais para produtos cosméticos, mas o texto aprovado recebeu a modificação que abria brechas para que os ingredientes com efeitos desconhecidos em humanos pudessem ser testados em animais, o que gerou contestação dos ativistas.

Em 24 de setembro de 2015 o senador Cristovam Buarque, PDT-DF, alterou o texto, atendendo a pressão da maioria dos ativistas. Na alteração, o texto define o que são cosméticos, inclui a proibição da venda de ingredientes ou produtos cosméticos testados em animais e retira o prazo de 5 anos contando do reconhecimento da técnica alternativa capaz de comprovar a segurança para uso humano. O texto segue em tramitação pelas comissões do Senado e deve voltar para a Câmara dos Deputados nos próximos meses. Se o PLC 70/14 for aprovado com o texto atual, ele

[...] garante que em 3 (três) anos após sua sanção, ficará proibido qualquer teste em animais para produtos cosméticos, independentemente se há ou não técnica alternativa. Na prática, se uma empresa não conseguir comprovar a segurança do cosmético sem usar animais, não poderá lançar o produto no Brasil.<sup>80</sup>

Esses dois momentos são de importância política, por terem dado oportunidade para os grupos acionar os repertórios e direcionar estrategicamente seus enquadramentos.

---

<sup>78</sup> Disponível em: <<https://vista-se.com.br/blumenau-proibe-producao-de-foie-gras-por-considerar-a-pratica-maus-tratos-aos-animais/>>. Acesso em: 03 de jan. 2016.

<sup>79</sup> Disponível em: <<https://vista-se.com.br/proposta-pela-proibicao-dos-testes-em-animais-para-produtos-cosmeticos-divide-opinioes/>>. Acesso em: 03 de jan. 2016.

<sup>80</sup> Disponível em: <<https://vista-se.com.br/apos-pressao-popular-senador-cristovam-buarque-altera-proposta-sobre-testes-em-animais/>>. Acesso em: 03 de jan. 2016.

### 3.1 Alinhamento de quadros

É o alinhamento de quadros que dá chances aos movimentos sociais de promoverem a mobilização, através da comunicação, em um esforço interpretativo para inserir a defesa dos direitos animais no campo de relevância pública, resultando numa posição e num tipo de ação. Como visto no capítulo anterior, ele pode ser feito por quatro tipos de processos: *frame bridging*, *frame amplification*, *frame extension* e *frame transformation*. (SNOW et al, 1986). A partir do modo de operar de cada processo, para realizar a análise se considerou que eles são empreendidos pelos grupos do MDA quando:

a) *frame bridging*, que liga dois quadros congruentes, mas ideologicamente desconectados, e ocorre através da ligação de uma demanda do movimento com sentimentos não mobilizados da sociedade: interpreta-se que ele ocorre quando o grupo do MDA inclui no seu quadro um argumento além dos próprios animais, quando o MDA conecta os seus interesses com outras causas.

b) *frame amplification*, que idealiza, esclarece e fortalece os valores do movimento: interpreta-se que ele ocorre quando a mensagem dos grupos esclarece a questão da situação dos animais e o veganismo, quando fortalece valores vinculados aos direitos animais, quando define as bordas do *master frame*.

c) *frame extension*, que implica descrever os interesses do movimento para além dos seus interesses primários, para além das fronteiras do quadro principal, incluindo questões e preocupações que se presume ser de importância para os potenciais mobilizados, e é resultado da negociação: interpreta-se que ele ocorre quando o movimento assimila no discurso argumentos trocados com outros atores.

d) *frame transformation*, que se refere a mudar velhos entendimentos e significados ou gerar novos, a interpretação dos acontecimentos feita de uma maneira nova: interpreta-se que ele ocorre quando o movimento altera seu quadro primário em uma nova chave interpretativa.

Para fazer a análise de alinhamento dos sites, desconsideraram-se as notícias, colunas e artigos, incluindo apenas a parte institucional de apresentação da organização e a apresentação da causa, uma vez que o objetivo é observar como o faz essas apresentações públicas. Do mesmo modo, para a análise de alinhamento de quadros do Facebook, considerou-se apenas o conteúdo das publicações. Dessa

forma, nas publicações que tinham texto e compartilhavam uma matéria, foi considerado apenas o texto da publicação e o título da matéria, não o conteúdo dela. Também foram desconsiderados na análise do Facebook os convites e divulgações de evento (que normalmente têm só o cartaz do evento e a chamada do grupo) e publicações que traziam elementos com viés de descontração (como a publicação de foto ou vídeo de algum animal, sem texto explicando a situação do animal ou a causa animal). Como o que se buscou analisar foram os enquadramentos do grupo, nos compartilhamentos, deu-se prioridade para o texto de autoria dos grupos (não o texto da publicação compartilhada) e o uso de *hashtags*<sup>81</sup>, foi considerado. Para a análise do Facebook, foi escolhido o período de seis meses de publicações: de 15 de junho de 2015 até 15 de dezembro de 2015 – uma seleção aleatória. Analisa-se primeiro os sites do grupo, em ordem alfabética, depois seu Facebook (com as mobilizações em que os grupos se engajaram por essa rede) e suas campanhas, ou seja, as ações dos grupos para a conversão ao vegetarianismo ou veganismo, que são feitas de forma mais sistemática e em um prazo mais longo.

### 3.1.1 Camaleão

Criado em setembro de 2012, o Camaleão atua como um portal de notícias relacionadas ao veganismo e atua também em manifestações, intervenções artísticas, oficinas de culinária, exibição de filmes e discussões teóricas. O nome Camaleão usa a referência da mudança de cor do animal para ressaltar a característica da mudança associada a “mudanças de atitudes e pensamentos que os humanos podem adotar diariamente, para alcançar a tão sonhada liberdade animal, humana e ambiental, para todas espécies e seus indivíduos”<sup>82</sup>. O grupo apresenta como missão “provocar uma mudança profunda na atitude e no pensamento da sociedade, através da força da comunicação, propagando informações e ferramentas em prol do Veganismo e dos Direitos Animais”<sup>83</sup>, ou seja,

---

<sup>81</sup> Prudencio (2014a) entende as *hashtags* como catalisadoras de repertório no ativismo digital, na medida em que reúnem numa *tag* a ideia geral ou o núcleo dos enquadramentos da micromobilização nas redes sociais.

<sup>82</sup> Disponível em: <<http://camaleao.org/quemsomos/>>. Acesso em: 12 de dez. 2015.

<sup>83</sup> Idem.



almeja mudança cultural e usa forte apelo moral em seu discurso, o que será evidenciado a seguir.

O Camaleão define o quadro de diagnóstico colocando como problema a exploração animal, legitimada pelo especismo (responsável pelo problema), e o status de propriedade dos animais, que usam e subjugam seres que têm consciência e capacidade de sentir (senciência). Segundo o grupo, uma vez que os animais são seres sencientes, os seres humanos têm a obrigação moral de respeitar os interesses dos animais e acabar com a exploração animal e com status de propriedade dos animais, libertando, desse modo, os animais, as pessoas e o meio ambiente. O quadro de prognóstico (proposta de solução ao problema) é respeitar os animais e tratá-los como pessoas não-humanas (devido à sentiência), incluindo-os na comunidade moral, o que implica em não usá-los ou explorá-los e desemboca no “veganismo abolicionista” (conforme descrito pelo grupo). O principal quadro motivacional do grupo é sua campanha Seja Vegan, que incentiva a ação pelos animais por meio do veganismo. Na apresentação no site, o grupo explicita o quadro motivacional quando diz que trabalha com os assuntos relacionados à abolição animal “direcionando a comunicação voltada para a ação, proporcionando ao leitor não apenas visualizar a mensagem, mas interagir com ela e se sentir incomodado a tomar uma atitude positiva de mudança a respeito”<sup>84</sup>. No Facebook, o convite à ação aparece nos convite para o grupo de estudos (Grupo de Estudos de Direitos Animais - GEDA). No site, na aba “Sobre” são encontrados os enquadramentos:

FIGURA 02: WEBSITE DO CAMELEÃO: QUEM SOMOS



FONTE: Website do Camaleão.

<sup>84</sup> Idem.



Logo de início identificam-se o *frame amplification* e o *frame bridging*. Ao difundir o entendimento de liberdade animal realiza o *frame amplification*. Ao associar a causa animal a um problema ambiental e pautas sociais, realiza *frame bridging*.

O grupo trabalha explicando e articulando conceitos vistos no primeiro capítulo da dissertação, da teoria dos direitos animais (FRANCIONE, 2013), como o próprio conceito de direitos animais, especismo, exploração animal, sujeitos de direito e senciência. Dessa forma, faz o *frame amplification*, já que o conteúdo do texto esclarece a questão da situação dos animais e o veganismo. Nota-se isso no seguinte trecho:

Quem somos?

Somos cidadãos comuns, como qualquer pessoa, mas que em determinados momentos de nossas vidas, rompemos com o **pensamento culturalmente aceito de que os animais seriam objetos e existissem para nos servir**.

Percebemos que o **especismo**, que é o ato de desconsiderar os interesses de um indivíduo por não pertencer a espécie humana e/ou emitir considerações e direitos diferentes para espécies diferentes, é o pensamento preconceituoso que legitima o uso, a escravidão e todo o sofrimento nas outras espécies, portanto, assim como rejeitamos toda forma de discriminação humana também rejeitamos a discriminação contra as outras espécies de animais (especismo).

Adotamos uma postura ética em nosso dia a dia, inserindo os **Direitos Animais** no cotidiano através do **veganismo abolicionista**, que é a atitude mínima necessária, o respeito aos animais, que consiste basicamente em evitar ao máximo a **exploração animal** (não consumindo produtos ou serviços que condicionem os **animais como propriedade**), acreditamos que o dever mínimo do ser humano para com os próprios humanos é o respeito e isso não deve ser diferente em relação aos outros indivíduos, apenas por pertencerem a outra espécie.

Respeito aos animais significa não usá-los, não subjuga-los e não explorá-los e estaremos fazendo exatamente o oposto disso se consumíssemos produtos de origem animal ou produtos que tenham sido testados em animais, mesmo que inconscientemente, estaríamos ainda assim usando, subjugando e explorando os animais, por isso, o Veganismo é a solução prática primária de defender os Direitos Animais de verdade!

Não compactuamos com a **utilização de animais** independente do tratamento que o animal teve no processo de abuso/morte e independente da finalidade do ato, seja para fins de vestuário, de cosméticos, entretenimento, alimentação, etc. Afinal, animais não são objetos para serem tratados como “algo”, eles devem ser encarados como “alguém”, como indivíduos que são!

[...]

O que são os Direitos Animais?

A noção dos Direitos Animais vem do fato de que os animais são **sujeitos de direito**, por serem seres **sencientes** (animais que tem a capacidade de

sentir), ou seja, seres que sentem emoções boas e ruins e que possuem consciência de sua existência.

Os animais possuem seus próprios interesses e não devem ser **tratados como propriedades ou recursos**, devem ser incluídos na **comunidade moral** e terem seus interesses respeitados e levados em consideração assim como levamos em consideração os interesses humanos.

Sendo assim, os animais devem ser tratados como **pessoas não-humanas**, baseado na senciência que possuem. Os seres humanos possuem experiências de suas próprias vidas, exatamente por serem também animais sencientes.

Os Direitos Animais são assim chamados porque são **direitos morais básicos**, que não são relevantes apenas para seres humanos, mas para todos os animais [grifos nossos]<sup>85</sup>.

Ao incluir os animais na comunidade moral, o Camaleão não deixa de considerar outros seres que estão nela e assim faz outro *frame bridging* conectando à causa animal causas de direitos humanos, como direitos das mulheres, de negros e indígenas. Ao fazer esse processo de *bridging*, reforça a associação entre as opressões (especismo, machismo, homofobia, racismo):

Difundimos na web os Direitos Animais, os direitos humanos e a defesa do planeta, através também das pautas de outros movimentos de justiça social como o de direitos para as mulheres, para negros, indígenas, o movimento ambientalista e outros, sempre buscando propagar informações relevantes visando a desconstrução de privilégios e combate de preconceitos inseridos em nossa sociedade como o especismo, o machismo, a homofobia, o racismo ou qualquer outra discriminação, na busca da criação de um mundo mais justo!<sup>86</sup>

A página do grupo no Facebook<sup>87</sup> tinha até janeiro de 2015 mais de 9.200 curtidas e mais de 123 publicações do período de seis meses escolhidos e foram 79 publicações analisadas<sup>88</sup>. Assim como no site, em que o grupo se dedica ao processo de *frame amplification*, no Facebook esse processo também ocorre. Aliás, ocorrem em ampla maioria: das 79 publicações analisadas, 65 têm o *frame amplification*. São várias as publicações utilizadas para esclarecer conceitos como direitos animais, veganismo, vegetarianismo, especismo e exploração animal e mesmo quando a publicação não fala exatamente desses assuntos, frequentemente

<sup>85</sup> Idem.

<sup>86</sup> Idem.

<sup>87</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/CamaleaoMax/?fref=ts>>. Acesso em: 06 de nov. 2015.

<sup>88</sup> Em agosto de 2015 o grupo criou a página ONG CAMALEÃO – Ativismo pelos Direitos Animais, dedicando mais atenção às ações de ativismo do grupo. Porém, como as publicações começaram a ser feitas em dezembro e o período escolhido para a análise foi o segundo semestre de 2015, a pesquisa se debruçou sobre o perfil Portal Camaleão.

as *hashtags* #DireitosAnimais, #Veganismo, #Especismo estão presentes, sendo a *hashtag* um recurso para reunir mais informação sobre um termo, o que indica uma tentativa de tornar o conteúdo mais visível. Dessa forma, eles caracterizam a prática da publicação em questão (como zoológico ou circo) como especista, e propõem como solução o veganismo. O *frame amplification* também ocorre quando os grupos explicam alguma questão específica da causa, mostrando a situação dos animais usados para determinado fim. Isso aconteceu especialmente em duas questões: com a utilização de animais para carroças (cujo uso foi para discussão em audiência pública na Câmara Municipal de Taubaté (SP), uma das cidades em que o grupo atua) e sobre o PLC 70/14. Do primeiro caso, o grupo convidou as pessoas a participarem da audiência e nas publicações encontram-se afirmações como “#Cavalos não são #máquinas para uso #humano!”<sup>89</sup> e “Cavalos não são veículos, #Cavalos são indivíduos!”<sup>90</sup>, que ressaltam o valor intrínseco desses animais, assim como:

O problema do uso de #cavalos para transporte de carga, se dá no próprio uso do #animal, que não é um veículo, mas sim, um indivíduo, um animal #senciente, com interesses próprios que não é o de ser tratado como escravo, como propriedade humana<sup>91</sup>.

Do segundo caso, o Camaleão convida as pessoas a assinarem a petição contra testes em animais<sup>92</sup> e vêem-se publicações que encaminham para matérias no site, que explicam a discussão:

Conselho Nacional de Controle e #ExperimentaçãoAnimal (CONCEA) apoia PL do Ricardo Izar - Deputado Federal!. ► SAIBA MAIS: <http://bit.ly/PI7014>. Leiam a matéria na íntegra para saberem como devemos proceder para impedir a aprovação desse #retrocesso que tornará a Lei de Crimes #Ambientaisnula e irá derrubar o projeto estadual que já proíbe os testes em animais no Estado de São Paulo. #PL6602 #AlteraPL #TestesCosméticos #Animais#Visissecção<sup>93</sup>

<sup>89</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/CamaleaoMax/posts/1057143684346154>>. Acesso em: 12 de dez. 2015.

<sup>90</sup> Disponível em: <<https://goo.gl/mLLAA8>>. Acesso em: 12 de dez. 2015.

<sup>91</sup> Disponível em: <<https://goo.gl/cgcW3K>>. Acesso em: 12 de dez. 2015.

<sup>92</sup> Disponível em: <<https://goo.gl/wDGNcl>>. Acesso em: 12 de dez. 2015.

<sup>93</sup> Disponível em: <<https://goo.gl/MTnQDE>>. Acesso em: 12 de dez. 2015.

O processo de *frame bridging* também ocorre nas publicações do Facebook: 14 delas conectam a causa animal com outra. As conexões são feitas com saúde, diversidade, feminismo, agricultura familiar, meio ambiente e questões socioambientais. São exemplos: “#Vegana mostra que é perfeitamente saudável ser #atleta de #JiuJitsu e ter uma alimentação 100% #vegetariana!”<sup>94</sup>, “Página no Facebook critica a associação do vegetarianismo com perda de peso! o// [...] #Vegetarianismo #Feminismo #Gordofobia #Dieta #Saúde #DireitosAnimais”<sup>95</sup> e “#Pecuária está contaminando diversos rios pela Carolina do Norte (EUA) e afetando diretamente a vida marinha! [...] #Estrogênio #Peixes #MeioAmbiente #Veganismo”<sup>96</sup>

Em relação ao foie gras, cujo consumo foi em discussão para proibição no município de São Paulo em maio de 2015, o Camaleão fez duas publicações no Facebook. Uma delas noticia a proibição de foie gras em Sorocaba e convida à mobilização pela proibição com a #Mobilize:

FIGURA 03 – PUBLICAÇÃO DO CAMELÃO NO FACEBOOK



FONTE: Página do Camaleão no Facebook.

<sup>94</sup> Disponível em: <<https://goo.gl/wcJADL>>. Acesso em: 12 de dez. 2015.

<sup>95</sup> Disponível em: <<https://goo.gl/0xqdwD>>. Acesso em: 12 de dez. 2015

<sup>96</sup> Disponível em: <<https://goo.gl/Vfg86V>>. Acesso em: 12 de dez. 2015.

O Camaleão também trabalhou com a mobilização por doações para o Santuário Rancho dos Gnomos, que lançou a campanha Santuário Animal em 2015, para arrecadar dinheiro para comprar um terreno mais afastado do perímetro urbano – foram 5 publicações que envolveram esse tema, pedindo doações e usando a #CopoComGeloCQC<sup>97</sup>. Em uma das publicações sobre esse tema<sup>98</sup>, o grupo usa a #Cecil, aproveitando a comoção gerada pelo caso do leão Cecil<sup>99</sup> para direcionar a discussão sobre zoológico a partir da mesma chave interpretativa. Além disso, de modo geral, o grupo frequentemente chama para a prática do veganismo com a #GoVegan.

### 3.1.1.1 Seja Vegan

Seja Vegan é um projeto do Camaleão de consultoria aos interessados na transição ao veganismo. A consultoria conta principalmente com o grupo de discussão fechado no Facebook chamado Seja Vegan, um grupo em que os ativistas e voluntários do projeto conversam e orientam os participantes sobre “nutrição vegana, produtos e serviços disponíveis, ativismo de direitos animais, entre outros assuntos, ou qualquer outro tipo de apoio e informação que o participante necessitar”<sup>100</sup>, e com orientações via Skype.

A página inicial do projeto<sup>101</sup> tem o vídeo de divulgação do livro “Por que amamos cachorros, comemos porcos e vestimos vacas - uma introdução ao carnismo”, da psicóloga social Melanie Joy (2014), publicado no canal do Camaleão em 2013. O início do livro serve de roteiro para a cena inicial do vídeo, em que um

<sup>97</sup> #CopoComGeloCQC foi um desafio lançado pelo programa CQC, da Band, em apoio à campanha Santuário Animal. A ideia do desafio é fazer o público do programa coloque gelo em um copo, com a sua bebida preferida e doe para a campanha, gravando vídeo para publicar nas redes sociais e desafiar um amigo a participar do desafio, com a #CopoComGeloCQC.

<sup>98</sup> Disponível em: <<https://goo.gl/CbcPS0>>. Acesso em: 22 de dez. 2015.

<sup>99</sup> O caso do leão Cecil gerou discussão sobre caça, em julho de 2015, quando o leão foi morto. Cecil era símbolo do Zimbábue e atração principal do parque Hwange, área protegida de caça. Walter Palmer atraiu o leão para fora da reserva, onde ele poderia ser caçado de forma legal e iniciou uma perseguição que durou mais de 40 horas, com o animal agonizando, até ser assassinado a tiros. “A pele e a cabeça de Cecil foram arrancadas como troféu” e o caso gerou repúdio em parte da sociedade. Como resultado da discussão, algumas empresas aéreas dos Estados Unidos proibiram o transporte de animais caçados. Disponível em: <<https://vista-se.com.br/apos-caso-do-leao-cecil-maiores-empresas-aereas-dos-eua-proibem-transporte-animais-cacados/>>. Acesso em: 03 de jan. 2016.

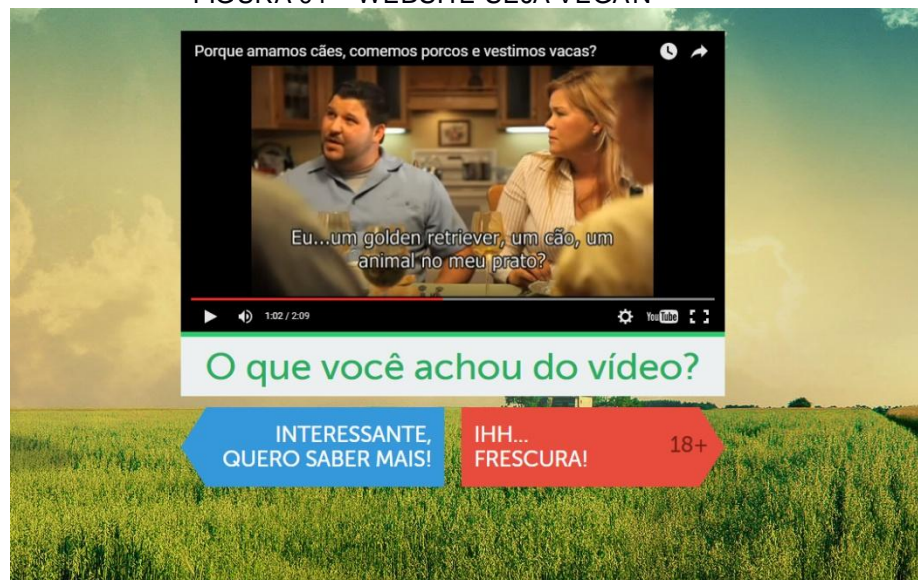
<sup>100</sup> Disponível em: <<http://camaleao.org/consultoria-vegana-onde-posso-obter-ajuda-sobre-veganismo/>>. Acesso em: 22 de dez. 2015.

<sup>101</sup> Disponível em: <<http://www.sejavegan.com.br/>>. Acesso em: 22 de dez. 2015.



casal vai jantar na casa de uma família e satisfeitos com a comida perguntam ao cozinheiro como ele preparou a carne. O cozinheiro responde que é necessário 1,5 kg de Golden Retriever (uma raça de cachorro) e as visitas ficam com repulsa. Mesmo após o cozinheiro tendo falado que é uma brincadeira, as visitas não conseguem comer. Então, Melanie Joy explica percepções que deram início ao livro, que trata da seletividade que faz os animais serem considerados de diferentes maneiras. Abaixo do vídeo, o Camaleão direciona para páginas distintas, de acordo com a opinião de quem viu o vídeo:

FIGURA 04 – WEBSITE SEJA VEGAN



FONTE: Website Seja Vegan.

Quem escolhe a opção “Ihh... frescura!” é direcionado para uma página que tem um fundo com um deserto com partes avermelhadas. Nele tem o vídeo “A verdade por trás dos produtos de origem animal” e a explicação de especismo e de bem estarismo:

Aceitaríamos a exploração de um ser humano caso essa seja feita com mais cuidado pelo explorador que obtém benefícios com tal ato? Uma prática de violência física ou abuso sexual, desde que esse tenha sido feita com mais cuidado? Ou, até mesmo, o uso de um ser humano como escravo, mesmo que em boas condições higiênicas e alimentares? Certamente não, mas se dissemos “sim” nessas mesmas perguntas em relação aos animais de outra espécie, estaremos ignorando a capacidade deles de sentir, sofrer e se incomodar com tais abusos, portanto, estaremos sendo especistas. E fazemos exatamente isso quando financiamos produtos ou serviços que são oriundos do uso e exploração desses animais, tais como produtos testados em

animais ou de origem animal no vestuário, cosmético ou na alimentação ou ao frequentarmos circos, touradas, rodeios, vaquejadas ou zoológicos.<sup>102</sup>

Já a opção “Interessante, quero saber mais!” direciona para uma página cuja parte superior tem fundo azul, e a parte inferior tem a paisagem do fundo da página que inicial do projeto, um céu azul e uma plantação. Essa página tem dicas e informações sobre veganismo e sobre direitos animais e com o curta A Life Connected (Uma Vida Interligada). Um dos conteúdos é “Por que ser vegana(o)?”. Segue o texto:

Por uma questão de Justiça, Necessidade, Consciência e Coerência.

**Justiça** é uma palavra usada, infelizmente, somente no aspecto humano na maioria dos casos, porém sabemos que inúmeras violências são cometidas por nós todos os dias aos outros animais, através de quem os explora diretamente e também daqueles que financiam toda essa exploração e morte dos animais (consumidores). Devemos levar também a palavra Justiça quando o assunto se tratar dos animais não-humanos, pois eles também possuem a capacidade de sentir e têm consciência de sua própria vida.

**Necessidade** de acabar com a exploração dos animais, degradação do meio ambiente, e de praticar justiça com todos que habitam neste planeta; tanto os animais que são usados e mortos como se fossem seres inanimados, como os de nossa espécie que também são explorados ao serem obrigados a lidar com o abuso e a morte dos animais diariamente, sendo muitos ainda crianças que deveriam estar brincando ao invés de serem “funcionários” de matadouros no Brasil e também aqueles que não têm alimentos para saciar sua fome devido ao luxo dos produtos de origem animal.

Não há como alimentar sete bilhões de seres humanos à base de “alimentos” de origem animal a não ser com mais três planetas e muito mais derramamento de sangue. Uma alimentação vegana possibilita atender a demanda mundial por alimentos (e seus nutrientes), pois utiliza menos espaço de terra, água e energia. Com isso, ainda conseguiríamos recuperar as áreas queimadas e desmatadas pela pecuária.

**Consciência** de que os animais estão à mercê das nossas escolhas e que devemos escolher pela ética e respeito a eles, independente de amá-los ou não. Consciência de que devemos respeitar e que isso inclui não tirar “vantagem” sobre alguém, não escravizar **também** as pessoas não-humanas, inclui não consumir produtos de origem animal ou produtos testados (forçosamente) nos animais. Consciência de que podemos (e devemos) fazer pelo menos o mínimo pelos animais: respeitá-los — sendo veganos(as) em nossas escolhas.

**Coerência:** Uma vez que tenhamos despertado para uma realidade, precisamos agir em conformidade com o que descobrimos. Todos(as) nós queremos liberdade, respeito, amor, carinho, diversão e lutamos por nossa felicidade, porém só a teremos em plenitude quando aprendermos a concedê-la aos outros, seja esse “outros” alguém de um gênero diferente do nosso, orientação sexual diferente da nossa e até mesmo, sem sombra de dúvida, de uma espécie diferente da nossa. Por uma questão de coerência, devemos exigir e lutar por nossos direitos, mas também aprender a respeitar e conceder o direito dos outros (animais-humanos e animais não-humanos).<sup>103</sup>

<sup>102</sup> Disponível em: <<http://www.sejavegan.com.br/ainda-nao-vegan>>. Acesso em: 22 de dez. 2015.

<sup>103</sup> Disponível em: <<http://www.sejavegan.com.br/como-ser-vegan>>. Acesso em: 22 de dez. 2015.

Nessa página tem a opção “Quero me tornar vegan”, que direciona para o site do Camaleão, para uma página que explica sobre o projeto e a consultoria. Nela, o Camaleão coloca o veganismo como “um dever mínimo em relação aos animais”:

Estamos felizes que você tenha chego até aqui, isso é um sinal que tomou uma escolha favorável em relação a liberdade, justiça e o respeito a todos os animais, contribuindo, portanto, com seu dever mínimo em relação a eles, o dever de: não explorá-los.

Sabemos que não devemos parabenizar ninguém por deixar de fazer um mal à alguém, e que é nossa obrigação respeitar os direitos dos outros seres, e o veganismo é exatamente isso, é deixar de contribuir com o sofrimento de outra pessoa [...].<sup>104</sup>

Dessa forma, o site Seja Vegan faz um trabalho de *amplification*, explicando conceitos relacionados à abolição animal e esclarecendo dúvidas sobre algumas situações. Novamente tem-se a ênfase em dever moral por causa da senciência dos animais. O grupo também faz o processo de *frame bridging* ao conectar exploração animal a trabalho escravo e infantil e à fome no mundo. Coloca como consciente a prática vegana, tomando-a como a prática certa para a solução da injustiça com os animais e fala em coerência, ao falar que todos devem exigir os seus direitos, mas também respeitar e conceder direitos aos outros – conectando o respeito aos animais ao respeito de gênero e de orientação sexual.

### 3.1.2 Onca

O grupo Onca atua desde 2004 e a partir de 2011 ele é presente também no Rio Grande do Sul. O nome Onca é inspirado no nome científico da onça-pintada, *Panthera onca*, que é um símbolo das florestas sul-americanas. A *logo* do grupo é uma pinta colocada num quadrado e “seria um ‘totem’, para que a força, o instinto e a perspicácia do animal (e enfim, de toda vida animal) inspire nossas ações”<sup>105</sup>

No diagnóstico do grupo o problema apresentado é utilização e a exploração animal e o status de propriedade dos animais: “consideram injustificado, legalmente e moralmente, que animais sejam considerados propriedade ou ‘recursos naturais’”,

<sup>104</sup> Disponível em: <<http://camaleao.org/consultoria-vegana-onde-posso-obter-ajuda-sobre-veganismo/>>. Acesso em: 22 de dez. 2015.

<sup>105</sup> Disponível em: <<http://www.onca.net.br/quem-somos-2/quem-somos/>>. Acesso em: 16 de dez. 2015.



cuja culpa é atribuída ao especismo. O quadro de diagnóstico é “o não-uso de animais não-humanos, optando por formas alternativas e livres de qualquer uso animal”, isto é, o veganismo, “filosofia de vida motivada por convicções éticas com base nos Direitos Animais, que procura evitar a exploração ou abuso dos animais através do boicote a atividades e produtos considerados especistas – ou seja, que façam uso de animais”. No quadro motivacional, o Onca mostra a gravidade do problema nas páginas “Direitos Animais” e “Exploração animal A-Z”; propõe ações na página “o que você pode fazer pelos animais”, mostrando a viabilidade da solução: “você não precisa de dinheiro, tempo ou de uma grande organização para ajudar no fim do sofrimento de milhares de animais”; e convida a participar do grupo, sendo ativista pelos animais na página “contato”, em que há a opção “faça parte do Onca”.

Na apresentação do grupo, há o processo de *frame amplification*, ao colocar seus ideais para os animais, de acordo com a Declaração Universal do Direitos Animais:

FIGURA 05 – WEBSITE DO ONCA: ONCA



FONTE: Website do Onca.

O grupo também trabalha com conceitos vistos na teoria dos direitos animais (FRANCIONE, 2013), atuando pela propagação dos direitos animais:

Onca é uma entidade de defesa animal, totalmente voluntária, independente e sem fins lucrativos, que divulga e defende os Direitos Animais (também chamados de Libertação Animal), ou seja: a extinção do uso e exploração animal ou sua substituição, através de usos alternativos e conscientes. A filosofia dos Direitos Animais é baseada na Ética e é simples: a de que animais não existem para o uso dos humanos.<sup>106</sup>

Os Direitos Animais têm por base a Ética e, portanto, consideram injustificado, legalmente e moralmente, que animais sejam considerados propriedade ou “recursos naturais”. Assim como o Humano (que também é animal), os Animais são seres sencientes, ou seja, capazes de sentir (prazer, dor, medo, etc), e, portanto, têm, como qualquer um de nós humanos, o direito à liberdade, à vida e de não serem explorados.<sup>107</sup>

O *frame amplification* é feito também na página “Direitos Animais” e “Exploração animal A-Z”. Na primeira, cita a FAO sobre a quantidade de animais mortos por ano para a alimentação humana (carne, ovos, laticínios), citam os animais mortos de forma clandestina, os animais vítimas de pesca e caça acidental<sup>108</sup>, animais mortos para pele e para experimentos científicos: “a tortura, mutilação e matança são desnecessárias”<sup>109</sup>. Na segunda, há uma lista com 65 formas de exploração animal, com informações, vídeos e imagens sobre cada uma delas.

A menção à Alice Walker (que está na imagem acima e que também é encontrada no site do Camaleão e da SVB) conecta a discriminação animal à discriminação racial e de gênero. Tal conexão ocorre novamente na afirmação:

Assim como atualmente rejeitamos o racismo (filosofia que faz distinção e credita superioridade de determinada raça sobre outras) e o sexismo (filosofia que faz distinção e credita superioridade de determinado gênero ou orientação sexual sobre outros), não há porque aceitarmos o especismo (filosofia que faz distinção e credita superioridade de determinada espécie sobre outras -no caso, a dos humanos sobre outras).<sup>110</sup>

<sup>106</sup> Idem.

<sup>107</sup> Disponível em: <<http://www.onca.net.br/textos-e-publicacoes/direitos-animais/>>. Acesso em: 16 de dez. 2015.

<sup>108</sup> Animais vítimas de pesca acidental são animais que a indústria da pesca obtém acidentalmente na rede: tem a intenção de pescar um animal, mas a rede pesca outros também. Processo semelhante ocorre com a caça acidental.

<sup>109</sup> Disponível em: <<http://www.onca.net.br/textos-e-publicacoes/direitos-animais/>>. Acesso em: 16 de dez. 2015.

<sup>110</sup> Idem.

O *frame bridging* também é encontrado na página “Apostilas de compilações” do grupo. Três das quatro disponíveis no site são: “Impacto à saúde humana do consumo de produtos de origem animal”, “Produção animal e impacto ambiental”, “Impacto da pesca: vida animal, meio ambiente e saúde humana”. Dessa forma, além da conexão da causa animal com as sociais acima (das mulheres e negros), o grupo conecta a causa animal com saúde e com meio ambiente, desenvolvendo essa conexão nas apostilas.

O Facebook<sup>111</sup> do grupo tinha mais de 9.100 curtidas até dezembro de 2015 e 115 publicações no período analisado. Dessas, 59 publicações não foram analisadas. Das analisadas, a ampla maioria faz o processo de *frame amplification*. O *amplification* fala do status animal, como nas publicações que levam os textos: “os animais não são coisas” (Código Civil Austríaco, Artigo 285a, de 1 de julho de 1988)<sup>112</sup>, “a vida dos animais é tão importante para eles como as nossas são para nós” (Ingrid Newkirk)<sup>113</sup> e “os animais existem para os seus próprios propósitos” (Alice Walker)<sup>114</sup>. Esse processo também acontece em pontos específicos da causa, quando o grupo explica determinadas situações, como o abandono de cães, que “aumenta 70% no período de férias”<sup>115</sup>, e a compra de cães, que “aumenta na época do Natal”. Nesses casos, o grupo aproveita para direcionar para o site, na parte “Exploração Animal A-Z”, para a página da exploração específica, que apresenta mais informações sobre a situação. O processo de *amplification* ainda acontece sobre o repertório de ação, quando o grupo publica fotos de ações que fazem parte do seu repertório, o que acontece com frequência no período analisado. O Passeio da Vaquinha e os Atos são as ações do repertório que mais aparecem.

Em menor quantidade no Facebook, mas também presente, o grupo faz o processo de *frame bridging*: conecta o veganismo à paz, saúde, meio ambiente problemas sociais, como nos exemplos: “Não há paz para ninguém se não há paz para todos. Veganismo é a paz na prática”<sup>116</sup> e

<sup>111</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/OncaAnimal/?fref=ts>>. Acesso em: 16 de dez. 2015.

<sup>112</sup> Disponível em: <<https://goo.gl/TAvG1p>>. Acesso em: 16 de dez. 2015.

<sup>113</sup> Disponível em: <<https://goo.gl/xTcf2P>>. Acesso em: 16 de dez. 2015.

<sup>114</sup> Disponível em: <<https://goo.gl/8Av84f>>. Acesso em: 16 de dez. 2015.

<sup>115</sup> Disponível em: <<https://goo.gl/4aHNHc>>. Acesso em: 16 de dez. 2015.

<sup>116</sup> Disponível em: <<https://goo.gl/CmMZ6H>>. Acesso em: 16 de dez. 2015.

VOCÊ SABIA que desde 2010 a ONU (Organização das Nações Unidas) indicou a dieta vegana como forma de combater uma série de problemas sociais? [...] VEGANISMO – SOLUÇÕES PRÁTICAS PARA UM NOVO SÉCULO – O princípio do veganismo sob as 4 principais óticas: um novo olhar com relação a vida animal, soluções aos impactos ambientais, opções a problemas sociais vigentes e prevenção a doenças que mais afetam atualmente a saúde humana.<sup>117</sup>

Conectam também a liberdade animal à liberdade humana, na publicação<sup>118</sup>:

FIGURA 06 – PUBLICAÇÃO DO ONCA NO FACEBOOK



FONTE: Página do Onca no Facebook.

Por fim, o grupo participou da campanha contra o consumo e a produção do foie gras. No Facebook, a campanha tem o processo de *amplification*, já que se deu através da criação de um álbum de fotos da criação de patos e gansos para a produção do foie gras e de um álbum de fotos do protesto contra o foie gras em um dos restaurantes de Curitiba (PR) que servem o prato e que, em meio à discussão sobre a proibição do foie gras (e também de pele) na cidade de São Paulo, criaram um festival para apresentar ao público o prato (após protestos, o evento foi cancelado). No primeiro álbum, mostram a situação dos animais usados para esse

<sup>117</sup> Disponível em: <<https://goo.gl/PIHCGe>>. Acesso em: 16 de dez. 2015.

<sup>118</sup> Disponível em: <<https://goo.gl/e7c3E7>>. Acesso em: 16 de dez. 2015.

fim: as fotos mostram a alimentação forçada dos animais, o confinamento em pequenos espaços, animais machucados e sendo esfolados. No segundo álbum, mostram o protesto feito pelo Onca, SVB, e protetores independentes, que “se reuniram nos pontos de acesso ao shopping para divulgar a crueldade sofrida pelos animais para a produção do foie gras”<sup>119</sup>. Fizeram isso através de cartazes com fotos que mostravam a situação dos animais, panfletagem e intervenção artística. Nesse caso, o grupo explorou uma oportunidade política para a mobilização, aproveitando a discussão do tema nas esferas políticas formais no município de São Paulo para debater sobre o tema em Curitiba.

### 3.1.3 Revolução da Colher

A Revolução da Colher é um “movimento internacional que atua pela expansão do vegetarianismo e pela elevação da consciência das pessoas”<sup>120</sup>. Mostram de maneira lúdica como começou nasceu a Revolução da Colher, através de um vídeo<sup>121</sup> de animação que conta a história de uma reunião dos animais para acabar com as atrocidades dos homens, fazer uma revolução. Três crianças são convidadas para a reunião e sugerem acabar com as armas na alimentação (garfo e faca) e usar a colher. Começa assim a Revolução da Colher, uma simbologia que representa que a alimentação tem consequências políticas e sociais. A colher, que simboliza a alimentação não-violenta, é um personagem do grupo, chamada de OKI (onde o I seria o desenho da colher), e instrumento de divulgação da causa, já que o grupo chama os materiais de divulgação de OKIS.

No quadro de diagnóstico, o problema é a violência com a natureza, com as pessoas e com os animais (“matança e exploração de animais ou pessoas”). A responsabilidade do problema é atribuída à falta de respeito às diversas formas de vida. O grupo deixa claro o prognóstico (solução do problema) de vegetarianismo, que pela não-violência e pela compaixão (*ahimsa*) eleva a consciência, e associa

<sup>119</sup> Disponível em: <<https://goo.gl/eVF6CA>>. Acesso em: 16 dez. 2015.

<sup>120</sup> Disponível em: <<http://revolucaodacolher.org/>>. Acesso em: 18 de dez. 2015.

<sup>121</sup> Disponível em: <<http://birth.spoonrevolution.com/portugues.html>>. Acesso em: 18 de dez. 2015. O vídeo tem um viés espiritualista e no final do vídeo aparece a frase “Quando os humanos já não comerem mais carne, tornar-se-ão pessoas melhores, terão mais compaixão por outras entidades vivas, não se matando entre eles e nem cometendo a atrocidade do aborto”. A data de publicação do vídeo no Youtube é janeiro de 18/01/2007.

vegetarianismo à liberdade animal. O site do grupo apresenta o quadro motivacional na sessão “Participe”, onde faz chamado para participar da “Revolução”. No site, a Revolução da Colher trabalha com “consumo de carne e de produtos do sofrimento animal”, que subentende uma postura vegana. Contudo, um termo relacionado ao veganismo só aparece nas Páginas Douradas<sup>122</sup>.

O grupo trabalha com os conceitos de reino original, embaixador, embaixada, ministérios, passaporte e páginas amarelas, onde são listados os ministérios (escolas de yoga, centros educacionais, eco-aldeias, lojas, restaurantes, turismo, lugares artísticos e médicos) cadastrados em 26 países:

O Reino Original da Revolução da Colher é todo território livre de matança ou exploração de pessoas ou animais. Assim, toda casa onde as pessoas não consomem carne ou produtos do sofrimento animal é uma Embaixada do Reino Original da Revolução da Colher, e todo vegetariano é automaticamente um Embaixador da Revolução da Colher!

O Reino Original é regido pela lei maior do ahimsa, ou não-violência, e por isso, ele é um Reino que amplia suas fronteiras cada vez mais.

Os estabelecimentos conscientes, que ajudam a difundir a proteção aos animais e ao meio ambiente, assim como os centros de ativismo não-violento, podem ser Ministérios da Revolução da Colher.

Os cidadãos do Reino Original (vegetarianos com Passaporte do Reino Original), tem direito a vantagens, como descontos ou brindes, em todos os Ministérios da Revolução da Colher no mundo.<sup>123</sup>

No trecho acima, há o esboço do *frame bridging* ao conectarem a causa com o meio ambiente, e o *frame amplification*, que explica a causa. Eles constroem seu quadro com o viés religioso, o que fica mais evidente na sessão “Vegetarianismo e Espiritualidade”:

<sup>122</sup> Disponível em: <<http://www.thegoldenpages.info/data.php?contentID=4>>. Acesso em: 18 de dez. 2015.

<sup>123</sup> Disponível em: <<http://revolucaodacolher.org/o-reino-original/>>. Acesso em: 18 de dez. 2015.



FIGURA 07 – WEBSITE DA REVOLUÇÃO DA COLHER:  
VEGETARIANISMO E ESPIRITUALIDADE



FONTE: Website da Revolução da Colher.

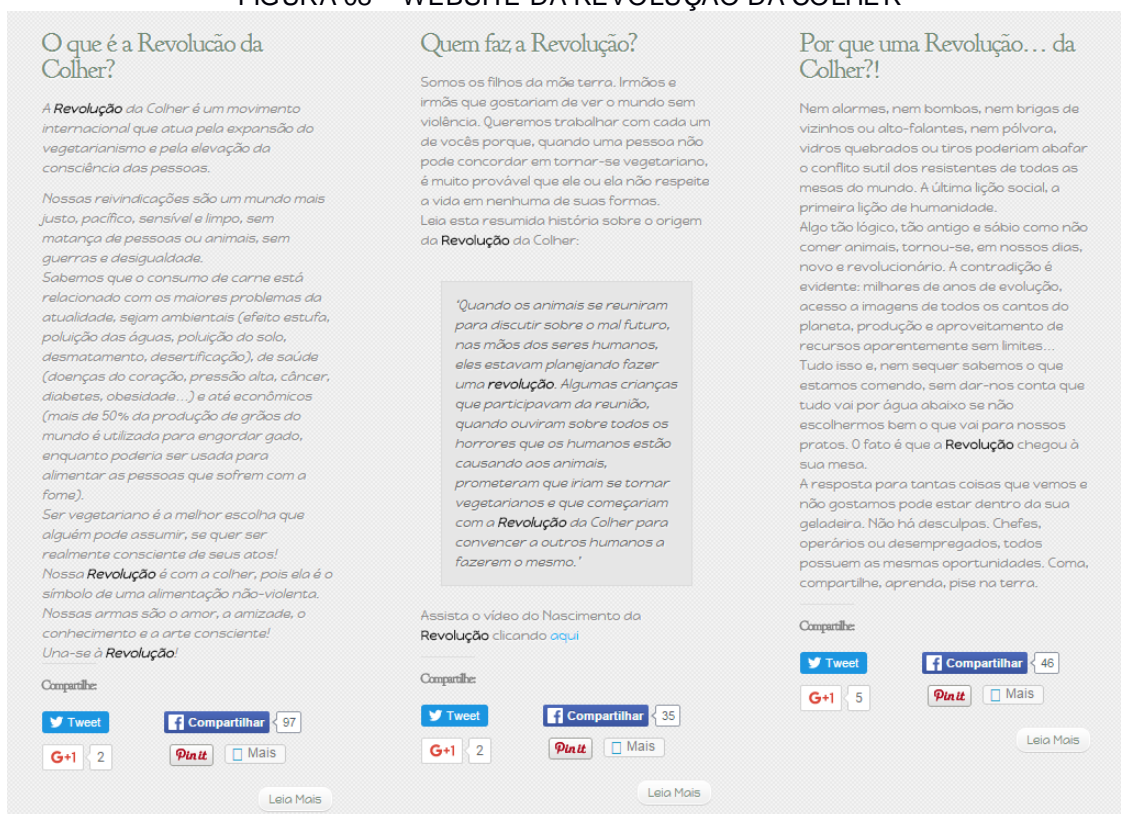
Nessa sessão, o grupo trabalha com o vegetarianismo por meio de religiões e líderes religiosos. Fala da filosofia Védica, onde voltam a citar o princípio do *ahimsa*, “propagado por Mahatma Gandhi, que liderou milhões de hindus na libertação da Índia contra a opressão britânica”, defendendo a posição de que pelo princípio que “promove a misericórdia, o amor e a compaixão por todas as entidades vivas” há a mudança de “comportamento e da consciência humana”, no sentido de ter um ambiente mais pacífico. Em seguida citam o islamismo e seu livro sagrado, o alcorão, e cristianismo e a Bíblia, com recortes que aconselham o não consumo de carne, o não sacrifício, como: “Eu vim para abolir os sacrifícios, e se você não pára de sacrificar, a ira de Deus não cessará em você”<sup>124</sup>.

Também são encontrado enquadramentos na página inicial do site:

<sup>124</sup> Disponível em: <<http://revolucaodacolher.org/jesus-era-vegetariano/>>. Acesso em: 18 de dez. 2015.



FIGURA 08 – WEBSITE DA REVOLUÇÃO DA COLHER



FONTE: Website da Revolução da Colher.

Na parte “o que é a Revolução da Colher”, quando o grupo coloca as suas reivindicações, também faz o processo de *frame bridging* ao citar problemas sociais (matança de pessoas, guerras, desigualdade, questões de saúde), ao conectar o consumo de carne com problemas ambientais e econômicos:

Nossas reivindicações são um mundo mais justo, pacífico, sensível e limpo, sem matança de pessoas ou animais, sem guerras e desigualdade. Sabemos que o consumo de carne está relacionado com os maiores problemas da atualidade, sejam ambientais (efeito estufa, poluição das águas, poluição do solo, desmatamento, desertificação), de saúde (doenças do coração, pressão alta, câncer, diabetes, obesidade...) e até econômicos (mais de 50% da produção de grãos do mundo é utilizada para engordar gado, enquanto poderia ser usada para alimentar as pessoas que sofrem com a fome). Ser vegetariano é a melhor escolha que alguém pode assumir, se quer ser realmente consciente de seus atos!<sup>125</sup>

O Facebook do grupo<sup>126</sup> geral da Revolução da Colher Brasil (não os locais), tinha mais de 2.600 curtidas em dezembro de 2015 e teve menos de 20 publicações

<sup>125</sup> Disponível em: <<http://revolucaodacolher.org/>>. Acesso em: 18 de dez. 2015.

no ano de 2015 e por isso analisa-se as publicações em todo o período de 2015. As publicações recebem a média de 11 curtidas e 2 compartilhamentos. A que recebeu mais curtidas e compartilhamentos é a publicação que compartilha a matéria "Ser vegano não é o que você pensa"<sup>127</sup>, com 69 e 16, respectivamente.

Além da página no Facebook da Revolução da Colher ter poucas publicações, em geral, as publicações analisadas têm pouco ou nenhum texto do grupo, como as imagens mostram:

FIGURA 09 – PUBLICAÇÃO DA REVOLUÇÃO DA COLHER NO FACEBOOK



FONTE: Página da Revolução da Colher no Facebook.

<sup>126</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/RevolucaodaColher/?fref=ts>>. Acesso em: 18 de dez. 2015.

<sup>127</sup> Disponível em: <<https://goo.gl/naxRNw>>. Acesso em: 18 de dez. 2015.

FIGURA 10 – PUBLICAÇÃO DA REVOLUÇÃO DA COLHER NO FACEBOOK



FONTE: Página da Revolução da Colher no Facebook.

Nas imagens acima, ao grupo dizer os seus valores, ele trabalha com *amplification*. Na última imagem, fala da Segunda sem Carne sem a imagem oficial da campanha e sem mencionar a SVB, que responsável pela campanha no Brasil, e o *amplification* é mais trabalhado do que na primeira, com a legenda da foto e as *hashtags*.

O grupo faz o processo de *frame bridging* na campanha Doação de Sangue Verde (que aconteceu no início de 2015, com a doação em fevereiro), que conecta o veganismo com doação de sangue; na publicação que anuncia a participação de uma terapeuta, que ia discutir ciclos femininos e absorventes ecológicos, num evento do grupo, o que conecta o veganismo a pautas femininas; no compartilhamento da imagem de satélite de Mariana<sup>128</sup>, antes e depois do desastre ambiental<sup>129</sup>; e no compartilhamento da matéria que fala do relatório da Organização Mundial da Saúde – OMS, conectando o consumo de carne à saúde (o relatório da OMS declara que bancon, lingüiça e carne vermelha podem causar câncer)<sup>130</sup>. Contudo, assim como ocorre com o Camaleão, o *bridging* é quase um *amplification*,

<sup>128</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/RevolucaodaColher/posts/1057720390953939/>>. Acesso em: 18 de dez. 2015.

<sup>129</sup> O desastre ambiental de Mariana se refere ao rompimento da barragem da mineradora Samarco (cujas principais acionistas são a Vale e a BHP), ocorrido em 5 de novembro de 2015. O rompimento da barragem, que despejou cerca de 50 a 60 milhões de metros cúbicos de volume de rejeitos, destruiu o distrito mineiro de Bento Rodrigues, em Mariana (MG), deixando mais de 600 pessoas desabrigadas.

<sup>130</sup> Disponível em: <<https://goo.gl/e2X6pg>>. Acesso em: 18 de dez. 2015.

já que as conexões não são desenvolvidas mais a fundo – nos três últimos casos, o grupo apenas fez o compartilhamento dos conteúdos, sem reflexões.

### 3.1.4 Sociedade Vegetariana Brasileira - SVB

A SVB tem registro como ONG e uma organização que conta com diretoria, departamentos (Medicina e Nutrição, Campanhas, Publicações e Publicidade, Ética Animal, Certificação, Administração, Meio Ambiente e Jurídico) e grupos locais. A SVB tem vários livros publicados<sup>131</sup>, faz várias campanhas e grandes eventos vegetarianos (como a VegFest).

A Sociedade Vegetariana Brasileira (SVB) atua desde 2003 promovendo o vegetarianismo como uma opção alimentar ética, saudável e sustentável. Através de campanhas, convênios, eventos, pesquisa, educação e atuação política, a SVB realiza conscientização a respeito dos benefícios do vegetarianismo e trabalha para aumentar o acesso da população a produtos e serviços vegetarianos.<sup>132</sup>

O objetivo principal é a “promoção do vegetarianismo em todos os seus aspectos”. No seu quadro de diagnóstico, o grupo apresenta como problema a exploração animal, a degradação do meio ambiente e da sociedade. A fonte do problema é a alimentação onívora, a pecuária e setores de produção animal em geral e a visão instrumental, que objetifica e explora os seres não-humanos, numa ideia de que “seres superiores” podem fazer com as “inferiores” o que bem entenderem<sup>133</sup>. Devido à senciência, o quadro de diagnóstico coloca como solução ao problema o respeito aos animais e a consideração moral deles, o que desemboca no veganismo e no vegetarianismo estrito (sendo esse último o quadro que mais trabalham, devido ao foco na alimentação). Trabalham o quadro motivacional ao mostrarem a gravidade do problema, especificamente da situação dos animais na página “Ética animal”, ao convidarem para ação na página “Junte-se a nós” e nas campanhas Segunda sem Carne e Desafio 21 Dias sem Carne, e ao ressaltar a viabilidade da solução proposta, como no trecho: “tenha certeza de que não é tão

---

<sup>131</sup> Disponível em: <<http://www.svb.org.br/publicacoes/livros>>. Acesso em: 19 de dez. 2015.

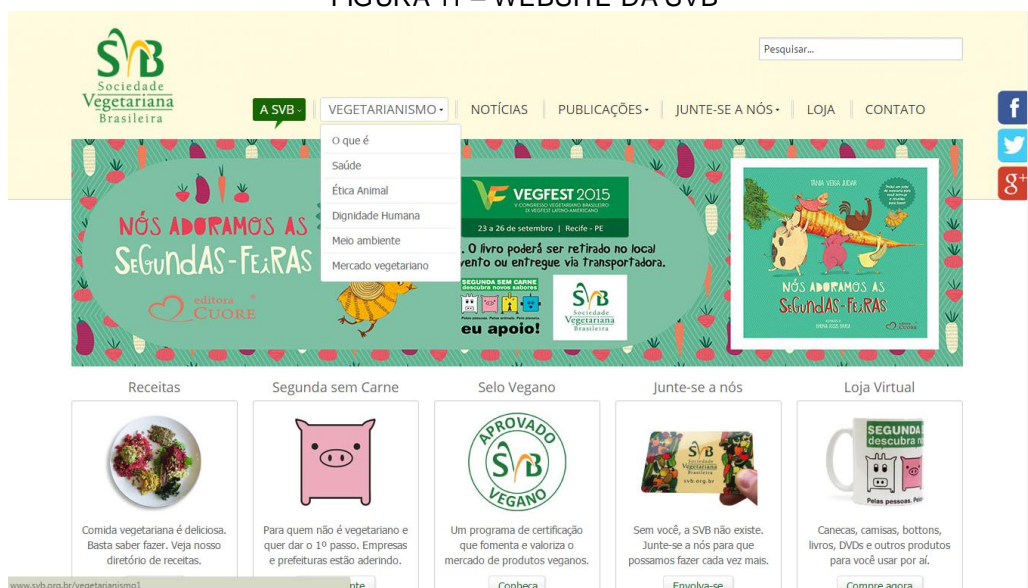
<sup>132</sup> Disponível em: <<http://www.svb.org.br/svb/quem-somos>>. Acesso em: 19 de dez. 2015.

<sup>133</sup> Disponível em: <<http://www.svb.org.br/vegetarianismo1/etica-animal>>. Acesso em: 19 de dez. 2015.

difícil quanto parece, é surpreendentemente delicioso, aumenta (em vez de diminuir) o seu repertório de pratos, culinárias e alimentos e, mais importante ainda, é o melhor que você pode fazer pela sua saúde, pelos animais, pelas pessoas e pelo meio ambiente”<sup>134</sup>.

Na sessão “Vegetarianismo” podem ser encontrados os enquadramentos principais:

FIGURA 11 – WEBSITE DA SVB



FONTE: Website da SVB.

Na aba “O que é”, a organização define o termo vegetarianismo e se posiciona como preconizadora do vegetarianismo estrito:

Vegetarianismo é o regime alimentar que exclui todos os tipos de carnes.

O vegetarianismo costuma ser classificado da seguinte forma:

- (a) Ovolactovegetarianismo: utiliza ovos, leite e laticínios na sua alimentação.
- (b) Lactovegetarianismo: utiliza leite e laticínios na sua alimentação.
- (c) Ovovegetarianismo: utiliza ovos na sua alimentação.
- (d) Vegetarianismo estrito: não utiliza nenhum produto de origem animal na sua alimentação.

Desde sua fundação a SVB preconiza o vegetarianismo estrito.

A filosofia do veganismo (não consumo de qualquer produto que gere exploração e/ou sofrimento animal) adota o vegetarianismo estrito no âmbito da alimentação. Por isso, costuma-se também chamar de “vegano” aquele que não consome nenhum alimento de origem animal (carnes, ovos, laticínios, etc.).<sup>135</sup>

<sup>134</sup> Disponível em: <<http://www.svb.org.br/vegetarianismo1/o-que-e>>. Acesso em: 19 de dez. 2015.

<sup>135</sup> Disponível em: <<http://www.svb.org.br/vegetarianismo1/o-que-e>>. Acesso em: 19 de dez. 2015.



Além disso, na aba constam “razões para se tornar vegetariano”. As razões são as mesmas das outras abas: Ética (Ética animal), Saúde, Meio ambiente e Sociedade (Dignidade humana); e são nessa descritas de forma resumida:

FIGURA 12 – WEBSITE DA SVB: VEGETARIANISMO

**Muitas razões para ser vegetariano!**

São diversos os motivos que levam os indivíduos a se tornarem vegetarianos:

**1. Ética**

São abatidos mais de 10 mil animais terrestres por minuto no Brasil para produzir carnes, leite e ovos. A maioria destes animais são frangos, porcos e bois – animais que têm uma complexa capacidade cognitiva e sentem dor, sofrimento e alegria da mesma forma que os cães que temos em casa. Os animais são **sencientes** (capazes de sofrer e sentir prazer e felicidade), por isso a escolha vegetariana é uma escolha de não compactuar com a exploração, confinamento e abate destes animais. ([saiba mais](#))

**2. Saúde**

Diversos estudos associam efeitos positivos de saúde com a maior utilização de produtos de origem vegetal e restrição de produtos oriundos do reino animal. De acordo com inúmeros estudos científicos – cada vez mais freqüentes e publicados por instituições idôneas –, o consumo de carnes está diretamente associado ao risco aumentado de doenças crônicas e degenerativas como diabetes, obesidade, hipertensão e alguns tipos de câncer. ([saiba mais](#))

**3. Meio ambiente**

Segundo a ONU, o setor pecuário é o maior responsável pela erosão de solos e contaminação de mananciais aquíferos do mundo. A ONU também estimou que cerca de 14,5% das emissões de gases do efeito estufa oriundas de atividades humanas têm origem no setor pecuário. A maior parte do desmatamento da Amazônia tem sua origem na produção de carnes, laticínios e ovos. 97% do farelo de soja e 60% do milho produzidos globalmente são utilizados não para consumo humano, mas para virar ração para as fazendas e granjas industriais, produzindo alimentos a uma eficiência muito baixa. ([saiba mais](#))

**4. Sociedade**

A produção de alimentos através da atividade pecuária não é apenas ambientalmente degradante, mas também contribui significativamente para o desperdício global de alimentos, uma vez que são consumidos de 2 a 10 Kg de proteína vegetal (por exemplo, soja) para produzir apenas 1 Kg de proteína de origem animal. Em um mundo com 1 bilhão de pessoas que passam fome, jogar toda essa comida no lixo é socialmente inaceitável. Ademais, o setor pecuário concentra a maior parte da mão-de-obra escrava rural brasileira. ([saiba mais](#))

Segundo alguns estudos, a principal motivação de adoção do vegetarianismo é a **ética**, seguido da motivação de **saúde** e, em menor proporção, de outras motivações.

**O dia-a-dia do vegetariano**

Ser vegetariano é mais fácil do que parece. Se você nunca considerou esta possibilidade e não consegue pensar em aderir, comece com a **Segunda Sem Carne**. Mas tenha certeza de que não é tão difícil quanto parece, é surpreendentemente delicioso, aumenta (em vez de diminuir) o seu repertório de pratos, culinárias e alimentos e, mais importante ainda, é o melhor que você pode fazer pela sua saúde, pelos animais, pelas pessoas e pelo meio ambiente. Veja algumas informações sobre o [mercado vegetariano no Brasil](#).

FONTE: Website da SVB.

De acordo com a figura acima, o alinhamento de quadros da SVB é *amplification*, quando discorre sobre ética animal e *bridging*, ao ligar o quadro da causa animal com saúde humana (vegetarianos têm menor índice de doenças), meio ambiente (grande consumo de água, despejo de dejetos na água, contaminação do solo e da água, grande emissão de CO<sub>2</sub>, desmatamento de floresta para pasto ou para plantações para produção de ração e grande demanda de terra) e causas sociais (fome e trabalho escravo). Reforçam a associação entre exploração animal e exploração humana quando falam sobre dignidade humana, ao dizer que “de certa

forma, percebe-se assim que a escravidão animal está ligada à escravidão humana. Quando adquirimos produtos de origem animal, estamos contribuindo para um círculo de exploração de humanos e animais”<sup>136</sup>. O site traz informações de diversas fontes (órgãos oficiais do governo, institutos de pesquisa) o que indica que a SVB leva em consideração posições contrárias, tendo abertura ao processo de *frame extension*.

Em “Ética animal” se encontra um dos trechos em que, além de fazer *amplification* em explicar a situação dos animais, há teor moral:

Os animais que consumimos, como vacas, porcos, galinhas e peixes, são seres sencientes (capazes de sofrer e experimentar contentamento) e que, portanto, **merecem respeito e consideração moral**. Além disso, esses animais são capazes de tomar conta de si mesmos, de escolherem o que querem para si. Nessa perspectiva, tais animais possuem valor intrínseco, ou seja, devem ser considerados como fins em si mesmos – e não como mero objetos para satisfazer os interesses humanos [grifos nossos].<sup>137</sup>

A página do Facebook da SVB<sup>138</sup> tinha mais de 35.800 curtidas em janeiro de 2015 e 126 publicações no período analisado. Os temas que mais apareceram no nesse período foram: foie gras, VegFest, Porcas do Rodoanel<sup>139</sup>, Desafio 21 Dias sem Carne, Segunda sem Carne e Meio Ambiente. As publicações sobre o VegFest, com exceções, não foram analisadas por apenas divulgar o evento.

O tema mais encontrado é sobre o **foie gras**, a mobilização pela proibição do consumo e produção de foie gras e venda de pele em São Paulo (#FoieGrasNão #PeleNão), que identificou uma oportunidade política, apresentou o processo de *frame amplification*. Empreendeu o *amplification* com as *hashtags* #chegadetortura, #pelosanimais, #sancionaHaddad, #proibeHaddad, configurando a prática como tortura, defendendo o que seria melhor para os animais e tentando mobilizar o

<sup>136</sup> Disponível em: <<http://www.svb.org.br/vegetarianismo1/dignidade-humana>>. Acesso em: 19 de dez. 2015.

<sup>137</sup> Disponível em: <<http://www.svb.org.br/vegetarianismo1/etica-animal>>. Acesso em: dez. 2015.

<sup>138</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/SociedadeVegetarianaBrasileira/?fref=ts>>. Acesso em: 19 de dez. 2015.

<sup>139</sup> Porcas do Rodoanel refere-se ao acidente ocorrido no trecho Oeste do Rodoanel, em Barueri, na Grande São Paulo, quando, na madrugada do dia 25/08/2015, o motorista do caminhão que carregava 110 porcas para o abate perdeu o controle e a carreta tombou. Os animais ficaram mais de sete horas espremidos até que ativistas e funcionários da concessionária responsável pela via conseguissem desvirar a carreta. Dezenas morreram no local, e vários sofreram graves lesões. Os ativistas conseguiram negociar com a empresa e as porcas que não morreram foram levadas para um santuário, cuja despesa vem sendo paga através de financiamento coletivo.



consenso entrar na campanha e pressionar o prefeito a proibir a prática. Além das *hashtags*, os textos configuram a prática dessa alimentação como crueldade em: "iguaria da crueldade chamada 'foie gras'", "...palhaçada do #foiegras e dos #casacosdepele em São Paulo!". Empreendeu o *amplification* ao esclarecer a condição dos animais usados para foie gras e para pele, nas publicações com imagens de animais em situações de uso para o foie gras, engaiolados, machucados e sendo alimentados forçadamente, e para obtenção de pele, também machucado e enjaulado.

FIGURA 13 – PUBLICAÇÃO DA SVB NO FACEBOOK

The image shows a Facebook post from the page 'Sociedade Vegetariana Brasileira - SVB'. The post features a large blue banner with white text that reads: 'ATO PELA PROIBIÇÃO DO FOIE GRAS E DO COMÉRCIO DE PELES EM SÃO PAULO'. Below the banner, it specifies the date and time: 'Quarta-feira 24/jun - 10h30' and the location: 'Prefeitura de São Paulo - Edif. Matarazzo (Viaduto do Chá, 15 - próx. metrô Anhangabaú)'. The post includes two photographs: one of a duck being force-fed and another of a dog in a cage. At the bottom of the post, there are several logos and hashtags, including #SANCIONAHADDAD, #PROIBEHADDAD, #PL537/2013, and logos for SVB, NÃO MATE, FORUM NACIONAL DE PROTEÇÃO E DEFESA ANIMAL, CRUELDADE NUNCA MAIS, foas, VISTA-SE, and INSTITUTO LUISA MELL. To the right of the post, the Facebook interface shows the number of likes (323), comments (11), and shares (323). Several comments are visible, including one from Terezinha Rodrigues Vieira Dias and another from Ronaldo Lemos Perfeito.

FONTE: Página da SVB no Facebook.

Esse processo também foi feito sobre o repertório de ação do grupo, já que algumas três publicações do tema mostram a ONG envolvida em protestos. Os protestos em São Paulo pressionaram as partes responsáveis a proibir o consumo de foie gras e de pele e ocorreram em conjunto com os grupos NÃO MATE e MOVE, enquanto o protesto em Curitiba, junto com o grupo Onca, levou a discussão a público.

A SVB teve ampla participação na campanha contra o foie gras e contra pele. A ONG mostrou grande esforço comunicativo para pressionar o prefeito Fernando Haddad a sancionar a lei, ao, não só fazer protestos, mas ainda pedir para a população assinar petição e ligar ao gabinete para expressar a opinião favorável à

proibição, e se reunir com instâncias formais para discutir o assunto, em defesa dos animais. A SVB se uniu a outras organizações do movimento em São Paulo (Luisa Mell, MOVE e NÃO MATE) para participar de reuniões com Alexandre Padilha, secretário de Relações Governamentais e com o prefeito Fernando Haddad, a quem entregaram a petição com mais de 90 mil assinaturas. No momento em que Haddad alegou que ia vetar o projeto, argumentando que não era de competência municipal, o departamento jurídico da SVB demonstrou a legalidade e constitucionalidade do projeto, bem como o parecer jurídico da Ordem dos Advogados do Brasil - Seção de São Paulo (OAB/SP). A SVB ainda teve envolvimento com o momento posterior à sanção da lei, quando ela suspensão pelo TJ-SP: a ONG entrou com pedido de fazer parte do processo como *amicus curiae* (amigo da corte) e o teve o pedido aceito, o que significa que terá seus argumentos ouvidos pela justiça. A pressão exercida pelo grupo indica um grande esforço de comunicação política, ampliando o seu quadro.

Outro ponto desse confronto é a concretude dos adversários. Depois de sancionada a lei, a ANR entrou com recurso no TJ-SP e teve seu pedido de suspensão da lei atendida. Então escreve uma carta aberta aos restaurantes de São Paulo, argumentando sobre sua posição favorável à proibição e empreendendo o processo de *frame amplification*:

Além de ser constitucional, a proibição do foie gras faz parte do progresso ético da sociedade – e vocês (chefs e restaurantes) podem crescer junto. [...] Pedimos que vocês escutem a sociedade: mesmo que alguns consumidores ainda queiram consumir patê de fígado de animais submetidos a alimentação forçada, a maioria absoluta das pessoas acha que essa prática é simplesmente errada e inaceitável. Para elas, isso não é mais uma questão meramente pessoal; é uma questão ética, uma questão de respeito básico. Esse imenso contingente de cidadãos entende que as pessoas não podem fazer o que quiserem com os animais – mesmo que haja consumidores dispostos a pagar por isso. [...] Como vocês bem sabem, os consumidores não buscam mais apenas o paladar. Os consumidores buscam um consumo consciente e uma alimentação coerente com os seus princípios, e esses princípios freqüentemente incluem o respeito aos animais. O foie gras é um ícone da crueldade contra os animais ditos "de consumo" e, como tal, não tem mais lugar na nossa sociedade. [fala mais de sofrimento animal] Por outro lado, vemos que vocês afirmam que o problema do sofrimento animal não se resume ao foie gras. Sim – realmente, a questão é muito mais profunda. Mais de 10 mil frangos são abatidos a cada minuto no Brasil – a imensa maioria após uma vida sofrida e curta (apenas cerca de 40 dias), cheia de privações e dores devido ao crescimento acelerado artificialmente. Outros animais, como as vacas leiteiras, sofrem tanto quanto os frangos – ou mais, levando-se em conta que passam anos em gestações induzidas

consecutivas, com inflamações nas tetas e tendo seu filhote separado à força apenas 24 horas após o nascimento, no auge do instinto maternal.

Portanto, sim – o problema do sofrimento animal é muito maior, as pessoas devem lembrar disso a cada vez que sentam para comer, e certamente serão necessárias mudanças muito importantes nos nossos padrões de produção e consumo para que caminhemos mais rapidamente rumo a uma sociedade efetivamente respeitosa para com os animais.

Mas isso não significa que não possamos começar a dar alguns passos importantes. Estes passos precisam ser dados se não quisermos permanecer estagnados. Como disse Nelson Mandela quando o apartheid sul-africano chegou ao fim, "sempre parece impossível – até que seja feito". Com certeza Mandela concordaria que não devemos – e vocês não devem – repudiar um ato de progresso moral da sociedade. As tradições (gastronômicas ou não) devem ser valorizadas, mas não podem impedir que a sociedade caminhe para a frente. [...] <sup>140</sup>

O tema **Porcas do Rodoanel** foi o que mais gerou interações na página (curtidas, comentários e compartilhamentos) e também teve o processo de *frame amplification*. Vê-se isso pelas *hashtags* usadas #GoVegan #SeVocePararDeComprarElesParamDeMatar, #TodosUnidosPelosAnimais e #sevoceamaumporquecomeoutro . A #SeVocePararDeComprarElesParamDeMatar esclarece que os porcos que sofrem para consumo de carne são responsabilidade de quem consome carne ; a #sevoceamaumporquecomeoutro cita a campanha da SVB de mesmo nome e reforça o quadro da causa animal , lembrando da semelhança entre os seres que são considerados comida e os que são considerados de estima ; e a #GoVegan propõe como solução o veganismo. Alguns textos das publicações que também fazem esse processo são: “as “Marias” estão se divertindo e aproveitando a liberdade que desde sempre deveriam ter”<sup>141</sup>, “VIDAS, não comida”<sup>142</sup> e

Agora, são 66 porcos vivendo em paz no santuário, frente a um total de 110 animais que havia na carreta na ocasião do acidente. Esses animais são os embaixadores dos milhões de animais que são mortos (após passar por um transporte torturante) todos os dias desnecessariamente, injustamente, em nome do “paladar”. APERTE O BOTÃO DE “PARAR” NESSA INDÚSTRIA DA MORTE. #GOVEGAN HOJE!<sup>143</sup>

Acontecimento semelhante ao tombamento do caminhão com porcas no Rodoanel, foi o afundamento do navio que carregava bois em Barcarena, no

<sup>140</sup> Disponível em: <<https://goo.gl/bEv6sR>>. Acesso em: 19 de dez. 2015.

<sup>141</sup> Disponível em: <<https://goo.gl/w9ID76>>. Acesso em: 19 de dez. 2015.

<sup>142</sup> Disponível em: <<https://goo.gl/LNaUsM>>. Acesso em: 19 de dez. 2015.

<sup>143</sup> Disponível em: <<https://goo.gl/eUApZG>>. Acesso em: 19 de dez. 2015.

nordeste do Pará, em 6 de dezembro de 2015. O navio, que carregava cerca de 5 mil bois vivos, tombou foram poucos os animais que conseguiram escapar do naufrago<sup>144</sup>. O pronunciamento da SVB sobre o assunto novamente foi um processo de *frame amplification*, falando do sofrimento dos animais em situação de uso para consumo, que terminou no convite ao Desafio 21 Dias sem Carne:

Há apenas pouco mais de um mês, a tragédia dos #PorcosDoRodoanel também nos convocou a despertar, expondo para a sociedade o sofrimento de animais que são sencientes, inteligentes e merecem todo o nosso respeito - mas que são invisíveis aos olhos dos moradores das cidades brasileiras.

Quantas tragédias mais serão necessárias para que as pessoas despertem? Quantas imagens chocantes precisaremos ver nos noticiários para perceber que, na verdade, esses horrores nada mais são do que o suplício DIÁRIO de milhões de animais no Brasil e no mundo?

Quando não morrem num acidente de carreta ou num naufrágio, esses animais sofrem e morrem de maneira igualmente trágica, nas granjas de confinamento intensivo, no transporte torturante e nos matadouros.

Você pode mudar isso. E pode começar hoje. Encare o Desafio #21DiasSemCarne e não faça mais parte de nada disso  
♥ [www.desafio21diassemcarne.com](http://www.desafio21diassemcarne.com) #pelosanimais<sup>145</sup>

Já as publicações sobre o **Desafio 21 Dias sem Carne** faz o processo de *frame bridging* ao usar sempre as *hashtags* #PelasPessoas, # PeloPlaneta, #pelasaúde e #porUmMundoMelhor, além da #PelosAnimais e #govegan que fazem o *amplification*, expondo a situação dos animais e propondo como solução o veganismo. Os textos reforçam a conexão do consumo de carne com o meio ambiente e a sociedade, como: “a ideia é incentivar e dar suporte às pessoas que querem adotar uma alimentação mais ética, saudável e sustentável”<sup>146</sup> e

A carne não é apenas nociva à saúde de quem a consome, mas também causa danos imensos ao meio ambiente e fomenta a crueldade contra bilhões de animais. Com a publicação de grande visibilidade da OMS, a SVB acredita que as pessoas tomarão ainda mais consciência de que a humanidade precisa caminhar para uma alimentação cada vez mais vegetariana.<sup>147</sup>

No Facebook da SVB, a campanha **Segunda sem Carne** repete os enquadramentos do Desafio 21 Dias sem Carne, fazendo *bridging* ao conectar o

<sup>144</sup> Disponível em: < <http://g1.globo.com/pa/para/noticia/2015/10/embarcacao-afunda-e-bois-tentam-escapar-de-naufrago-em-barcarena.html>>. Acesso em: 19 de de. 2015.

<sup>145</sup> Disponível em: <<https://goo.gl/ECHusw>>. Acesso em: 19 de dez. 2015.

<sup>146</sup> Disponível em: <<https://goo.gl/5FuVFS>>. Acesso em: 19 de dez. 2015.

<sup>147</sup> Disponível em: <<https://goo.gl/XBr1Lj>>. Acesso em: 19 de dez. 2015.

consumo de carne ao meio ambiente e à sociedade, e fazendo *amplification* ao reforçar o quadro dos animais sobre o consumo de carne. O enquadramento que surge timidamente é o *frame extension*, porque a Campanha Segunda Sem Carne conversa com órgãos oficiais do governo (como a Secretaria de Desenvolvimento Social de São Paulo e o deputado Roberto Tripoli, para a implementação da campanha na rede Bom Prato), o que indica a consideração de outros argumentos e argumentos contrários no quadro da mobilização. No caso da campanha, a SVB leva os interesses dos seus aliados (a prefeitura de São Paulo) e considera que a defesa do vegetarianismo estrito mais afasta do que aproxima as pessoas, então opta pela certeza de conseguir adeptos no longo prazo. Algumas publicações sobre a campanha levam as *hashtags* #PelosPessoas #PelosAnimais #PeloPlaneta. Os textos das publicações reforçam os enquadramentos das *hashtags*:

Além do valor nutritivo e de ser considerada a dieta mais saudável segundo a ONU, a filosofia por traz do vegetarianismo prima pela preservação da vida animal e por um desenvolvimento mais sustentável, o que nos faz pensar e questionar nossos hábitos em tempos difíceis para o meio ambiente.<sup>148</sup>

Quando o programa estiver inteiramente implementado, os restaurantes "Bom Prato" deixarão de comprar, juntos, cerca de 30 mil quilos de carne, que serão substituídos por fontes vegetais de proteína. "Estas refeições contribuirão para uma melhor **saúde** dos usuários do Bom Prato, já que as proteínas vegetais - como soja, feijões e outros alimentos - são vantajosas para evitar diabetes, hipertensão, obesidade e doenças cardiovasculares", explicou Floriano Pesaro, Secretário do Desenvolvimento Social (SDS/SP), órgão responsável pelo programa Bom Prato. "As proteínas vegetais, por exemplo, não contêm colesterol e contêm menos sódio", reitera.

A Segunda Sem Carne, que agora alcançou os restaurantes populares do estado, já existia na rede municipal de ensino de São Paulo. "Estamos otimistas. A população e o poder público estão percebendo que é possível **mudar o mundo e melhorar a saúde** tirando a carne do prato, e isso tudo sem perder em sabor e nutrição", frisa Monica Buava.

O deputado Roberto Tripoli ressalta o **impacto ambiental** causado pelo consumo de carne – a agropecuária é responsável por mais de 90% do consumo global de água (dados do dossiê "Comendo o Planeta", da SVB). "Pelos animais, pelo ambiente e pelo planeta Terra, por toda a teia da vida, temos que difundir o máximo possível a possibilidade de uma alimentação rica e saborosa sem a carne e seus derivados. Não podemos mais ignorar as mudanças drásticas e perigosas que vem afetando toda a Terra e todas as formas de vida. Temos o dever de repensar nossas atitudes e nosso consumo, inclusive na questão alimentar", salienta Tripoli. [Grifos nossos].<sup>149</sup>

<sup>148</sup> Disponível em: <<https://goo.gl/2WX6UI>>. Acesso em: 19 de dez. 2015.

<sup>149</sup> Disponível em: <<https://goo.gl/kguRv7>>. Acesso em: 19 de dez. 2015



Outro tema recorrente das publicações é o **meio ambiente**, no processo de *frame bridging*, conectando o consumo de carne a danos ambientais. É o caso de um compartilhamento da entrevista concedida pela coordenadora do departamento de Meio Ambiente da SVB, para a UNISINOS, em que o texto da publicação traz o recorte "as áreas destinadas a pastagens e produção de ração ocupam atualmente 75% de todas as terras aráveis do planeta" e "ao invés de pagar pelos danos e uso de recursos ambientais, o setor pecuário no Brasil é amplamente subsidiado pela receita pública"<sup>150</sup>; e a troca de capa, cuja imagem relaciona o consumo de leite à quantidade de água gasta na produção (1 mil litros de água para 1 litro de leite), com a #VeganPeloClima<sup>151</sup>. A SVB ainda aproveitou a COP21 (Conferência Global de Mudanças Climáticas da UNFCCC) para falar sobre o consumo de alimentos animais:

SEM TIRAR A CARNE DO PRATO, NÃO HÁ COMO COMBATER AS MUDANÇAS CLIMÁTICAS! #FecheABoca #AbraOsOlhos  
A #COP21 (Conferência Global de Mudanças Climáticas da UNFCCC) acontece a partir do dia 30 de novembro, em Paris, e reunirá líderes de todo o mundo para que os países se comprometam com metas de redução de emissão de gases do efeito estufa.  
Na véspera, dia 29 de novembro, dezenas de grandes cidades do mundo terão uma grande mobilização. Na Mobilização Mundial pelo Clima em São Paulo (29/nov, MASP, a partir das 11h), a Sociedade Vegetariana Brasileira - SVB distribuirá 3.000 provinhas de comida vegana (coxinha, esfiha, sorvete, risoles, mini-kibe), levando a mensagem de que o combate às mudanças climáticas começa no nosso prato □  
#AbraOsOlhos #GoVegan #ForThePlanet #EarForTheClimate  
#ComaPeloClima #PeloPlaneta #Participe #EntreNoClima

Feita a análise de alinhamento de quadros do site e do Facebook da SVB, analisa-se agora as suas campanhas. As atuais campanhas (desconsideram-se as sazonais e anteriores a 2015) lançadas pela SVB são: Segunda sem Carne, Desafio 21 Dias sem Carne e "Se você ama um, por que come o outro?". Dentre elas, a pesquisa analisa as duas primeiras, devido a elas estarem na internet. A campanha "Se você ama um, por que come o outro?"<sup>152</sup> é uma campanha visual realizada com financiamento coletivo, colocada em *outdoors*, painéis internos no ônibus ou

<sup>150</sup> Disponível em: <<https://goo.gl/exE5mo>>. Acesso em: 19 de dez. 2015.

<sup>151</sup> Disponível em: <<https://goo.gl/CwXzDq>>. Acesso em: 19 de dez. 2015.

<sup>152</sup> Disponível em: <<http://www.svb.org.br/950-campanha-svb-metro-sao-paulo>>. Acesso em: 19 de dez. 2015.

estações de metrô e *backbus*, que chama atenção para a semelhança entre os animais considerados de alimentação e de estimação.

FIGURA 14 – BACKBUS DA CAMPANHA SE VOCÊ AMA UM, POR QUE COME O OUTRO?



FONTE: Website da SVB.

#### 3.1.4.1 Campanha Segunda sem Carne

A Campanha Segunda sem Carne é a principal campanha da SVB. A campanha é internacional, presente em mais de 35 países, como no Reino Unido, onde tem Paul McCartney como garoto propaganda. No Brasil, a campanha foi lançada em 2009 pela SVB em parceria com a Secretaria do Verde e Meio Ambiente (SVMA) da prefeitura de São Paulo. A implementação da Alimentação Escolar Vegetariana nas escolas públicas do município de São Paulo, em 2011, ao lado da implementação da campanha na rede de restaurantes populares Bom Prato, também em São Paulo, em 2015, são grandes conquistas da Segunda sem Carne. Apesar de a campanha mencionar apenas o não consumo da carne, segundo o site da campanha, as refeições são 100% livre de produtos animais, ou seja, são vegetarianas do tipo estrito.

A chamada da Segunda Sem Carne se volta “para quem não é vegetariano e quer dar o 1º passo. Empresas e prefeituras estão aderindo”. Com os *slogans* “Pelos animais. Pelas pessoas. Pelo planeta” e “Experimente novos sabores”, ela incentiva a introdução da alimentação vegetariana estrita gradativa, tirando as carnes do prato pelo menos uma vez por semana. A campanha é uma estratégia da SVB para atingir



peessoas interessadas no vegetarianismo e que querem ampliar o seu respeito aos animais, mas que não estão ainda convertidas a esse tipo de alimentação. Como um dos slogans sugere, a proposta da campanha é “conscientizar as pessoas sobre os impactos que o uso de produtos de origem animal para a alimentação tem sobre os animais, a sociedade, a saúde humana e o planeta”<sup>153</sup>. Os enquadramentos do site da SVB se repetem na campanha, com uma página discorrendo sobre cada um deles (animais, meio ambiente, sociedade) – ou seja, têm-se aqui também os processos de *frame amplification* e *frame bridging*.

Outro elemento estratégico da campanha é conseguir apoio de artistas com visibilidade midiática. Do cenário internacional, além do Paul McCartney, os músicos Moby e Ziggy Marley e a física e ativista ambiental Vandana Shiva apóiam a campanha. No cenário nacional, Gilberto Gil, sua filha e chef de cozinha Bela Gil, Zélia Duncan, Cleo Pires, Cazé Peçanha, Luisa Mell, Diogo Vilela, João Gordo, Marcos Palmeira, João Vicente de Castro, Murilo Rosa, Lúcio Mauro Filho e Oswaldo Montenegro, dentre outros artistas, já vestiram a camisa da campanha. Além dos artistas, a SVB também conversou e conseguiu apoio dos políticos Eduardo Jorge e Gleisi Hoffmann. Além das pessoas públicas, várias organizações, como a Fundação SOS Mata Atlântica, o Instituto Akatu, o Greenpeace e a WWF, e empresas.

A campanha é estratégica em não falar em vegetarianismo estrito ou veganismo absoluto. Se a campanha deixasse clara essa posição da SVB, a chance de conseguir apoio de celebridades (e aumentar a visibilidade da campanha com o apoio delas) e sucesso na implementação da campanha em escolas, empresas e redes de restaurantes seria menor. Dessa forma, na campanha a ONG lança mão de alguns ideais para conseguir negociação. Porém, mesmo não deixando clara em seu título a posição da SVB de vegetarianismo estrito, falando apenas da carne, nenhuma receita da campanha leva outros produtos de origem animal (como ovo ou leite) e o diálogo da campanha com escolas também obedece ao termo de ser 100% livre de produtos animais. Por essa estratégia de não adotar enfaticamente a postura abolicionista, a campanha recebeu críticas, que serão comentadas após a análise de alinhamento de quadros dos grupos.

---

<sup>153</sup> Disponível em: <<http://www.segundasemcarne.com.br/o-que-e-a-campanha/>>. Acesso em: 20 de dez de 2015.

A implementação da campanha nas escolas públicas da cidade de São Paulo e na rede de restaurantes populares Bom Prato, da mesma cidade, indicam o processo de *frame extention*, uma vez que a SVB precisou investir em trocas comunicativas com o governo da cidade e levar em consideração esses argumentos, tomando alguns deles para formar seu quadro. Se a preocupação do governo municipal era fornecer uma alimentação saudável e sem muito custo aos alunos da rede pública e à população de baixa renda e em vulnerabilidade social, a SVB conseguiu mostrar que a alimentação vegetariana é saudável e barata, assimilando a preocupação com qualidade nutricional no seu discurso.

#### 3.1.4.2 Desafio 21 Dias sem Carne

O Desafio 21 Dias sem Carne foi lançado em outubro de 2015 e é coordenado pela SBV em conjunto com a Veggo (organização que visa o abolicionismo animal, que atua principalmente como portal vegano), e apoiado pelo Instituto Luisa Mell e Ampara Animal. Embora o título do desafio mencione apenas a carne, há várias menções ao veganismo, cuja alimentação é o vegetarianismo estrito, e “outros produtos de origem animal” são mencionados na proposta do desafio, que é:

mostrar que não só é possível, como também é fácil e pode ser muito mais saudável adotar uma dieta sem carne e outros produtos de origem animal. Nós te passaremos todas as informações necessárias por email e pelas mídias sociais e você terá um time de especialistas para tirar suas dúvidas [...]. Aceite o desafio, conte-nos sua experiência e desafie seus amigos!

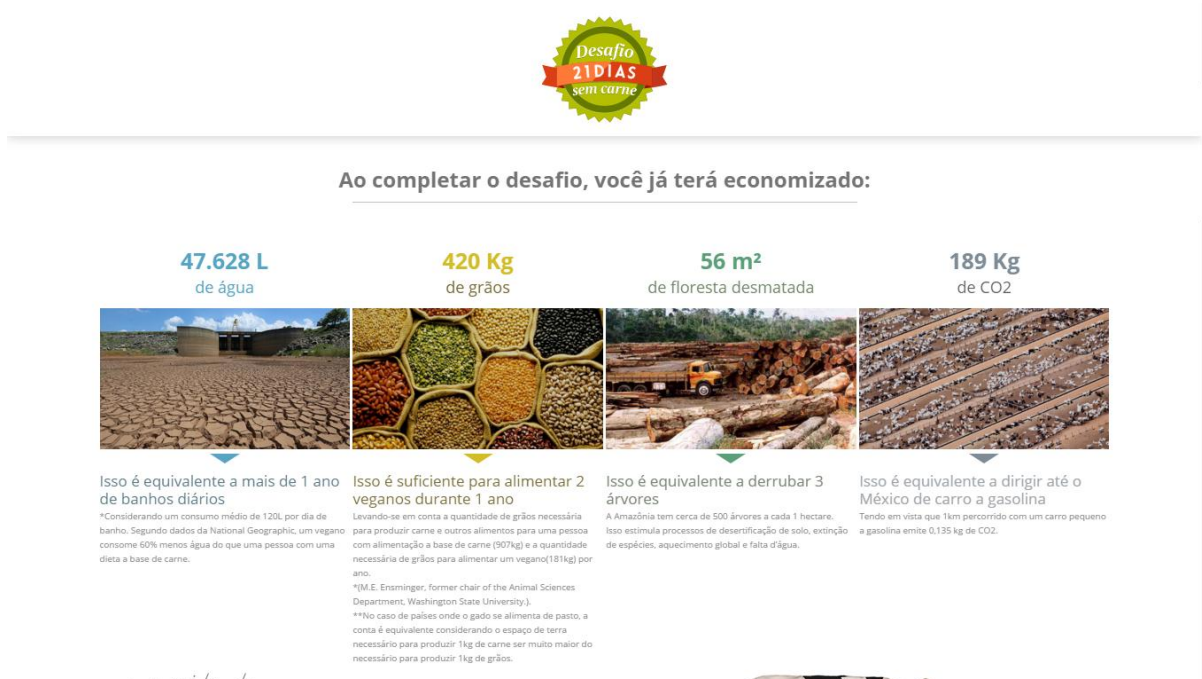
Nos 21 dias do desafio é enviado diariamente um e-mail com uma matéria sobre o consumo de alimentos de origem animal, uma dica da nutricionista, uma receita e um vídeo. Todas as receitas são vegetarianas estritas, nenhuma leva laticínios, ovos ou mel; várias matérias e vídeos problematizam o consumo de leite e ovos, e as dicas da nutricionista são todas vegetarianas do tipo estrito. Em cinco dias de campanha, o Desafio teve mais de 12.000 desafios aceitos formais no site<sup>154</sup>.

<sup>154</sup> Disponível em: <<https://goo.gl/q7aLU5>>. Acesso em: 19 de dez. 2015.

Assim como na campanha Segunda sem Carne, o Desafio também conta com a participação de artistas: seis personalidades diferentes do veganismo, Paru Vegan (“o fisiculturista”), Luisa Mell (“a protetora”), Fernandinha (“a atleta olímpica”), Flavio Giusti (“o junk vegano”), Alana Rox (“veganismo low cost”) e João Gordo (“sem frescura”), “estão te desafiando” a ficar 21 dias sem carne e desafiam também outros artistas. Júnior Lima, Giovanna Lancellotti, Caio Paduan e Julia Konrad aceitaram o desafio. Além de incentivar as pessoas a participarem do desafio, a campanha incentiva as pessoas a desafiarem seus amigos, na página no Facebook do Desafio. O Desafio também sugere que a pessoa escolha um “vegano que mais tem a ver com você”, das seis personalidades, e acompanhá-lo nas redes sociais. Os participantes são convidados a compartilhar a experiência usando a #desafio21diassemcarne (também é usado a #21diassemcarne) e recebem auxílio da equipe do Desafio, que também dá dicas no Instagram @21diassemcarne.

A análise de alinhamento da campanha foi feita a partir do site e dos boletins diários. No site, a relação do consumo de carne com o meio ambiente está em posição de destaque, falando sobre água, grãos, floresta e emissão de CO<sub>2</sub>, conexão que indica o *frame bridging*:

FIGURA 15 – WEBSITE DO DESAFIO 21 DIAS SEM CARNE



FONTE: Website do Desafio 21 Dias sem Carne.

Além da economia de recursos ambientais mostrada, o site menciona “e a vida de muitos animais inteligentes”, ao lado de uma imagem de animais considerados de consumo alimentar, o que faz o processo de *frame amplification*. Outra frase que aparece em destaque no site é: “uma pequena mudança em sua vida pode ter um impacto imenso na vida de milhões de animais e pessoas e em todo planeta”, trazendo “pessoas” para o início de um processo de *frame bridging*, já que não desenvolve a relação. Portanto, os enquadramentos do site da SVB e da campanha Segunda sem Carne se repetem no Desafio 21 dias sem Carne. São esses também os temas (exploração animal e direitos animais, meio ambiente, saúde e sociedade) que são trabalhados nas matérias e publicações enviadas pelos e-mails (Anexo I).

Desse modo, reforça o diagnóstico da exploração animal para sugerir o prognóstico, o vegetarianismo estrito e o veganismo. Faz o *frame amplification* quando aborda a crueldade que os animais sofrem no sistema de produção industrial, o status que os animais têm na sociedade, o especismo, direitos animais e ética e vegetarianismo; e o *frame bridging* quando associa a exploração animal a danos ambientais, como a grande utilização de recursos e despejo de dejetos; à danos sociais, como fome, violência e falta de dignidade humana; e à danos de saúde ao sugerir que leite pode ter substâncias nocivas, que os antibióticos estão perdendo o efeito e ao associar o vegetarianismo como benéfico para o desempenho de atletas. Apesar de o desafio durar apenas 21 dias, a mensagem do último dia, trazida pela Nina Rosa, é “os 21 dias terminam hoje, mas podem tornar-se 21 anos, ou uma vida inteira de respeito e compaixão com os animais e com o planeta.” Assim como a Segunda sem Carne, o Desafio 21 Sem Carne faz o processo de *frame extension* ao considerar argumentos contrários, como a resistência ao vegetarianismo estrito, para se posicionar – o resultado dessa negociação com posições adversárias é a proposta de um curto período de tempo como um modo de experimentar a alimentação vegetariana estrita e talvez se tornar adepto. Sobre campanha, contudo, não foram observadas discussões como as suscitadas pela Segunda Sem Carne.

### 3.1.5 Vegetarianismo Ético, Defesa dos Direitos Animais e Sociedade - VEDDAS

No site do VEDDAS, são duas as páginas de interesse para a pesquisa, que falam sobre o grupo e sobre a causa: “Sobre o VEDDAS”<sup>155</sup> e “Sala de imprensa”<sup>156</sup>. Nas outras há fotos, vídeos, relatórios de atividades, artigos e notícias. O grupo foca os seus trabalhos em ações de rua, como os atos semanais na Avenida Paulista, o VEDDAS carte e o teatro VEDDAS. O grupo já organizou protestos com mais de 300 pessoas e já articulou campanhas voltadas ao Congresso Nacional com a adesão de dezenas de ONGs. Já conseguiu a remoção de mais de 100 cães de cursos que tinham a prática de vivissecção. Foi fundado em 2006, por George Guimarães, atual presidente, nutricionista especializado em dietas vegetarianas e ativista com atuação no exterior, onde também representa o grupo. Com registro jurídico desde 2009, a ONG “trabalha para promover a defesa dos direitos animais e difundir os argumentos em favor de uma alimentação e estilo de vida livres da exploração de seres sencientes”<sup>157</sup>.

O quadro de diagnóstico define o problema como a exploração animal, sem atribuir uma fonte de injustiça. O quadro de prognóstico apresenta como solução o vegetarianismo estrito e a abolição da exploração animal (com base na senciência), o que desemboca no veganismo. Os trechos ilustram esses dois quadros da ação coletiva: “o VEDDAS tem como objetivo levar a mensagem dos direitos animais para a criação de uma sociedade mais justa onde todos os seres sencientes possam gozar do seu direito à vida e à liberdade” e “a postura do VEDDAS e de seus voluntários é pautada por um modo de vida vegano, ou seja, um modo de vida que busca excluir do seu cotidiano todas as formas de exploração animal”. O grupo trabalha com o quadro motivacional na página “Participe” e em expressões como: “em suas ações, o VEDDAS busca criar a oportunidade para que as pessoas dispostas a colaborar com este trabalho se organizem e possam assim fazer a diferença”<sup>158</sup>.

Segue um trecho do site, falando sobre o grupo, para a identificação dos enquadramentos:

---

<sup>155</sup> Disponível em: <<http://veddas.org.br/sobre-o-veddas/>>. Acesso em: 21 de dez. 2015.

<sup>156</sup> Disponível em: <<http://veddas.org.br/sala-de-imprensa/>>. Acesso em: 21 de dez. 2015.

<sup>157</sup> Disponível em: <<http://veddas.org.br/>>. Acesso em: 02 de mar. 2015.

<sup>158</sup> Disponível em: <<http://veddas.org.br/sobre-o-veddas/>>. Acesso em: 21 de dez. 2015.

FIGURA 16 – WEBSITE DO VEDDAS: SOBRE O VEDDAS

O VEDDAS – Vegetarianismo Ético, Defesa dos Direitos Animais e Sociedade trabalha para promover a defesa dos direitos animais e difundir os argumentos em favor de uma alimentação e estilo de vida livres da exploração de seres sencientes.

Um estilo de vida que contemple essa atitude de respeito a outros seres afeta diretamente a sociedade humana, uma vez que o respeito pelos direitos dos animais não-humanos está intimamente relacionado ao respeito pelos direitos dos animais humanos.

Ademais, a adoção de uma dieta vegetariana implica numa melhora da qualidade de vida e garante o futuro do nosso planeta para os animais humanos e não-humanos.

O VEDDAS existe graças ao empenho de muitos ativistas e o apoio de indivíduos, organizações e empresas. Nossa atuação abrange desde a produção de materiais informativos até a promoção de campanhas, protestos, eventos e outras ações educativas.

O VEDDAS entende que através da sensibilização e conscientização do indivíduo é possível gerar uma mudança efetiva na maneira como os animais não-humanos são tratados em nossa sociedade.

Em suas ações, o VEDDAS busca criar a oportunidade para que as pessoas dispostas a colaborar com este trabalho se organizem e possam assim fazer a diferença.

Visite o nosso website e saiba mais sobre o tema dos direitos animais e os benefícios de uma alimentação livre de exploração animal. Lá você encontrará também informações sobre os nossos projetos e campanhas com os quais você pode colaborar!

FONTE: Website do VEDDAS.

O VEDDAS faz o processo de *frame amplification* ao dizer que promove a defesa dos direitos animais e que difunde “os argumentos em favor de uma alimentação e estilo de vida livres da exploração de seres sencientes”, afirmando posteriormente que “entende que através da sensibilização e conscientização do indivíduo é possível gerar uma mudança efetiva na maneira como os animais não-humanos são tratados em nossa sociedade.” O grupo também inicia o processo de *frame bridging* ao associar o respeito aos direitos animais ao respeito aos direitos humanos:

Um estilo de vida que contemple essa atitude de respeito a outros seres afeta diretamente a sociedade humana, uma vez que o respeito pelos direitos dos animais não-humanos está intimamente relacionado ao respeito pelos direitos dos animais humanos.

O *bridging* também é identificado no trecho “ademais, a adoção de uma dieta vegetariana implica numa melhora da qualidade de vida e garante o futuro do nosso planeta para os animais humanos e não-humanos”, onde menciona saúde



(qualidade de vida) e meio ambiente (futuro do planeta). Contudo, essa conexão com outras causas é apenas apresentada, não é trabalhada de forma mais profunda no site.

A página do Facebook da ONG VEDDAS<sup>159</sup> (do grupo geral, não dos núcleos locais) tinha mais de 13.400 curtidas em dezembro de 2015 e 196 publicações no período analisado. Dessas publicações, 117 não foram analisadas, por se tratarem de convites para evento ou ação. No geral, a página é usada com viés institucional, com divulgação de eventos que o grupo vai participar, com convites de ações que o grupo vai realizar e com publicação de fotos de ações. Nesse último, tem-se o processo de *frame amplification* sobre o repertório da ação, forma de *amplification* que mais ocorre no Facebook da ONG, com a publicação de fotos do VEDDAS carte, teatro VEDDAS, cine VEDDAS e veganique. Um exemplo é a publicação de fotos do protesto do Dia dos Direitos Animais (DIDA), em que os ativistas seguram cadáveres de animais descartados por indústrias que exploram animais:

FIGURA 17 – PUBLICAÇÃO DO VEDDAS NO FACEBOOK



FONTE: Página do VEDDAS no Facebook.

<sup>159</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/ONGVEDDAS/>>. Acesso em: 21 de dez 2015



O *amplification* também ocorre quando o grupo ressalta a senciência dos animais, em frases como: “[vacas são] inteligentes e dóceis, sentem e sofrem como todos outros animais”<sup>160</sup>; e quando apresenta o trabalho numa publicação:

A ONG VEDDAS trabalha desde 2006 para promover a defesa dos direitos animais e difundir os argumentos em favor do veganismo. Entendemos que através da sensibilização e conscientização do indivíduo é possível gerar uma mudança efetiva na maneira como os animais não-humanos são tratados em nossa sociedade. Nossa atuação abrange desde a produção de materiais informativos até a realização campanhas, protestos, eventos e outras ações educativas. Quer fazer ativismo em defesa dos animais? Então venha capacitar-se para debater sobre direitos animais e veganismo e assim participar dos nossos projetos de conscientização e educação [...]<sup>161</sup>

No Facebook, o grupo também faz o trabalho de *frame bridging*. Ocorre em relação ao meio ambiente, ao desastre de Mariana, à educação, à expropriação de terras e morte de indígenas e a outros tipos de discriminação. Quanto ao meio ambiente, o grupo conecta o consumo de carne a impactos ambientais, no compartilhamento do evento do *Greenpeace* “Vamos falar de carne e desmatamento?”, com a frase “Vamos levar uma visão abolicionista à discussão com ambientalistas e reducionistas”<sup>162</sup>. A conexão com o desastre de Mariana se deu por meio das publicações que divulgavam que o ativista fundador do grupo, George Guimarães, estava indo ajudar “os animais humanos e não humanos” que sofreram com o desastre, pedindo doações de ração e medicamentos para os animais. O grupo conecta a questão animal a outras discriminações ao associar racismo e machismo ao especismo<sup>163</sup>. Por fim, quanto à expropriação de terras e morte de indígenas, o grupo compartilha um vídeo sobre os assassinatos de Guaranis-Kaiowás no Mato Grosso do Sul, em que uma indígena desabafa a dor da situação que estão vivendo (que inclui violência às mulheres). O texto do grupo conecta o sofrimento indígena ao consumo de produtos de origem animal:

<sup>160</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/ONGVEDDAS/posts/1008174255870831>>. Acesso em: 21 de dez. 2015.

<sup>161</sup> Disponível em: <<https://goo.gl/I732L>>. Acesso em: 21 de dez. 2015.

<sup>162</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/ONGVEDDAS/posts/1040370252651231>>. Acesso em: 21 de dez. 2015.

<sup>163</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/ONGVEDDAS/posts/985170254837898>>. Acesso em: 21 de dez. 2015.

Isso é a pecuária: uso, abuso e sede por terras para poder colocar boi para colocar carne e leite nas mesas da cidade. O derramamento de sangue começa muito antes dos animais chegarem ao matadouro. É também o sangue se humanos que morrem para abrir espaço para os bois que depois morrerão para serem consumidos por pessoas que depois morrerão por causa desse consumo.

Não participe. Não compre. Não coma. E lute para que outros despertem para toda a violência que existe em seus pratos.

Hoje é o Dia Mundial Vegano, que ainda está longe de podermos dizer que é um dia feliz.<sup>164</sup>

A única mobilização da qual o VEDDAS participou no Facebook, no período analisado, foi sobre a discussão de testes em animais. No perfil, a ONG compartilhou matérias sobre tema, explicando a situação, e compartilhou postagens da página da campanha Altera PL 6602, cuja qual teve participação em ações além da internet.

FIGURA 18 – PUBLICAÇÃO DO VEDDAS NO FACEBOOK



**VITÓRIA PARA OS ANIMAIS VÍTIMAS DE LABORATÓRIO!**

**PUBLICADO O PARECER DO SENADOR CRISTOVAM BUARQUE COM ALTERAÇÕES AO FAMILIGERADO PL PL6602/13 (PLC 70/14 NO SENADO).**

**GRATIDÃO A TODOS OS QUE ASSINARAM E COMPARTILHARAM O ABAIXO-ASSINADO, AOS ESPECIALISTAS QUE ESCREVERAM OS PARECERES E ÀS ONGS PARCEIRAS QUE TRABALHARAM EM BRASÍLIA E EM OUTRAS FRENTES.**

**TAMBÉM AO SENADOR CRISTOVAM BUARQUE PELA CLAREZA AO ESCUTAR O LADO SÓBRIO DA DEFESA ANIMAL E PELA CORAGEM AO ENFRENTAR A PRESSÃO IMPOSTA PELOS INTERESSES DA INDÚSTRIA DA VIVISSECÇÃO.**

**SAIBA MAIS EM [WWW.ALTERAPL6602.VEDDAS.ORG.BR](http://WWW.ALTERAPL6602.VEDDAS.ORG.BR)**

**VEDDAS**

**Alterar PL 6602**  
Curtir esta página · 25 de setembro de 2015 · Editado ·

**VITÓRIA PARA OS ANIMAIS VÍTIMAS DE LABORATÓRIOS!**

Foi publicado o parecer do Senador Cristovam Buarque fazendo importantes alterações ao famigerado PL PL6602/13 (PLC 70/14 no Senado).

De autoria prejudicial do deputado ricardo izar, o projeto de lei escrito em parceria com a SBPC, Conceia, MCT e outros órgãos que têm interesse direto na continuidade da experimentação animal representava uma ameaça de retrocesso de 20 anos de conquistas nos níveis federal, estadual e municipal.

Depois de 15 meses de campanha envolvendo a produção e divulgação de pareceres técnicos, lobby político em Brasília, abaixo-assinados e participação ativa em audiências públicas, mesmo diante das adversidades (indo contra os interesses de órgãos do governo e da indústria da vivissecção e diante da confusão criada por grupos aventureiros e celebridades mal informadas dentro da causa animal) conseguimos reverter o texto para impedir o retrocesso dos poucos direitos já garantidos aos animais vítimas de laboratórios que o PL visava deles retirar.

Essa conquista foi possível graças a todos os que assinaram e compartilharam o abaixo-assinado, aos especialistas que escreveram os pareceres e às ONGs parceiras que trabalharam em Brasília e em outras frentes.

Agradecemos ao senador Cristovam Buarque pela clareza ao escutar o lado sóbrio da defesa animal e pela coragem ao enfrentar a pressão imposta pelos

FONTE: Página do VEDDAS no Facebook.

<sup>164</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/ONGVEDDAS/posts/1021994591155464>>. Acesso em: 21 de dez. 2015.

### 3.1.5.1 Altera PLC 70/14

Como indica o texto da imagem acima, o VEDDAS teve ampla participação no caso do PL 537/2013, transformado em PLC 70/14. Uma das ações foi o envolvimento na campanha Altera PL 6602<sup>165</sup>, que buscou reunir ativistas da causa e especialistas para pressionar o Senado a alterar o PL. Na internet, a campanha contou com criação de página no Facebook, criação de site e petição. Apenas o site foi analisado.

FIGURA 19 – SITE DA CAMPANHA ALTERA PLC 70/14



FONTE: Página da campanha Altera PLC 70/14.

A página reúne informações sobre testes em animais e sobre a situação legal deles no país, reúne pareceres de especialistas (da área do direito, biologia, filosofia, química), matérias sobre o caso, e apresenta o quadro motivacional na chamada

<sup>165</sup> Segundo o site da campanha, essa mobilização não é de uma ONG específica, sim “de diversas frentes do movimento animalista brasileiro, englobando diferentes grupos e pessoas, muitos dos quais não necessariamente encontram afinidade entre si ou dialogam em outras campanhas”. Disponível em: <<http://www.alterapl6602.veddas.org.br/sobre.html>>. Acesso em: 03 de jan. 2016.

para a petição, em que o tema é colocado com teor de urgência. Como a aprovação do PL ocorreu em junho de 2014 e a campanha surgiu em resposta, o site reúne informações de mais de um ano. Dos apoiadores da campanha, aparecem alguns grupos incluídos na pesquisa: Camaleão, Instituto Nina Rosa, COMPATA e Maringá Vegano, além do santuário Rancho dos Gnomos.

A campanha empreende o processo de *frame amplification* ao esclarecer o caso. No site, discorrem sobre os trâmites legais do PL, explicando seu posicionamento, fundamentado no parecer de especialistas. Um dos conteúdos é um panfleto com esclarecimentos sobre questões e mitos sobre o PL:

FIGURA 20 – FOLHETO COM ESCLARECIMENTOS SOBRE AS QUESTÕES E MITOS SOBRE O PROJETO DE LEI 6602/13

**QUESTÕES E MITOS SOBRE O PROJETO DE LEI 6602/13**

QUE REGULAMENTA OS EXPERIMENTOS COM ANIMAIS PARA FINS COSMÉTICOS GERANDO UM ENORME RETROCESSO ÀS CONQUISTAS OBTIDAS NA LEGISLAÇÃO JÁ EM VIGOR

MITO

De acordo com nossa legislação são considerados métodos alternativos os métodos que se utilizam dos 3 R's (Reduzir, Refinar e Substituir) e, portanto, também usam animais.

Nossa Lei de Crimes Ambientais foi editada em 1998, dez anos antes da 11.794/08 (Lei Arouca), e em seu artigo 32, §1º, criminaliza quem utilizar animais quando houver recursos alternativos. Nenhum Decreto Regulamentador modificou isso, portanto, desde 1998 entende-se que recurso alternativo, ou método alternativo, são aqueles que não se utilizam de animais.

A Lei Arouca deixa muito claro que "técnicas alternativas" são aquelas que SUBSTITUEM a utilização de animais em ensino e pesquisa, porém o Decreto Regulamentador (6899/09) dessa lei, de forma ilegal, extrapolou a Lei, ao ampliar o que a Lei definiu como "técnicas alternativas", para aquelas que se utilizem dos 3R's, e não apenas substituam animais.

O Decreto deve regulamentar a lei, criando os meios necessários para sua fiel execução, sem contrariar seus dispositivos, sob pena de ser ilegal. O que é definido em Decreto não deve se sobrepor ao que determina a Lei.

Já o PL 6602/13, na forma de seu substitutivo, autoriza a continuidade indiscriminada do uso de animais, para produtos de ingredientes desconhecidos, por cinco anos a contar da data de reconhecimento de CADA técnica alternativa. Ou seja, mesmo que haja um método que substitua os animais, os testes estarão autorizados, coisa que hoje é proibido.

MITO

Em cinco anos estarão abolidos os testes em animais para cosméticos no país.

O texto é bem claro, "no caso de produtos com ingredientes desconhecidos será aplicada a vedação do uso de animais em testes, no período de até cinco anos, contado da data do reconhecimento da técnica".

Em outras palavras, digamos que um método alternativo (que reduza, refine ou substitua animais) seja reconhecido em 2020, o uso de animais estará sustentado por lei até 2025. E sucessivamente. O PL 6602/13 regulamenta e perpetua os testes!

QUESTÃO

Os testes em animais para produtos de ingredientes desconhecidos serão autorizados?

A proposta do fim dos testes em animais para cosméticos foi dada aos ativistas, através de um projeto de lei, pelo deputado Ricardo Izar. Este é um anseio antigo do movimento e que já foi conseguido em dois Estados brasileiros. E a maior prova de que os testes são desnecessários é que duas das maiores empresas brasileiras do ramo não realizam testes em animais.

Nossa proposta inclui a proibição dos testes em animais para cosméticos, produtos de higiene pessoal e perfumes, e o reconhecimento, pelas autoridades brasileiras, como métodos substitutivos à experimentação animal todas as técnicas alternativas reconhecidas pela União Europeia, pelos Estados Unidos da América ou por algum dos organismos internacionais de validação ao qual o Brasil seja vinculado.

FONTE: Página da campanha Altera PLC 70/14.

Nessa disputa, que tratou de um ponto específico da causa animal, os adversários dos ativistas estavam evidentes e serviram de argumentação para a alteração do PL:

O texto aprovado na Câmara dos Deputados foi modificado por pressão do Governo Federal e do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação, por meio dos órgãos Concea, CNPq e Anvisa, sendo que todos esses órgãos estão ligados à vivissecção.<sup>166</sup>

O envolvimento dos ativistas no caso teve uma comunicação política que pressionou o governo, por meio do *frame amplification*, uma vez que eles buscaram endossar o seu quadro inicial. A Comissão Antivivissecionista do Brasil, que conta com pessoas expoentes do movimento dos direitos animais no país (inclusive George Guimarães), se reuniu com o deputado federal Ricardo Izar Jr. para discutir o texto do PL; o deputado recebeu petição com assinaturas pela mudança no texto do PL; o VEDDAS protestou em frente ao gabinete do deputado; participou de audiência pública no Senado Federal sobre o PLC 70/14; e chamou as pessoas para pressionar (por meio de e-mail) o Senador Cristovam Buarque a votar o texto do PL sem as alterações colocadas, alterando o PLC 10/14 para a proibição total e imediata dos testes cosméticos. Na argumentação dessa disputa, os ativistas empreenderam o *frame amplification* sem fazer concessões, na intenção de endossar o quadro inicial. O resultado obtido até o momento é favorável aos ativistas (e aos animais), já que o senador Cristovam Buarque reverteu o texto.

Como visto na Imagem 17, os ativistas comemoram o resultado, sendo uma parte do texto o trecho a seguir, que evidencia a controvérsia dentro do movimento:

Depois de 15 meses de campanha envolvendo a produção e divulgação de pareceres técnicos, lobby político em Brasília, abaixo-assinados e participação ativa em audiências públicas, mesmo diante das adversidades (indo contra os interesses de órgãos do governo e da indústria da vivissecção e diante da confusão criada por grupos aventureiros e celebridades mal informadas dentro da causa animal) conseguimos reverter o texto para impedir o retrocesso dos poucos direitos já garantidos aos animais vítimas de laboratórios que o PL visava deles retirar.

<sup>166</sup> Disponível em: <<http://www.alterapl6602.veddas.org.br/>>. Acesso em: 03 de jan. 2016.



A controvérsia foi gerada sobre o texto aprovado do PL. Os ativistas afirmaram que essa mudança não abolia a prática no Brasil, só a regulamentava<sup>167</sup>, quando a legislação brasileira, com a Lei de Crimes Ambientais, já criminaliza o uso de animais quando há métodos alternativos. Além disso, criticaram o PL por autorizar vivisseção por 5 anos após o reconhecimento da técnica alternativa. Segundo George Guimarães, todas as organizações registradas no país foram a favor da alteração do PL, havendo apenas uma organização a defender o PL, a *Cruelty Free International*.<sup>168</sup> Segundo o ativista e PhD em bioética, Frank Alarcón, representante dessa organização, a legislação brasileira já permitia a vivisseção, pois sua definição de métodos alternativos não é apenas de métodos que não incluam animais, mas também que a) usem espécies de ordens inferiores, b) que empreguem menor número de animais, c) que utilizem sistemas orgânicos ex vivos, e que d) diminuam ou eliminem o desconforto. Dessa forma, a mudança de texto não alteraria a realidade dos testes em animais no Brasil, uma vez que a prática da vivisseção é permitida por lei<sup>169</sup>.

Assim como no trecho acima, o VEDDAS indiretamente (no compartilhamento da publicação) desqualifica a posição favorável ao PL (“diante da confusão criada por grupos aventureiros e celebridades mal informadas dentro da causa animal”), Frank Alarcón também desqualifica os grupos que pediram alteração do texto, em nota de esclarecimento sobre o PL:

Dada a confusão por parte de alguns especialistas do direito do que a lei brasileira entende por métodos, técnicas ou recursos alternativos [no tocante à experimentação animal], muitos têm feito uma interpretação equivocada do tema. E esse equívoco tem sido usado como ferramenta de desinformação por algumas pessoas e grupos.

[A lei brasileira já permite experimentação em animal e quem] diz o contrário desconhece aspectos básicos de ciência e política brasileira, parecendo preocupar-se prioritariamente em disseminar factoides assustadores.

[...]

Graças à coleta e repasse de informações superficiais e resumidas de blogs e opinadores do assunto, pessoas estão espalhando temores que acreditam virem a tornar-se realidade num futuro próximo, quando na verdade já são uma realidade há muito tempo no Brasil. Por que vocês acham que uma CPI de Maus-tratos Animais ou investigações sobre atividades como a do Instituto Royal enfrentam tanta dificuldade em ser aprofundadas?

<sup>167</sup> Disponível em: <<http://www.anda.jor.br/30/06/2014/abolicao-testes-cosmeticos>>. Acesso em: 03 de jan. 2016.

<sup>168</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wnWtrYqzgb0>>. Acesso em: 03 de jan. 2016.

<sup>169</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/notes/frank-alarcon%C3%B3n/sobre-o-pl-66022013/746054615433933>>. Acesso em: 03 de jan. 2016.

Simplificando ainda mais aos que não ainda entenderam. Existe uma forma de detectar a evidente estratégia de “criar pânico” entre os defensores dos animais, sem que para isso seja preciso ler diretrizes europeias ou conhecer cientistas no assunto.

[...]

Pois é. Se houve algum movimento, este parece não ter surtido efeito (dada a falta de resultados). Animais continuaram a ser usados pela indústria cosmética brasileira nestes últimos 10 anos apesar da existência de uma proibição europeia e de um “perfeito” artigo em mãos desde 1998 (art. 32 da Lei de Crimes Ambientais) – **isto é, há 14 anos**. Seria interessante entender o que impediu a atual massa crítica de ter tido sucesso na abolição do uso de animais de laboratório para fins cosméticos já que seu argumento legal e teórico é apresentado como algo tão sólido e eficiente. Ironicamente, acredito que todos sejam capazes de reconhecer que da teoria à prática, do ativismo individual ao ativismo coletivo, do discurso à ação há um longo e tortuoso caminho. Obstruir movimentos concretos com contra-movimentos que não oferecem solução alguma (dada a inexistência de avanços reais pregressos) parece deixar claro que a real motivação é simplesmente ser do contra [...]<sup>170</sup>.

Uma vez que esse confronto, que teve início em 2014, não é o interesse principal da pesquisa e que o recorte de período para a análise de alinhamento de quadros é basicamente o segundo semestre de 2015, não se buscou por uma resposta específica à nota acima. No período e nos materiais de análise, a pesquisa não identificou a disputa de quadros interna do movimento sobre o tema, apenas no momento da aprovação do PL. Contudo, a nota é mais uma evidência do teor especializado da discussão sobre o PLC (tanto em âmbito interno, quanto externo ao movimento), que teve centralidade no âmbito do direito, de difícil acesso para a sociedade. Como papel de movimento social, os grupos envolvidos deveriam traduzir a discussão, deixando ela mais inteligível e justificando o seu posicionamento. Nesse sentido, página da campanha é um esforço de comunicação.

Para ilustrar a análise, o quadro seguinte mostra um recorte das publicações dos perfis no Facebook, com os temas mais recorrentes das postagens e os alinhamentos principais. Como foram muitas as publicações analisadas, para compor o quadro foram selecionadas 30 publicações principais de cada grupo (identificadas pela data), com exceção da Revolução da Colher, que, devido ao baixo número de publicações, apresenta-se na tabela com todas as publicações analisadas. Os alinhamentos dessas publicações selecionadas são apresentados diretamente, em síntese. Eles são apresentados de forma mais detalhada no

---

<sup>170</sup> Idem.



Apêndice II. O número de curtidas dos perfis na tabela é referente ao final de janeiro de 2016.

QUADRO 04 – ALINHAMENTOS DE QUADRO NO FACEBOOK DO CAMALEÃO

CAMALEÃO			
Curtidas do perfil: mais de 9.700 Publicações no período analisado: 123 Publicações analisadas: 79			
DATA	TEMA	ALINHAMENTO	#
01/jul	Foie gras; proibição	<i>Amplification</i>	#FoieGras #Animais #Especismo #Veganismo
02/jul	Bem-estarismo; campanhas de um só tema; abolição animal; direitos animais	<i>Amplification</i>	#Veganismo #Direitos #Animais
15/jul	Meio Ambiente; hidrelétrica; animais	<i>Bridging</i>	#Hidreletrica #Balbina #Amazonas #Extinção #Animais
16/jul	Foie gras; proibição; Sorocaba; São Paulo	<i>Amplification</i>	#FoieGras #Especismo #Veganismo #DireitosAnimais #Mobilize
31/jul	OAB; aquário, uso, objetificação	<i>Amplification</i>	#ZooPrisão #AquarioPrisão #Especismo #Veganismo
10/ago	Zoológico; Cecil; leão; CQC	<i>Amplification</i>	#CQC #ProtesteJá #Cecil #Animais
11/ago	Veganismo; exploração animal; especismo;	<i>Amplification</i>	#veganismo #animais
14/ago	Vegetarianismo; veganismimo	<i>Amplification</i>	#VegetarianismoPecuarista ? #OvoLactoVegetarianismo #ProtoVegetarianismo #Veganismo #Alimentação
16/ago	Testes em animais; PL6602; CONCEA	<i>Amplification</i>	#PL6602 #AlteraPL #TestesCosméticos #Animais #Visseção
20/ago	Feminismo; gordofobia; alimentação vegetariana	<i>Bridging</i>	#Vegetarianismo #Feminismo #Gordofobia #Dieta #Saúde #DireitosAnimais
28/ago	Cavalos; carroças; audiência; proibição	<i>Amplification.</i>	#Carroças #Taubaté #DireitosAnimais #Cavalos #Animais
06/set	Leite; saúde	<i>Amplification</i>	#Leite #Mamiferos #Animais #Saude
08/set	Alimentação vegetariana; situação de rua; ativismo	<i>Bridging</i>	#VanguardaAbolicionista #Veganismo #Expoiner #PortoAlegre
10/set	Pecuária; Meio ambiente; contaminação	<i>Bridging</i>	#pecuária #Estrogênio #Peixes #MeioAmbiente #Veganismo
18/set	Feminismo; violência obstétrica; feminismo negro	<i>Bridging</i>	#feminismo
20/set	Veganismo; status animal	<i>Amplification</i>	#Veganismo
25/set	Testes em animais; PL6602; Cristovam Buarque	<i>Amplification</i>	#AlteraPL6602 #TestesEmAnimais #Cosméticos #Brasil

DATA	TEMA	ALINHAMENTO	#
30/set	Diversidade; família	<i>Bridging</i>	#Amor #Timão #Pumba #Animais #Política #DireitosAnimais
05/out	Uso; vacas; leite e queijo; veganismo	<i>Amplification</i>	#leites e #queijos #Veganismo
08/out	McDonald's; ovos; bem- estarismo; abolicionismo	<i>Amplification</i>	#galinhas #consumidores #MALEstarismo #CageFree #BemEstarismo #Especismo
13/out	Veganismo; Vegetarianismo; Direitos animais	<i>Amplification</i>	#animais também tem interesse em desfrutar de #liberdade , justiça, #compaixão e #respeito
24/out	Ensino; direitos animais; petição	<i>Bridging</i>	#educador #direitosanimais #ética
26/out	Petição; testes em animais	<i>Amplification</i>	#Visseção #TestesAnimais #DireitosAnimais #Especismo
01/nov	Cavalos; especismo; exploração animal; ALESC; puxada de cavalos	<i>Amplification</i>	#Especismo #DireitosAnimais #Puxada #Cavalos #SantaCatarina
04/nov	Veganismo; direitos animais; especismo; exploração animal; interseccional	<i>Amplification</i>	#DireitosAnimais #Bilhões #Animais #Explorados #Especismo #EscravidãoAnimal #interseccionais #Veganismo
10/nov	SeaWorld; aquário	<i>Amplification</i>	#SeaWorld #Aquários #Zoológicos #DireitosAnimais #Especismo
19/nov	Especismo; sofrimento animal	<i>Amplification</i>	#animais #respeito #sofrimento #ovos #Especismo!
26/nov	Direitos animais; veganismo; filosofia; ética	<i>Amplification</i>	#DireitosAnimais #Veganismo #Filosofia #Ética #Brasil #estudos #animalista #razão
01/dez	Alimentação vegetariana; veganismo; esporte	<i>Bridging</i>	#Atletas #Saúde #Vegetarianismo #Veganismo
11/dez	Ativismo; DIDA	<i>Amplification</i>	#DireitosAnimais #10Dezembro #Veganismo #Senciência

FONTE: Organizado pela autora (2016).

QUADRO 05 – ALINHAMENTOS DE QUADRO NO FACEBOOK DO ONCA

ONCA		
Curtidas do perfil: mais de 9.300 Publicações no período analisado: 115 Publicações analisadas: 55		
DATA	TEMA	ALINHAMENTO
31/jul	Ato em Paranaguá	<i>Amplification</i>
03/ago	Ação solidária; ativismo; sopão	<i>Bridging</i>
05/ago	Ato em Ctba	<i>Amplification</i>
06/ago	Água; alimentação; veganismo	<i>Bridging</i>
10/ago	Experimento em animais; senciência	<i>Amplification</i>
14/ago	Ato em Ctba	<i>Amplification</i>
18/ago	Foie gras	<i>Amplification</i>
24/ago	Foie gras; Ato	<i>Amplification</i>
26/ago	Rodeio; Barretos	<i>Amplification</i> #pelofimdosrodeos
27/ago	Vaquejada; tortura; petição; PL15.299	<i>Amplification</i>
28/ago	Ursos; liberdade; zoológico	<i>Amplification</i>
01/set	Senciência; peixes	<i>Amplification</i>
01/set	Ato em Ctba	<i>Amplification</i>
01/set	Vegdia Feliz; alimentação; Passeio da Vaquinha	<i>Amplification</i>
02/set	Experimento em animais	<i>Amplification</i>
03/set	Animais; humanos; liberdade	<i>Bridging</i>
04/set	Alimentação	<i>Bridging</i>
05/set	Animais; libertação	<i>Amplification</i>
07/set	Status; libertação	<i>Amplification</i>
13/set	Estande; bazar vegano	<i>Amplification</i>
14/set	Vegnique	<i>Amplification</i>
17/set	Abellhas; respeito aos animais	<i>Amplification</i>
18/nov	Veganismo; Saúde	<i>Bridging</i>
01/dez	Paz; veganismo	<i>Bridging</i>
02/dez	Status	<i>Amplification</i>
07/dez	Status animal; Alice Walker	<i>Amplification</i>
08/dez	Férias; abandono de animais	<i>Amplification</i>
10/dez	Natal; adoção; não compra de animais; animal não é brinquedo	<i>Amplification</i>
14/dez	Friboi; casos; contaminação com formol	<i>Bridging</i>
15/dez	Status	<i>Amplification</i>

FONTE: Organizado pela autora (2016).

QUADRO 06 – ALINHAMENTOS DE QUADRO NO FACEBOOK DA REVOLUÇÃO DA COLHER

REVOLUÇÃO DA COLHER			
Curtidas do perfil: mais de 2.600			
Publicações no período analisado: 18			
Publicações analisadas: 9			
DATA	TEMA	ALINHAMENTO	
17/jan	Campanha Doação de Sangue Verde	<i>Bridging</i>	
23/jan	Campanha Doação de Sangue Verde	<i>Bridging</i>	
29/jan	Pizzada vegana; ciclos femininos; absorventes ecológicos	<i>Bridging</i>	
02/fev	Campanha Doação de Sangue Verde	<i>Amplification</i>	REVOLUÇÃO DA COLHER #SEGUNDA SEM CARNE #APAZ COMEÇANOPRATO #OS ANIMAIS SÃO AMIGOS
08/fev	Campanha Doação de Sangue Verde	<i>Bridging</i>	
01/out	Vegetarianismo (dia mundial)	<i>Amplification</i>	
04/out	Dia mundial dos animais	<i>Amplification</i>	
26/out	Alimentação; saúde; OMS	<i>Bridging</i>	
11/nov	Desastre de Mariana	<i>Bridging</i>	

FONTE: Organizado pela autora (2016).

QUADRO 07 – ALINHAMENTOS DE QUADRO NO FACEBOOK DA SVB

SVB			
Curtidas do perfil: mais de 37.100			
Publicações no período analisado: 126			
Publicações analisadas: 79			
DATA	TEMA	ALINHAMENTO	#
23/jun	Foie gras; pele; Fernando Haddad; PL537	<i>Amplification</i>	#foiegrasnao #PeleNão #sancionaHaddad #ProibeHaddad
23/jun	Foie gras; pele; OAB; Fernando Haddad; PL537; petição	<i>Amplification</i>	#SANCIONAHADDAD #PROIBEHADDAD #FOIEGRASNAO #PL537
24/jun	Foie gras; pele; PL537; Alexandre Padilha; Fernando Haddad	<i>Amplification:</i>	
24/jun	Protesto; ativismo, Foie gras, pele, Haddad	<i>Amplification</i>	#foiegrasnao #pelenao #proibehaddad
24/jun	Petição; Foie gras; pele; Haddad; petição; PL537/2013	<i>Amplification</i>	#proibehaddad #pelenao #foiegrasnao #pelosanimais
25/jun	Foie Gras; lei; proibição; pele	<i>Amplification</i>	#valeuHaddad #foiegrasPROIBIDO #casacodepelePROIBIDO #foiegrasNAO #pelesNAO #pelosanimais #diahistorico
26/jun	CSSC; treinamento; ONGS; merenda vegetariana	<i>Bridging</i>	#treinamento #merendavegetariana #merendeiras #merendaescolar #merendaescolarvegetariana #segundasemcarne #densidadenutritiva
29/jun	Foie Gras; Carta aberta	<i>Amplification</i>	
21/jul	Foie gras; lei; TJ/SP; agravo; petição; ANR	<i>Amplification</i>	
23/jul	IBGE; abate	<i>Amplification</i>	
03/ago	Alimentação vegana; nutrição; gravidez	<i>Amplification</i>	#maevegana
06/ago	Foie gras; lei; petição; Sorocaba; São Paulo	<i>Amplification</i>	#FoieGrasNÃO #pelosanimais
08/ago	Foie gras; Lei 16.222/2015.	<i>Amplification</i>	#FoieGras Não #PelosAnimais #GoVegan
12/ago	Campanha se você ama um, por que come o outro?	<i>Amplification</i>	
19/ago	Foie gras; ativismo; protesto	<i>Amplification</i>	

DATA	TEMA	ALINHAMENTO	#
26/ago	Porcas do Rodoanel; ativismo	<i>Amplification</i>	#GoVegan #SeVocePararDeComprar ElesParamDeMatar #TodosUnidosPelosAnimais
27/ago	Porcas do Rodoanel; liberdade	<i>Amplification</i>	#TodosUnidosPelosAnimais
28/ago	Porcas do Rodoanel	<i>Amplification</i>	#GOVEGAN (HOJE!) #SeVocePararDeComprar ElesParamDeMatar #PorcosRodoanel #QueNemCachorro #sevoceamaumporquecomeoutro #compaixao #piglove
29/ago	Porcas do Rodoanel; liberdade; campanha se você ama um, por que come o outro?	<i>Amplification</i>	#GoVegan #PorcosDoRodoanel #SeVocePararDeComprarElesParamDeMatar #PorcosRodoanel #QueNemCachorro #sevoceamaumporquecomeoutro #compaixao #piglove
01/set	Audiência Pública; Câmara dos Deputados	<i>Bridging</i>	#pelosanimais #pelaspessoas #peloplaneta #goveg #recifevegetariana
03/set	VegFest; Carol Adams; Feminismo; interseccional	<i>Bridging</i>	
04/set	Porcas do Rodoanel; liberdade	<i>Amplification</i>	#GoVegan #PorcosDoRodoanel
05/out	Desafio 21 Dias sem Carne	<i>Abertura para extension</i>	#PelasPessoas #PelosAnimais #PeloPlaneta
08/out	Barcarena; Desafio 21 Dias sem Carne	<i>Amplification</i>	#21DiasSemCarne #PorcosDoRodoanel #pelosanimais
13/out	Campanha Segunda sem carne; Rede Bom Prato	<i>Abertura para extension</i>	#BomPrato #PelasPessoas #PelosAnimais #PeloPlaneta #SegundaSemCarne
01/nov	OMS; Saúde; Meio ambiente; Desafio 21 Dias sem Carne	<i>Abertura para extension</i>	#21DiasSemCarne #govegan #pelasaúde #porUmMundoMelhor
24/nov	COP21; Mobilização Mundial pelo Clima em SP; vegetarianismo	<i>Bridging</i>	#FecheABoca #AbraOsOllhos #GoVegan #ForThePlanet #EatForTheClimate #ComaPeloClima #PeloPlaneta #Participe #EntreNoClima #COP21
30/nov	Meio ambiente	<i>Bridging</i>	#VeganPeloClima
01/dez	Meio ambiente; pecuária	<i>Bridging</i>	Meio ambiente; pecuária
14/dez	Campanha 21 Dias sem Carne; Rede Bom Prato.	<i>Abertura para extension</i>	#SegundaSemCarne
15/dez	Campanha 21 Dias sem Carne; escola; Aldeia Fraternidade	<i>Abertura para extension</i>	

FONTE: Organizado pela autora (2016)



QUADRO 08 – ALINHAMENTOS DE QUADRO NO FACEBOOK DO VEDDAS

VEDDAS		
Curtidas do perfil: mais de 14.300		
Publicações no período analisado: 196		
Publicações analisadas: 79		
DATA	TEMA	ALINHAMENTO
26/jul	Feira Vegana das nações; Cine VEDDAS; VEDDAS carte, Teatro VEDDAS	<i>Amplification</i>
07/ago	Veganismo; direitos animais	<i>Amplification</i>
10/ago	Entrevista, testes em animais; Foie gras; PLC 70/14; leão Cecil	<i>Amplification</i>
13/ago	Racismo; especismo; sexismo	<i>Bridging</i>
24/ago	Oficina de capacitação	<i>Amplification</i>
26/ago	Porcas do Rodoanel	<i>Amplification</i>
04/set	Porcas do Rodoanel	<i>Amplification</i>
29/set	Vaca	<i>Amplification</i>
05/out	Dia mundial dos animais; Teatro VEDDAS; VEDDAS carte	<i>Amplification</i>
21/out	Testes em animais; petição; PLC70/14 (antigo PL 6602/13)	<i>Amplification</i>
21/out	Direitos animais; educação	<i>Bridging</i>
23/out	Dia mundial vegano	<i>Amplification</i>
27/out	Dia mundial vegano, veganic	<i>Amplification</i>
28/out	TV; testes em animais; entrevista	<i>Amplification</i>
29/out	Dia mundial vegano; VEDDAS carte	<i>Amplification</i>
30/out	Dia mundial vegano; teatro VEDDAS	<i>Amplification</i>
01/nov	Dia mundial vegano; indígenas; expropriação de terra; assassinatos	<i>Bridging</i>
01/nov	Dia mundial vegano; intervenção artística	<i>Amplification</i>
01/nov	Veganic	<i>Amplification</i>
02/nov	Oficina de culinária	<i>Amplification</i>
04/nov	Mel	<i>Amplification</i>
04/nov	Esporte; veganismo	<i>Bridging</i>
11/nov	Palestra; Nutrição	<i>Amplification</i>
18/nov	Desastre de Mariana	<i>Bridging</i>
18/nov	Oficina de capacitação	<i>Amplification</i>
20/nov	Desastre de Mariana	<i>Bridging</i>
22/nov	Festival Solidário de Delícias Veganas	<i>Amplification</i>
24/nov	Protesto; DIDA (Dia dos Direitos Animais)	<i>Amplification</i>
10/dez	Meio ambiente	<i>Bridging</i>
12/dez	Protesto; DIDA (Dia dos Direitos Animais)	<i>Amplification</i>

FONTE: Organizado pela autora (2016).

#### 4 VEGANISMO, VEGETARIANISMO E DEVER MORAL: HORIZONTES DA COMUNICAÇÃO DO MDA

A análise permitiu perceber que os grupos ativistas do MDA basicamente promovem o *frame amplification* e iniciam o *frame bridging*. Como apontam Benford e Snow (2000), o processo de *amplification* é comum e mesmo necessário quando as reivindicações dos movimentos incluem valores que ainda não fazem parte do repertório das pessoas a serem mobilizadas. Assim, os grupos pedem adesão ao seu quadro explicando sobre ele e esclarecendo questões relacionadas. Esse resultado já era esperado diante de evidências providas de pesquisas anteriores (PRUDENCIO, CARBORNAR, 2015). Com o *frame bridging* os grupos pedem adesão ao quadro dos animais na conexão do abolicionismo animal a outras causas e valores. As conexões mais freqüentes desse processo são a da causa animal com o meio ambiente, questões sociais e questões de saúde.

São os grupos Camaleão e Onca que trabalham o *amplification* de forma mais detalhada. Ambos recorrem à teoria dos direitos animais para explicar a causa e esclarecer conceitos (como direitos animais, status dos animais, exploração animal, especismo), sendo que o Camaleão faz maior articulação deles, tanto em seu site quanto no site da campanha Seja Vegan. O Camaleão toma pra si a “missão de conscientizar”, o que já caracteriza *amplification*. O que amplifica é o quadro inicial, sem alteração, e tem um forte enquadramento moral. Onca e SVB são igualmente contundentes na questão moral, colocando que a senciência dos animais impõe aos seres humanos o dever de considerar o direito à vida dos animais, embora trabalhem de formas distintas e a SVB tenha um quadro mais aberto. O Onca é o que tem maior dedicação em mostrar de forma ampla a situação de exploração dos animais, uma vez que o site tem muito conteúdo e informação sobre diversos tipos de exploração.

A SVB faz o *amplification* sem mencionar a teoria e o termo direitos animais, mas, como o Camaleão, o Onca e o VEDDAS, fala do veganismo pela senciência (no site da SVB o vegetarianismo estrito ocupa mais espaço do que o veganismo, porém ele também é trabalhado e o Facebook da SVB fala mais em veganismo do que o site, com constantes #GoVegan). Dessa forma, o único que não fala em veganismo e em senciência é a Revolução da Colher, que faz o processo de *frame*

*amplification* pelo enquadramento religioso, explicando a causa animal em termos de respeito aos animais (e a todos os seres) e paz (aos animais e as pessoas), sem trabalhar com conceitos que apareceram nos enquadramentos dos outros grupos. Similar ao Camaleão, que fala em conscientizar, a Revolução da colher fala em “expandir a mente”, tomando o seu quadro como uma verdade que deve ser disseminada e praticada por todos.

Quanto ao processo de *frame bridging*, o grupo que se destaca é a SVB. O site, o Facebook, a campanha Segunda sem Carne e o Desafio 21 Dias sem Carne têm a mesma posição de apresentar em posição central a relação da causa animal com o meio ambiente, com a saúde e com a sociedade, por meio da chave da alimentação. Essa relação é muito evidente nas campanhas, que acompanham no slogan ou em *hashtags* o posicionamento “pelos animais, pelas pessoas, pelo planeta”. No site, a visualização dessa conexão é clara nas abas dentro de “Vegetarianismo”, com uma página para a causa animal (“Ética animal”) e para cada causa conectada pela SVB (“Saúde”, “Dignidade humana” e “Meio ambiente”). Os livros da SVB (disponíveis na versão online no site da ONG) reforçam esse processo, ao trazer informações mais amplas e especializadas sobre as conexões – o mesmo ocorre com as publicações do Onca, sendo que são nesses materiais em que o *frame bridging* é desenvolvido. Em seus sites, o Camaleão e o VEDDAS citam a relação da causa animal com o meio ambiente e direitos humanos em geral, mas não desenvolvem a ideia. Portanto, o processo de *bridging* é incompleto, pois mesmo que aluda a outros aspectos não diretamente relacionados à causa animal, os grupos não as discutem. Nesse sentido, o *bridging* é quase *amplification*.

A SVB tem uma pauta mais específica (alimentação), o que faz diferença em termos de efetividade de comunicação. Consegue fazer pressão para forçar o seu quadro inicial (como no caso do foie gras), e consegue negociar, trocar argumentos, abrindo o seu quadro (como na campanha Segunda Sem Carne e no Desafio 21 Dias sem Carne), esse último mostrando abertura ao processo de *frame extension*. Novamente, a concessão, que poderia ser uma vulnerabilidade, acaba por ser atrativa em termos de adesão. A SVB argumenta sobre a necessidade de ações específicas (como a implementação da Segunda sem Carne e a proibição do foie gras) ciente de que vai ser criticada. Para a SVB, a abolição animal é um projeto de longo prazo e o caminho mais eficiente é o vegetarianismo estrito (seguido do

veganismo), que é o quadro central da ONG. O VEDDAS também coloca ênfase na alimentação, embora associe com veganismo de forma mais direta e explícita. Então, enquanto a SVB fala em vegetarianismo, convidando simpáticos a experimentar e a atuar junto ao grupo, o VEDDAS chama para a participação dando preferência aos que já se encaixam no perfil de *advocators*, os já convertidos, para então converter outros em suas ações, como a Revolução da Colher. O texto dos convites das oficinas do VEDDAS deixa clara essa posição do grupo: “Venha capacitar-se para debater sobre direitos animais e veganismo e *assim* participar dos nossos projetos de conscientização e educação [grifos nossos]”.

Dos sites dos grupos, levando em conta a apresentação do grupo e da causa, sistematiza-se os quadros da ação coletiva:

QUADRO 09 – QUADROS DA AÇÃO COLETIVA DO MDA

QUADROS DA AÇÃO COLETIVA DO MDA	
Camaleão	
<b>Diagnostic frame</b>	A exploração animal, especismo, status de propriedade dos animais.
<b>Prognostic frame</b>	Veganismo abolicionista.
<b>Motivacional frame</b>	Seja Vegan.
Onca	
<b>Diagnostic frame</b>	Utilização e exploração animal, status de propriedade dos animais.
<b>Prognostic frame</b>	Veganismo.
<b>Motivacional frame</b>	Mostram a gravidade do problema, falam que é simples mudar e convidam para participar do grupo.
Revolução da Colher	
<b>Diagnostic frame</b>	Falta de respeito às diversas formas de vida, que leva à exploração animal.
<b>Prognostic frame</b>	Vegetarianismo espiritualista.
<b>Motivacional frame</b>	Sessão “Participe!”
SVB	
<b>Diagnostic frame</b>	Alimentação onívora como antiética e insustentável, status dos animais e exploração animal.
<b>Prognostic frame</b>	Vegetarianismo estrito e no veganismo.

<b>Motivacional frame</b>	Mostram a gravidade do problema e a viabilidade da solução proposta, dão opções de participação (filiação, doação e voluntariado) e trabalham pelas campanhas Segunda sem Carne e Desafio 21 Dias sem Carne.
<b>VEDDAS</b>	
<b>Diagnostic frame</b>	Exploração animal e status dos animais.
<b>Prognostic frame</b>	Veganismo.
<b>Motivacional frame</b>	Convidam a participar do grupo.

FONTE: A autora (2015).

Pode-se notar que quando o prognóstico é veganismo, o alinhamento é mais por *amplification*, se dedicando a explicar a causa, fazer utilização de conceitos, apresentar os valores. Quando o prognóstico é vegetarianismo, que foi o quadro da Revolução da Colher e da SVB, o alinhamento foi por *amplification* e, no caso da SVB, *bridging* e aertura ao *extention*. Quase houve um padrão de comportamento público/político.

O quadro evidencia como se dá a mobilização do MDA: todos os grupos partem do mesmo quadro de diagnóstico do problema, a exploração animal e o status de propriedade, aliados à sensciência dos animais (a Revolução da Colher é o que faz essa definição de forma mais indireta, falando primeiro do desrespeito a todas as formas de vida), motivando pela chamada à participação e oferecendo respostas distintas, ainda que próximas. O veganismo é proposto pelo Camaleão, Onca e VEDDAS, a Revolução da Colher propõem o veganismo com viés espiritual e a SVB a alimentação vegetariana estrita e o veganismo. A amostra do MDA no Brasil, composta por esses cinco grupos, mostra que a luta pelos direitos animais é fortemente perpassada pela questão moral: os grupos colocam que, uma vez que os animais são sencientes, os humanos têm a obrigação moral de considerar seus interesses e não lhes provocar dor. Isso é colocado como um esclarecimento que os grupos têm e a sociedade ainda não, como um valor a ser transmitido à sociedade através da conscientização. Uma vez que se trata de convencimento, o alinhamento preferencial é por *amplification*, para tornar esse entendimento conhecido e comum, um dever cumprido por todos.

#### 4.1 Abolição imediata *versus* abolição gradativa: momento pré-consenso

Os conflitos internos fazem parte dos movimentos sociais (BENFORD, SNOW, 2000). Mesmo com o esforço da ação coletiva em se definir um diagnóstico, um prognóstico e um quadro de motivação, o dissenso entre os participantes faz parte do processo, já que um grupo é composto por pessoas diferentes, que pensam diferentemente. Então, reunindo vários grupos, o dissenso é ainda maior. Na construção coletiva da questão, elaborada por todos os grupos integrantes e representantes do movimento, há uma disputa interpretativa de como direcionar a questão. Com formas distintas de pensar em agir, o MDA também tem disputas internas.

O que antes havia sido identificado como uma disputa de caráter mais público entre abolição imediata e abolição gradativa, com a análise mostrou-se como o processo de construção de um consenso interno sobre a questão da abolição. Essa disputa de opiniões dentro da abolição animal ficou visível em grupos de discussão, motivada pela campanha Segunda sem Carne. Como visto, a campanha tem a estratégia de não adotar a postura vegana, tanto para conseguir apoio de pessoas com visibilidade, quanto para conseguir adesão de pessoas simpáticas ao vegetarianismo – a SVB fez a concessão de deixar clara a sua postura para conseguir adeptos, levando em conta os argumentos desses adeptos, numa negociação, ou seja, promoveu o *frame extension*. No entanto, essa estratégia de tratar o assunto com sutileza torna a campanha ambígua, dando margem para interpretar a questão tanto como um início para se tornar vegetariano estrito e até mesmo vegano, quanto para parar de comer carne apenas nas segundas, e ainda compensando com outros alimentos de origem animal.

Da ambigüidade, que possibilita a última interpretação, surgiram as críticas. A posição contrária à campanha, dentro meio abolicionista, defende que ao não deixar claro o abolicionismo, ou mesmo defender apenas a diminuição do consumo de produtos de origem animal, a questão dos direitos animais não está resolvida – ao contrário, mostra-se como um prolongamento da discussão, uma vez que expõe a ideia de que apenas essa diminuição basta para os animais, enquanto eles continuam no *status* de propriedade e sendo explorados. A alimentação vegetariana estrita, bem como a interrupção do uso de produtos testados em animais ou que envolvam animais no seu processo ou na sua matéria-prima, é defendido pelos críticos da campanha como possíveis e necessários de acontecer de imediato, para qualquer pessoa.

Esse processo de alinhamento de quadros identificado na SVB revela um trabalho mais tenso de debate interno dos grupos, que se tornou público com a campanha SVB não me Representa, resultado das críticas à Segunda sem Carne. Com a criação da página SVB não Representa<sup>171</sup>, essa campanha teve posição contrária à SVB também por assumir “uma posição dietética” em relação ao tema dos direitos animais. A campanha foi lançada ao ar com o site em setembro de 2013, teve a última atualização foi em outubro de 2014 e saiu do ar em setembro de 2015 – ou seja, apesar de incisiva, ela foi efêmera. A campanha teve o intuito de refletir sobre a atuação do movimento, suas falhas e tornar essa reflexão pública. Não é identificável na página quem foi o criador dela e o responsável pela coleta dos depoimentos. O objetivo do site era:

[...] criar um pensamento crítico sobre o tema exposto por meio de depoimentos pessoais e textos que expressam opiniões individuais ou de organizações trazendo esclarecimento ao público vegetariano e não-vegetariano sobre alguns erros dentro do movimento vegetariano, em especial no que se refere à postura marcadamente contraditória e incongruente da Sociedade Vegetariana Brasileira.<sup>172</sup>

Na crítica novamente se evidencia que o debate acerca dos direitos animais é uma discussão de especialistas. Para ilustrar o teor da crítica, seguem dois recortes do conteúdo da página:

FIGURA 21: TRECHO DO DEPOIMENTO DA BIANCA DANTAS, EX-COLABORADORA DA SVB

<sup>171</sup> Disponível em: <<http://www.svbnaomerepresenta.com/>>. Acesso em: 02 de mar. 2015. Site fora do ar a partir de setembro de 2015.

<sup>172</sup> Idem.



Hoje considero que o trabalho pelos animais deve ser em favor da propagação do veganismo e da completa abolição do uso dos animais. Temos que colocar nossos esforços na educação vegana, pelo fim do uso de animais, a começar pelo veganismo em direção à abolição. Nem todos começarão com o veganismo, é verdade, cada um escolhe seus caminhos. Não sabemos ao certo o que as pessoas farão com a nossa mensagem, por isso entendo que não devemos perder a oportunidade de transmitir a mensagem abolicionista de forma integral. Qualquer coisa fora disso pode ser mais fácil de fazer, pode arrecadar mais doadores, pode ficar mais bonito nas propagandas, pode parecer mais interessante, mais conveniente, mais confortável e razoável... mas para os animais, o impacto surgirá pela propagação da abolição.

Se você acha que os animais importam, se você é vegano e quer a abolição, é a abolição que você deve promover. Simples assim. Já há muita confusão sobre o estatuto moral dos animais na sociedade, para nós, do próprio movimento animalista, nos engajarmos em campanhas que geram mais problemas conceituais. Eu acho que isso precisa ser revisto urgentemente. Não acho produtivo atacar ou declarar determinada instituição como inimiga, essa é uma estratégia tão retrógrada quanto suas campanhas. Precisamos crescer, precisamos nos unir em um princípio em comum: a educação vegana pela total abolição do uso de animais para os desejos e conveniências humanas. Se não propagamos o veganismo, os direitos animais e a abolição, o que nos faz imaginar que um dia chegaremos a isso? Se você acredita ser abolicionista, precisa pensar nisso.

FONTE: Website da campanha SVB não me Representa (atualmente fora do ar).

FIGURA 22: TRECHO DO ARTIGO CAMPANHA DE SEGUNDA, ASSINADO POR LUIS MARTINI

*"Ah, mas a gente não pode impedir as pessoas de fazerem a campanha que elas querem fazer." Essa Campanha Segunda sem Carne não será a primeira e nem a última Campanha mal desenhada, distorcida e ruim que teremos em nosso meio. O problema não é esse. O problema é o ativista abolicionista apoiar o que não é abolicionista e prejudicar os animais sencientes. O que estamos tentando fazer aqui é alertar as pessoas e chamar a responsabilidade sobre o próprio ativismo que elas fazem. Para mim tanto faz se existe uma ou dez campanhas como essa, se o ativista abolicionista não escorregar na manteiga de origem animal dela. Escorregar no ativismo é um tombo que machuca por dentro e por fora e podemos evitar isso com um pouco de senso crítico. Troque uma Campanha massiva sem nexos por uma massa vegana. Invente outros pratos deliciosos veganos e chame os seus amigos em qualquer dia da semana e fale explicitamente sobre a abolição da escravidão animal com eles. Será muito melhor para os animais do que algo massivo porém com mensagem parcial e distorcida.*

FONTE: Website SVB não me Representa (atualmente fora do ar).

De acordo com os autores Snow *et al* (1986), quadros mais abertos têm maiores chances de mostrar mais efetividade, ou seja, repercutir nos públicos ao qual se dirigem as mensagens. Isso porque aqueles que não se alinham aos quadros oferecidos pelos grupos podem aproximar-se, o que não acontece quando um quadro é apresentado como acabado. A campanha SVB não me Representa mostrou uma controvérsia, já que faz crítica e discute entre os especialistas e iniciados, mas essa campanha apenas promoveu a polarização dentro da causa, na intenção de direcionar a construção da causa para a apresentação de que os animais precisam do veganismo de imediato, sem desenvolver diálogo. É mais uma evidência de que os grupos ativistas, pelas próprias características da internet e das

redes sociais, não conseguem estabelecer o diálogo, não fazem o *frame extension*. E esse é o diferencial da SVB e da Campanha Segunda Sem Carne – a sua organização e a sua estratégia de não apresentar um quadro fechado faz com que a ONG consiga dialogar com a sociedade e com o governo, em um processo de *frame extension*. Assim, o que a campanha SVB não me Representa denuncia como incoerente, funciona como convite para o debate, não falando apenas aos engajados.

Portanto, a campanha Segunda sem Carne funcionou como desencadeador da controvérsia, mas ao contrário do que se acreditava inicialmente, a análise mostrou que a disputa entre abolição imediata e abolição gradativa ocorreu de maneira pública só no momento da campanha SVB não me Representa. Isso porque, embora a posição da SVB seja clara sobre ter o abolicionismo animal como um projeto de um longo tempo, dialogando com as pessoas sobre o assunto, mas as dando tempo e espaço, a análise não identificou a questão da urgência nos enquadramentos dos grupos, que indicaria a postura de abolição imediata. O debate público exige esse tipo de controvérsia para se desenvolver, que no caso do MDA surgiu com críticas à campanha da SVB, mas a análise dos sites e do Facebook não permitiu observar.

## **4.2 Comunicação para o reconhecimento dos animais e dos seus defensores**

Como foi observado, a mobilização pelos direitos animais carrega consigo um forte apelo moral. Subjacente à mobilização política pela abolição animal, os grupos do MDA empreendem uma luta por reconhecimento. Eles apresentam a abolição como uma demanda dos animais, uma busca de reconhecimento para os animais. Além disso, como a abolição animal é defendida primordialmente pela chave do veganismo, há busca por reconhecimento também dos sujeitos, para as pessoas na condição de veganos. De outra forma, na reivindicação de englobar os animais na esfera moral, o MDA luta por reconhecimento dos animais, e pela identidade do veganismo, a busca por reconhecimento é estendida aos sujeitos, aos *advocators* ou *advocates*. Essa luta passa pela mobilização política por meio da estratégia comunicativa do enquadramento.

Axel Honneth (2003) defende que a base da interação é o conflito, e sua gramática, a luta por reconhecimento. O conflito é a base da interação porque é atrás do conflito que há comunitarização social, que as diversidades dos indivíduos se apresentam e, pela interação dessas diversidades, cada indivíduo deve ser respeitado, deve ser reconhecido. As lutas sociais às quais Honneth (2003) se refere não são as por autoconservação ou aumento de poder, mas aquelas que se originam de uma experiência de desrespeito social, capaz de suscitar uma ação que busque o restabelecimento de relações de reconhecimento mútuo, ou desenvolvê-las em um nível superior.

A tese de Honneth aponta que a identidade dos indivíduos se determina em um processo intersubjetivo mediado pelo mecanismo do reconhecimento e que a ausência de reconhecimento corresponde à origem dos conflitos sociais. Para ele, é a incompreensão das práticas e normas, dos valores e da situação moral da sociedade, que levam aos conflitos sociais, e não questões econômicas – ou de redistribuição<sup>173</sup>. Portanto, o reconhecimento é uma tentativa de explicação moral da sociedade, “trata-se, sobretudo, de uma luta moral, visto que a organização da sociedade é pautada por obrigações intersubjetivas” (MENDONÇA, 2007, s/ p.). Isto é, por meio de questões de reconhecimento (onde ele existe, onde ele é ausente), busca-se entender como se constroi a base moral da sociedade, a partir das relações intersubjetivas.

A emancipação ocupa um lugar privilegiado, tanto na teoria crítica como um todo, quanto na teoria do reconhecimento de Honneth, em que a emancipação é o horizonte teleológico. Para Honneth, a emancipação é vista como a possibilidade de o indivíduo poder criar e levar a cabo o seu próprio plano de vida (SOBOTTKA, 2013). Daí a sua relação com a liberdade individual: a emancipação, a possibilidade de o indivíduo criar o seu plano de vida só acontece se houver liberdade. A liberdade é então vista como o princípio fundamental da justiça. A liberdade é o critério ético, e é a participação ativa que garante liberdade ao indivíduo.

A base normativa da sua teoria de reconhecimento é a identidade: a luta por reconhecimento ocorre por meio de uma análise da formação da identidade prática

---

<sup>173</sup> Para Honneth (2003), a redistribuição é alcançada quando o reconhecimento é adquirido. Essa postura é contestada por Nancy Fraser, que alega que reconhecimento e redistribuição são duas esferas autônomas de igual importância (FRASER; HONNETH, 2003).

de um indivíduo ou grupo num contexto prévio de relações de reconhecimento. A premissa que impulsiona a tese é de que a identidade do sujeito se dá através da interação, no momento em que o indivíduo é reconhecido enquanto absoluto pelo outro. Logo, o reconhecimento refere-se “àquele passo cognitivo de uma consciência já constituída “idealmente” em totalidade efetua no momento em que ela “se reconhece como a si mesma em outra totalidade, em uma outra consciência” (HEGEL<sup>174</sup> apud HONNETH, 2003, p. 63). Então, a identidade só se constrói na interação com o outro. O primeiro processo do indivíduo é o do reconhecimento, ele toma conhecimento de quem ele é a partir dos limites colocados pelos outros.

As interações em que se dão as relações de reconhecimento ocorrem em três dimensões distintas e interligadas: a esfera emotiva ou esfera do amor, a esfera jurídica-moral, e a esfera da estima social ou da solidariedade. A relação intersubjetiva em cada esfera, através da interação social, garante ao indivíduo autocompreensão e autorrelação prática:

O indivíduo, para Honneth, precisa experimentar *sucessivamente* em cada esfera o tipo de reconhecimento correspondente, para desenvolver uma autorrelação prática positiva e assim formar uma identidade pessoal sadia e tornar-se um sujeito autônomo. Esse reconhecimento não é resultante de generosidade generalizada, mas sim de processos de luta que em cada esfera assumem formas distintas – e que também pode ser negado. (SOBOTKA, 2013, p. 156).

Na esfera do amor são consideradas as relações mais próximas e íntimas, as relações fortes entre poucas pessoas, as relações primárias. O reconhecimento na esfera do amor é fundamental na medida em que dá ao indivíduo a autorrelação positiva de autoconfiança e, assim, capacita o indivíduo à vida pública e participação política. Já a falta de reconhecimento nessa esfera gera a relação negativa da violação. O direito dá ao indivíduo proteção jurídica contra interferências em sua esfera e dá liberdade para poder agir como pessoa moralmente imputável, e também participação no processo público de formação da vontade, da qual ele faz uso apenas quando usufrui certo nível de vida. Da relação positiva do reconhecimento na esfera-jurídico moral, adquire-se o autorrespeito; enquanto a relação negativa gera a privação de direitos. A esfera da estima social ou da solidariedade reconhece que o indivíduo possui valor pelas suas capacidades e formas de vida desenvolvidas

<sup>174</sup> HEGEL. *Sistem der spekulativen Philosophie*, Hamburgo. 1986.

individualmente. Para que isso ocorra, deve haver um horizonte de valores subjetivamente partilhado, ou ele deve ser introduzido, e é a autocompreensão cultural de uma sociedade que predetermina os critérios que orientam a estima social das pessoas, já que o julgamento é feito na medida em que há cooperação na implementação de valores culturalmente definidos. (HONNETH, 2003). O reconhecimento nessa esfera gera a auto-estima, e a ausência do reconhecimento gera a degradação.

A ausência do reconhecimento nessas estruturas resulta no aviltamento do indivíduo e nos desajustes e patologias sociais; através da revolta, das pressões e da violência, que dão origem os conflitos individuais e sociais, é que os indivíduos buscam o reconhecimento ausente. É na dimensão jurídico-moral e na da estima social em que há estruturalmente uma tensão moral capaz de suscitar conflitos sociais a partir do desrespeito. Isto é, é no desrespeito da privação de direitos e no desrespeito da degradação das formas de vida que há uma força motriz capaz de suscitar conflitos e luta por reconhecimento. A luta por reconhecimento ocorre porque os sujeitos não podem reagir de modo neutro às ofensas sociais – elas têm potencial de se tornar resistência política. Por conta disso, são as lutas por reconhecimento que, com força moral, promovem desenvolvimentos e progressos na realidade da vida social do ser humano. O progresso moral ocorre, então, porque coletivos veem as suas expectativas de reconhecimento frustradas, ou seja, veem injustiça, e têm impulso para a luta por reconhecimento, questionando a moralidade e os valores de cada esfera, na tentativa de ampliá-los ou serem mais inclusivos. E somente quando o meio de articulação de um movimento social está disponível é que a experiência de desrespeito se torna uma motivação para ação de resistência (HONNETH, 2003).

Situando o movimento dos direitos animais na luta por reconhecimento de Honneth (2003), convém olhar o panorama geral da situação: a questão do reconhecimento é colocada como uma relação intersubjetiva, interligada com a identidade, advinda de uma experiência de desrespeito e que no ganho de reconhecimento gera o autorrespeito. Como discorrido anteriormente, no caso do MDA há a situação de *advocacy*, o que coloca limites à luta por reconhecimento, fazendo com que a intersubjetividade, do modo apresentado pela teoria, não tenha condições de se realizar. E é nessa relação entre os animais, seus defensores e a



sociedade, que nasce a identidade de veganos, como sujeitos que defendem publicamente os animais pelo viés abolicionista, defendendo o direito à vida dos animais e abdicando desse uso. E se para a teoria do reconhecimento a liberdade é o critério ético, o princípio fundamental da justiça, a abolição do uso animal, que priva o animal como indivíduo a ter liberdade, condiz com a teoria, buscando essa justiça.

Logo, percebe-se que a relação intersubjetiva ocorre primeiramente entre os animais e os membros do MDA, na medida em que os membros percebem uma situação de desrespeito aos animais e a *transferem para si*, tomando a responsabilidade de mudar a situação de injustiça e, depois, entre o movimento e a sociedade. Segundo o movimento, o desrespeito está na negligência da senciência dos animais, e é um desrespeito que provoca violação, porque os seus corpos são violados, privação de direitos porque eles ainda não adquiriram o direito à vida (o que leva à violação e à falta de liberdade), e inclusive degradação, porque são rebaixados ao nível das *coisas* e a reivindicação é por respeito, a ser adquirido com o reconhecimento dos direitos animais. No entanto, a dimensão intersubjetiva do reconhecimento dos animais não pode ser verificada, não tem condição de se realizar no mesmo nível em que ocorre com os seres humanos – essa é a incompletude da luta por reconhecimento no MDA. É um limite ou mesmo inadequação da teoria do reconhecimento para a análise do MDA, que pode ser enriquecida com a discussão do *advocacy*. Como a interação nessa luta de reconhecimento cria a identidade relacionada ao veganismo, levanta-se a hipótese de que a reivindicação por reconhecimento é também uma reivindicação para os próprios veganos.

Das esferas em que há reconhecimento, percorridas anteriormente, a esfera do amor é a base da compaixão reivindicada pelos grupos para com os animais, mas não se estende. É no âmbito da esfera jurídico-moral que está a centralidade da busca de reconhecimento do MDA, uma vez que fala em abolição do uso animal e do status de propriedade dos animais, através do reconhecimento jurídico do direito básico à vida para os animais. O movimento busca o reconhecimento público de que os animais devem ter liberdade e ser protegidos legalmente do interesse que eles possuem pela vida – interesse que os protegeria de serem usados, mortos, mutilados ou maltratados, porque, assim como os humanos, os outros animais têm

algum grau de consciência, sentem dor e têm interesse na vida (possuem sentiência). Com o reconhecimento jurídico-moral se reconhece o “fim em si mesmo” do sujeito, sua imputabilidade moral. Embora Ihering (apud HONNETH, 2003) estivesse se referindo a seres humanos quando formulou o pensamento, é esse “fim em si mesmo” que o movimento advoga para os animais, a consideração da “liberdade da vontade” dos animais, que têm interesse. Só com a instituição de direitos para os animais é que eles adquiririam o caráter de imputabilidade moral. Na esfera jurídico-moral a intersubjetividade se dá entre os membros do MDA e outros membros da sociedade, quando os membros transferem para si a responsabilidade de mostrar uma relação injusta e proteger juridicamente os animais da injustiça. Evidentemente, a dimensão intersubjetiva fica comprometida, uma vez que os membros do MDA lutam por reconhecimento nessa esfera como *advocators*, não como veganos, já tendo o reconhecimento jurídico-moral como veganos, uma vez que não sofrem privação de direitos por serem veganos.

Para os animais, o caminho percorrido pelo MDA na luta por reconhecimento vai ao sentido de que adquiri-lo, de desenvolvê-lo em um nível superior, no caminho de um *progresso moral*, ou seja, de mudanças na relação travada entre humanos e animais para que os últimos sejam englobados na esfera moral dos primeiros e considerados com imputabilidade moral, com valor em si mesmo. Na prática, o progresso moral em relação aos animais já ocorreu em algum grau com a percepção do sofrimento animal – algumas atitudes com os animais, antes consideradas normais, hoje já são condenadas, vista como maus-tratos, embora isso ainda seja seletivo (enquanto uma ação violenta a um cachorro é condenada, a mesma ação ocorre diariamente aos animais utilizados para alimentação, sem censura). A própria ascensão do vegetarianismo, que propaga que os animais não são seres para consumo, indica um progresso moral sobre a causa animal, visto que em alguns contextos essa prática era impensável.

Já quanto à busca de reconhecimento do movimento na esfera da estima social, o reconhecimento é inacessível aos animais, acessível apenas aos veganos, por isso considera-se que o respeito é advogado para a condição de veganos e da legitimidade do MDA. A partir do desrespeito aos direitos animais, seus defensores lutam por reconhecimento para si. A ofensa não é contra os humanos, mas não atender os direitos animais funciona como ofensa a eles, o que mostra como o



aspecto moral é forte no MDA. É dessa forma, se ofendendo com a falta de reconhecimento dos direitos animais, que os veganos justificam a injustiça. O movimento quer até mesmo que as pessoas tenham conhecimento da sua existência e do estilo de vida ligado ao veganismo. A relação intersubjetiva se dá, então, entre os veganos e os outros membros da sociedade, na busca de reconhecimento dos valores advindos do veganismo e dessa forma de vida. Embora seja possível observar uma abertura em alguns segmentos, devido à demanda alimentar do vegetarianismo estrito e à pressão do movimento, os valores institucionalizados são os contrários ao veganismo, são valores que têm os animais como recursos utilitários. Devido a esse elemento cultural, o reconhecimento na esfera da estima social, que normativamente garante que os indivíduos sejam reconhecidos pelas suas propriedades individuais, impõe uma dificuldade à solidariedade aos veganos. Se os veganos querem adquirir o respeito advindo de suas qualidades enquanto veganos, das propriedades e capacidades concretas que o veganismo inspira, por meio do conhecimento do que é o veganismo ou se eles se sentem desrespeitados por serem veganos é uma questão que demanda outra investigação.

Assim, o reconhecimento que se busca é calcado nas relações intersubjetivas entre os sujeitos veganos (envolvidos ou não no MDA) e a sociedade, cabendo lançar a pergunta para pesquisas futuras se o respeito aos animais não é na verdade consequência do reconhecimento dos veganos, como sujeitos de modos de consumo e de vida diferentes da predominante (PRUDENCIO, CARBORNAR, 2015). Presume-se que o reconhecimento no âmbito da estima social daria soluções à demanda que pede modos diferentes de experimentação científica (uma demanda que parte também do próprio meio acadêmico), que quer o respeito da alimentação diferente da convencional em espaços de alimentação convencional (vistas à integração social e não isolamento) e a demanda de consumidores que buscam por produtos que estejam de acordo com suas convicções morais. Pensando no respeito devido a tais pessoas e ao debate que elas lançam no desacordo com estilos predominantes, chega-se à reflexão de respeito aos animais. Ainda que a reivindicação do reconhecimento seja para os animais, a discussão sobre o objeto da luta reivindica também o reconhecimento para os seus defensores e seu estilo de vida ligado ao veganismo (PRUDENCIO, CARBORNAR, 2015).

A análise de alinhamento de quadros mostrou que a dimensão moral é central no MDA, o que desemboca na luta por reconhecimento, uma vez que os enquadramentos dos grupos apresentam o veganismo. A análise permitiu identificar o quadro *advocacy* e de abolição animal de cada grupo. O quadro de *advocator* é identificado na apresentação do grupo sobre ele mesmo, como ele se coloca como ativista, enquanto o quadro da abolição é o resultado da apresentação dos grupos sobre a causa, é o quadro principal que o grupo defende, com vistas à abolição do uso animal.

QUADRO 10 – QUADROS DE ADVOCATOR E DE ABOLIÇÃO ANIMAL

GRUPO	QUADRO ADVOCATOR	QUADRO ABOLIÇÃO
<b>Camaleão</b>	Propagação de informações	Dever moral
<b>Onca</b>	Propagação dos direitos animais	Veganismo
<b>Revolução da Colher</b>	Expansão do vegetarianismo e da consciência das pessoas	Virtude moral cultivada pela espiritualidade
<b>SVB</b>	Promoção do vegetarianismo em todos os seus aspectos	Vegetarianismo estrito
<b>VEDDAS</b>	Promoção dos direitos animais pelo veganismo	Veganismo e vegetarianismo estrito

FONTE: Organizado pela autora (2016).

Nota-se que as respostas ao problema da exploração animal são distintas, ainda que caminhem para a mesma direção. Isso já era esperado, uma vez que a pesquisa observa os grupos da mesma vertente da causa animal. O Camaleão coloca de forma contundente que é uma questão moral e, portanto, uma obrigação, um dever não utilizar animais e praticar o veganismo abolicionista. O Onca coloca o veganismo diretamente como uma solução à exploração animal como a prática dos direitos animais, tratando todos os conteúdos a partir desse quadro principal. A Revolução da Colher, com sua visão espiritual, enquadra a abolição animal centralmente como uma virtude moral cultivada pela espiritualidade, como um resultado da “elevação do ser” que entende o seu meio e pratica a não violência. A SVB tem foco na alimentação vegetariana estrita como solução central da exploração animal e, seguindo esse quadro principal, coloca o veganismo (de forma sutil no site e de forma clara na página do Facebook). Por fim, o VEDDAS apresenta o veganismo e o vegetarianismo estrito formando o quadro central na questão de

abolição animal. Embora essas considerações sobre a luta do MDA como uma luta por reconhecimento sejam pertinentes, elas não couberam nos limites da pesquisa. Assim, essa questão instiga uma provável continuidade de investigação, com espaço para desenvolver a relação entre o MDA e o reconhecimento de forma mais aprofundada.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há décadas indivíduos e grupos fazem reivindicações pelos animais. As reivindicações de cuidado e proteção aos animais domesticados passaram a englobar animais usados em laboratórios e animais “de consumo” e, por fim, os interesses de todos os animais. Nessa última instância surge o movimento dos direitos animais (MDA), que reivindica a abolição do uso animal e do status de propriedade que os animais têm na sociedade, com base na capacidade de sentir dor dos animais, que coloca uma questão moral para os seres humanos. As demandas, dirigidas à sociedade (para mudar hábitos) e ao governo (para formulação de leis), geraram alguns resultados, como formulações de leis (geralmente municipais). Contudo, para inserir os animais na comunidade moral e cessar com o problema da exploração animal, o MDA encontrou o veganismo como solução principal, como mostrou a análise de alinhamento de quadros.

Com o objetivo de verificar como os grupos do MDA mobilizam os seus quadros para direcionar o debate público sobre a abolição animal, a análise de enquadramento permitiu ver como se dão as apresentações públicas sobre o viés abolicionista da causa animal. A análise evidenciou que os grupos partem do mesmo diagnóstico, a exploração animal e o status de propriedade animal como sendo os responsáveis a causar sofrimento aos animais. A solução proposta é o respeito aos animais, por meio do vegetarianismo estrito e do veganismo e, por vezes, a inclusão dos animais na comunidade moral. A partir da análise também foi possível inferir que os grupos basicamente fazem os processos de *frame amplification* e (de forma tímida) *frame bridging*, ou seja, pedem adesão à abolição animal explicando a causa, esclarecendo questões e reafirmando os seus valores, e conectando a causa animal a outras questões e causas. Os cinco grupos analisados, com atuação em mais de uma cidade, fazem o *amplification* mostrando situações degradantes e danosas em que os animais se encontram, esclarecendo conceitos como direitos animais, especismo, exploração animal e por meio do repertório de ação, quando mostram na internet as ações que fazem *offline*. Com o *bridging* conectam principalmente a causa animal com questões ambientais e sociais, mostrando os prejuízos ambientais, sociais e à saúde que a atividades de exploração animal causam. Contudo, no corpus de análise (sites e páginas dos grupos no Facebook), o

*frame bridging* só é bem desenvolvido por um dos grupos, a SVB. O Onca desenvolve conexões do veganismo com outras causas em publicações não analisadas. Já o Camaleão, a Revolução da Colher e o VEDDAS citam conexões, sem discutir de forma mais aprofundada as relações, o que faz o *bridging* ser quase o *amplification* – um resultado já esperado, uma vez que o trabalho do MDA aborda o tema dos animais pela abordagem abolicionista, que contradiz os valores da cultura dominante, não lidando com conceitos socialmente comuns, e, portanto, faz um trabalho de apresentação da causa e convencimento.

O grupo mais antigo, com atuação desde 2003, a SVB, é o que tem maior organização hierárquica, com vários departamentos e o maior número de núcleos locais (atuam em 12 cidades). Essa organização possibilita ações como produção de livros, eventos de grande porte e campanhas de longo prazo. Dos 5 grupos, a SVB é quem tem as maiores campanhas, a Campanha Segunda sem Carne (que é internacional e aqui é gerenciada pela SVB) e o Desafio 21 Dias sem Carne, que tem o intuito de apresentar o vegetarianismo estrito e mostrar que é fácil, para quem ainda não é vegetariano e quer dar o primeiro passo. Portanto, as campanhas têm o objetivo de introduzir o vegetarianismo estrito e o veganismo gradativamente, tática que recebeu críticas, por dar brechas ao consumo de animais. Aí se tem a disputa abolição imediata *versus* abolição gradativa (PRUDENCIO, CARBORNAR, 2015). Essa disputa ficou evidente com a criação da campanha SVB não me representa, em 2013, em que já iniciados no veganismo colocavam suas críticas à SVB e à campanha Segunda sem Carne. Contudo, a análise de enquadramento não identificou discursos com teor de urgência, que indicassem que a abolição precisasse acontecer agora. O que mostra que se essa disputa ainda ocorre, ela se dá nos bastidores dos grupos, em discussão sobre como eles devem construir e apresentar a causa, não chegando ao público. É uma disputa que ocorre entre os ativistas iniciados no veganismo, uma construção do consenso, e não chegou aos materiais analisados. Processo similar ocorreu com a discussão sobre o PLC 70/14, que desencadeou uma disputa de enquadramento dentro do movimento, entre os ativistas das organizações nacionais e um ativista de uma ONG internacional, que foi identificado em materiais relacionados à campanha contra o PLC, não estando presente no *corpus* de pesquisa.

A disputa evidenciada na campanha SVB não me Representa, foi encadeada pela estratégia usada pela SVB, que faz concessões considerando seus potenciais aliados para conseguir resultados em termos de implementação do vegetarianismo estrito, dando abertura para o processo de *frame extension*. Essa disputa está de acordo com o que Snow e Benford (2000) observam sobre *frame extension*, que essa estratégia comunicativa gerou aumentos de conflitos e disputas dentro de movimentos por questões de “pureza” ideológica e eficiência, justamente o que a SVB não me Representa criticou, o fato da Segunda sem Carne não ser uma campanha que fizesse promoção do veganismo. Como o próprio termo disputa já indica, esse confronto foi um *frame contest* interno do MDA, um desacordo dentro do movimento sobre o prognóstico – enquanto a SVB empreende ações para solucionar o problema da exploração animal gradativamente, com foco na alimentação vegetariana (estrita) outros ativistas criticaram essa posição, defendendo que a posição seria a abolição imediata, por meio do veganismo abolicionista. De acordo com a teoria (SNOW; BENFORD, 2000), essa disputa ainda foi uma disputa de *frame resonance*, uma vez que as divergências foram também sobre como a apresentação deveria ser feita, para maximizar a mobilização.

Ressalta-se aqui que os resultados da pesquisa colocam dois aspectos em discussão: 1) a predominância de amplification/bridging mostra que os grupos, na suas páginas e sites, não lidam com os oponentes, mas com valores que almejam difundir. Na ausência do argumento do oponente, não é possível falar em debate público. 2) a controvérsia observada na campanha "A SVB não me representa" evidencia a existência de um conflito interno sobre as estratégias de luta pelos direitos animais. Contudo, a apresentação pública dos grupos não contemplaria, assim, *extension* e *transformation*. Para verificar se esses processos ocorrem no MDA, é necessário ampliar o universo da pesquisa para outros fóruns nos quais se inserem esses grupos e ativistas.

Em relação às mobilizações pelos animais ocorridas no segundo semestre de 2015, a SVB foi o grupo mais atuante, tendo participado da mobilização pelas Porcas do Rodoanel e pela proibição do foie gras e de pele no município de São Paulo. Já o VEDDAS participou da mobilização contra o PLC 70/14, que teve mais intensidade no período anterior a análise, em 2014, quando o PL foi lançado. Nessas mobilizações, em especial a contrária ao foie gras e a contrária ao PLC, a SVB e o

VEDDAS tiveram amplo engajamento, com comunicação voltada a pressionar diretamente os políticos envolvidos, reforçando o argumento do quadro inicial para endossar o quadro. De certa forma, nesses dois casos, tanto a SVB quanto o VEDDAS mostraram abertura para o *frame extension*, mas não chegaram a considerar argumentos contrários, ambos os grupos discutiram a questão, sem negociar. As reuniões com representantes políticos também foram necessárias para a implantação da campanha Segunda sem Carne nas redes públicas de ensino e nas redes de restaurantes populares do município, o que indica abertura ao processo de *frame extension*, no qual a SVB se mostrou mais disposta a negociar e abrir concessões. A abertura ao *frame extension* também ocorreu no Desafio 21 Dias sem Carne, uma vez que a SVB considerou as posições adversárias, como a resistência de uma alimentação estritamente vegetariana, para então elaborar a campanha. Nessas duas campanhas da SVB, a ONG negociou.

Como o MDA tem uma postura mais radical em relação à causa animal do que a vertente bem-estarista, que reivindicam melhorias nas condições de vida dos animais utilizados, e grupos que reivindicam cuidado e adoção, a pesquisa colocou a hipótese de que os grupos que são mais coerentes com o objetivo da abolição animal podem radicalizar mais os seus argumentos, se fechando ao diálogo e à negociações, uma vez que defendem os seus quadros radicais, e dificultando a comunicação com a sociedade, enquanto os grupos que mantêm os seus quadros mais abertos, podem abrir mais concessões e têm mais sucesso em termos de comunicação política. O ideal seria fazer essa mensuração em um prazo mais longo, mas, uma vez que a análise mostrou que a SVB, grupo que mantém o quadro mais aberto, é o único que inicia o processo de *frame extension* e é o que tem as maiores campanhas, como resultado de pesquisa, dentro dos seus limites, se confirma essa hipótese. Considerando ainda a comunicação política na internet, ressalta-se o esforço da SVB e também do grupo Camaleão no uso de *hashtags*.

Como a questão do MDA é complexa e a utilização animal é amplamente praticada, os alguns adversários do grupo correspondem ao nível de complexidade – exploração animal, especismo, “desinformação” e “ignorância” sobre a causa, conforme citado nas respostas ao questionário. Por meio do processo de *amplification*, os grupos tentam concretizá-los, no esclarecimento de questões. Todavia, não é uma tarefa fácil. Para o MDA, os adversários são concretos em



confrontos específicos, como o caso do foie gras (questão alimentar), das Porcas do Rodoanel (questão alimentar) e do PLC 70/14 (testes em animais para cosméticos): ARN; pecuária e consumo de animais; e vivisseccionistas e órgãos governamentais como CONCEA, CNPq e Anvisa. Assim, embora a SVB seja criticada por sua estratégia de ter foco na alimentação, ter um foco se mostra eficaz em termos de comunicação.

A análise também permitiu perceber que há pouca troca de argumentos sobre o tema. O que confirma a hipótese de que as redes sociais digitais atuam mais de maneira a reforçar a rede interna de ativistas do que a mobilizar outras pessoas (PRUDENCIO, 2015). Das publicações no Facebook analisadas, a troca de argumentos se deu em três momentos: sobre rodeios, onde contestam a opinião do Onca de que rodeio é uma prática cruel<sup>175</sup>. sobre debates interseccionais do veganismo<sup>176</sup>, a partir de um artigo opinativo publicado no site Camaleão, com comentários de teor especializado; e em um artigo sobre leite, cuja publicação do Camaleão convida ao debate com a pergunta “você concorda?”<sup>177</sup>. Dessa forma, evidencia-se que, na internet, a discussão sobre direitos animais ocorre entre os iniciados e especialistas – o mesmo ocorreu com página SVB não me representa, já fora do ar, com discussões complexas, e no caso do PLC 70/14, com teor especializado, ainda que tenha havido esforços do grupo traduzir a discussão para a sociedade.

A *advocacy* é fundamental no MDA, uma vez que os interesses dos animais só podem ser defendidos nas esferas públicas com defensores humanos que façam uma intermediação, que se organizem, na tradução do que eles entendem como uma demanda justa para a sociedade e na politização das reivindicações, as levando à esfera pública formal. Conforme a teoria sobre *advocacy* indica, há três maneiras principais de se advogar em prol de outros: a) como um conjunto de habilidades dentro de uma ação comunicativa, reconhecendo o caráter persuasivo e o caráter comunicativo da atividade; b) como um conjunto de competências técnicas para acesso ao campo político e midiático e para mobilização de grupos e sujeitos, elaborando estratégias de apresentação daquilo que se deseja mostrar pra a

<sup>175</sup> Disponível em: <<https://goo.gl/MaBJSZ>>. Acesso em: 27 de dez. 2015.

<sup>176</sup> Disponível em: <<https://goo.gl/qadlAs>>. Acesso em: 27 de dez. 2015.

<sup>177</sup> Disponível em: <<https://goo.gl/I0UcTP>>. Acesso em: 27 de dez. 2015.

aquisição de visibilidade; e c) como um tipo particular de representação, cunhado por atores políticos em contextos nos quais se advoga por causas em nome de outros, aproximando da problemática da representação política. Esta, uma vez que se aproxima dos estudos da democracia, se mostra mais distante da atuação do MDA, enquanto as segundas se mostram mais pertinentes e mais relacionadas à questão do enquadramento. Grosso modo, os grupos advogam pelos animais formando uma narrativa de convencimento sobre a abolição animal, propondo como solução o veganismo e o vegetarianismo estrito, mostrando a viabilidade de se adotar essa solução – é o empreendimento de *amplification* dos grupos. Há ainda algum esforço por parte dos grupos para acessar o espaço político, midiático e social, a partir da aprendizagem da gramática desses campos e apropriação dela, o que é feito com ações para apresentação. A SVB consegue mais ganhos em relação a esse processo, uma vez que mantém o quadro mais aberto e, dessa forma, consegue uma apresentação com maior ressonância na sociedade, do que, por exemplo, a apresentação do quadro abolição imediata, que a campanha SVB não me Representa objetivava.

Tomando para si a situação dos animais, os *advocators* justificam que há uma ofensa contra os animais em violar as suas vidas porque os animais possuem sentiência, e, com isso, a capacidade de experimentarem conscientemente sensações como dor. Argumentam publicamente que os animais deveriam ser incluídos na esfera moral, para que tenham a liberdade que lhes é merecida. A maneira que os grupos se apresentam publicamente, mostrando uma missão de conscientizar, de propagar informações sobre direitos animais e promover o veganismo, reforça a predominância do processo de *frame amplification* no MDA, indicando que a intenção é tornar a causa conhecida, sem ceder dos seus ideais. Com exceção da SVB, em especial sobre a campanha Segunda sem Carne, que abriu a oportunidade de controvérsia, há pouca abertura para contestação por parte dos grupos. O *amplification* aparece encerrando a discussão, “conscientizando” e direcionando a discussão sobre a situação dos animais para a abolição animal. Essa observação, combinada às características do ativismo nas redes sociais, que tende a chegar mais facilmente aos já interessados, coloca um limite para a mobilização nesse espaço. Dessa forma, pode ser que os processos de *frame extension* e *frame transformation* sejam encontrados em outros espaços de atuação

do MDA, em interação com outros atores, mas eles não ocorrem na internet. Tanto que a análise evidencia uma abertura ao processo de *frame extension* da SVB, mas no site e no Facebook não foi possível encontrar a negociação de fato.

Subjacente à promoção dos direitos animais há uma luta por reconhecimento dos sujeitos enquanto veganos. A priori, o MDA pede reconhecimento na esfera jurídico-moral para os animais, ao transferir o sofrimento animal para si e reivindicar que os animais sejam englobados na comunidade moral e então tenham assegurado o direito à proteção das suas vidas, bem como o direito à liberdade (princípio fundamental da justiça), o que implica na abolição do uso dos animais. Porém, por tratarem da questão pela chave do veganismo, criando essa identidade de na interação com outros, lutam por reconhecimento também para os veganos, para esse modo de vida sem utilização animal. A injustiça apontada pelo MDA fere os animais, mas no não reconhecimento dos direitos animais, os sujeitos tomam para si a ofensa e então buscam por reconhecimento para a condição de veganos na esfera da estima social. A questão moral do MDA torna pertinente a discussão entre o MDA e o reconhecimento – discussão que não coube nos limites da pesquisa. Dessa forma, a teoria do reconhecimento fornece elementos para futuramente se pensar a relação processual que se dá entre as três partes: os animais, os que advogam em seu favor e a sociedade.

Por fim, pelas características do tema, complexo, e onde ele foi observado, os resultados mostram que ainda há muito a conhecer e explorar nesse campo. A análise de enquadramento permite inferir que os direcionamentos interpretativos acerca dos direitos animais, ao menos no universo pesquisado, estão muito atrelados à visão deles como comida, da qual derivam os demais problemas.

## REFERÊNCIAS

ALEXANDER, J. Ação coletiva, cultura e sociedade civil: Secularização, revisão e deslocamento do modelo clássico dos movimentos sociais. **RBCS** - vol. 13, no. 37, Junho de 98.

ARTICO, Antonia. M. Comunicação e ciberativismo nos movimentos veg-abolicionistas. **9º Interprogramas de mestrado**. Faculdade Casper Líbero. 2013. Artigo em português. Disponível em: <<http://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/04/Antonia-Marcia-Artico.pdf>>. Acesso em: 02 de jun. 2014.

BEERS, D. L. 2006. **For the Prevention of Cruelty**: The History and Legacy of Animal Rights Activism in the United States. Athens: Ohio University Press.

BENFORD, R. D.; SNOW, D. A. Framing processes and social movements: An overview and assessment. **Annual review of sociology**. v. 26, p. 611-639, 2000.

BENNET, W. Lance. Communicating global activism strengths and vulnerabilities of networked politics. VAN DE DONK, Wim; LOADER, Brian D.; NIXON, Paul G.; RUCHT, Dieter. **Cyberprotest**. New media, citizens and social movements. London: Routledge, 2004.

BLUMENAU. **Lei complementar nº 1008**. Acrescenta dispositivos ao Artigo 4º, da Lei Complementar nº 530, de julho de 2005, que “Dispõe sobre o controle e a proteção de populações animais e determina providências conexas”. 16 de novembro de 2015.

CARBORNAR, C. **Entre a defesa e a libertação**: o debate sobre direitos animais em Curitiba. 2013. Monografia (Graduação em Comunicação Social com Habilitação em Relações Públicas) – Comunicação Social, Universidade Federal do Paraná. Curitiba. 2013.

CURITIBA. **Lei nº 12.467/07**. Proíbe a manutenção, uso e apresentação de animais em circos ou espetáculos semelhantes no Município de Curitiba. 07 de novembro de 2007.

DECOUX, E. L. Speaking for the Modern Prometheus: The Significance of Animal Suffering to the Abolition Movement. *Animal Law Review* 16 (1): 9-64, 2009.

EVANS, J. H. 1997. Multi-organizational fields and social movement organization frame content: the religious pro-choice movement. **Sociol. Inq.** 67:451-69

FELIPE, Sônia T. **Ética e experimentação animal**: fundamentos abolicionistas. 1. ed. Florianópolis: Editora da UFSC - EDUFSC, 2007. v. 1. 351p .

\_\_\_\_\_. **Por uma questão de princípios**; alcance e limites da ética de Peter Singer em defesa dos animais. 1. ed. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2003. v. 1. 216p .  
FOER, Jonathan Safran. **Comer animais**. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

FRANÇA, V. R. V. Comunicação e Política: edifica-se uma tradição?. In: **VIII Encontro Anual da COMPÓS**, 1999, Belo Horizonte. Anais. Belo Horizonte: UFMG/COMPÓS, 1999.

\_\_\_\_\_. Paradigmas da comunicação: conhecer o quê? In: **X Encontro Nacional da Compós**, 2001, Brasília. Compós, 2001.

FRANCIONE, Gary L. **Introdução aos direitos animais: seu filho ou o cachorro?** Campinas: Editora Unicamp. 2013.

FREEMAN, C. P. (2010). Framing animal rights in the 'Go Veg' campaigns of U.S. animal rights organizations. **Society & Animals**. 18(2): 163-182, 2010. doi: 10.1163/156853010X492015.

FUHRMANN, N. L. O primado do reconhecimento sobre a redistribuição: a origem dos conflitos sociais a partir da teoria de Axel Honneth. **Sociologias**. Porto Alegre. ano 15, no 33, mai./ago. 2013, p. 170-203

GAMSON, W. Constructing social protest. In: Johnston, H. Klandermans, B. (eds). **Social Movements and Culture**. Minneapolis, MN: University of Minnesota Press. 1995, p. 95-106.

\_\_\_\_\_. **Falando de política**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

GAMSON, W. MEYER, D. Framing political opportunity. IN: McADAM, D. McCarthy, J. D. ZALD, M. N. **Comparative perspectives on social movements: political opportunities, mobilizing structures and cultural framings**. P. 275-290. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

GOFFMAN, E. **Frame Analysis: an essay on the organization of experience**. Cambridge, Mass: Harvard University Press.

GOHN, M. da G. **Teorias dos Movimentos Sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos**. 10 edição. São Paulo: Edições Loyola. 2012.

GONÇALVES, A. O. **Da internet às ruas: a Marcha do Parto em Casa**. 2014. 190 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal do Paraná – Setor de Artes, Comunicação e Design da Universidade Federal do Paraná. Curitiba. 2014.

GORDILHO, H. J. S. **Abolicionismo Animal**. 1. ed. Salvador: Evolução, 2009. 184p.

GORETTI, Cesare. **L'animale quale soggetto di diritto**. Texto policopiado, Università di Padova, 1928

GREIF, S. **Alternativas ao Uso de Animais Vivos na Educação**. 1. ed. São Paulo: Instituto Nina Rosa, 2003. v. 1. 175p .

GREIF, S.; TREZ, T. A. **A Verdadeira Face da Experimentação Animal: A sua saúde em perigo**. 1. ed. Rio de Janeiro: Sociedade Educacional "Fala Bicho", 2000. v. 1. 200p.

GRIFFIN, D. R. **Animal Minds**. Chicago: University of Chicago Press. 1992.

HABERMAS, J. Political communication in media society: does democracy still enjoy an epistemic dimension? The impact of normative theory on empirical research. **Communication Theory**, 2006, vol. 16, pp. 411-426.

HALL, S. The rediscovery of ideology: return to the repressed in media studies. In: **Culture, Society and the Media**, ed. M Gurevitch, T Bennett, J Curon, J Woolcott. New York: Methuen. 1982. pp. 56-90.

HEGEL. **Sistem der spekulativen Philosophie**. Hamburgo. 1986.

HONNETH, A. **Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais**. São Paulo: Ed. 34, 2003.

HONNETH; FRASER. **Redistribution or recognition? A political-philosophical exchange**. London: Verso Books, 2003.

JAEGGI, Rahel. Reconhecimento e subjugação: da relação entre teorias positivas e negativas da intersubjetividade. **Sociologias**. Porto Alegre. Ano 15, no 33, mai./ago. 2013, p 120-140.

JASPER, J. M. POULSEN, J. D. Recruiting strangers and friends: Moral shocks and social networks in animal rights and anti-nuclear protests. **Social Problems**. 42 (4), 493-512, 1995.

KOOPMANS, Ruud. Movements and media: selection processes and evolutionary dynamics in the public sphere. **Theory and Society**, v. 33. 2004.

JOY, Melanie. **Por que amamos cachorros, comemos porcos e vestimos vacas: uma introdução ao carnismo: o sistema de crenças que nos faz comer alguns animais e outros não**. 1ª ed. São Paulo: Cultrix, 2014.

LACERDA, B. A. Pessoa, dignidade e justiça: a questão dos direitos dos animais. **Revista Ética e Filosofia Política**. Nº 15, vol. 2, p. 38-55. Dezembro de 2012.

LEVAL, Laerte. **Direito dos Animais**. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2004.

\_\_\_\_\_. **Direito dos Animais: O Direito deles e o Nosso Direito**. Campos do Jordão: Mantiqueira, 1998.

MAFRA, Rennan L. M. Comunicação, ocupação, representação: três olhares sobre a noção de advocacy em contextos de deliberação pública. **Revista Compólitica**. V. 4, n. 1 (2014). P. 181-2014.

MAIA, Rousiley C. M. Atores da sociedade civil e ação coletiva: relações com a comunicação de massa. **Lua nova: revista de cultura e política**. ISSN 0102-6445. Nº.76 São Paulo, 2009.

\_\_\_\_\_. Democracia e a internet como esfera pública virtual aproximando as condições do discurso e da deliberação. In: COMPÓS, 2001, Brasília. **X Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação**, 2001. p. 1-27.

\_\_\_\_\_. Internet e esfera civil: limites e alcances da participação política. In.: MAIA, Rousiley C.M.; GOMES, Wilson; MARQUES, Francisco P. J. A. **Internet e participação política no Brasil**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

\_\_\_\_\_. Representação política de atores cívicos: entre a imediatez da experiência e discursos de justificação. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. Vol. 27 nº 78 Fevereiro /2012. P. 97-112.

MENDONÇA, R. Fabrino. Comunicação e Sociedade Civil: Interfaces e Agendas. **Revista Compólitica**. n. 1, vol. 1, ed. março-abril, ano 2011. P. 7-44.

\_\_\_\_\_. Reconhecimento em debate: os modelos de Honneth e Fraser em sua relação com o legado Habermasiano. **Revista de Sociologia e Política**. ISSN 1678-9873. Nº 29 Curitiba Nov. 2007

McADAM, D. **Political Process and the Development of Black Insurgency**. Chicago: University of Chicago Press, 1982.

McADAM, D. McCARTHY, J. D. ZALD, M. N. **Comparative perspectives on social movements: political opportunities, mobilizing structures and cultural framings**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

McCARTHY, D. SMITH, J. ZALD, M. N. Accessing public, media, electoral and governmental agendas. IN: McADAM, D. McCarthy, J. D. ZALD, M. N. **Comparative perspectives on social movements: political opportunities, mobilizing structures and cultural framings**. P. 291-311. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

MELUCCI, A. **Challenging codes: collective action in the information age**. Cambridge, 1996.

MENDONÇA, R. Fabrino; GUIMARÃES SIMÕES, Paula. Enquadramento: diferentes operacionalizações analíticas de um conceito. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais: São Paulo, vol. 27, n. 79, p. 187-20, junho, 2012.

MALINI, F.; ANTOUN, H. **A internet e a rua: ciberativismo e mobilização nas redes sociais**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

MOORE, B. Jr. **Injustice: The Social Bases of Obedience and Revolt**. White Plains, NY: M. E. Sharpe, 1978.



NIBERT, D. **Animal rights/Human rights**: Entanglements of oppression and liberation. Oxford: Rowman & Littlefield. 2002.

\_\_\_\_\_. **Animal Opression & Human Rights**: domesecration, capitalism, and global conflict. Series: Critical Perspectives on Animals: Theory, Culture, Science and Law. Columbia University Press.

PEREIRA, M. M. **Teorias da Ação Coletiva e Comunicação Política**: integrando perspectivas na análise de interações entre o movimento dos direitos animais e a grande mídia. In: 38º Encontro Anual da ANPOCS, 2014, Caxambu. Anais do 38º Encontro Anual da ANPOCS, 2014.

PERUZZO, Cicilia M. K. P. Movimentos sociais, cidadania e o direito à comunicação comunitárias nas políticas públicas. In: MARQUES, Ângela; MATOS, Heloiza (Orgs). **Comunicação e política**: capital social, reconhecimento e deliberação pública. São Paulo: Summus, 2011.

PRUDENCIO, Kelly. Micromobilizações, alinhamento de quadros e comunicação política. **Revista Compolítica**, v. 2, p. 88-110, 2014a.

\_\_\_\_\_. Mídia e movimentos sociais contemporâneos. **Revista Comunicação & Política**, v. X, n. 3, set-dez, 2003, p. 95-108.

\_\_\_\_\_. **Repertório do confronto político em micromobilizações na internet**. In: 38º Encontro Nacional da ANPOCS, 2014b, Caxambu - MG.

PRUDENCIO, K. Political mobilization on social media: the limits of the digital activism for deliberation. (Roundtable Civic engagement, communication and deliberative systems). **III Colloquium Deliberative System and Interconnected Media**. Universidade Federal de Minas Gerais. 4-6 novembro, 2015. (Palestra)

PRUDENCIO, K. CARBORNAR, C. A comunicação para o reconhecimento: disputas de enquadramento sobre os direitos dos animais no Brasil. **Comunicação midiática**. (Online), v. 10, p. 44-60, 2015.

\_\_\_\_\_. Abolição já ou depois? Disputas de enquadramento na luta por reconhecimento dos direitos dos animais no Brasil. In: Compolítica, 2015, Rio de Janeiro. **Anais do VI Encontro da Compolítica (2015)**, 2015.

PRUDENCIO, K. LEITE, W. D. Comunicação e mobilização política na campanha Fora Ana de Hollanda. **Revista de Estudos da Comunicação** (Impresso), v. 14, p. 444-461, 2013.

REGAN, Tom. **Jaulas vazias**: encarando o desafio dos direitos animais. Porto Alegre: Lugano, 2006.

\_\_\_\_\_. **The Case for Animal Rights**. University of California Press. 1983.

RUBINSTEIN, Betsy. For the Animals, the Earth, and Our Health: Strategies for Social Change and the Problem of Animal-Product Consumption. **Advocate's Forum**. P. 60 – 67. 2010.

RYDER, R. Animal Revolution: Changing Attitudes towards Speciesism. **Berg Publishers**. 2000.

SALT, Henry S. **The rights of animals**. In: International Journal of Ethics, v. 10, 1900, p. 206-222.

SCHLESINGER, S. **Onde pastar?** O gado bovino no Brasil. Rio de Janeiro: FASE, 2010. Disponível em: <<http://goo.gl/rKy6m>>. Acesso em: mai. 2015.

SINGER, Peter. **Animal Liberation: A New Ethics for our Treatment of Animals**. New York: New York review/Random House. 1975.

\_\_\_\_\_. **Libertação animal**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010. (Editado também pela editora Lugano, 2004).

SNOW, D. BENFORD, R. Ideology, Frame Resonance, and Participant Mobilization. **International Social Movement Research**. 1: 197-217. 1988.

\_\_\_\_\_. Master frames and cycles of protest. In: MORRIS, A. & MUELLER C. McClurg (orgs.). **Frontiers in Social Movement Theory**. New Haven: Yale University Press. 1992, p. 133-155.

SNOW, D. ROCHFORD, E. B. WORDEN, S. K. BENFORD, R. Frame Alignment Processes, Micromobilization, and Movement Participation. **American Sociological Review**, v.51, n. 4, 1986, pp. 464-481.

SOBOTTKA, E. A. Liberdade, reconhecimento e emancipação: raízes da teoria da justiça de Axel Honneth. **Sociologias**. Porto Alegre, ano 15, no 33, mai./ago. 2013, p. 142-168.

TARROW, S. **O poder em movimento: movimentos sociais e confronto político**. Petrópolis: Vozes, 2009.

TILLY, C. **How to detect, describe and explain repertoires of contention**. Texto não publicado, 1992.

TRÉZ, T. A.. **Experimentação animal: um obstáculo ao avanço científico**. 1. ed. Porto Alegre: TOMO, 2015. v. 1. 264p .

\_\_\_\_\_. **Instrumento animal: o uso prejudicial de animais no ensino superior**. 1. ed. Bauru: Canal 6, 2008. 198p .

TRINDADE, G. G. da; NUNES, L de L. A questão do status moral e legal dos animais não-humanos sob o prisma da abordagem abolicionista de Gary L. Francione.

**Thaumazein: revista on-line de filosofia** - ISSN: 1982-2103. Ano IV, n.7, p. 58-72 Jul. 2011.

WALLS, David. **Animal Rights Movement**. 11 mai. 2008. Disponível em: <<http://www.sonoma.edu/users/w/wallsd/animal-rights-movement.shtml>>. Acesso em: 16 jun. 2013.

WRENN, C. L. Abolition then and now: tactical comparisons between the human rights movement and the modern nonhuman animal rights movement in the U.S. **Journal of agricultural and environmental ethics**. 27 (2): 177-200. 2014.

\_\_\_\_\_. Abolitionist animal rights: critical comparisons and challenges within the animal rights movement. **Interface: a journal for and about social movements**. 4 (2): 438-458. 2012.

\_\_\_\_\_. Resonance of animal shocks in abolitionist animal rights advocacy: overcoming contextual constraints. **Society and animals**. 2013.

WRENN, C. L. JOHNSON, R. A Critique of single-issue campaigning and the importance of comprehensive abolitionist vegan advocacy. **Food, Culture & Society**. 16 (4): 651-668. 2013.

YATES, R. **Poverty of Ambition in the Context of Social Change**. On Human-Nonhuman Relations. 2009. <http://human-nonhuman.blogspot.com/2009/10/poverty-of-ambition-in-context-of.html>

ZALD, M. Culture, ideology and strategic framing. IN: McADAM, D. McCarthy, J. D. ZALD, M. N. **Comparative perspectives on social movements: political opportunities, mobilizing structures and cultural framings**. P. 261-274. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

### Outras referências:

ALARCÓN, Frank. **Sobre o PL 6602/2013**. 7 de jul. 2014. Disponível em: <<https://www.facebook.com/notes/frank-alarc%C3%B3n/sobre-o-pl-66022013/746054615433933>>. Acesso em: 03 de jan. 2016.

ALF. Disponível em: <<http://www.animalliberationfront.com/>>. Acesso em: 06 de jun. 2013.

ALF. **The ALF credo**. Disponível em: <<http://goo.gl/30xP03>>. Acesso em: 20 de mai. 2015.

ALTERA PCL 70/14. Disponível em: <http://www.alterapl6602.veddas.org.br/>>. Acesso em: 03 de jan. 2016.

\_\_\_\_\_. **Sobre.** Disponível em: <<http://www.alterapl6602.veddas.org.br/sobre.html>>. Acesso em: 03 de jan. 2016.

ANDA. Disponível em: <<http://www.anda.jor.br/>>. Acesso em: 03 de fev. 2015.

CAMALEÃO. Disponível em: <<http://camaleao.org/>>. Acesso em: 03 de fev. 2015.

\_\_\_\_\_. Disponível em: <<https://www.facebook.com/CamaleaoMax/?fref=ts>>. Acesso em: 06 de nov. 2015.

\_\_\_\_\_. Disponível em: <<https://goo.gl/cgcW3K>>. Acesso em: 12 de dez. 2015.

\_\_\_\_\_. **A Câmara de vereadores de Sorocaba (SP) proibiu, em segunda discussão, a comercialização de foie gras!** Disponível em: <<https://goo.gl/SQr9v9>>. Acesso em: 12 de dez. 2015.

\_\_\_\_\_. **Assine AGORA a petição contra os testes em #animais: restam poucos dias!** Disponível em: <<https://goo.gl/wDGNcl>>. Acesso em: 12 de dez. 2015.

\_\_\_\_\_. **#Cavalos não são #máquinas para uso #humano!** Disponível em: <<https://www.facebook.com/CamaleaoMax/posts/1057143684346154>>. Acesso em: 12 de dez. 2015.

\_\_\_\_\_. **Cavalos não são veículos, #Cavalos são indivíduos!** Disponível em: <<https://goo.gl/mLLAA8>>. Acesso em: 12 de dez. 2015.

\_\_\_\_\_. **Conselho Nacional de Controle e #Experimentação Animal (CONCEA) apoia PL do Ricardo Izar - Deputado Federal!** Disponível em: <<https://goo.gl/MTnQDE>>. Acesso em: 12 de dez. 2015.

\_\_\_\_\_. **Consultoria vegana: onde posso obter ajuda sobre veganismo?** Disponível em: <<http://camaleao.org/consultoria-vegana-onde-posso-obter-ajuda-sobre-veganismo/>>. Acesso em: 22 de dez. 2015.

\_\_\_\_\_. **Debates interseccionais e #Veganismo – Parte I – O #Especismo está à porta!** Disponível em: <<https://goo.gl/qadlAs>>. Acesso em: 27 de dez. 2015

\_\_\_\_\_. **Leite de vaca é para bezerro.** Disponível em: <<https://goo.gl/l0UcTP>>. Acesso em: 27 de dez. 2015.

\_\_\_\_\_. **Página no Facebook crítica a associação do vegetarianismo com perda de peso!** Disponível em: <<https://goo.gl/0xqdwD>>. Acesso em: 12 de dez. 2015.

\_\_\_\_\_. **#Pecuária está contaminando diversos rios pela Carolina do Norte (EUA) e afetando diretamente a vida marinha!** Disponível em: <<https://goo.gl/Vfg86V>>. Acesso em: 12 de dez. 2015.

\_\_\_\_\_. **Quem somos.** Disponível em: <<http://camaleao.org/quemsomos/>>. Acesso em: 12 de dez. 2015.

\_\_\_\_\_. **#Vegana mostra que é perfeitamente saudável ser#atleta de #JiuJitsu e ter uma alimentação 100%#vegetariana!** Disponível em: <<https://goo.gl/wcJADL>>. Acesso em: 12 de dez. 2015.

\_\_\_\_\_. **Zoológicos não são amigos dos animais!** Disponível em: <<https://goo.gl/CbcPS0>>. Acesso em: 22 de dez. 2015.

CHAVES, Fábio. Após o caso de Cecil, maiores empresas aéreas dos EUA proíbem transporte de animais caçados. **Vista-se**. 04 de ago. 2015. Disponível em: <<https://vista-se.com.br/apos-caso-do-leao-cecil-maiores-empresas-aereas-dos-eua-proibem-transporte-animais-cacados/>>. Acesso em: 03 de jan. 2016.

\_\_\_\_\_. Após pressão popular, senador Cristovam Buarque altera proposta sobre testes em animais. **Vista-se**. 25 de set 2015. Disponível em: <<https://vista-se.com.br/proposta-pela-proibicao-dos-testes-em-animais-para-produtos-cosmeticos-divide-opinioes/>>. Acesso em: 03 de jan. 2016.

\_\_\_\_\_. Blumenau proíbe produção de ‘foie gras’ por considerar a prática maus-tratos aos animais. **Vista-se**. 08 de dez. 2015. Disponível em: <<https://vista-se.com.br/blumenau-proibe-producao-de-foie-gras-por-considerar-a-pratica-maus-tratos-aos-animais/>>. Acesso em: 03 de jan. 2016.

\_\_\_\_\_. Nova lei proíbe a produção e a comercialização de “foie gras” em Sorocaba, interior de São Paulo. **Vista-se**. 06 de ago. 2015. Disponível em: <<https://vista-se.com.br/nova-lei-proibe-a-producao-e-a-comercializacao-do-foie-gras-em-sorocaba-interior-de-sao-paulo/>>. Acesso em: 03 de jan. 2016.

DESAFIO 21 DIAS SEM CARNE. Disponível em: <<http://desafio21diassemcarne.com/>>. Acesso em: 27 de dez. 2015.

EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA – EMBRAPA; INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS ESPACIAIS - INPE. **Levantamento de informações de uso e cobertura da terra na Amazônia**. TerraClass, set. 2011. Disponível em: <[http://www.inpe.br/cra/projetos\\_pesquisas/sumario\\_executivo\\_terraclass\\_2008.pdf](http://www.inpe.br/cra/projetos_pesquisas/sumario_executivo_terraclass_2008.pdf)>. Acesso em: 09 de mai. 2013.

ESTADÃO. **Brasil tem 25 mil trabalhadores escravos, diz relatório**. 20 de set. 2006. Disponível em: <<http://goo.gl/cxt2M9>>. Acesso em: 02 de jun. 2013.

FARM SANCTUARY. Disponível em: <<http://www.farmsanctuary.org/>>. Acesso em: 06 de jun. 2013.

FELIPE, S. T. Abolicionistas, bem-estaristas, socorristas. **ANDA**. 26 de dez. 2011. Disponível em: <<http://www.anda.jor.br/26/12/2011/abolicionistas-bem-estaristas-socorristas>>. Acesso em: 26 de nov. 2014.

\_\_\_\_\_. Abolição dos testes cosméticos? **ANDA**. 30 de jun. 2014. Disponível em: <<http://www.anda.jor.br/30/06/2014/abolicao-testes-cosmeticos>>. Acesso em: 03 de jan. 2016.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Parecer pede condenação de 24 frigoríficos por cartel**. 04 mai. 2007. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/dinheiro/fi0405200726.htm>>. Acesso em: 02 de jun. 2013.

FRANCIONE, Gary. A response to PETA's position on "happy" or "humane" exploitation. **The Abolitionist Approach**. 11 out 2012. Disponível em: <<http://www.abolitionistapproach.com/a-response-to-petas-position-on-happy-or-humane-exploitation/#.VrH4gblrLIU>>. Acesso em: 31 de jun. 2014.

\_\_\_\_\_. Some thoughts on the abolitionist approach. **The Abolitionist Approach**. 24 out 2009. Disponível em: <<http://www.abolitionistapproach.com/some-thoughts-on-the-abolitionist-approach/#.VrH61rIrLIU>>. Acesso em: 22 jun. 2014.

\_\_\_\_\_. The six principles of the abolitionist approach to Animal Rights. **The Abolitionist Approach**. 18 fev 2012. Disponível em: <<http://www.abolitionistapproach.com/about/the-six-principles-of-the-abolitionist-approach-to-animal-rights/#.VrH7F7IrLIU>>. Acesso em: 20 de nov. 2009.

G1. **Embarcação afunda e bois tentam escapar de naufrago em Barcarena**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pa/para/noticia/2015/10/embarcacao-afunda-e-bois-tentam-escapar-de-naufugio-em-barcarena.html>>. Acesso em: 19 de de. 2015.

GAP PROJECT. Disponível em: <<http://www.greatapeproject.org/pt-BR/primatas/List/grandes-primatas>>. Acesso em: 16 de jun. 2013.

GLOBO AMAZÔNIA. **Pecuária expande baseada em grilagem e desmatamento, diz estudo**. 22 abr. 2009. Disponível em: <<http://goo.gl/n1Fg7E>>. Acesso em: 02 de jun. 2013.

INCA – INSTITUTO NACIONAL DO CÂNCER. **Hábitos Alimentares**. [s. d.] Disponível em: <[http://www.inca.gov.br/conteudo\\_view.asp?id=18](http://www.inca.gov.br/conteudo_view.asp?id=18)>. Acesso em: 02 de jun. 2013.

IMAZON – INSTITUTO DO HOMEM E MEIO AMBIENTE DA AMAZÔNIA. **A pecuária e o desmatamento na Amazônia em relação às mudanças climáticas**. 2008. Disponível em: <<http://www.imazon.org.br/publicacoes/livros/a-pecuaria-e-o-desmatamento-na-amazonia-na-era-das-mudancas-climaticas>>. Acesso em: 09 de mai. 2013.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA. **Comissão de bem-estar animal**. Disponível em: <<http://www.agricultura.gov.br/animal/bem-estar-animal>>. Acesso em: 15 de jun. 2014.

OIT – Organização Internacional do Trabalho. **Uma aliança global contra o trabalho forçado**. 2005. Disponível em: <<http://goo.gl/eU9COh>>. Acesso em: 02 de jun. 2013.

OLHAR ANIMAL. **Início**. Disponível em: <<http://www.olharanimal.org/>>. Acesso em: 03 de fev. 2015.

ONCA. Disponível em: <<https://goo.gl/TAYg1p>>. Acesso em: 16 de dez. 2015.

\_\_\_\_\_. Disponível em: <<https://goo.gl/xTcf2P>>. Acesso em: 16 de dez. 2015.

\_\_\_\_\_. Disponível em: <<https://goo.gl/8Av84f>>. Acesso em: 16 de dez. 2015.

\_\_\_\_\_. Disponível em: <<https://goo.gl/e7c3E7>>. Acesso em: 16 de dez. 2015.

\_\_\_\_\_. Disponível em: <<https://goo.gl/CmMZ6H>>. Acesso em: 16 de dez. 2015.

\_\_\_\_\_. Disponível em: <<https://goo.gl/MaBJSZ>>. Acesso em: 27 de dez. 2015

\_\_\_\_\_. **“Casos de abandono de animais aumentam 70% no período de férias”**. Disponível em: <<https://goo.gl/4aHNHc>>. Acesso em: 16 de dez. 2015.

\_\_\_\_\_. **Direitos animais**. Disponível em: <<http://www.onca.net.br/textos-e-publicacoes/direitos-animais/>>. Acesso em: 16 de dez. 2015.

\_\_\_\_\_. **MANIFESTO CONTRA FOIE GRAS, 17(seg) a 22(sab)/08/2015 Curitiba PR**. Disponível em: <<https://goo.gl/eVF6CA>>. Acesso em: 16 de dez. 2015.

\_\_\_\_\_. **Quem somos**. Disponível em: <<http://www.onca.net.br/quem-somos-2/quem-somos/>>. Acesso em: 16 de dez. 2015.

\_\_\_\_\_. **VOCÊ SABIA que desde 2010 a ONU (Organização das Nações Unidas) indicou a dieta vegana como forma de combater uma série de problemas sociais?** Disponível em: <<https://goo.gl/PIHCGe>>. Acesso em: 16 de dez. 2015.

ONG CAMAELÃO – ATIVISMO PELOS DIREITOS ANIMAIS. Disponível em: <<https://www.facebook.com/OngCAMALEAO/timeline>>. Acesso em: 06 de nov. 2015.

PETA. Disponível em: <<http://www.peta.org/>>. Acesso em: 06 de jun. 2013.

PLANETA SUSTENTÁVEL. **Você sabe o quanto vale a água que consome?** 18 mar. 2011. Disponível em: <<http://goo.gl/LC187>>. Acesso em: 09 de mai. 2013.

PORTAL BRASIL. **IBAMA**. Disponível em: <<http://www.ibama.gov.br/>>. Acesso em: 15 de jun. 2014.

PORTAL EM PAUTA. **ONU recomenda mudança global para dieta sem carne e sem laticínios**. Disponível em: <<http://goo.gl/sov4qA>>. Acesso em: 09 de mai. 2015.



PORTAL FORUM. **Cerca de 70% de novas doenças que infectam seres humanos têm origem animal, alerta ONU.** Disponível em: <<http://goo.gl/ThRQpU>>. Acesso em: 09 de mai. 2015.

RANCHO DOS GNOMOS. Disponível em: <<http://www.ranchodosgnomos.org.br/>>. Acesso em: 16 de jun. 2013.

REVISTA BRASILEIRA DE DIREITO ANIMAL. Disponível em: <<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/RBDA/index>>. Acesso em: mai. 2015.

REPÓRTER BRASIL. **Moendo Gente**. 2012. Disponível em: <<http://moendogente.org.br/>>. Acesso em: 02 de jun. 2013.

REVISTA ÉPOCA. **Paul Roberts – “Em 2050, seremos todos vegetarianos”**. 13 jun. 2008. Disponível em: <<http://goo.gl/E4xTJ>>. Acesso em: 09 de mai. 2013.

REVISTA EXAME. **Falta de água pode tornar o mundo vegetariano**. 27 ago. 2012. Disponível em: <<http://goo.gl/di7kw>>. Acesso em: 09 de mai. 2013.

REVOLUÇÃO DA COLHER. Disponível em: <<http://revolucaodacolher.org/>>. Acesso em: 18 de dez. 2015.

\_\_\_\_\_. Disponível em: <<https://www.facebook.com/RevolucaodaColher/?fref=ts>>. Acesso em: 18 de dez. 2015.

\_\_\_\_\_. Disponível em: <<https://goo.gl/e2X6pq>>. Acesso em: 18 de dez. 2015.

\_\_\_\_\_. [...]. Disponível em: <<https://goo.gl/naxRNw>>. Acesso em: 18 de dez. 2015.

\_\_\_\_\_. **DÊ UMA CHANCE AOS NOVOS SABORES! TIRE A MORTE DO SEU PRATO!** Disponível em: <<https://goo.gl/L9hHfl>>. Acesso em: 18 de dez. 2015.

\_\_\_\_\_. **Jesus era vegetariano?** Disponível em: <<http://revolucaodacolher.org/jesus-era-vegetariano/>>. Acesso em: 18 de dez. 2015.

\_\_\_\_\_. **Não dá pra esconder debaixo do tapete né?** Disponível em: <<https://www.facebook.com/RevolucaodaColher/posts/1057720390953939/>>. Acesso em: 18 de dez. 2015.

\_\_\_\_\_. **O nascimento da Revolução da Colher**. Disponível em: <<http://birth.spoonrevolution.com/portugues.html>>. Acesso em: 18 de dez. 2015.

\_\_\_\_\_. **O reino original da Revolução da Colher**. Disponível em: <<http://revolucaodacolher.org/o-reino-original/>>. Acesso em: 18 de dez. 2015.

\_\_\_\_\_. **Páginas douradas**. Disponível em: <<http://www.thegoldenpages.info/data.php?contentID=4>>. Acesso em: 18 de dez. 2015.

RSPCA. Disponível em: <<http://www.rspca.org.uk/home>>. Acesso em: 16 de jun. 2013.

SANTUÁRIO DAS FADAS. **Sobre o Santuário das Fadas**. Disponível em: <<http://www.santuariodasfadas.org/fadas/>>. Acesso em: 16 de jun. 2014.

SCHLESING, Sérgio. **Onde pastar?** O Gado bovino no Brasil. 1ª ed. FASE – Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional, 2010. Disponível em: <[http://br.boell.org/downloads/gado\\_brasil\\_sergio\\_schlesinger.pdf](http://br.boell.org/downloads/gado_brasil_sergio_schlesinger.pdf)>. Acesso em: 09 de mai. 2015.

SEA SHEPHERD. Disponível em: <<http://www.seashepherd.org/>>. Acesso em: 16 de jun. 2013.

SEGUNDA SEM CARNE. **O que é a campanha**. Disponível em: <<http://www.segundasemcarne.com.br/o-que-e-a-campanha/>>. Acesso em: 20 de dez de 2015.

SEJA VEGAN. Disponível em: <<http://www.sejavegan.com.br/>>. Acesso em: 22 de dez. 2015.

\_\_\_\_\_. Disponível em: <<http://www.sejavegan.com.br/ainda-nao-vegan>>. Acesso em: 22 de dez. 2015

\_\_\_\_\_. Disponível em: <<http://www.sejavegan.com.br/como-ser-vegan>>. Acesso em: 22 de dez. 2015.

SINDICATO DOS TRABALHADORES DA ALIMENTAÇÃO DE PONTA GROSSA. **Boletim Informativo**. 29 abr. 2010. Disponível em: <<http://goo.gl/xXiPJm>>. Acesso em: 02 de jun. 2013.

SOCIEDADE VEGETARIANA BRASILEIRA (SVB). Disponível em: <<https://www.facebook.com/SociedadeVegetarianaBrasileira/?fref=ts>>. Acesso em: 19 de dez. 2015.

\_\_\_\_\_. Disponível em: <<https://goo.gl/LNaUsM>>. Acesso em: 19 de dez. 2015.

\_\_\_\_\_. Disponível em: <<https://goo.gl/CwXzDq>>. Acesso em: 19 de dez. 2015.

\_\_\_\_\_. Disponível em: <<https://goo.gl/5FuVFS>>. Acesso em: 19 de dez. 2015.

\_\_\_\_\_. **Campanha da SVB chama atenção no metrô de São Paulo**. Disponível em: <<http://www.svb.org.br/950-campanha-svb-metro-sao-paulo>>. Acesso em: 19 de dez. 2015.

\_\_\_\_\_. **#Repost @21diassemcarne with @repostapp**. Disponível em: <<https://goo.gl/q7aLU5>>. Acesso em: 19 de dez. 2015.

\_\_\_\_\_. **“As áreas destinadas a pastagens e produção de ração ocupam atualmente 75% de todas as terras aráveis do planeta”**. Disponível em: <<https://goo.gl/exE5mo>>. Acesso em: 19 de dez. 2015.

\_\_\_\_\_. **Campanha Segunda Sem Carne chega a escola de Porto Alegre!** Disponível em: <<https://goo.gl/2WX6UI>>. Acesso em: 19 de dez. 2015.

\_\_\_\_\_. **Esta semana, mais uma grande tragédia trouxe a todos os brasileiros uma oportunidade [...]**. Disponível em: <<https://goo.gl/ECHusw>>. Acesso em: 19 de dez. 2015.

\_\_\_\_\_. **Folha Veg**: Boletim Informativo da Sociedade Vegetariana Brasileira. Nº 3. Jun. 2006. Disponível em: <<http://www.svb.org.br/folhaveg/vegetarianismo-avancos.htm>>. Acesso em: 02 de jun. 2013.

\_\_\_\_\_. **Livros**. Disponível em: <<http://www.svb.org.br/publicacoes/livros>>. Acesso em: 19 de dez. 2015.

\_\_\_\_\_. **MAIS 22 PORCOS SALVOS DA MORTE**. Disponível em: <<https://goo.gl/eUApZG>>. Acesso em: 19 de dez. 2015.

\_\_\_\_\_. **NOTA DA SVB A RESPEITO DA PUBLICAÇÃO DA OMS / IARC**. Disponível em: <<https://goo.gl/XBr1Lj>>. Acesso em: 19 de dez. 2015.

\_\_\_\_\_. **Proibição do Foie Gras - CARTA ABERTA AOS RESTAURANTES DE SÃO PAULO**. Disponível em: <<https://goo.gl/bEv6sR>>. Acesso em: 19 de dez. 2015.

\_\_\_\_\_. **Quem aí tá afim de um banhozinho de banheira?!** Disponível em: <<https://goo.gl/w9ID76>>. Acesso em: 19 de dez. 2015.

\_\_\_\_\_. **Quem somos**. Disponível em: <<http://www.svb.org.br/svb/quem-somos>>. Acesso em: 19 de dez. 2015.

\_\_\_\_\_. **“Segunda Sem Carne” chega ao programa de restaurantes populares Bom Prato**. Disponível em: <<https://goo.gl/kguRv7>>. Acesso em: 19 de dez. 2015.

\_\_\_\_\_. **Vegetarianismo**. Disponível em: <<http://www.svb.org.br/vegetarianismo1/o-que-e>>. Acesso em: 19 de dez. 2015.

SOUZA, R. F. As contradições ético-morais da PETA. **Veganagente**. 1 dez 2015. Disponível em: <<http://veganagente.consciencia.blog.br/as-contradicoes-etico-morais-da-peta/#.VrH4arlrLIU>>. Acesso em: 31 de jun. 2014.

SVB NÃO ME REPRESENTA. **Depoimentos**. Disponível em: <<http://www.svbnaomerepresenta.com/>>. Acesso em: 02 de mar. 2015.

TERRÁQUEOS. Direção: Shaun Monson. Produção: Shaun Monson e Persia White. Narração: Joaquin Phoenix. Roteiro: Shaun Monson. Música: Moby. Estados Unidos: Nation Earth, c 2005. 1 DVD (95 min), standard definition, color. Produzido por Nation Earth.

THE FEDERAL BUREAU OF INVESTIGATION (FBI). **Testimony**. Disponível em: <<https://www.fbi.gov/news/testimony/the-threat-of-eco-terrorism>>. Acesso em: 20 de mai. 2015.

THE STAR. **Probing the link between slaughterhouses and violent crime**. Disponível em: <<http://goo.gl/W9qESR>>. Acesso em: 02 de jun. 2013.

UOL ECONOMIA. **MP acusa dono do maior frigorífico do mundo de sonegar R\$ 10 mil em impostos**. 31 jan. 2013. Disponível em: <<http://goo.gl/SCJyMD>>. Acesso em: 02 de jun. 2013.

VALOR. **FAO menciona trabalho infantil na pecuária brasileira**. 25 fev. 2013. Disponível em: <<http://goo.gl/MQcDGm>>. Acesso em: 02 de jun. 2013.

VEGAN SOCIETY. Disponível em: <<http://www.vegansociety.com/>>. Acesso em: 06 de jun. 2013.

VEGETARIANISMO ÉTICO, DEFESA DOS DIREITOS ANIMAIS E SOCIEDADE (VEDDAS). Disponível em: <<http://veddas.org.br/>>. Acesso em: 02 de mar. 2015.

\_\_\_\_\_. Disponível em: <<https://www.facebook.com/ONGVEDDAS/>>. Acesso em: 21 de dez 2015.

\_\_\_\_\_. Disponível em: <<https://goo.gl/tP7l0e>>. Acesso em: 21 de dez. 2015.

\_\_\_\_\_. Audiência Pública no Senado sobre o PLC 70/14 (antigo PL6602/13) sobre testes em animais. Youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wnWtrYgzgb0>>. Acesso em: 03 de jan. 2016.

\_\_\_\_\_. **Compareçam! Vamos levar uma visão abolicionista à discussão com ambientalistas e reducionistas**. Disponível em: <<https://www.facebook.com/ONGVEDDAS/posts/1040370252651231>>. Acesso em: 21 de dez. 2015.

\_\_\_\_\_. **Inteligentes e dóceis, sentem e sofrem como todos outros animais**. Disponível em: <<https://www.facebook.com/ONGVEDDAS/posts/1008174255870831>>. Acesso em: 21 de dez. 2015.

\_\_\_\_\_. **Isso é a pecuária**. Disponível em: <<https://www.facebook.com/ONGVEDDAS/posts/1021994591155464>>. Acesso em: 21 de dez. 2015.

\_\_\_\_\_. **Sala de imprensa.** Disponível em: <<http://veddas.org.br/sala-de-imprensa/>>. Acesso em: 21 de dez. 2015.

\_\_\_\_\_. **Sobre o VEDDAS.** Disponível em: <<http://veddas.org.br/sobre-o-veddas/>>. Acesso em: 21 de dez. 2015.

\_\_\_\_\_. **XVIII Oficina de Capacitação de Voluntários VEDDAS - 23/08/15 - São Paulo.** Disponível em: <<https://goo.gl/IZ732L>>. Acesso em: 21 de dez. 2015.

VEGANAGENTE. Disponível em: <<http://veganagente.consciencia.blog.br/>>. Acesso em: 03 de fev. 2015.

VEJA. **“Não é mais possível dizer que não sabíamos”, diz Philip Low.** 16 de jul. 2012. Disponível em: <<http://goo.gl/VHhiXQ>>. Acesso em: 10 de jun. 2015.

VISTA-SE. Disponível em: <<http://vista-se.com.br/>>. Acesso em: 03 de fev. 2015.

VISTA-SE. **Linha do tempo:** entenda a proibição do foie gras em São Paulo. Disponível em: <<https://vista-se.com.br/foiegras/>>. Acesso em: 03 de jan. 2015.

WORLD WATCH INSTITUTE. **Livestock and Climate Change:** what if the key actors in climate change are... cows, pigs and chickens? Nov, dez. 2009, Disponível em: <<http://goo.gl/dUvD>>. Acesso em: 09 de mai. 2013.

## GLOSSÁRIO

**Abolição animal:** assim como a abolição humana defendia a ideia da abolição do sistema de exploração humana, o termo abolição animal se refere à ideia da abolição do sistema de exploração animal e do *status* de propriedade que foi atribuído aos animais. Abolição animal defende a libertação total de todos os animais (FRANCIONE, 2013).

**Bem-estarismo:** é a tentativa de melhorar as condições de como os animais estão no sistema de exploração animal. O bem-estar animal não é contrário à *utilização* dos animais, mas ao *tratamento* a eles destinado. Seu objetivo é proibir o sofrimento desnecessário e o tratamento humanitário. Ele é presente em diversos países na forma de regulamentações ou conselhos de uso animal.

**Direitos animais:** O termo faz um paralelo linguístico com “direitos humanos” e explicita o pensamento do movimento de que os animais possuem o direito básico de não serem tratados como propriedade, assim como os seres humanos. Isso com base na característica comum aos animais e aos humanos, que têm um interesse moralmente significativo em não sofrer de jeito nenhum e possuem senciência (FRANCIONE, 2013). Devido à senciência animal, o conceito de direitos animais defende que os animais têm valor intrínseco e deveriam ter direitos básicos, como o direito a não violação à vida – o que não condiz com a exploração animal, em que se desconsidera que os animais tenham direito às suas vidas e que eles possuam valor em si mesmo. Como o conceito tem uma posição contrária ao *status* de propriedade animal, ele está em consonância com o abolicionismo, não com o bem-estarismo.

**Especismo:** é o preconceito contra animais não humanos que arbitrariamente atribui diferentes valores e níveis de valor moral (RYDER<sup>178</sup> apud WRENN, 2012). A discriminação com base em uma característica faz o especismo operar com a mesma lógica do racismo e do sexismo. Francione<sup>179</sup> (apud WRENN, 2012, p. 440-441, tradução nossa) afirma: "A espécie de um ser senciente não é motivo maior para negar a proteção desse direito básico [à vida] do que raça, sexo, idade ou a orientação sexual é um motivo para negar participação na comunidade moral humana a outros seres humanos"<sup>180</sup>.

**Exploração animal:** aproveitamento abusivo, utilização com vantagem. Os abolicionistas defendem que as atividades humanas que fazem usos de animais não-humanos constituem exploração animal, pelas atividades utilizar os animais como meios e não considerar os interesses deles. As atividades que utilizam animais o fazem por meio de domínio do animal pelo ser humano, atendo-se a ideia de que os animais existem para usufruto dos seres humanos e caracterizando a exploração.

**Exploração institucionalizada:** a exploração animal institucionalizada é aquela disseminada na cultura, consensual e permitida pelos três setores (Estado, mercado e sociedade), organizada e aceita de tal modo que passou pelo processo de institucionalização. A pecuária, a criação industrial de animais e as práticas de vivissecção são exemplos.

**Vegano:** o termo denomina uma pessoa adepta ao veganismo ou um produto que está de acordo com o veganismo. Um produto vegano é um produto que não é testado em animais e não leva ingredientes de origem animal, ou seja, "livre de crueldade animal".

<sup>178</sup> RYDER, R. Animal Revolution: Changing Attitudes towards Speciesism. **Berg Publishers**. 2000.

<sup>179</sup> FRANCIONE, G. The Six Principles of the Abolitionist Approach to Animal Rights. **The Abolitionist Approach**. 2009. <<http://www.abolitionistapproach.com/petersinger-and-the-welfarist-position-on-the-lesser-value-of-nonhuman-life/>> (accessed 20.11.2009)

<sup>180</sup> No original: "*The species of a sentient being is no more reason to deny the protection of this basic right [of life] than race, sex, age, or sexual orientation is a reason to deny membership in the human moral community to other humans*"



**Veganismo:** é o modo de vida que implica na máxima abstenção<sup>181</sup> de produtos que tenham a exploração animal no seu processo ou no seu fim. O veganismo diz respeito ao não consumo animal em nenhum aspecto da vida – alimentação, vestuário, entretenimento, consumo de produtos testados em animais ou que levam ingredientes de origem animal. O veganismo parte do princípio da igual consideração, que trata seres em condições semelhantes semelhantemente e que considera a senciencia o ponto semelhante. Dessa forma, os interesses dos animais não-humanos deveriam ser considerados com seriedade e deveria se reconhecer que eles têm interesses moralmente significativos em não sofrer e em não ser utilizados como recursos.

**Vegetarianismo:** se refere especificamente à questão da não utilização animal na *alimentação*. O termo abarca diferentes tipos de abstenção de fontes animais na alimentação, que recebem as seguintes denominações:

- a) **Vegetarianismo estrito:** é o não consumo de nenhuma fonte animal na alimentação, seja carne, leite, ovos ou mel. Portanto, esse tipo de alimentação é feita estritamente a partir de fontes vegetais. Os veganos têm esse tipo de alimentação.
- b) **Ovolactovegetarianismo:** é a abstenção alimentar apenas da carne (de qualquer animal, inclusive de peixe e de outros animais marinhos). Os adeptos desse tipo de alimentação consomem outras fontes de origem animal, como leite, ovo e mel.
- c) **Lactovegetarianismo:** denomina a alimentação de pessoas que não consomem carne e ovo, mas consomem laticínios e seus derivados.
- d) **Ovovegetarianismo:** denomina a alimentação de pessoas que não consomem carne, laticínios e derivados, mas consomem ovos.

---

<sup>181</sup> Fala-se em “máxima abstenção” de acordo com Sonia Felipe, que diz que ninguém é 100% vegano na sociedade contemporânea, já que as práticas de exploração animal estão amplamente difundidas na sociedade e, conseqüentemente, é praticamente impossível não dar nenhuma contribuição a ela.

## APÊNDICE I – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS GRUPOS (PESQUISA EXPLORATÓRIA)

Legenda	1- É ONG? 2- Possui sede? 3- Quantas pessoas são atuantes? 4- Quais são os opositores do grupo? 5- Quais são as maiores dificuldades enfrentadas pelo grupo? 6- Considerações
<b>AVEG</b>	
1- Não 2- Não 3- De 5 a 10 4- Professores universitários vivissectores, organizadores de rodeios, pecuaristas, exploradores de pets, imprensa ligada a esses grupos. 5- Falta de voluntários. Poder divulgar em mais espaços o veganismo em virtude das poucas pessoas ativas dentro do grupo e do grande embate que se faz na região que é maior produtora de leite bovino do Brasil.	
<b>Camaleão</b>	
1- Não 2- Não 3- De 10 a 15 4- O Especismo - o problema maior está na forma que as pessoas veem e pensam sobre os animais. Para nós toda atitude de confinamento e tortura se deriva dessa raiz. O especismo é um comportamento que está muito presente na sociedade e apesar de alguns não concordarem com esta forma de pensar, eles mesmos atuam e contribuem com este tipo de raciocínio. Buscamos sempre mostrar ao público essa fonte que dentro da ética animal, não é aceitável. A raiz da exploração animal é o especismo, portanto, devemos cortar o mau por ali mesmo. * Leis, grupos e ongs bem-estaristas, antropocêntricas, especistas e ou até mesmo pessoas físicas e jurídicas que veem no movimento apenas uma forma de ganhar dinheiro ou força política também são um grande problema e tem ocasionado cada vez mais dificuldades ao movimento abolicionista de direitos animais. 5- Falta de voluntários (principalmente de ativistas); Poucas doações por parte da sociedade (brasileiro não tem o hábito de se filiar ou de fazer doações - e o público vegetariano/vegano que não atua na causa também segue a mesma cultura); Burocracia governamental (dificuldades impostas pelo governo local); Falta de espaço para mais ações de rua (nossa cidade central não tem uma praça movimentada com espaço aberto - como a Av. Paulista em São Paulo que vive ocupada por movimentos sociais e artistas de rua); Falta de tempo dos voluntários já ativos no grupo (excesso de compromissos com a família, pressão do chefe no trabalho, pressão por notas na faculdade - a famosa rotina que o sistema nos impõe - e em alguns casos hobbismo mesmo (falta de amadurecimento por parte do próprio voluntário que se dedica pouco e poderia dedicar mais). 6- Não sei se estará de acordo com os objetivos da pesquisa e talvez esses questionamentos ainda apareçam, mas poderia existir perguntas como: - Quais atividades os grupos realizam? - Qual os objetivos? - O que é Direitos Animais para o grupo? - O que é Veganismo? Com isso poderia identificar se o grupo realmente está focado e entende realmente o que é Direitos Animais - pois muitos grupos dizem ser de abolição animal e não são.	
<b>COMPATA</b>	
1- Sim 2- Não 3- De 5 a 10 4- Tradicionalistas Gaúchos. Cientistas pró-testes. 5- Angariar recursos para seguir e ampliar o trabalho. Falta de equipamentos (câmeras de vídeo, foto, etc) 6- COMPATA promove palestras, exibições de documentários, debates, manifestações e seminários sobre a temática dos Animais nos mais diversos aspectos. O objetivo é levar a conscientização de que todos os animais, humanos ou não, são seres sencientes. <b>COMPATA não luta por jaulas maiores, COMPATA luta por jaulas vazias!</b>	

<b>Legenda</b>	<b>1- É ONG?</b> <b>2- Possui sede?</b> <b>3- Quantas pessoas são atuantes?</b> <b>4- Quais são os opositores do grupo?</b> <b>5- Quais são as maiores dificuldades enfrentadas pelo grupo?</b> <b>6- Considerações</b>
<b>FALA</b>	
1- Sim 2- Sim 3- De 10 a 15 4- Empresas/restaurantes "naturais" que vendem peixe, queijo, laticínios. Pessoas que compartilham desinformação sobre a causa. 5- Falta de dinheiro, falta de voluntários. 6- Já temos o estatuto da FALA e estamos quase nos tornando ONG, apenas não formalizamos ainda.	
<b>Instituto Nina Rosa</b>	
1- Sim (anunciou o fim das atividades como ONG em novembro de 2015; Nina Rosa continuará no ativismo pelos animais, mas de maneira independente). 2- Sim 3- Até 5 4- Os <b>exploradores de animais</b> . 5- Pessoas que sejam compatíveis com a filosofia da ONG, <b>que não só defende os animais, mas também os outros reinos da natureza</b> - mineral e vegetal, e age dessa forma, poupando água, reciclando todos os materiais possíveis e sendo referência no respeito à natureza 6- Desde 2000 quando começamos, já adotamos diversos diferentes modelos. Atualmente somos sempre eu (fundadora e presidente) mais um vice presidente, uma diretora, uma funcionária contratada e voluntários pontuais.	
<b>Maringá Vegano)</b>	
1- Não 2 - Não 3- Até 5 4- O mercado que usa derivados animais; SRM - Sociedade Rural de Maringá (organizadora de rodeios e exposições) 5- Falta de voluntários	
<b>Movimento NÃO MATE</b>	
1- Não 2- Sim 3- Mais de 30 4- Além das empresas que lucram via exploração animal, podemos citar em aspecto individual, a ignorância e a falta de informação como principais opositores da libertação animal. 5- Alimitação financeira para a realização de ações diretas que demandam gasto material significativo.	
<b>OALA</b>	
1- Não 2- Não 3- Até 5 4- Empresas que exploram animais. 5- Conseguir verba para o patrocínio das ações.	
<b>Onca</b>	
1- Não 2- Não 3- De 20 a 25 4- Grupos ou ONGs que defendem interesses próprios de seus dirigentes e empresas que lucram com o uso ou exploração de animais. 5- Financeira, pois não conseguimos financiar algumas ações com maior agilidade, devido à dependência de vendas de material próprio. Apesar de o grupo ter uma quantidade de voluntários ativos bem estabelecida, temos dificuldades em organizar ações que necessitam de 10 ou mais pessoas para ser realizada. Existem voluntários que participam esporadicamente ou não possuem disponibilidade de tempo maior para se programar para as atividades.	

Legenda	1- É ONG? 2- Possui sede? 3- Quantas pessoas são atuantes? 4- Quais são os opositores do grupo? 5- Quais são as maiores dificuldades enfrentadas pelo grupo? 6- Considerações
<b>ONG Princípio Animal</b>	
1- Sim 2- Não 3- Até 5 4- A <b>cultura Especista</b> em geral. Focamos estrategicamente o discurso contrário sob determinadas empresas e eventos, quando esses estão em evidencia. 5- Falta de uma estrutura financeira dos integrantes que proporcione 100% dedicação integral a Abolição Animal.	
<b>Revolução da Colher</b>	
1- Não 2- Sim 4- ... 5- Manter os ativistas ATIVOS! =)	
<b>SVB</b>	
1- Sim 2 - Não 3- Locais: de 5 a 15 4- <b>A inércia das pessoas mudarem seus padrões alimentares</b> , bem como a <b>ignorância</b> quanto à viabilidade da <b>alimentação vegetariana (no caso, estrita)</b> . Empresas e negócios que <b>utilizam e exploram animais</b> , profissionais de saúde desatualizados e que são contrários à alimentação vegetariana. Os que são a favor da exploração animal. Os que vivem da exploração animal. Os que exploram animais. 5- Tempo dos membros se envolverem com as minúcias das ações, como organizar uma palestra, contatos com patrocinadores, etc. Há também dificuldade financeira e de <b>voluntários em alguns grupos locais. Oposição de parte da sociedade</b> , especialmente daqueles que pensam que têm algo a perder com a abolição animal. <b>Enquanto outras causas sociais muitas vezes têm as portas abertas em instituições, espaço na mídia, e muitos setores da sociedade trabalhando a favor, e assim facilmente conquistam simpatizantes, enfrentamos diariamente comerciais, novelas, programas de culinária, notícias (compradas ou não), comentários de pessoas influentes, filmes, e todo o tipo de situação fazendo apologia velada ou não, à exploração animal.</b> 6- A SVB nacional traças as diretrizes e os grupos locais, formados voluntariamente, se organizam internamente. A SVB (nacional) tem sede. 10 a 15 pessoas atuantes em um mesmo evento, como uma reunião bem frequentada, é possível. Existe rotatividade. Os membros atuantes em alguma atividade no período de um ano variam entre 20 e 25.	
<b>SementeS</b>	
1- Não 2 - Não 3- De 5 a 10 4- BRF, Sadia, Bondio, Aurora, rodeios, Cultura sulista camista 5- A resistência das pessoas para o bem	

Legenda	1- É ONG? 2- Possui sede? 3- Quantas pessoas são atuantes? 4- Quais são os opositores do grupo? 5- Quais são as maiores dificuldades enfrentadas pelo grupo? 6- Considerações
ULA	
1- Não 2- Não 3- Até 5 4- A escravidão animal. <b>A ideia de que eles são propriedade.</b> Visamos desconstruir essa ideia e mostrar que cada um é responsável por promover mudanças começando por si. 5- - Burocracia para formalização. - Dificuldade nas vendas dos produtos. Muitos esperam que produzamos os materiais (cartilhas) com nossos recursos e repassemos gratuitamente a outros ativistas, ou com valores de custo. Mas assim não conseguimos desenvolver mais do trabalho. - Sentimos que muitos preferem comprar de empresas maiores e/ou incentivar iniciativas apenas de fora. - Adulteração de conteúdo apagando as fontes do grupo: também criamos banner de campanhas que servem como primeiro contato para criar interesse nas pessoas e elas se aprofundarem nos textos do grupo, ou entrando em contato conosco para tirar dúvidas ou participar. nos banners, vão sempre a logo e site do Ula para que essa rede seja criada, e também como assinatura de um trabalho feito por designer gráfica do grupo, mas na internet nos deparamos com muitos dos banners com a fonte apagada. - falta de restaurantes veganos na zona oeste do Rio. - poucas pessoas interessadas em adotar por amor, não por raça. - falta de financiadores para a produção de cartilhas. 6- <b>Temos uma atuação individual em outras causas. E no grupo, nossa forma de construir a comunicação, preza por ser com visões inclusivas e globais dos problemas de opressões e estereótipos.</b> Buscamos não fazer campanhas sexistas nem contra trabalhadores. <b>A libertação é animal humana e não-humana.</b> No entanto, sobre o diálogo com grupos que defendem outras causas, <b>já tentamos, mas sempre foi muito difícil em conseguir incluímos nosso ponto de vista e prática abolicionista, entendendo que as causas são distintas e que a animal não pode se sobrepor, acreditando que abordá-la e praticá-la seria imposição e desfoque.</b>	

Legenda	<p>1- É ONG?  2- Possui sede?  3- Quantas pessoas são atuantes?  4- Quais são os opositores do grupo?  5- Quais são as maiores dificuldades enfrentadas pelo grupo?  6- Considerações</p>
<b>Vanguarda Abolicionista</b>	
<p>1- Não  2- Não  3- De 5 a 10  4- Os opositores são todas as pessoas desinformadas, coniventes e ingênuas, que concordam com o sistema vigente de exploração. Embora nossa meta seja educar e esclarecer, sabemos <b>que existem organizações poderosas, pessoas na política e na polícia que nos espionam</b>. E uma grande parte da população com poucos questionamentos apoia nessas atitudes. Sem nenhum constrangimento, <b>já sabemos que somos monitorados. Temos medo, mas por outro lado temos coragem</b>. Para citar outro opositor local, a indústria leiteira é forte aqui.  5- Preconceito em relação a lutas paralelas, como a luta pelos direitos humanos, falta de informação de ativistas, preconceitos da população, todas as quais lutamos para esclarecer. A ignorância e desinformação generalizada. Por exemplo, fizemos umas vigílias em prol dos cavalos de carroça, pois há uma lei aqui em Porto Alegre para sua gradual proibição. Esse prazo estava sendo esticado, e protestamos contra. Muita gente via a ação e ia perguntar 'se nós queríamos uma lei pra proibir as carroças'. Provavelmente essas pessoas [que] votaram nisso [são] vereadores q aprovaram a lei, mas desconhecem. E isso se aplica aos mitos sobre veganismo ou 'mas e a alface?', etc, vindo de gente com formação superior. Ou seja, o sistema entranhou a desinformação até mesmo naqueles que supostamente teriam acesso maior ao conhecimento.  6- Nosso grupo é composto de duas pessoas que são diretores e formadores de opinião. Os demais voluntários se aproximam quando querem e como podem, não exigimos nenhum requisito, apenas que esteja interessado em se tornar vegano e em ajudar. Mas as decisões são tomadas por apenas duas pessoas que formam o grupo. Por questões estratégicas não realizamos reuniões, o motivo é a praticidade do uso da internet e a inutilidade que as reuniões provocam. Por esses dois motivos, duas pessoas no comando e sem reuniões que a nada levam, o grupo se mantém coeso e prático, sempre com voluntários que vão e vem, conforme o fluxo natural. Queremos marcar presença na luta pelos direitos humanos, pois o país passa por um período em que as pessoas tendem a se tornar reacionárias, e a tendência é rejeitar o respeito ao outro. Queremos mostrar que podemos ajudar todos os animais e que o ser humano é um animal. Os direitos humanos e os direitos animais são lutas conjuntas e pretendemos marcar presença nessa luta, embora nosso foco seja os animais, pois temos nosso tempo de vida e vocação dedicados a isso. Mas estimulamos outras pessoas para que sigam sua vocação de ajudar ao próximo. Acredito que é preciso mais atuação dos grupos no Brasil, pois vejo que são tímidos. Na minha cidade praticamente só nosso grupo atua, o restante, grupos antigos, não vai a nossas manifestações, talvez por vergonha, ou por rivalidades bobas. Existem pequenos grupos se organizando e participando. E nosso grupo participa de ações de outros grupos novos também. A escrita é essencial. Todo ativista deve exercitar seu poder midiático, seu terrorismo midiático, no bom sentido. Deve escrever artigos, livros, blogs, o que for, para informar, esclarecer, apagar mitos, pois se não for assim, continuaremos a ser 'os estranhos'. Marcando presença com a escrita, seremos lidos e ouvidos.</p>	
<b>VEDDAS</b>	
<p>1- Sim  2- Sim  3- Mais de 30  4- O opositor é toda a indústria da exploração animal, enfrentada por meio da conscientização do público enquanto consumidor e participante da cadeia de exploração.  5- Gerenciamento de voluntários. Recursos financeiros para custear as atividades.  6- No grupo local de Mogi das Cruzes estamos tendo dificuldades pra ações de rua, das quais precisam de autorização. Também estamos com pouca frequência de pessoas em atividades mensais, como veganic e cine-veddas. Foi feita uma palestra hoje na Câmara Municipal sobre vivisseção, que também não foi um grande número de pessoas.</p>	
<b>VIDA</b>	
<p>1- Não; 2- Não; 3- De 5 a 10  4- Grupos de organização de rodeios. empresas patrocinadoras de eventos baseados na exploração animal. políticos especistas.  5- Tempo disponível e o fator econômico.</p>	

FONTE: Organizado pela autora (2015).

## APÊNDICE II – ALINHAMENTO DE QUADROS DETALHADO DAS PUBLICAÇÕES NO FACEBOOK

CAMALEÃO			
Curtidas do perfil: mais de 9.700 Publicações no período analisado: 123 Publicações analisadas: 79			
DATA	TEMA	ALINHAMENTO	#
01/jul	Foie gras; proibição	Divulgam a proibição de Foie Gras e pele em São Paulo. <i>Amplification</i> : nas imagens, mostram a situação de animais usados para esse fim (confinamento, alimentação forçada, lesões). As <i>hashtags</i> configuram a atividade como especista e propõem o veganismo como solução	#FoieGras #Animais #Especismo #Veganismo
02/jul	Bem-estarismo; campanhas de um só tema; abolição animal; direitos animais	<i>Amplification</i> : discorrem sobre a <b>apresentação</b> da causa, criticando o bem estarismo e as campanhas de um só tema, a partir da senciência, que coloca os seres em par de igualdade para o não uso.	#Veganismo#Direitos #Animais
15/jul	Meio Ambiente; hidrelétrica; animais	<i>Bridging</i> : conectam a causa animal com a produção de energia, ao noticiar que hidrelétrica promove extinção de animais na Amazônia.	#Hidreletrica#Balbina #Amazonas #Extinção #Animais
16/jul	Foie gras; proibição; Sorocaba; São Paulo	Noticiam a proibição de Foie Gras em Sorocaba e explicam o caso em São Paulo. <i>Amplification</i> : a imagem mostra a situação de confinamento dos animais utilizados para a produção do foie gras; as <i>hashtags</i> configuram a prática como especista e propõe o veganismo como solução. <b>Motivacional</b> : #Mobilize.	#FoieGras #Especismo #Veganismo #DireitosAnimais#Mobilize
31/jul	OAB; aquário, uso, objetificação	<i>Amplification</i> : falam da situação dos animais em zoológicos e aquários (onde eles são "coisas") e propõem o veganismo como solução, no compartilhamento da notícia que fala que a OAB criou comissão para investigar morte de peixes em aquário em Campo Grande-MS.	#ZooPrisão #AquarioPrisão #Especismo#Veganismo
10/ago	Zoológico; Cecil; leão; CQC	Noticiam o envolvimento do programa CQC para salvar leão de Brasília. <i>Amplification</i> : aproveitam a visibilidade do Leão Cecil para falar sobre a situação dos animais em zoológicos.	#CQC #ProtesteJá #Cecil #Animais
11/ago	Veganismo; exploração animal; especismo;	<i>Amplification</i> : esclarecem a causa, valores e veganismo.	#veganismo #animais



14/ago	Vegetarianismo; veganismo	<i>Amplification:</i> direcionam para matéria que esdarece o que é vegetarianismo.	#VegetarianismoPecuarista? #OvoLactoVegetarianismo #ProtoVegetarianismo #Veganismo#Alimentação
16/ago	Testes em animais; PL6602; CONCEA	<i>Amplification:</i> direcionam para matéria que discute o PL6602. Na imagem, explicam que o CONCEA(adversário político) é favorável à PL.	#PL6602#AlteraPL #TestesCosméticos #Animais#Visseccão
20/ago	Feminismo; gordofobia; alimentação vegetariana	<i>Bridging:</i> conectam o veganismo ao feminismo e à questão da gordofobia, ao divulgar a página que critica associação do vegetarianismo com perda de peso.	#Vegetarianismo #Feminismo#Gordofobia #Dieta#Saúde #DireitosAnimais
28/ago	Cavalos; carroças; audiência; proibição	<i>Amplification:</i> noticiam audiência pública sobre proibição de carroças em Taubaté, com foto de um cavalo machucado, que mostra a situação dos animais usados para esse fim. O texto e as <i>hashtags</i> mostram a posição do grupo, contrária à prática <i>Motivacional:</i> “Manifeste sua opinião para os vereadores, peça pela proibição das carroças”.	#Carroças#Taubaté #DireitosAnimais#Cavalos #Animais
06/set	Leite; saúde	<i>Amplification:</i> explicam que leite é um alimento materno e, portanto, leite de vaca não é adequado para consumo humano.	#Leite #Mamíferos #Animais#Saude
08/set	Alimentação vegetariana; moradores em situação de rua; ativismo	<i>Bridging:</i> conectam a questão animal com a questão social de pessoas em situação de rua, ao noticiar o preparo de alimentação vegetariana para as últimas.	#VanguardaAbolicionista #Veganismo#Expointer #PortoAlegre
10/set	Pecuária; Meio ambiente; contaminação	<i>Bridging:</i> conectam a pecuária ao meio ambiente; ao falar que a pecuária está contaminando os rios da Carolina do Norte, propõe o veganismo como solução.	#pecuária #Estrogênio #Peixes #MeioAmbiente #Veganismo
18/set	Feminismo; violência obstétrica; feminismo negro	<i>Bridging:</i> conectam a causa animal ao feminismo, ao divulgarem seminário feminista que abordará violência obstétrica e feminismo negro.	#feminismo
20/set	Veganismo; status animal	<i>Amplification:</i> esclarecem o que é veganismo	#Veganismo
25/set	Testes em animais; PL6602; Cristovam Buarque	<i>Amplification:</i> divulgam que a proposta que prejudicava os animais foi corrigida pelo Senador Cristovam Buarque, direcionando para matéria que explica a questão do PL6602. Na imagem, um roedor comendo em situação sem sofrimento e o texto “vitória para os animais”.	#AlteraPL6602 #TestesEmAnimais #Cosméticos#Brasil
30/set	Diversidade; família	<i>Bridging:</i> conectam a questão animal com a diversidade familiar, com a imagem da família do Rei Leão e pedindo respeito a todas as famílias (inclusive não-humanas).	#Amor #Timão #Pumba #Animais#Política #DireitosAnimais

05/out	Uso; vacas; leite e queijo; veganismo	<i>Amplification</i> : configura a prática de consumo de leite e queijo como exploração animal e colocam o veganismo como solução para esse problema. <b>Motivacional</b> : “Pratique a justiça. Conheça e pratique o #Veganismo!” e direcionam para a campanha Seja Vegan.	#leites e #queijos #Veganismo
08/out	McDonald's; ovos; bem-estarismo; abolicionismo	<i>Amplification</i> : a imagem mostra galinhas confinadas para a produção de ovos; debatem a questão do bem-estarismo, afirmando que a exploração animal continua.	#galinhas#consumidores #MALEstarismo #CageFree #BemEstarismo #Especismo
13/out	Veganismo; Vegetarianismo; Direitos animais	<i>Amplification</i> : discorrem sobre a causa e sobre direitos animais, direcionando para uma matéria que explica o que é vegetarianismo. A imagem critica os “vegetarianos que abrem exceções”. <b>Motivacional</b> : “Conheça e pratique o #Vegetarianismo!”	#animaistambém tem interesse em desfrutar de #liberdade justiça, #compaixão e #respeito
24/out	Ensino; direitos animais; petição	<i>Bridging</i> : conectam a causa animal com educação, ao falarem do caso do educador Leon Denis, proibido de lecionar em MG por falar em direitos animais. <b>Motivacional</b> : convidam participar do abaixo-assinado em defesa do professor.	#educador #direitosanimais #ética
26/out	Petição; testes em animais	<i>Amplification</i> : na imagem, um coelho com o olho ferido, o que ilustra o sofrimento dos animais utilizados em testes. A #Especismo configura essa prática como discriminação. <b>Motivacional</b> : pedem assinaturas pela alteração do PL 6602, que trata do uso de animais para fins cosméticos, adomando a urgência.	#Vivisseccção #TestesAnimais #DireitosAnimais #Especismo
01/nov	Cavalos; especismo; exploração animal; ALESC; puxada de cavalos	<i>Amplification</i> : a imagem mostra a situação, com os animais sendo obrigados a fazerem muita força física; As <i>hashtags</i> e o texto configuram puxada de cavalos como uma maneira especista de escravizar animais. <b>Motivacional</b> : “Manifeste-se!”.	#Especismo #DireitosAnimais #Puxada #Cavalos #SantaCatarina
04/nov	Veganismo; direitos animais; especismo; exploração animal; interseccional	<i>Amplification</i> : a imagem, do carneiro caído, com sangue derramado, ilustra o sofrimento animal; o texto da imagem fala que os que mais sofrem abuso, violência, preconceito e exploração são não humanos, reforçando o quadro de sofrimento animal e exploração animal ( <i>hashtag</i> ). Pelas <i>hashtags</i> , propõem o veganismo como solução à exploração animal. Direcionam para uma matéria que discute o veganismo.	#DireitosAnimais#Bilhões #Animais#Explorados #Especismo #EscravidãoAnimal #interseccionais #Veganismo

10/nov	SeaWorld; aquário	<i>Amplification</i> : noticiando que o SeaWorld irá encerrar shows com orcas em San Diego, usam as <i>hashtags</i> para configurar as práticas de aquário e zoológico como especistas, contrárias aos direitos animais.	#SeaWorld #Aquários #Zoológicos #DireitosAnimais #Especismo
19/nov	Especismo; sofrimento animal	<i>Amplification</i> : explicam o que é especismo.	#animais#respeito #sofrimento#ovos #Especismo
26/nov	Direitos animais; veganismo; filosofia; ética	<i>Amplification</i> : discutem a questão de “debates em nível da razão” dentro do movimento, direcionando para um artigo que esclarece conceitos usados na causa.	#DireitosAnimais #Veganismo #Filosofia #Ética #Brasil #estudos #animalista #razão
01/dez	Alimentação vegetariana; veganismo; esporte	<i>Bridging</i> : conectam o veganismo à saúde, pelas <i>hashtags</i> e ao noticiar que atleta vegano é campeão sul-americano de jiu-jitsu.	#Atletas #Saúde #Vegetarianismo #Veganismo
11/dez	Ativismo; DIDA	<i>Amplification</i> sobre do repertório: a foto mostra o ato para o Dia Internacional pelos Direitos Animais (DIDA), em que ativistas seguram corpos de animais vitimados especismo. Pela <i>hashtag</i> , propõem o veganismo como solução ao problema.	#DireitosAnimais #10Dezembro #Veganismo #Senciência

ONCA		
Curtidas do perfil: mais de 9.300 Publicações no período analisado: 115 Publicações analisadas: 55		
DATA	TEMA	ALINHAMENTO
31/jul	Ato em Paranaguá	<i>Amplification</i> sobre repertório: o álbum de fotos mostra a ação do grupo na Festa de Aniversário de Paranaguá
03/ago	Ação solidária; ativismo; sopão	<i>Bridging</i> : o grupo conecta a causa animal com questão social ao preparar alimentação vegetariana (“sopão vegano”) para pessoas em situação de rua.
05/ago	Ato em Ctba	<i>Amplification</i> sobre repertório: o álbum de fotos mostra a ação do grupo.
06/ago	Água; alimentação; veganismo	<i>Bridging</i> : conectam a alimentação vegetariana (estrita) com o meio ambiente ao mencionar a quantidade de água gasta para a produção de um ovo.
10/ago	Experimento em animais; senciência	<i>Amplification</i> : mostram a situação de animais usados para testes, invertendo os papéis dos animais e dos humanos, para provocar reflexão sobre a senciência.
14/ago	Ato em Ctba	<i>Amplification</i> sobre repertório: o álbum de fotos mostra a ação do grupo.
18/ago	Foie gras	<i>Amplification</i> : publicam um álbum de fotos com 24 fotos que mostram a situação dos animais na produção do foie gras (alimentação forçada, confinamento, lesão, depressão)
24/ago	Foie gras; Ato	<i>Amplification</i> sobre repertório: o álbum de fotos mostra o manifesto contra o consumo de foie gras, realizado em conjunto com a SVB e protetores independentes.
26/ago	Rodeio; Barretos	<i>Amplification</i> : falam dos valores de liberdade da causa, com a imagem de um boi dando coice no peão. #pelofimdosrodeos

27/ago	Vaquejada; tortura; petição; PL15.299	<i>Amplification</i> : discutem o PL que quer transformar a vaquejada em patrimônio cultural, caracterizando a vaquejada como tortura e citando a Constituição Federal quanto à obrigação de proteger os animais. <b>Motivacional</b> : convidam a assinar a petição pela não aprovação do PL.
28/ago	Ursos; liberdade; zoológico	<i>Amplification</i> : mostram o urso em situação de liberdade e em situação de aprisionamento, inferindo que o segundo implica em uma vida de escravidão e tristeza para os animais.
01/set	Senciência; peixes	<i>Amplification</i> : falam da senciência dos peixes, que não demonstram dor como outros animais, relacionando à senciência humana na inversão de lugares.
01/set	Ato em Ctba	<i>Amplification</i> sobre repertório: o álbum de fotos mostra a ação do grupo.
01/set	Vegdia Feliz; alimentação; Passeio da Vaquinha	<i>Amplification</i> sobre repertório: o álbum de fotos mostra a ação, que envolveu estande e Passeio da Vaquinha, que carregava uma placa com a escrita “Seja Veg!”, e outros ativistas locais. O Vegdia Feliz é uma ação criada pela FazBem, de Brasília, e é um enfrentamento ao dia do McLanche feliz, e promove o vegetarianismo como uma maneira de evitar câncer e outras doenças.
02/set	Experimento em animais	<i>Amplification</i> : pela imagem, que tem um rato com expressões de medo e segurando a placa que diz “no more experiments”, ilustram o sofrimento da vivissecção animal.
03/set	Animais; humanos; liberdade	<i>Bridging</i> : conectam a liberdade animal à liberdade humana, pela da imagem de um menino com a mão no vidro de uma cela, em que do outro lado um macaco estende a mão, e tem o texto “até que todos estejam livres, estamos todos presos”.
04/set	Alimentação	<i>Bridging</i> : relacionam o consumo de produtos de origem animal com problemas na saúde, ao compará-lo (por meio da referência ao McDonald’s) à maçã envenenada na tirinha de Will Leite.
05/set	Animais; libertação	<i>Amplification</i> : falam do valor de liberdade da causa, ao inverter de lugar o pássaro (que geralmente é engaiolado) e o humano – enquanto o humano grita por socorro, o pássaro pensa que ele está cantando de felicidade.
07/set	Status; libertação	<i>Amplification</i> : falam do valor de liberdade da causa, pela imagem que mostra um cenário semelhante ao da proclamação da independência, com o texto “independência também aos animais!”
13/set	Estande; bazar vegano	<i>Amplification</i> sobre repertório: o álbum de fotos mostra a participação do grupo no evento.
14/set	Vegnique	<i>Amplification</i> sobre repertório: o álbum de fotos mostra a ação do grupo.
17/set	Abelhas; respeito aos animais	<i>Amplification</i> : falam de um animal (abelha), explicando sua importância e em respeito aos animais.
18/nov	Veganismo; Saúde	<i>Bridging</i> : conectam o veganismo à paz, ao meio ambiente; à saúde e a problemas sociais; além de reforçar o quadro pelos animais ( <i>amplification</i> ), ao discorrer sobre essas relações.
01/dez	Paz; veganismo	<i>Bridging</i> : conecta o veganismo à paz com o texto “Não há paz para ninguém se não há paz para todos. Veganismo é a paz na prática”.
02/dez	Status	<i>Amplification</i> : falam de um valor da causa – que os animais não são coisas.
07/dez	Status animal; Alice Walker	<i>Amplification</i> : falam sobre o valor da liberdade, pelo texto “os animais existem para os seus próprios propósitos”.

08/dez	Férias; abandono de animais	<i>Amplification</i> : discorrem sobre a questão de abandono de animais.
10/dez	Natal; adoção; não compra de animais; animal não é brinquedo	<i>Amplification</i> : discorrem sobre animais domesticados, colocando a posição contrária à compra e pela doação e afirmando que eles não existem para agradar os humanos (não são brinquedo). Direccionam para o site, na página em que detalham a situação dos animais utilizados para esse tipo de comércio e a relação desse comércio com os animais sem tutores.
14/dez	Friboi; casos; contaminação com fomol	<i>Bridging</i> : relacionam o consumo de carne com questões de saúde, divulgando que a Friboi admitiu que a carne poderia ter sido contaminada por fomol e direccionando para o site, onde comentam sobre outros casos relacionados à empresa.
15/dez	Status	<i>Amplification</i> : falam dos valores da causa, pela frase na imagem: “a vida dos animais é tão importante para eles como as nossas são para nós” (de Ingrid Newkirk, da PETA).

REVOLUÇÃO DA COLHER		
Curtidas do perfil: mais de 2.600		
Publicações no período analisado: 18		
Publicações analisadas: 9		
DATA	TEMA	ALINHAMENTO
17/jan	Campanha doação de sangue verde	<i>Bridging</i> : ao divulgarem uma matéria sobre a campanha, conectam vegetarianismo a doação de sangue.
23/jan	Campanha doação de sangue verde	<i>Bridging</i> : ao divulgarem a campanha, conectam vegetarianismo com doação de sangue.
29/jan	Pizzada vegana; ciclos femininos e absorventes ecológicos	<i>Bridging</i> : anunciando que o evento organizado pelo grupo terá a participação de uma terapeuta, que iria discutir ciclos femininos e absorventes ecológicos, conectam veganismo a pautas femininas
02/fev	Campanha doação de sangue verde	<i>Amplification</i> : a publicação discorre sobre os valores do vegetarianismo.  #REVOLUÇÃODACLHER #SEGUNDASEM CARNE #APAZCOMEÇANOPRATO #OSANIMAIS SÃO AMIGOS
08/fev	Campanha doação de sangue verde	<i>Bridging</i> : compartilham a foto da ação, que conecta o vegetarianismo com a doação de sangue.
01/out	Vegetarianismo (dia mundial)	<i>Amplification</i> : divulgando o dia mundial do vegetarianismo, com uma imagem que tem também uma vaca e seu filhote numa situação de liberdade, associam a causa animal com a alimentação vegetariana.
04/out	Dia mundial dos animais	<i>Amplification</i> : divulgando o dia mundial dos animais, com uma imagem que tem também uma galinha em situação de liberdade, mostram um valor da causa.
26/out	Alimentação; saúde; OMS	<i>Bridging</i> : Relacionam a causa animal (pela chave do vegetarianismo) com saúde, ao compartilhar uma notícia que divulga o relatório da OMS.
11/nov	Desastre de Mariana	<i>Bridging</i> : fazem conexão da causa animal com o desastre ambiental de Mariana, mostrando a foto de satélite do local, antes e depois da tragédia.

SVB			
Curtidas do perfil: mais de 37.100			
Publicações no período analisado: 126			
Publicações analisadas: 79			
DATA	TEMA	ALINHAMENTO	#
23/jun	Foie gras; pele; Fernando Haddad; PL537	<i>Amplification:</i> na imagem, divulgam o ato pela proibição, com fotos de um pato sendo alimentado forçadamente (para produção do foie gras) e de um animal enjaulado, mutilado (sem rabo) e encolhido no canto da jaula (para a obtenção da pele). Logos das organizações locais que se uniram pela aprovação do PL. <b>Motivacional:</b> chamam para participar do ato pela proibição do foie gras e do comércio de peles em São Paulo e pedem para ligar para o gabinete do prefeito Haddad, para que ele receba a SVB.	#foiegrasnao#PeleNão#sancionaHaddad #ProibeHaddad
23/jun	Foie gras; pele; OAB; Fernando Haddad; PL537; petição	<i>Amplification:</i> trocam argumentos com a prefeitura de São Paulo, alegando, por meio do departamento jurídico da SVB, e pela OAB/SP a legalidade e constitucionalidade do projeto, fazendo pressão pela aprovação. <b>Motivacional:</b> convidam a assinar a petição pelo sancionamento da lei e convidam a participar do ato	#SANCIONAHADDAD #PROIBEHADDAD #FOIEGRASNAO #PL537
24/jun	Foie gras; pele; lei; proibição; Alexandre Padilha; Fernando Haddad	<i>Amplification:</i> na foto, se reúnem com Alexandre Padilha, Secretário de Relações Governamentais, e esperam o prefeito Fernando Haddad para conversar sobre o projeto de lei, fazendo pressão pela aprovação.	
24/jun	Protesto; ativismo, foie gras, pele, Haddad	<i>Amplification</i> sobre o repertório. O protesto pressiona o prefeito a sancionar o projeto. <b>Motivacional:</b> o grupo chama para ação com “Junte-se a nós!”	#foiegrasnao#pelenao#proibehaddad

24/jun	Petição; foie gras; pele; Haddad; proibição; petição	<i>Amplification:</i> na foto, entregam assinaturas reunidas pela petição a favor do projeto de lei, pressionando o prefeito. A ação conjunta com Luisa Mell e MOVE faz pressão pela aprovação do PL.	#proibehaddad#pelenao#foiegrasnao #pelosanimais
25/jun	Foie gras; lei; proibição; pele	<i>Amplification:</i> ao comemorar a sanção da lei que proíbe Foie Gras e pele em São Paulo, reforçam seu posicionamento em relação aos animais. Diferente das imagens da mobilização, que mostravam animais em situações de sofrimento, os animais da imagem aludem a tranquilidade e felicidade.	#valeuHaddad #foiegrasPROIBIDO #casacodepelePROIBIDO #foiegrasNAO #pelesNAO #pelosanimais #diahistorico
26/jun	Campanha Segunda sem Carne; treinamento; ONGS; merenda vegetariana	<i>Bridging:</i> conectam a causa animal à causa social pela campanha, que realiza treinamento vegetariano para merendeiras de ONGs.	#treinamento #merendavegetariana #merendeiras #merendaescolar #merendaescolarvegetariana #segundasemcarne #densidadenutritiva
29/jun	Foie gras; Carta aberta	<i>Amplification:</i> na carta aberta aos restaurantes de São Paulo, falam do sofrimento animal para alimentação e afirmam que a lei deve ser mantida, como sinal de progresso moral.	
21/jul	Foie gras; lei; TJ/SP; agravo; petição; ANR	Falam da suspensão de Foie Gras, determinada pelo Tribunal de Justiça de São Paulo, a pedido da Associação Nacional de Restaurantes (ANR), e do envolvimento da SVB no caso. <i>Amplification:</i> a imagem de animais confinados para a produção do Foie Gras mostra a situação dos animais. <b>Motivacional:</b> direcionam para uma petição para manter a lei em São Paulo.	
23/jul	IBGE; abate	<i>Amplification:</i> mostram relatório do IBGE sobre a quantidade de animais abatidos para a produção de carne; “isso equivale a cerca de 11 mil animais por minuto”.	



03/ago	Alimentação vegana; nutrição; gravidez	<p><i>Amplification</i>: explicam que a alimentação vegetariana estrita é possível em qualquer fase da vida, com a imagem da Luisa Mell grávida, ao lado do nutrólogo Dr. Eric Slywitch.</p> <p><b>Motivacional</b>: convidam as pessoas que têm interesse na alimentação vegetariana e têm dúvidas a mandar perguntas, que seriam respondidas no Snpchat da Luisa Mell.</p>	#maevegana
06/ago	Foie gras; lei; petição; Sorocaba; São Paulo	<p><i>Amplification</i>: a imagem do animal sendo alimentado forçadamente ilustra a situação dos animais para produção de foie gras. Anunciam a proibição de foie gras em Sorocaba e explicam a situação do caso em São Paulo.</p> <p><b>Motivacional</b>: direcionam para uma petição para manter a lei em São Paulo.</p>	#FoieGrasNÃO #pelosanimais
08/ago	Foie gras; Lei 16.222/2015.	<p><i>Amplification</i>: anunciam que a SVB foi aceita como amicus curiae (amigo da corte) no processo da Lei 16.222/2005, sobre o caso do foie gras. Com as hashtags, ampliam o quadro animal para o veganismo.</p>	#FoieGrasNão #PelosAnimais #GoVegan
12/ago	Campanha se você ama um, por que come o outro?	<p><i>Amplification</i> sobre o repertório. O vídeo mostra a filmagem de um <i>backbus</i> da campanha, com o ônibus em movimento.</p>	
19/ago	Foie gras; ativismo; protesto	<p><i>Amplification</i> sobre repertório. A publicação mostra o protesto contra o foie gras em Curitiba (PR).</p>	
26/ago	Porcas do Rodoanel; ativismo	<p><i>Amplification</i>: relatam a participação no resgate das porcas. As <i>hashtags</i> reforçam o quadro da causa animal, responsabilizando o consumo de carne pela morte dos animais e dando como solução o veganismo.</p>	#GoVegan #SeVocePararDeComprar ElesParamDeMatar #TodosUnidosPelosAnimais
27/ago	Porcas do Rodoanel; liberdade	<p><i>Amplification</i>: trocam a imagem de capa para a imagem de dois porcos e ampliam o quadro dos animais com a frase "VIDAS, não comida", deixando explícito que os animais têm o valor intrínseco e sentiência</p>	#TodosUnidosPelosAnimais

28/ago	Porcas do Rodoanel	<p><i>Amplification</i>: a imagem mostra a situação das porcas resgatadas, em condição de liberdade, no santuário. No texto, falam da morte injusta e desnecessária que os animais sofrem por causa do "paladar", apelando para o #GOVEGAN HOJE. As <i>hashtags</i> reforçam o quadro da causa animal, falando do veganismo e do consumo de alimentos de origem animal e chamam a atenção para a semelhança entre os seres que são considerados "comidas" e os que são considerados "de estima".</p> <p><b>Motivacional</b>: #GOVEGAN e pedido de doação para a manutenção das porcas no santuário.</p>	<p>#GOVEGAN (HOJE!)</p> <p>#SeVocePararDeComprar</p> <p>ElesParamDeMatar #PorcosRodoanel</p> <p>#QueNemCachorro</p> <p>#sevoceamaumporquecomeoutro</p> <p>#compaixao #piglove</p>
29/ago	Porcas do Rodoanel; liberdade; campanha se você ama um, por que come o outro?	<p><i>Amplification</i>: o vídeo mostra uma das porcas resgatadas tomando banho de lama. A legenda atribui valores à condição atual, de liberdade. As <i>hashtags</i> reforçam o quadro da causa animal, falando do veganismo e do consumo de alimentos de origem animal e chamando atenção para a semelhança entre os seres que são considerados "comidas" e os que são considerados "de estima", com a CSVAU</p>	<p>#GoVegan #PorcosDoRodoanel</p> <p>#SeVocePararDeComprarElesParamDeMatar</p> <p>#PorcosRodoanel #QueNemCachorro</p> <p>#sevoceamaumporquecomeoutro</p> <p>#compaixao #piglove</p>
01/set	Audiência Pública; Câmara dos Deputados	<p><i>Bridging</i>: no convite à audiência pública, dizem que o vegetarianismo traz benefícios para a saúde das pessoas, para o meio ambiente e para a justiça social, além dos benefícios para os próprios animais (<i>amplification</i>).</p> <p><b>Motivacional</b>: convidam a participarem.</p>	<p>#pelosanimais#pelaspessoas#peloplaneta</p> <p>#goveg #recifevegetariana</p>
03/set	VegFest; Carol Adams; Feminismo; interseccional	<p><i>Bridging</i>: anunciam a presença da Carol Adams no VegFest, para discutir a interseccionalidade entre feminismo, veganismo e meio ambiente.</p>	

04/set	Porcas do Rodoanel; liberdade	<i>Amplification</i> : o vídeo mostra uma das porcas resgatadas tomando banho de lama. A legenda descreve as condições da vida do animal anteriormente, na indústria da carne, e atualmente, no santuário, com liberdade, “como sempre deveria ser”.	#GoVegan #PorcosDoRodoanel
05/out	Desafio 21 Dias sem Carne	Abertura para <i>extension</i> : Anunciam o lançamento do Desafio 21 Dias sem Carne, que considera posições adversárias, como a resistência à alimentação vegetariana estrita. Relacionam o vegetarianismo à saúde e ao meio ambiente ( <i>bridging</i> ), além de reforçar o quadro dos animais ( <i>amplification</i> ).	#PelasPessoas#PelosAnimais#PeloPlaneta
08/out	Barcarena; Desafio 21 Dias sem Carne	<i>Amplification</i> : motivados pela tragédia de Barcarena, explicam a situação dos animais criados para consumo, que “são sencientes”. <i>Motivacional</i> : chamam à ação convidando a participar do D21SC.	#21DiasSemCarne#PorcosDoRodoanel #pelosanimais
13/out	Campanha Segunda sem Carne; Rede Bom Prato	Abertura para <i>extension</i> : conversam com a secretaria de desenvolvimento social de São Paulo, em conjunto com o Deputado Estadual Roberto Tripoli. <i>Bridging</i> : relacionam o vegetarianismo à saúde e ao meio ambiente, além de reforçar o quadro dos animais ( <i>amplification</i> ).	#BomPrato#PelasPessoas#PelosAnimais #PeloPlaneta#SegundaSemCarne
01/nov	OMS; Saúde; Meio ambiente; Desafio 21 Dias sem Carne	<i>Bridging</i> : discorrem sobre o relatório da OMS, relacionando o vegetarianismo à saúde e ao meio ambiente, além de reforçar o quadro dos animais ( <i>amplification</i> ). <i>Motivacional</i> : convidam a participar do D21DSC	#21DiasSemCarne #govegan #pela saúde #porUmMundoMelhor
24/nov	COP21; Mobilização Mundial pelo Clima em SP; vegetarianismo	<i>Bridging</i> : relacionam o consumo de carne às mudanças climáticas.	#FecheABoca #AbraOsOllhos #GoVegan #ForThePlanet #EatForTheClimate #ComaPeloClima #PeloPlaneta #Participe #EntreNoClima #COP21
30/nov	Meio ambiente	<i>Bridging</i> : na imagem nova de capa, relacionam o consumo de leite à quantidade de água gasta na produção.	#VeganPeloClima

01/dez	Meio ambiente; pecuária	<i>Bridging</i> : falam da relação entre a pecuária e a economia e o meio ambiente, compartilhando a entrevista.	Meio ambiente; pecuária
14/dez	Campanha Segunda sem Carne; Rede Bom Prato.	Abertura para <i>extension</i> : conversam com a secretaria de desenvolvimento social de São Paulo, em conjunto com o Deputado Estadual Roberto Tripoli. <i>Bridging</i> : relacionam o vegetarianismo à saúde e ao meio ambiente, além de reforçar o quadro dos animais ( <i>amplification</i> ).	#SegundaSemCarne
15/dez	Campanha Segunda sem Carne; escola; Aldeia Fraternidade	Abertura para <i>extension</i> : conversam com a escola, que atende crianças em situação de vulnerabilidade social. <i>Bridging</i> : relacionam o vegetarianismo à saúde e ao meio ambiente, além de reforçar o quadro dos animais ( <i>amplification</i> ).	

VEDDAS		
Curtidas do perfil: mais de 14.300		
Publicações no período analisado: 196		
Publicações analisadas: 79		
DATA	TEMA	ALINHAMENTO
26/jul	Feira Vegana das nações; Cine VEDDAS; VEDDAS carte, Teatro VEDDAS	<i>Amplification</i> sobre repertório: nas fotos, mostram a participação do grupo na feira, com estande, VEDDAS carte, cine VEDDAS e teatro VEDDAS.
07/ago	Veganismo; direitos animais	<i>Amplification</i> : compartilham o link do site Questão Animal, que discorre sobre o tema, explicando o que é.
10/ago	Entrevista, testes em animais; foie gras; PLC 70/14; leão Cecil	<i>Amplification</i> : divulgam a entrevista concedida pelo presidente da ONG, George Guimarães, sobre testes em animais e o PLC 70/14. Em trecho adicional, Guimarães comenda sobre o caso do foie gras e do leão Cecil (como especismo eletivo).
13/ago	Racismo; especismo; sexismo	<i>Bridging</i> : o cartaz, com a logo do grupo, conecta o especismo ao racismo e sexismo.
24/ago	Oficina de capacitação	<i>Amplification</i> sobre repertório: as fotos mostram a oficina de capacitação. <b>Motivacional</b> : "Vem com a gente espalhar sementes!"
26/ago	Porcas do Rodoanel	<i>Amplification</i> : o vídeo mostra a situação dos animais resgatados e de animais mortos no acidente, com comentários de Guimarães, que fala sobre o tratamento desses animais pela indústria e afirma: "quem come está financiando isso daqui".

04/set	Porcas do Rodoanel	<i>Amplification</i> : o vídeo mostra cenas da indústria da carne, com animais sendo explorados, maltratados e mortos (vaca para carne e leite, porco e animais marinhos) comerciais de produtos de carne, imagens do acidente, imagens das porcas resgatadas e imagens de pratos vegetarianos estritos. Termina com a frase "Seja vegano (a)"
29/set	Vaca	<i>Amplification</i> : o vídeo mostra bois e vacas tomando atitudes inteligentes (como abrir a cela); no texto afirmam a inteligência e a consciência dos animais.
05/out	Dia mundial dos animais; Teatro VEDDAS; VEDDAS carte	<i>Amplification</i> sobre repertório: nas fotos, mostram as ações do grupo: VEDDAS carte, e teatro VEDDAS e loja.
21/out	Testes em animais; petição; PLC70/14 (antigo PL 6602/13)	<i>Amplification</i> : Na imagem, um coelho com o olho ferido (um dos testes mais comuns é conferir a irritabilidade do produto. Para isso, despejam o produto em testes nos olhos dos animais, para ver a reação), o que ilustra o sofrimento dos animais utilizados em testes. <b>Motivacional</b> : pedem assinaturas pela alteração do PL 6602, que trata do uso de animais para fins cosméticos, adomando a urgência.
21/out	Direitos animais; educação	<i>Bridging</i> : conectam o veganismo à educação, compartilhando a notícia de que um professor foi proibido de lecionar em MG por defender direitos animais, dando apoio ao professor.
23/out	Dia mundial vegano	<i>Amplification</i> : falam do trabalho da ONG em relação aos direitos animais e ao veganismo, ao divulgar a programação de ações do grupo em comemoração ao dia mundial vegano.
27/out	Dia mundial vegano, veganic	<i>Amplification</i> sobre repertório: o convite para a ação, que faz parte da programação do dia mundial vegano, esclarece a ação veganic. Na imagem, foto dessa ação. <b>Motivacional</b> .
28/out	TV; testes em animais; entrevista	<i>Amplification</i> : o compartilhamento de uma entrevista concedida em 2013 por Guimarães sobre testes em animais esclarece o assunto.
29/out	Dia mundial vegano; VEDDAS carte	<i>Amplification</i> sobre repertório: o cartaz de divulgação da ação, que faz parte da programação do dia mundial vegano, esclarece a ação VEDDAS carte. Na imagem, foto dessa ação.
30/out	Dia mundial vegano; teatro VEDDAS	<i>Amplification</i> sobre repertório: o cartaz de divulgação da ação, que faz parte da programação do dia mundial vegano, esclarece a ação teatro VEDDAS. Na imagem, foto dessa ação
01/nov	Dia mundial vegano; indígenas; expropriação de terra; assassinatos	<i>Bridging</i> : no texto sobre o vídeo (em que uma índia fala sobre a violência que acontece com a tribo) conectam o consumo de carne e leite (a pecuária) à expropriação de terra e aos massacres indígenas.
01/nov	Dia mundial vegano; intervenção artística	<i>Amplification</i> sobre o repertório: o vídeo mostra a intervenção do teatro VEDDAS no metrô em São Paulo
01/nov	Veganic	<i>Amplification</i> sobre repertório: a foto mostra o veganic ocorrendo. <b>Motivacional</b> : "Vem!"
02/nov	Oficina de culinária	<i>Amplification</i> sobre o repertório de ação: no foto, mostram a oficina, que fez parte da programação do dia mundial vegano.
04/nov	Mel	<i>Amplification</i> : compartilham uma matéria que relata e detalha a situação dos animais usados para produção de mel, explicando por que os veganos não consomem mel.

04/nov	Esporte; veganismo	<i>Bridging</i> : conectam o veganismo a esporte, ao compartilhar a notícia de que o time inglês Forest Green Rovers passa a ser totalmente vegano.
11/nov	Palestra; Nutrição	<i>Amplification</i> sobre repertório: a foto mostra um cartaz de divulgação da palestra, enquanto o texto atribui à divulgação a presença de muitas pessoas na palestra.
18/nov	Desastre de Mariana	<i>Bridging</i> : relacionam a causa animal com o deastre socioambiental, no compartilhamento da postagem do Guimarães, que foi ajudar animais e pessoas que sofreram com o desastre. Nas fotos, as doações arrecadadas.
18/nov	Oficina de capacitação	<i>Amplification</i> sobre repertório: fala do trabalho da ONG em relação aos direitos animais e ao veganismo, citando as ações. <b>Motivacional</b> .
20/nov	Desastre de Mariana	<i>Bridging</i> : relacionam da causa animal com o deastre socioambiental, no compartilhamento da foto que mostra camisetas do VEDDAS estendidas em uma janela de Mariana.
22/nov	Festival Solidário de Delícias Veganas	<i>Amplification</i> sobre repertório: a foto mostra a banca do VEDDAS no festival. <b>Motivacional</b> : "Vem!"
24/nov	Protesto; DIDA (Dia dos Direitos Animais)	<i>Amplification</i> sobre o repertório: o vídeo mostra a ação do grupo ao DIDA de 2012, com voluntários segurando cadáveres de animais vitimados pela exploração animal, cartazes e Guimarães falando a público sobre a causa. <b>Motivacional</b> : convidam para fazer inscrição para participar do ato de 2015.
10/dez	Meio ambiente	<i>Bridging</i> : relacionam o consumo de carne com o meio ambiente, ao compartilhar o evento do Greenpeace "Vamos falar de carne e desmatamento?" <b>Motivacional</b> : "Compareçam!"
12/dez	Protesto; DIDA (Dia dos Direitos Animais)	<i>Amplification</i> sobre o repertório: a imagem mostra a ação do grupo em que voluntários seguram cadáveres vitimados pela exploração animal. <b>Motivacional</b> : convidam para comparecer no próximo ato do DIDA (que ocorreria no dia seguinte).

## ANEXO I – RECORTE DO CONTEÚDO DOS BOLETINS DO DESAFIO 21 DIAS SEM CARNE

Dia	Título no boletim – Título da matéria	Texto no boletim	Link da matéria
01	-		
02	Fome no mundo – Se você se preocupa com a fome mundial, a falta d'água e a violência, clique aqui	Enquanto alimentamos 70 BILHÕES de animais para abate anualmente, 850 milhões de pessoas passam fome no mundo. Se usássemos pelo menos parte de todos os grãos do mundo que servem de alimento para animal para pessoas, poderíamos alimentar no mínimo 4 Bl de pessoas a mais do que podemos hoje.	<a href="http://goo.gl/JEPwWs">http://goo.gl/JEPwWs</a>
03	Insustentável – Pecuária: Para cada R\$1 milhão de receita, R\$22 milhões em prejuízos ambientais	O lucro acima da racionalidade. Para cada R\$1 milhão faturado para a <b>pecuária</b> , R\$22 milhões de prejuízos ambientais. Um recente estudo Brasil-Alemanha mostrou que se não mudarmos nossos hábitos, talvez nossos netos não tenham um planeta habitável.	<a href="http://goo.gl/fu7INL">http://goo.gl/fu7INL</a>
04	Lixo e dejetos – Estadão: A pecuária é a atividade que mais produz lixo no mundo	<b>A pecuária</b> é a indústria que mais produz dejetos e resíduos no mundo. 39% de todos os resíduos descartados, em todo o mundo, vem da pecuária. Apenas 2,5% vem do lixo urbano.	<a href="https://goo.gl/84rxZd">https://goo.gl/84rxZd</a>
05	O que a indústria da carne não quer que você saiba - Os tristes fatos que a Indústria da Carne esconde de você	<b>A indústria da carne</b> faz o possível para que você não saiba dessas informações. Uma vida inteira de sofrimento.	<a href="http://goo.gl/G0l4MQ">http://goo.gl/G0l4MQ</a>
06	As plantas sentem dor?	Às vezes, a mera presença de um vegetariano à mesa incomoda. Uma das primeiras perguntas que surgem é: "E as plantas?" Responda com segurança: Plantas não sentem dor e nem têm sentimentos.	<a href="https://goo.gl/IA9QWt">https://goo.gl/IA9QWt</a>
07	O leite que você bebe pode ter pus e até sangue	É permitido no Brasil, por lei, até 1.000.000 cel/mL de pus no seu leite. E ele pode ter até sangue. Leite faz bem? Faz. Desde que você seja um bezerro.	<a href="http://goo.gl/TszLwE">http://goo.gl/TszLwE</a>
08	Atletas usam alimentação vegana para melhorar seu desempenho	Veja alguns casos de atletas, em todo mundo, que viram na dieta vegetariana um aumento de performance em suas atividades.	<a href="https://goo.gl/U9noic">https://goo.gl/U9noic</a>
09	Comendo o planeta: impactos ambientais da criação e consumo de animais	Somos 7 bilhões de pessoas, mas criamos e abatemos mais de 70 bilhões de animais terrestres todos os anos para consumo. Terras, desmatamento, escassez hídrica, zoonoses, poluição do ar, extinção de espécies: Veja a devastação ambiental que a <b>pecuária</b> causa.	<a href="http://goo.gl/TuJGaZ">http://goo.gl/TuJGaZ</a>
10	Leite e queijo pode, né?! – 15 imagens que a indústria de leite não quer que você veja	A gente costuma pensar que "não precisa matar a vaca para produzir leite". Na verdade, após uma vida curta de muita crueldade e sucessivas gestações artificiais, as vacas leiteiras são levadas para o matadouro, exaustas.	<a href="https://goo.gl/lwdsh6">https://goo.gl/lwdsh6</a>



Dia	Título no boletim – Título da matéria	Texto no boletim	Link da matéria
11	Fome e dignidade humana	De acordo com a Organização Internacional do Trabalho (OIT) 80% de todo trabalho escravo no mundo encontra-se na <b>pecuária</b> . O Ministério do Trabalho e Emprego afirma que a pecuária é o setor do qual foram resgatados mais trabalhadores em condições análogas à escravidão em 2012.	<a href="http://goo.gl/EyUqHZ">http://goo.gl/EyUqHZ</a>
12	80% de todos os antibióticos nos EUA vão para a indústria da carne	Você já imaginou como será nossa vida quando a maioria dos antibióticos não fizerem mais efeito? Se prepare: se <b>a indústria pecuária</b> (e seu uso desenfreado de antibióticos) continuar a crescer, o surgimento de patógenos resistentes será cada vez maior.	<a href="http://goo.gl/4gmcNG">http://goo.gl/4gmcNG</a>
13	Como os animais são transportados para o abatedouro	Os animais criados para consumo, tanto para carne quanto para leite, ovos e outros produtos, passam por <b>uma vida de sofrimento</b> . Após atingir o peso de abate ou quando não produzem mais leite ou ovos, são submetidos ao torturante processo de carregamento e transporte.	<a href="http://goo.gl/5vIFRK">http://goo.gl/5vIFRK</a>
14	Os 3 aspectos da insustentabilidade da carne	A carne é insustentável. Ética, social e ambientalmente. É possível que estejamos próximos a um colapso ambiental devido ao nosso consumo alimentar, mas é preciso observarmos os outros aspectos não menos importantes desta indústria.	<a href="http://goo.gl/ri1Pjm">http://goo.gl/ri1Pjm</a>
15	Direitos animais: entrevista com Tom Regan	O que é vegetarianismo e veganismo? Quais são os benefícios dessas dietas? <b>Quais os direitos que os animais deveriam ter? O que é especismo? Em que consiste a corrente filosófica animalista do utilitarismo?</b>	<a href="http://goo.gl/8CL5vY">http://goo.gl/8CL5vY</a>
16	Animais, animais e outros “bichos”	Daniel Braga Lourenço, notório jurista animalista brasileiro, discorre sobre o <b>status dos animais na sociedade</b> .	<a href="http://goo.gl/HGWuuU">http://goo.gl/HGWuuU</a>
17	A vingança das galinhas (Leonardo Boff)	Depois de 12 mil anos de <b>domesticação, exploração</b> e – em especial nas últimas décadas - um <b>confinamento e tortura</b> cada vez mais gritantes, as galinhas criadas em sistemas intensivos agora tornam-se hospedeiras de vírus mortais...	<a href="http://goo.gl/djRGa7">http://goo.gl/djRGa7</a>
18	10 coisas que você não fazia ideia sobre a indústria da carne	Você vai se surpreender com esta lista. Veja aqui 10 coisas que você não fazia ideia <b>sobre a indústria da carne</b> e entenda como ela é prejudicial para todo planeta.	<a href="http://goo.gl/eeq8PY">http://goo.gl/eeq8PY</a>
19	Direito animal – Direito animal: a hora de dizer um basta	Entenda o conceito básico do Direito Animal. <b>Porque animais devem ter direitos? Por que não podemos considerá-los como mero objetos?</b>	<a href="http://goo.gl/GwXl4c">http://goo.gl/GwXl4c</a>

Dia	Título no boletim – Título da matéria	Texto no boletim	Link da matéria
20	Ética e vegetarianismo	Você compra uma carne quadrada e embalada, que nada se assemelha ao animal vivo. Isso, em parte, explica porque a maioria das pessoas se importa com os animais – mas <b>os usa</b> como comida. “Nós comemos animais apenas porque pagamos outras pessoas para fazer o 'trabalho sujo' de matá-los" Este é um trecho do livreto Ética e Vegetarianismo da SVB, assinado por Carlos Naconecy.	<a href="http://goo.gl/43PgZQ">http://goo.gl/43PgZQ</a>
21	Você não está só – Uma mensagem especial da Nina Rosa	Nina Rosa parabeniza você, desafiado, por ter saído da sua zona de conforto e adotado uma <b>alimentação sem crueldade e que é saudável e respeitosa com o meio ambiente</b> . Os 21 dias terminam hoje, mas podem tornar-se 21 anos, ou uma vida inteira de respeito e compaixão com os animais e com o planeta.	<a href="http://goo.gl/CIGSDh">http://goo.gl/CIGSDh</a>

FONTE: Organizado pela autora (2015) [grifos nossos].